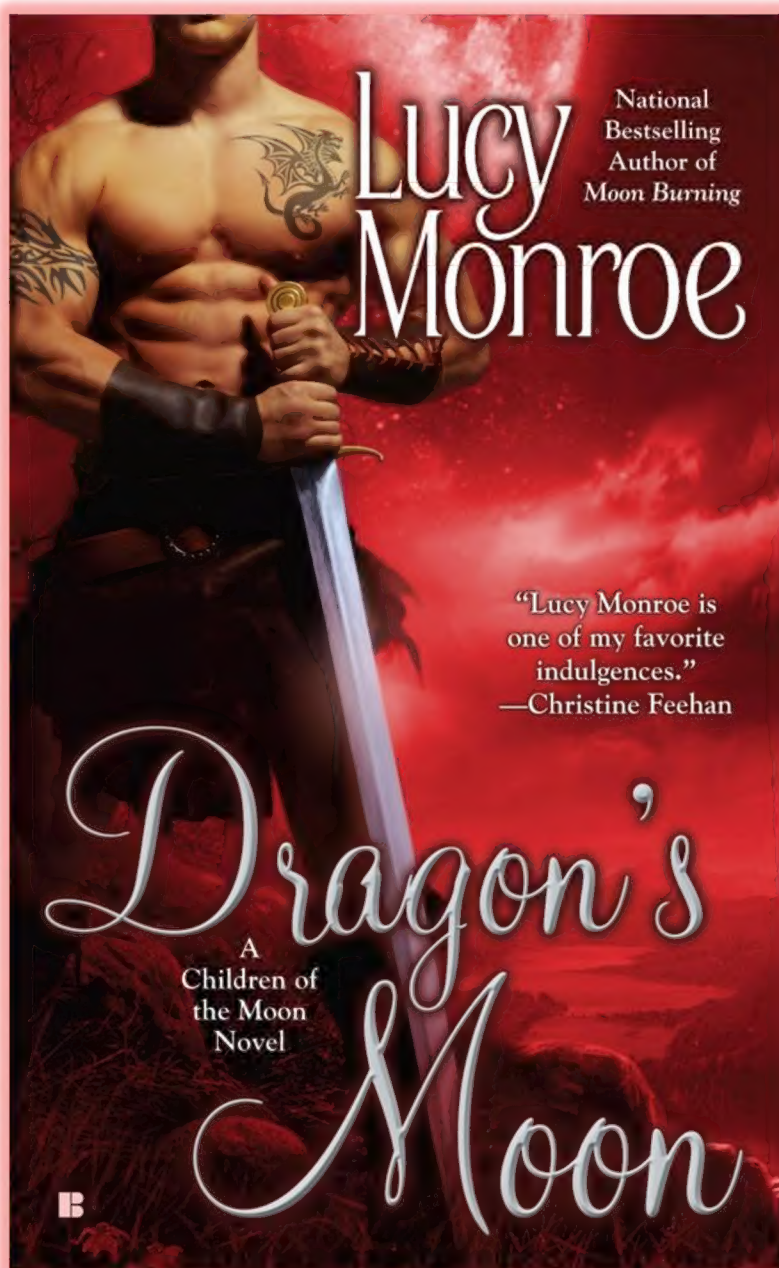


A Lua do Dragão

Filhos da Lua 04

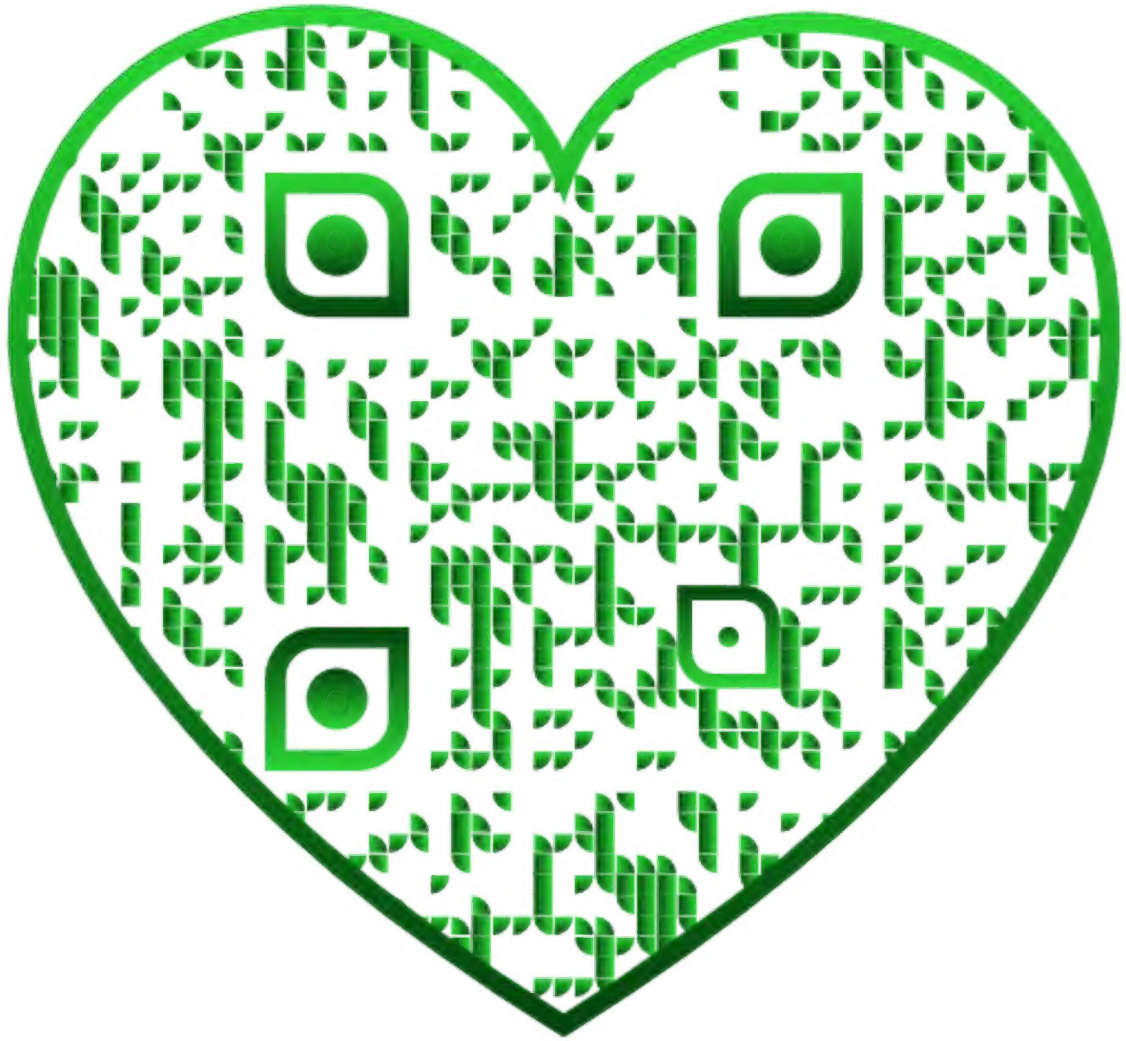
Lucy Monroe



Projeto Revisoras Traduções

Revisão Inicial: Vanessa

Revisão Final e Formatação: Lucilene





Resumo:

Quando Eirik, o único homem dragão vivo, e príncipe dos Ean, matou seu irmão, Ciara foi deixada sozinha para enfrentar seus sonhos proféticos. Agora, a fim de encontrar a pedra sagrada dos lobos e salvar todos os Chrechte da destruição, ela precisa da ajuda do seu rival. Eirik estava somente protegendo as crianças do seu povo, mas aquele dia na floresta também deixou uma marca nele. Controlar o fogo do seu dragão é a coisa mais difícil que ele já fez — até que ele e Ciara são forçados a não somente enfrentar seu compartilhado tumultuoso passado, mas um laço sagrado mais forte do que eles percebem. Como adversários declarados e companheiros predestinados, suas indagações os conduzem para um mundo de grande perigo, e uma paixão mais quente que o fogo do dragão.

Glossário De Termos:

-  **Bairn:** Bebê
-  **Beguines:** Convento autossuficiente sem votos com a igreja, não sustentado pela igreja oficial como relatado a Roma (termo historicamente correto, nas Ilhas Britânicas)
-  **Ben:** Colina
-  **Ben Bristecrann:** Colina da árvore quebrada (um lugar sagrado para a família de Ciara)
-  **Brae:** ladeira ou declive
-  **Cahir:** Guerreiros que lutam o Fearghall
-  **Celi di:** Padre escocês da Highland que pratica o Catolicismo sem laços oficiais com a igreja em Roma (termo historicamente correto em relação à Escócia e a Irlanda)
-  **Chrechte:** Troca-formas que compartilham suas almas com lobos, pássaros ou gatos predadores.
-  **Clach Gealach Gra:** (pedra do coração da lua) a pedra sagrada dos homens pássaro
-  **Conriocht:** Lobisomens (protetores dos Faol, transformam-se em um tipo de criatura gigante meio-lobo/meio-homem)
-  **Éan:** Homens pássaro (corvos, águias e falcões)
-  **Faol:** Homens lobo
-  **Faolán:** Pequeno lobo (Termo gaélico carinhoso)
-  **Faolchú Chridhe:** (coração do lobo) a pedra sagrada dos homens lobo
-  **Fearghall:** Sociedade secreta de lobos decididos a destruir/subjugar outras raças Chrechte
-  **Mulher lobo:** Troca-forma que toma a aparência de loba
-  **Guardião da pedra:** Um Chrechte que tem um vínculo especial com a pedra sagrada e pode utilizar seu potencial completo para curar, dotar e dar à luz aos protetores das raças (conriocht, dragão e griffin)
-  **Kelle:** Guerreira sacerdotisa (mencionada na mitologia céltica)
-  **Kyle Kirksonas:** Rio da Igreja da Cura
-  **Loch:** Lago
-  **Companheiro:** O parceiro escolhido dos Chrechte (se for um acasalamento misto — Chrechte de raças diferentes, ou companheiro humano — os filhos só podem resultar se o laço é um verdadeiro/sagrado)
-  **Vínculo de companheiros:** A especial ligação mental entre companheiros verdadeiros/sagrados
-  **Comunicação mental:** Comunicação via um vínculo mental
-  **Mo gra:** Meu amor
-  **Paindeal:** Homens gato (grandes gatos predadores)
-  **Paindeal Neart:** (força da pantera) a pedra sagrada dos homens pantera
-  **Vínculo sagrado (vínculo verdadeiro):** Um vínculo de acasalamento que dura até a morte e não permitirá fisicamente aos Chrechte envolvidos, ter relações com ninguém além do companheiro Chrechte
-  **Usquebagh:** “Água da vida” (Uísque escocês)



O Início

Milênios atrás, Deus criou uma raça de pessoas tão ferozes que até suas mulheres eram temidas em batalha. Estas pessoas eram guerreiras em todos os sentidos, recusando-se a submeter-se ao domínio de qualquer um que não fosse um dos seus... sem importar o tamanho das tropas enviadas para subjugar-los. Seus inimigos diziam que eles lutavam como animais. Seus inimigos vencidos nada diziam, pois estavam mortos.

Eles eram considerados um povo primitivo e bárbaro porque desfiguravam suas peles com tatuagens em tinta azul. Os desenhos eram simples no início, uma única besta pintada em contorno simples, acima de seus corações. Os líderes eram marcados com faixas ao redor de seus braços, com símbolos que falavam de suas forças e ousadia em batalha. As companheiras eram marcadas para mostrar o vínculo delas.

E, ainda assim, seus inimigos nunca foram capazes de descobrir os significados de quaisquer umas das tatuagens azuis.

Alguns supunham que elas eram símbolos de sua natureza bélica e nisso estavam parcialmente certos. Pois as bestas representavam uma parte deles mesmo que esse violento e independente povo mantinha em segredo frente à dor da morte. Era um segredo que eles guardavam por séculos de sua existência, na época em que a maioria migrou através da paisagem europeia para se estabelecer no inóspito norte da Escócia.

Seus inimigos romanos os chamavam de Pictos, um nome aceito pelos outros povos de sua região e de regiões ao sul... Eles chamavam a si mesmos de Chrechte.

A animalesca afinidade deles com a luta e a conquista veio de uma parte de suas naturezas que suas contrapartes totalmente humanas não apreciavam. Pois estas pessoas ferozes eram troca-formas.

As tatuagens azuladas em sua pele eram marcas dadas como um direito de passagem quando faziam sua primeira transformação. Alguns homens tinham controle da transformação. Para outros, a lua cheia controlava sua mudança até que eles participassem no ato sagrado do sexo. As fêmeas de todas as raças, experimentavam sua primeira mudança para forma animal e ganhavam controle depois disso, com a vinda de suas primeiras menstruações.

Alguns se transformavam em lobos, outros em grandes gatos predadores e ainda outros em pássaros maiores — águia, falcão e corvo.

A única coisa que todos Chrechte dividiam em comum era que eles não se reproduziam tão depressa ou proliferamente quanto seus irmãos e irmãs totalmente humanos. Embora eles fossem uma raça medrosa e sua astúcia fosse realçada por uma compreensão da natureza que a maioria dos humanos não poderia possuir, eles não eram precipitados e não eram governados por suas naturezas animais.

Um guerreiro poderia matar cem inimigos, mas devendo ela ou ele morrer antes de ter descendência, a morte levaria a um inevitável encolhimento da raça. Alguns clãs Pictos e estes reconhecidos por outros nomes, em outras partes do mundo, já se extinguíram em vez de se submeterem aos humanos inferiores, mas numerosos, ao redor deles.

Os Faol, das Highlands da Escócia, eram muito espertos para enfrentar o fim de sua raça, em lugar de se misturar. Estes homens lobos viram o caminho do futuro. No nono século d.C., Keneth MacAlpin ascendeu ao trono escocês. Descendente dos Faol Chrechte por parte de sua mãe, não obstante, sua natureza humana dominou.

Ele não era capaz de “mudar”, mas isso não o impediu de reivindicar o trono Picto (como era chamado então) também. A fim de garantir sua realeza, ele traiu seus irmãos Chrechte em um jantar, matando todos restantes da realeza de seu povo — e para sempre fortificou uma desconfiança nos humanos, por suas contrapartes Chrechte.

Apesar desta desconfiança, mas amargamente cientes do custo da traição de MacAlpin, os Faol dos Chrechte perceberam que eles poderiam se extinguir lutando contra a raça humana sempre-crescente e invasora, ou eles poderiam se unir aos clãs célticos.

Eles se uniram.

Tanto quanto o resto do mundo sabia, embora muito existisse para atestar sua antiga existência, foi considerado que o povo Picto não mais existia.

Porque não estava em sua natureza serem governados por qualquer um além de um dos seus, dentro de duas gerações, os clãs célticos que assimilaram os Chrechte eram governados por chefes de clã troca-formas, que dividiam suas naturezas com lobos. Entretanto, a maioria dos inteiramente humanos entre eles não sabia disto, alguns raros foram confiados com os segredos de seus parentes. Aqueles que sabiam, estavam cientes de que trair o código de silêncio significava morte certa e imediata.

Histórias de outras raças troca-formas, os Éan e os Paindeal, eram contadas em volta de fogueira, ou para os pequenos antes de dormir. Porém, desde que os lobos não viram um troca-forma, exceto em suas próprias em gerações, eles começaram a acreditar que as outras raças eram somente um mito.

Mas mitos não tomavam o céu em asas negras, refletindo um azul iridescente sob o sol. Mitos não viviam como fantasmas na floresta, mas respiravam ar da mesma maneira que qualquer outro homem ou animal. Os Éan não eram nenhum mito; eles eram corvos com habilidades além de que meramente mudavam suas formas.

E eles confiavam nos Faol dos Chrechte menos do que os lobos nunca confiaram em humanos. Mas, como os Faol antes deles, o tempo veio pelos Éan, para aprender a lidar com suas desconfianças e se juntar aos clãs humanos.

O futuro deles como uma raça dependia disto.



Prólogo



Hoje eu vi o Dragão.

—CONFUCIO

Terra Donegal, Highlands da Escócia, 1142 d.C., Reinado de Dabíd mac Maíl Choluim, Rei dos Escoceses

—Tive outro sonho sobre a pedra sagrada dos lobos. — Ciara esperou até que sua mãe comeu seu mingau de aveia e retornou a seu minúsculo quarto para, mais uma vez, olhar fixamente a parede como se esta segurasse o significado da vida, para compartilhar este pouco de informação com seu irmão.

Sua cabeça estalou e suas mãos se sossegaram na amolação de sua espada. Olhos de lobo do mesmo verde profundo como o dela próprio se enfocaram em Ciara, caladamente exigindo que ela continuasse.

Costumava ser um jogo. Ou pelo menos ela estivera segura de que era. Antes. Antes da morte de Da e do declínio de Mum.

Agora, Ciara sabia que por qualquer razão, seu irmão acreditava que os sonhos dela eram a salvação de seu povo.

Galen dizia que as velhas histórias eram verdade, que os lobos uma vez tiveram uma pedra mágica, usada na chegada da cerimônia da maioridade, para deixá-los mais fortes. Até para tornar alguns em *conriocht*... lobisomens — não meramente uma pessoa que podia se transformar em um lobo, como se este dom não fosse espantoso o suficiente para seu povo. Não, as velhas histórias reivindicavam que alguns se transformariam em *conriocht*, meio homem-meio lobo e maior do que qualquer outro. Gigantes que não poderiam ser superados em batalha, até mesmo por outros lobos.

Certamente não pelos Éan.

Ela não sabia se acreditava nisto. E se acreditava, se ela queria ajudar tal coisa a acontecer. Mas Ciara amava seu irmão e passar o dia procurando pela pedra com pistas de seu sonho ainda era uma alegria.

Apesar de como Galen mudara nestes últimos dois anos.

—O *Faolchú Chridhe*. — Ele sussurrou o nome antigo, dado para a pedra por seu povo em histórias mais antigas do que a história dos lobos com os clãs, em uma voz atada com temor.

O coração do lobo... como eles poderiam tê-lo perdido, como um povo, se realmente existiu?

—O que você sonhou? — ele exigiu, seus olhos de esmeralda cintilando com o brilho de um fanático.

Medo que ela não entendia deslizou abaixo por sua espinha, fazendo suas mãos tremerem

enquanto ela guardava seus pratos matutinos. Pois uma coisa de que ela nunca duvidou era que seu irmão a amava.

—Era como os outros — Ciara forçou por entre os lábios, de repente secos, sua garganta apertada com aquele medo inexplicável. —Eu vi uma pedra que poderia ter sido uma esmeralda, exceto pelo fato de que era tão grande quanto um punho de laird. — Seguramente nenhuma esmeralda daquele tamanho existia em nenhum lugar no mundo. —Estava em um altar de pedra escura, em uma caverna que brilhava com uma luz verde pálida como eu nunca vi antes.

—O brilho, isto é novo.

Não era, mas ela o achou muito fantástico para mencionar antes. A recente pressão de Galen por mais e mais informações, a guiou para admiti-lo agora, entretanto.

—Onde estava a caverna? — Ele perguntava isto toda vez, como se fazendo assim, a faria saber.

Nunca fez. Entretanto, ela tentou dizer a ele tudo que podia lembrar que poderia ajudar.

—Senti como se eu estivesse profunda na Terra.

—Você sentiu? — ele perguntou com uma dúvida que a aborrecia, embora ela nunca o dissesse.

—Sim.

—Você podia ver a entrada para a caverna?

—Não, senti como se estivesse atrás de mim, mas não podia me afastar do *Faolchú Chridhe* em meu sonho.

—Então nenhuma prova de que você estava profunda na Terra?

—Não — ela teve que admitir.

—É mais provável nas colinas. Os pássaros não enterrariam nossa pedra na Terra. Não está em sua natureza.

A convicção de Galen que os Éan roubaram o *Faolchú Chridhe* nasceu a dois invernos passados, depois da morte do Da, e o seu irmão começou a passar mais tempo com Wirp. Seu Da nunca teve uma boa palavra para dizer sobre o outro Chrechte que as histórias velhas reivindicavam que uma vez existira, também.

Mas Wirp era pior; ele agia como se os Faol fossem melhores que todo mundo, e os machos lobos os mais superiores de todos. O velho a deixava *muito* desconfortável. Ninguém foi mais feliz do que Ciara quando Wirp caiu em conflito com seu novo laird, Barr. Embora ela fosse cuidadosa para não deixar seu irmão saber.

—Sentia como se eu estivesse profunda na Terra — ela obstinadamente repetiu.

—Eu te disse que debaixo do chão não é área de brincadeiras dos Éan.

—E se não foi os homens pássaros que roubaram a pedra dos lobos?

—Foi.

—Você tem tanta certeza, mas tudo que tem são histórias dos antigos para provar.

—E os seus sonhos.

—Meus sonhos só dizem que o *Faolchú Chridhe* existe, não que alguém o roubou de nós. Além disso, eles poderiam não ser mais do que fantasias da noite.

—Nay. Eles são profecia e nós devemos prestar atenção.



Então por que não dava atenção a que a caverna era subterrânea? Ela não perguntou por que não queria discutir com seu irmão. Ele poderia decidir não ir procurar pela pedra. Ela viu pouco o suficiente dele como era agora; ela não desistiria este dia.

Galen queria procurar pela pedra, mas ele insistia em levar outro guerreiro com eles, dizendo que três conjuntos de sentidos de lobo era melhor do que dois.

Ciara não concordava. Ela não gostava deste guerreiro mais do que gostava de Wirp. Pior, ela se preocupava que seu irmão a daria em casamento para Luag.

Sua menstruação começou cedo. Entretanto ela tinha mais de doze verões. Ele esperaria pelo menos mais dois antes de pressioná-la para casar, mas então, ela estaria pronta. O medo que o pensamento causou estava completamente percebido, deixando-a doente do estômago, mesmo quando ela tentou esconder seu asco.

Faria nenhum bem. Luag estava com eles agora e não iria a lugar nenhum até que eles se exaurissem procurando, ou por algum milagre encontrasse o *Faolchú Chridhe* este dia.

Eles tinham procurado por horas e estavam bem fundo na floresta quando Luag ergueu sua cabeça e cheirou o ar.

—Cheiro corvo.

Ciara não podia entender o desgosto tão evidente em sua voz. Ela sabia que a curandeira de seu clã era ambos, corvo e lobo, embora Ciara nunca dissesse a ninguém. Ela raramente revelava o que seus sonhos lhe contavam, exceto para seu irmão. E ela nunca disse a ele sobre os sonhos que nada tinham a ver com os Éan.

—Vamos caçar. — Luag disse com um sorriso que era mais rosnado do que qualquer coisa.

Galen sacudiu sua cabeça.

—Temos coisas de mais importância para fazer aqui.

—É tudo parte do mesmo objetivo. — Luag discutiu.

—Eu não caçarei quando temos Ciara conosco.

Seu irmão estava dizendo que caçaria o corvo se ela não estivesse com ele? Ciara não podia se deixar acreditar que os preconceitos irracionais dele estavam tão profundos. E como eles planejavam caçar um pássaro? Fariam asas de galhos de árvore e então voariam? Eles não trouxeram arcos e suas formas de lobo dificilmente seriam úteis.

Ela agitou sua cabeça. Às vezes, os guerreiros não faziam nenhum sentido para ela. Todo mundo sabia que as presas do lobo eram animais terrestres, não pássaros do ar.

—Ela é tão fraca então? — Luag perguntou com desdém.

Normalmente Ciara teria empacado ao ser chamada de fraca, mas ela deu boas-vindas a qualquer oportunidade de ser vista como deficiente aos olhos deste lobo.

—Minha irmã não é fraca, mas ela é muito jovem.

—Ela viu doze verões.

—Uma menina ainda.

—No ápice da mocidade.

Por um momento apavorante, Ciara pensou que eles estivessem talvez discutindo sobre mais do que se os lobos deviam caçar com ela presente. E a discussão a nauseou. Ela ouviu

rumores de que a nobreza inglesa dava suas crianças em casamento muito jovens, mas isso não acontecia nas Highlands.

Nem mesmo se ela fosse filha do laird. E ela não era. Galen não a daria em casamento por pelo menos alguns anos e se ele seguisse as tradições habituais, ela estaria mais velha que isso ainda.

Não era como se ela tivesse um grande dote já acumulado. Ela mal começara a bordar os linhos para sua própria casa.

—Não. — O tom de Galen disse que ele não seria convencido, apesar dos anos de maioridade que o outro guerreiro tinha sobre ele. Não importa qual tópico da discussão, ele não iria ceder.

Alívio a estremeceu e Ciara deu uma respiração para os pulmões queimando por oxigênio.

Luag não pareceu contente.

—Ela pode ficar aqui então.

—Não é seguro.

—Nós estamos em nossa área de caça.

O que não era estritamente verdade; eles estavam pelo menos duas horas ao norte do território de seu clã. O olhar de Galen disse muito para o outro lobo.

—Ela pode ficar na caverna. — Luag ofereceu como se fizesse uma grande concessão.

Ciara esperou que Galen discutisse uma vez mais, mas ele assentiu ao invés e seu coração fechou.

—Tudo bem.

Ela abriu *sua* boca para discutir, mas um olhar de Galen e ela soube que era inútil. Traição queimando em seu peito, ela se virou sem um único olhar para qualquer um deles e voltou para a caverna que eles acabaram de explorar. Não existia nenhuma passagem secreta que eles pudessem encontrar, mas eles passaram uma considerável quantia de tempo olhando. Então ela sabia que não estava habitada por outros predadores... ou presas.

Galen a seguiu.

—Fique aqui até que nós retornemos. Nós *não* estamos em nossas próprias áreas de caça.

Ela deu a seu irmão um olhar de desdém no lugar de palavras. Ela sabia disto tão bem quanto ele. Era o *amigo* dele que fez a estúpida afirmação em todo o caso, não ela.

Galen lançou a Luag um olhar mostrando que ele apreciava esta verdade, e então olhou de volta para Ciara.

—Não quero que você se machuque.

—Estarei bem.

—Aye. Eu sei.

Um ano atrás, ela poderia ter feito a afirmação, mas Galen não teria acreditado. Então suas menstruações vieram e sua primeira transformação. Agora Galen tinha mais fé em sua habilidade de se proteger.

Ciara amava seu lobo e não gostava de nada mais do que ir caçar com seu irmão, mas não via nenhum ponto em caçar pássaros em suas formas de lobo. Além disso, ela não tinha, absolutamente, nenhum desejo de caçar com Luag. Não confiava que ele não tentasse acasalar



com ela em pelo.

O que não queria dizer que ela não seguiria os lobos quando eles partissem. Ela estava sempre curiosa e desde a morte do Da, Galen se tornou tão superprotetor, que era como sufocá-la pior que travesseiro inglês recheado de pena.

Ciara rapidamente removeu seu plaid e então a chemise que ela usava debaixo dele, permitindo que a transformação a tomasse, assim que ela estivesse livre de roupa.

Usando as dores para mascarar seu próprio cheiro, ela ergueu o focinho de seu lobo e cheirou o ar. Guiada pelo vento sempre útil, decolou em um galope atrás dos outros lobos, o que pelo menos mostrava a praticidade de caçar presas voadoras em sua pele humana. Embora o que eles esperavam fazer sem arco e flecha, ela não sabia.

Ela os seguiu por um curto quarto de uma hora antes dela ouvir o som da voz de Luag erguida em um riso cruel.

Por que eles ririam de sua presa? Chrechte não faziam isto. Toda vida era preciosa, mesmo que eles tivessem que tomar a fim de comer e sobreviver.

Ciara espiou pelas folhas que a escondia, piscando pelo o que viu. Seu irmão e Luag enfrentavam dois jovens que vestiam tangas de pele em vez de plaids.

Seguramente estes não eram o que eles caçavam. Luag disse que ele cheirou corvos. Pássaros. Não homens pássaros. Isso era muito mau para contemplar. *Chrechte não caçavam a outros dos seus.*

Eles simplesmente não faziam.

Mas o cheiro de corvo era forte no vento e não existia nenhum pássaro evidente aos olhos afiados de seu lobo.

Uma raia de dor constringiu em volta de seu coração enquanto ela lutava contra a prova de seus sentidos. Seu irmão podia não ser nenhuma festa para o que seus olhos insistiam que viam.

Crianças Chrechte como presas.

—Onde está seu protetor? — Luag fez escárnio ruidosamente, sua voz cheia de feio regozijo. —Ele virou covarde e fugiu?

—Nosso príncipe não teme a ninguém. — o menino mais velho corajosamente proclamou.

Mas o mais jovem parecia apavorado.

E Ciara sabia o que via. Ela mesma usava isso, quando estava em dificuldade por seguir sua curiosidade, no lugar das regras por segurança, anunciada pelos pais e pelo clã.

—Eles não têm nenhum protetor com eles. — Galen disse, provando que ele era tão astuto em ler estes jovens como ele sempre fora em conhecer Ciara.

—É verdade? Vocês, duas abominações, escaparam de seus protetores?

—Nós queríamos caçar. — o menor afirmou em uma voz trêmula.

Ela esperou seu irmão oferecer escolta aos meninos até em casa, esperou por isto. Esse seria o irmão que ela conhecia e amava.

Ao invés, Luag riu novamente, este laço de crueldade mais pronunciado.

—Tudo mais fácil libertar o mundo de mais dois pássaros inúteis.

Não. Ele não quis dizer isto.

Ele não podia.

Apesar da evidência dos sentidos de seu lobo, ela recusou a acreditar que estes meninos eram as presas de Luag e de Galen.

Mas o horror de Ciara só cresceu quando a voz de seu irmão carregou o ar agora quieto.

—Somos guerreiros Chrechte, nós não matamos crianças.

Implicando que se estes fossem homens corvos adultos, ele teria matado sem remorso? Definitivamente provando que ele sabia que caçavam troca-formas, não simplesmente pássaros. Por favor, por favor... *por favor, não*. Seu irmão não era mal.

—Estas desovas do diabo não são crianças.

Instintos primitivos rugiram dentro de Ciara. Ela nunca experimentou o gosto antes, mas o desejo de rasgar a garganta de Luag fez o corpo do seu lobo se tencionar em preparação para pular.

Crianças deviam ser protegidas. Sempre. Que elas fossem Chrechte só fazia sua proteção muito mais imperativa. Sua raça não se reproduzia facilmente. Seus pais foram considerados abençoados além da medida ao ter concebido duas crianças da passada imaturidade Faol.

—Nós não somos desovas. — o menino mais velho disse desafiadoramente, mesmo quando seu corpo pequeno tremia de medo.

Luag recuou seu punho e a anca de Ciara se agrupou um segundo antes de saltar.

Um golpe do punho de um guerreiro podia matar uma criança.

Mas antes dela poder saltar do seu esconderijo, um rugido poderoso soou do céu. Tão alto e cheio de raiva, congelou até Luag — que agora olhava fixamente acima deles com choque e negação.

Olhando para cima, Ciara entendeu a reação dele. Ela podia não mais acreditar nos seus olhos do que nos seus sonhos da caverna estranhamente brilhante. Ainda assim, esta não era nenhuma fantasia da noite. Um grande dragão vermelho voava contra o céu azul claro, suas escamas escarlates tão escuras que pareciam quase pretas, seus rugidos furiosos sacudindo as copas das árvores.

Os garotos pareciam destemidos, entretanto, e Ciara sabia que esta... esta criatura mítica antiga era o último protetor deles. Talvez até o príncipe de que o menino mais velho falou.

A cabeça do dragão girou em direção a seu irmão e Luag, olhos âmbar fixados malignamente nos homens que ameaçavam os jovens troca-formas. Luag lançou seu punhal, não no dragão, mas no menino menor. Sem dúvida esperando distrair o dragão para que assim Luag pudesse correr. O covarde.

A faca errou o corpo da criança, mas cortou seu braço quando passou voando. O menino caiu para trás, chorando enquanto sangue brotava do corte.

O dragão rugiu novamente e então, abrindo sua grande boca ainda mais, chamas laranja dispararam, devorando tudo em seu caminho.

Incapaz de se mover em seu choque, Ciara aguardou enquanto seu irmão morria com um grito que assombraria seus pesadelos. Luag já estava correndo, mas foi sem sucesso. O dragão tinha comando dos céus e voou atrás do atormentador de crianças. Outra explosão de chamas e os gritos de Luag eram ainda mais terríveis do que os de seu irmão foram; ele e as árvores onde



entre tentou se esconder, se transformaram em nada além de cinzas.

Foi um milagre que a floresta inteira não queimou, mas o dragão disparou suas chamas com cuidado.

O dragão girou e voou de volta, aterrissando próximo aos meninos, que escalaram sobre suas costas com mais velocidade do que senso. Eles se foram momentos depois, o céu claro como se nenhuma criatura mítica nunca estivesse ali.

Tudo que sobrou foram as cinzas de seu irmão, Luag e algumas árvores. E seu próprio coração. Ela congelou enquanto Galen tinha uma morte terrível. Ela não fez nada por ele, ou pelos meninos.

Não que os pequenos precisassem de sua ajuda, mas ela nunca deveria ter esperado enquanto eles eram ameaçados, para começar. O saber de que ela poderia ter morrido com seu irmão não trouxe nenhum benefício contra a dor.

As cinzas de Luag ela deixou para os animais selvagens urinarem sobre, mas Ciara pegou as cinzas de seu irmão na pele que ela recuperou de suas coisas na caverna. As lágrimas se misturaram com pedaços de osso e de cinza, enquanto ela juntava o precioso resto mortal, deixando o pó da vida de seu irmão atrás de suas mãos nuas.

Ela espalharia suas cinzas ao vento, do topo de *Ben Bristecrann*, da mesma maneira que eles fizeram com as de seu pai.

Sem tempo para lamentar, ela caminhou pelo que foi deixado do dia e da noite, que seguia para alcançar a colina. Conseguiu seu nome da árvore dividida pelo raio, que ainda crescia por um algum milagre em seu ápice. Seu Da afirmava que o lugar estava abençoado.

Desde que suas cinzas se misturaram com a terra, ela pensou que era sagrado de qualquer maneira. Ciara falou as palavras da passagem Chrechte em uma voz quebrada, enquanto o vento levantava o que permanecia de seu irmão e o levava para se juntar a seu pai.

Era tarde da manhã do próximo dia antes dela alcançar sua cabana e poder informar sua mãe da morte de Galen.

Ciara não disse a ninguém do dragão. Somente que Luag levou seu irmão ao perigo e ela, acidentalmente, os encontrou mortos na floresta. Ela contou a seu clã que preparou e acendeu suas próprias piras funerárias, e eles não duvidaram dela.

Ela era filha de seu Da depois de tudo, e ele foi conhecido como um dos homens mais teimosos nas Highlands. Luag não tinha família para reclamar de suas ações ou perguntar se ela espalhou suas cinzas como ela fez com a de seu irmão.

Ciara não se voluntariou com a verdade, pois o coração que ainda queimava com raiva e dor em seu tórax, dizia que ele mereceu seu lugar de descanso final.

Mum não mostrou nenhuma reação pelas notícias, aparentemente inconsciente do que as palavras de Ciara significavam, quando contaram de sua perda.

Ciara percebeu seu erro de cálculo quando achou sua Mum morta na próxima manhã, a cama encharcada com o sangue de sua vida e seus pulsos cortados muito profundos para até mesmo um Faol sobreviver.

Capítulo 1



Ele é rei que nada teme; ele é rei que nada deseja!

—LUCIUS ANNAEUS SENECA

Terra dos Éan, Highlands da Escócia, 1149 DC

—Tem certeza de que este é o caminho certo que você tomou?

Com a voz de sua avó, Príncipe Eirik Taran Gealach Gra girou de sua contemplação da floresta abaixo. Um dia em breve, esta visão seria nada além de uma memória para ele. Ele se recusava a lamentar as consequências de uma escolha que ele fez pelo bem dos Éan, contudo.

Ele era seu príncipe. Era seu dever.

Curvando sua cabeça, ele saudou a mulher corvo cujo cabelo ainda estava mais preto do que prata, apesar de seus muitos anos.

—Anya-Gra.

Avó ela poderia ser, mas ainda era a líder espiritual dos Éan e o membro mais velho do Triunvirato.

—Não posso evitar, exceto pensar que você desiste de muito por causa de nosso povo. — Os olhos marrons incomodados em um rosto marcado com preocupação, encontraram o seu.

Agora não era hora de questionar a decisão que ele fez e que os três membros do Triunvirato (inclusive sua avó) aprovaram. Eles sabiam que este dia estava vindo desde que ele recusou a formalidade que o declararia rei de seu povo, soberano sobre suas terras.

Aceitar o papel teria prevenido os Éan de se unir os clãs honradamente, antes da morte de Eirik. No momento, sua avó aconselhava contra arriscar o futuro de seu povo deste modo, embora ela insistisse que ele tomasse o nome de seu pai como era costume.

A própria Anya-Gra declarou que o bem de seu povo exigia sacrifício. Eirik concordou e ele fez este sacrifício, tornando-se o primeiro Príncipe Eirik a não ser chamado de rei. Agora, ela empacou nele, fazendo outro confisco que eles dois sabiam ser necessário.

—Você concordou que os Éan precisam se unir aos clãs para sobreviver; quando foi primeiro falado, foi sua ideia.

—Aye, mas à custa de sua liderança de nosso povo? — Ela sacudiu sua cabeça.

—Não cedo à liderança dos Éan; somente desisto de diariamente fugir de um clã. É o único jeito. Não matarei um chefe de clã só para que eu possa brincar de líder político.

—Por que não? Você é um dragão. — O primo mais jovem de Eirik perguntou como ele se juntou a eles na plataforma de fora, que foi lar para a realeza dos Éan por mais de dois séculos.

Uma casa entre as árvores, alcançável somente por voo; nenhum dos humanos que viviam entre eles nunca viu dentro de suas paredes. E em menos da passagem de duas luas cheias, ele não o veria, tampouco.



—Fidaich, você teria me matado na batalha por sua posição? — Eirik exigiu de seu parente favorito. —Aqueles que lutaram ao lado de nosso povo estes últimos sete anos, protegendo-nos e nos ajudando a encontrar uma saída desta vida secreta na floresta? Os Sinclair? Buchanan? Os Donegal talvez? Eu teria que matar meu próprio irmão por casamento para tomar a liderança deste clã, para não mencionar um dos nossos.

Assim como Circin, que estava sendo treinado como futuro laird por Barr. Eirik teria que lançar um desafio que o obrigaria a fazer algo inconcebível: matar ao laird interino, um homem que estava casado com a única irmã de Eirik, Sabrine. Maldição, Sabrine mataria Eirik antes que Circin tivesse a oportunidade de responder ao desafio. Este pensamento, pelo menos, veio quase a trazer um sorriso ao rosto de Eirik.

Fidaich encolheu os ombros, mostrando um lado sanguinário não frequentemente visto entre os corvos.

—Existem outros clãs nas Highlands.

—Nenhum que garantirá a segurança do nosso povo pela palavra de seu chefe e líder de clã.

— Ele tinha ambos com os Sinclair.

E aqueles dos Éan se unindo aos clãs Balmoral e Donegal tinham o mesmo.

—Com um dragão como nosso príncipe, nós não precisamos de nenhuma outra garantia do líder. — Fidaich se ergueu tentando parecer mais velho do que seus treze anos.

Um dia, o menino seria um grande guerreiro, mas agora, ainda havia demais da criança que quase morreu nas mãos de um lobo sádico. Fidaich tinha mais razão do que a maioria para não confiar nos lobos, ou se importar que um pudesse ter que morrer para Eirik tomar lugar como um laird de clã.

O que não significava que Eirik compartilhava as atitudes de seu jovem primo. Ele matou os lobos que ameaçaram Fidaich e Canaul num momento de horror que para sempre queimaria nas memórias de Eirik.

—Eu não posso estar em todos os lugares e você bem sabe disto. Se nós não tivermos a lealdade de um clã, nós só negociamos um território de caça onde os corvos somos as presas para outros.

—Nos velhos tempos...

—O que você sabe dos velhos tempos vem das histórias contadas para entreter crianças. Eles não eram tão cheios de glória e vitória quantos os narradores querem que você acredite. — Anya-Gra suavemente repreendeu o menino.

Fidaich fez beicinho, uma lembrança clara de que ele ainda estava para se tornar um homem.

—Aqueles histórias são nossa história.

—Aye. — Os olhos da avó se encheram de tristeza. —Parte dela. O resto de nossa história não é compartilhado muito frequentemente.

Mas era compartilhado e Fidaich estava bem informado nas infelizes lições do passado Chrechte.

—Os caminhos antigos quase dizimaram todos os povos Chrechte. — Eirik colocou uma mão

no ombro de seu primo. —É isso o que você quer?

Fidaich esvaziou como bexiga de porco com um pequeno vazamento.

—Não.

—Nem, tenho certeza, faz com que ele deseje ver a perda da identidade do nosso povo, também. — Anya-Gra falou suavemente, mas a repreensão estava lá.

Como ela poderia pensar que Eirik, último príncipe verdadeiro de seu povo, permitiria tal coisa?

—Nós não desejamos.

Os Éan eram uma raça antiga que por sua natureza, sempre estariam separados dos clãs humanos e dos Faol que atualmente viviam entre eles. Embora Eirik não fosse líder de clã, ele ainda era o príncipe de seu povo.

Seus novos deveres o removeram da política de fugir de um clã, mas o deixou com responsabilidades facilmente de tão longo alcance, se não maiores, que aqueles que ele atualmente carregava.

Quando sua avó não deu nenhuma palavra de resposta, Eirik a lembrou:

— Você e eu estamos no novo conselho Chrechte.

Cada um dos bandos da Highland vivia entre os clãs que tinham membros no conselho. Um troca-forma de cada grupo dos Éan se unindo aos diferentes clãs, foram designados a um lugar no conselho também. Anya-Gra, como líder espiritual, mantinha sua posição independentemente de qual clã ela escolhesse fazer sua casa.

Bem, agora, este clã era o Donegal, então ela poderia estar próxima da irmã de Eirik, Sabrine. Sem mencionar o filho de Sabrine, somente o único bisneto de Anya-Gra até o momento.

Ambos, os Faol e os Éan, deviam ser representados no conselho e dados a oportunidade de contribuir para interpretar e executar as antigas leis governando os Chrechte.

Eirik podia não estar certo de que isso preveniria o passado de se repetir, mas ele tinha fé. Se não tivesse, ele não teria concordado com as condições estendidas para os Éan se unirem aos clãs.

Ele era seu príncipe e protegia seu povo com sua vida, e quando necessário com o dragão que vivia dentro dele.

Eirik lembrou a sua avó:

— Foi concordado que nos assuntos dos Éan, eu tenho a palavra final... mesmo para aqueles entre os outros clãs.

Não era uma solução perfeita, e contava com a integridade e cooperação dos lairds Faol, mas Eirik confiava em Barr, Talorc ou Lachlan com sua vida. Confiar neles com as vidas de seu povo eram muito mais difícil, mas ele o faria.

Pelo bem dos Éan e sua sobrevivência a longo prazo.

—Se o conselho é tão bom, por que não há nenhum membro dos clãs da Lowland? — Fidaich exigiu.

Anya-Gra riu.

—Oh, criança... nós somos Chrechte. Mesmo o corvo é muito contencioso a ser completamente unido.



Era verdade. Alguns dos Éan recusavam a recomendação de seu príncipe e do Triunvirato para se fundir com os clãs da Highland. Um punhado de corvos, umas águias e alguns dos humanos que fizeram sua casa entre os Éan, escolheram permanecer na floresta. Eles continuariam a viver como os Éan tinham vivido nos últimos duzentos anos, caçados como presa e forçados a esconder sua real existência.

—Você devia ficar aqui e liderar os Éan que não querem se juntar aos clãs — Fidaich disse, mostrando que seus pensamentos estavam em um lugar semelhante aos de Eirik, se não tirando as mesmas conclusões.

—Nay. Se eles não me seguirão para os clãs, eles não seguirão minha liderança na floresta mais, também. — Escolhendo ficar, aqueles corvos tinham, em efeito, o rejeitado como seu chefe antes dele mesmo dar a liderança para um laird de clã.

Fidaich fez uma carranca.

—Mas *você* deu a eles a opção, mesmo quando o Triunvirato disse que não deveria.

Eirik deu a Anya-Gra um olhar de censura. Fidaich não deveria saber da discussão do Triunvirato e só podia ter escutado algo a respeito de uma única fonte..

—O Triunvirato não está sempre certo. — Os dois membros, além de sua avó, queriam que Eirik usasse seu dragão para subjugar os Faol e assumisse o comando de todos os Chrechte como nos velhos tempos. Ele não era nenhum MacAlpin e dizia isso a eles. —Quanto aos Éan que desejam permanecer na floresta: se eles confiassem em minha liderança, eles não teriam escolhido ficar.

Sacudindo sua cabeça, Anya-Gra suspirou.

—Não é tão simples, neto. E você bem sabe. Alguns não querem a vida mais civilizada no meio dos humanos.

—Eles arriscam serem caçados até a morte se eles ficarem. — E ela bem sabia.

Entretanto, o grupo menor tinha uma chance melhor de viver despercebidos do firme intento dos Faol em erradicar o tipo de Eirik.

Os olhos de sua avó tomaram um olhar vítreo que dizia que ela via coisas que outros não podiam. —Para alguns, a liberdade em viver como eles sempre viveram, vale a pena este perigo.

—Pensei que você apoiasse a mudança para os clãs. — Não obstante, não gostava de sua boa disposição a perder seu status como senhor para seu novo clã de adoção.

—Apoio. — Sua expressão trocou para uma tristeza antiga. —Mas eu entendo nosso povo que não pode fazer a mudança. Ainda existem Faol que vivem nas cavernas da floresta, sabe.

Ele ouviu aquele rumor, mas nunca o deu crédito.

—Nós não os vemos.

—Eles não nos caçam como alguns dos lobos extraviados entre os clãs. Além disso, eles reivindicaram por suas terras de áreas montanhosas a uma distância justa de nossas próprias florestas.

Ele não perguntou como ela sabia destes selvagens clãs Faol então. Sua avó sabia muito que deveria ser impossível para ela saber. Por exemplo, ela sempre manteve que era somente um pequeno segmento dos Faol que caçavam os Éan, nestes tempos de membros de clã modernos. O

resto dos Éan acreditava que eram todos os lobos. Ela tinha provado ter razão.

Fidaich pigarreou.

—Talvez eu deva ficar com os Éan aqui.

O dragão de Eirik retumbou e veio de seu tórax com um grunhido que rivalizaria com o de qualquer lobo.

—Você não confia em mim, também?

Ele não se incomodou em lembrar a seu jovem primo que ambos os pais de Fidaich estavam fixados na mudança para a terra Sinclair. Eirik tampouco mencionou que o melhor amigo de Fidaich e seu cúmplice em muitos dos problemas em que se metiam com tanta facilidade também iria. Nada disso importava.

Eles eram primos, mas Eirik era príncipe. Ou seus irmãos Éan tinham fé em suas decisões... ou não tinham.

Incluindo sua família.

Fidaich vacilou.

—Claro que confio você.

—Então, você virá comigo para os Sinclairs.

—Pelo menos você não nos terá vivendo entre o clã que tentou me matar.

Ah, a tendência dramática de um menino no ápice da virilidade.

—Não foi o clã inteiro. — Somente dois lobos com corações sádicos e nenhuma honra Chrechte.

Chrechte não matavam crianças. Inimigo ou não.

Aquele dia na floresta foi a primeira vez que o dragão de Eirik matou. Os dois meninos estavam desaparecidos e ele se juntou ao grupo de resgate, encontrando-os com seus sentidos de dragão mais agudos, mais rápidos.

E na hora certa também. Sua audição de dragão pegou a ameaça do guerreiro para Fidaich e Canaul, e a sinceridade atrás dela. Sem dúvida, o lobo mais velho queria matar as crianças. Eirik reagiu com asco e fúria. Sem pensar ou vacilar, seu dragão incinerou os dois outros Chrechte até que nada estava sobrando além de cinzas.

Seus gritos o assombravam como nenhum fantasma nunca poderia fazer. Ele protegeu os meninos e o segredo do príncipe e dragão dos Éan, mas o custo foi um que Eirik nunca esqueceria.

Ele não matou em batalha; ele aniquilou seus inimigos com um poder que eles não poderiam esperar igualar ou se defender contra.

Suas pernas oscilando sobre a borda da pedra, Ciara aguardava em cima da torre da muralha mais baixa. Uma das duas na mais baixa metade da parede, cercando a fortaleza dos Sinclair, era o ponto de vantagem perfeito para seu primeiro vislumbre do recém-chegados que se juntariam a seu clã adotado. Ela não deveria estar aqui, mas era um lugar favorecido para ela encontrar isolamento e paz.

A maioria do clã se reuniu na muralha mais baixa, tanto ontem quanto hoje pelo mesmo propósito, mas Ciara não gostava do aperto de tantos ao redor dela.



Não havia nenhuma multidão agora. Os humanos e outros Chrechte foram para casa, desapontados uma vez mais, quando a noite caiu sem sinal dos recém-chegados. Mas Ciara esperou enquanto a lua se elevava, incapaz de retornar ao forte — sua necessidade de ver estes novos povos de clã muito forte para negar.

Como um membro dos Faol, ela fora informada de que aquela vinda era Chrechte; ela fortemente suspeitava que eles fossem Éan.

Seus sonhos não eram todos pesadelos e ela vira os pássaros no céu se transformando de volta para forma humana e vestindo o plaid dos Sinclair.

Estes refugiados Chrechte eram como ela, procurando por uma nova vida entre os Sinclair?

Ciara não tinha, na verdade, olhado para nada quando veio viver com o Laird Talorc e sua senhora, Abigail. Entorpecida com o pesar depois da morte de sua mãe, tão perto do horrível falecimento de seu querido irmão Galen, Ciara simplesmente fez como foi informada.

Laird Barr lhe disse que ela precisava de uma nova vida sem tantas memórias ao seu redor e Ciara aceitou sua instrução em ação, se não em seu coração. Ela veio viver entre o antigo clã dele, os Sinclairs, sem uma única discussão.

O que havia para discutir? Ciara não tinha mais nenhuma família, nenhuma pessoa querida para mantê-la entre os Donegal.

Ela passou os últimos sete anos fazendo seu melhor para servir seu novo clã, entretanto, seu antigo eu não a reconheceria. Desapareceu a menina teimosa que amava sua família e as pessoas com cada fibra apaixonada de seu coração.

Ciara fazia o que podia para sentir tão pouco quanto possível; ela não tinha nenhum desejo de amar com uma devoção que poderia, muito facilmente, destruí-la novamente.

A esperança de Laird Barr, que ela pudesse esquecer as dolorosas memórias mais facilmente longe de tudo que estava familiarizada, tinha se provado infrutífera, mas ela não culpava a seu plano.

As memórias estavam queimadas na mente de Ciara com a chama do dragão; era impossível para ela esquecer ou se sentir completamente segura novamente. Aquele dia fatal na floresta e o que se seguiu, vivia dentro dela em um turbilhão de pesar, temor, confusão, descrença e, às vezes, terror absoluto.

Não que ela alguma vez deixasse estes sentimentos virem completamente para à tona, mas Ciara frequentemente despertava na noite com o grito final de seu irmão, só para perceber que fora ela mesma. Ela sonhava com paredes encharcadas de sangue e uma mulher com o rosto de cera procurando em sua cabana por um filho e um marido que nunca mais estariam lá.

Ciara era grata pelas paredes de pedra que mantinham seus pesadelos em privado, mas ela era ainda mais grata que, longe de forçar Ciara a se casar quando atingisse a maioridade, Laird Talorc e seu segundo, Niall, assustavam quaisquer futuros possíveis pretendentes. Chrechte e humanos igualmente.

Laird Talorc e Abigail tratavam Ciara como um membro estimado da família, para ser protegida e vigiada. Ela sabia que eles achavam que ela estava quebrada.

Muito quebrada para ser forçada a acasalar.

Ela estava e não dizia nada para dissuadi-los desta convicção.

Ela não queria nenhuma família verdadeira para perder novamente; ela não tinha nenhum desejo de se casar ou ter filhos que poderiam ser tirados dela por aquele inimigo invencível, a morte. Ela esperava que nunca encontrasse seu companheiro, ou que ele já estivesse confiado a outro.

Ajudar a tomar conta dos gêmeos de Abigail e Talorc, agora em seu quarto verão, era difícil o suficiente. Os meninos faziam o seu melhor para rastejar dentro do coração de Ciara. Gastava toda sua determinada obstinação para não se deixar amá-los.

E bem no fundo, em um lugar que ela recusava reconhecer, receava que já amasse... até mais do que ela temia o dragão que matou seu irmão.

Livrando-se de seus pensamentos, ela perscrutou a noite enluarada, buscando pelo seu primeiro vislumbre dos Éan em breve a unir-se a seu clã. Ela não deveria nem mesmo saber sobre os Éan. Ninguém exceto uns poucos seletos sabiam. E Ciara, melhor do que a maioria, entendia por que.

Porém, não era sua culpa que ela soubesse de muitas coisas que não devia. Mesmo sem as escutar. Seus sonhos e visões ficaram mais frequentes desde que ela viu o dragão escarlate respirando fogo do céu.

E ultimamente, o *Faolchú Chridhe* chamava-a ainda mais insistentemente que os gritos de seu irmão e o sangue derramado de sua mãe. Ciara raramente dormia, e quando ela o fazia, era para sonhar, cada sonho ficando mais carregado com urgência que a última. Ela não podia comer porque esta urgência seguia-a em vigilância, deixando seu estômago apertado e a enchendo com um medo que ela não entendia.

Ciara não sabia o que fazer.

Talvez estivesse na hora de contar a outra alma sobre a existência da pedra dos lobos. Este conhecimento estaria mais seguro nas mãos do Laird Talorc do que estivera na de Galen? A dor fatiava por Ciara na probabilidade de que estaria.

Galen queria o poder da pedra para destruir os Éan. O laird Talorc a queria para ajudá-los.

Em seu silêncio, escondida em torno do forte, Ciara ouviu o suficiente para saber ser verdade. Ela sabia que Talorc estava ciente de sua presença. Ele era um lobo com sentidos de lobo, mas ele nunca a repreendeu. Talvez ele soubesse que ela não tinha ninguém para contar os segredos que escutava.

Os lânguidos sons de múltiplos cavalos fizeram Ciara olhar para cima e perder todos os pensamentos de segredos e do *Faolchú Chridhe* no momento. Um grupo de, talvez vinte pessoas montadas a cavalo, apareceu. Ela assistiu atentamente como eles cavalgavam para mais e mais perto da fortaleza sem serem desafiados.

Tinha que ser os Éan.

Eles ficaram próximos o suficiente para que com a visão de seu lobo, ela pudesse dizer que alguns vestiam plaids, enquanto outros vestiam roupa feita de peles curtidas e pelo.

O enorme guerreiro que os liderava, usava o que parecia um kilt feito de couro, largos punhos de manga no pulso do mesmo e uma correia ao redor de seu bíceps que segurava uma faca de má aparência. Ele usava sua longa espada em outra bainha em suas costas, o cabo se



projetando acima de seu ombro esquerdo. A correia de couro a segurando no lugar se bifurcava em seu tórax diferentemente nu — um tórax destituído de pelo, mas ondulando com músculos.

Um medalhão de algum tipo refletia no luar, suspensa por uma corda de couro ao redor de seu pescoço. Ele não usava nenhuma bota, mas sandálias que se embrulhavam e atavam em seus tornozelos. Elas quase pareciam com as que os soldados romanos dos tempos antigos calçavam. Ela viu desenhos esculpidos nas paredes de cavernas, em sua procura com seu irmão pelo *Faolchú Chridhe*.

Este guerreiro era Éan? Ele era maior do que aqueles com que ele cavalgava, pelo menos uma cabeça mais alta do que quaisquer dos outros homens. Gigantes, ela acharia que ele era muito mais alto do que o segundo no comando do laird, Niall, e facilmente tão amplo quanto.

Ciara não pensou nos guerreiros Éan grandes assim. Certamente eles não estavam em seus sonhos. Os Éan eram fortes, mas nos seus sonhos, eles eram menores que os Faol.

Seu irmão sempre afirmava que eles eram os menores do povo Chrechte, também. Galen o disse sarcasticamente, mas sendo ela tão menor do que ele, Ciara se perguntou por que ele achou a diferença tão merecedora de nojo.

Este homem não era menor do que o normal de jeito nenhum, e ele tinha o porte de um rei. Como ele toleraria a liderança de Talorc?

O guerreiro enorme desafiaria seu laird, o homem que se considerava seu pai?

Ansiedade cravou nela quando o novo Chrechte se moveu para mais perto. Meros metros da ponte levadiça que ainda estava abaixada por ordem do Laird Talorc, as feições do principal guerreiro ficaram distintas.

E todo o ar nos pulmões de Ciara escapou em uma longa exalação.

Este homem que queria se tornar um Sinclair era arrebatador, embora sua expressão fosse tão feroz quanto o brilho em seus olhos âmbar. Olhos que cintilavam com poder Chrechte, até mesmo no luar. Uma mandíbula que parecia cortada da pedra, estava fixa em linhas duras, seu pescoço e ombros segurados em uma rigidez arrogante que advertia perigo para qualquer um com quem cruzasse.

Medo atávico apertou contra seu plexo solar, fazendo difícil tomar fôlego.

O guerreiro ergueu sua cabeça, um olhar muito mais agudo que o dela próprio, afiando em Ciara com precisão certa. Ele não deveria ser capaz de vê-la dobrada contra a parede como ela estava, mas sabia que ele a viu. Ele não desviou o olhar, tampouco. Nem ela poderia.

Nunca antes ela sentiu tal conexão com outro. Seu lobo sussurrou uma palavra que ela recusou ouvir, sua mente rodando com pensamentos que ela estava determinada a nunca ter.

Incapaz de quebrar o olhar com o guerreiro, e ainda pouco disposta a permanecer como estava, Ciara se levantou. As noites sem dormir, os dias que ela comeu menos do que suficiente para sustentar um pardal, muito menos um lobo, a alcançou naquele momento confuso. Balançando em seus pés, ela pendeu para frente.

Ela se empurrou para trás, mas tentou compensar muito e um pé escorregou debaixo dela.

De repente, incrivelmente, apesar da graça de seu lobo, ela se lançou adiante. Caiu no ar da noite, suas mãos arranhando para alcançar a pedra, um dedo conectando. Ela tentou colocar dois,

conseguir um controle melhor, mas ela podia sentir as pontas de seu dedo cedendo assim como ela cedia.

Ela se recusou a deixar as articulações afrouxarem, mas podia sentir o sangue brotando de cortes em seus dedos por causa da pedra. A umidade se provou sua ruína. Nenhuma quantia de vontade pôde forçar seus dedos a segurar enquanto o sangue fazia-os deslizar, e ela caiu.

Seu lobo uivou quando ela tentou se transformar, confiando contra tudo para viver.

Mas não foi o chão duro que interrompeu sua queda. Garras cortantes se enrolaram ao redor de seu corpo, quentes escamas que se sentiam como vivas correntes de armadura apertadas contra seu rosto e, de repente, ela não estava caindo, mas voando para cima. Nos braços de um dragão.

Isso foi o último que sua mente atormentada podia aguentar. Ciara deu boas-vindas ao negro esquecimento à medida que veio.



Capítulo 2



A asa do dragão da noite espalha-se sobre a Terra.
—SHAKESPEARE

O corpo da mulher ficou mole em seus braços e Eirik soube que ela desmaiou.

Fúria abastecida por uma preocupação inexplicável, e ter que se transformar em seu dragão onde outros Sinclairs poderiam estar assistindo, o encheu enquanto Eirik voava de volta para seu povo.

Ao menos era de noite, mas a lua estava quase cheia e os olhos penetrantes dos Sinclair não poderiam evitar notar um dragão sulcando os céus sobre suas terras. O que a fêmea sanguinária estava pensando ao escalar a torre, em vez de ficar segura dentro dela?

O que ela estava fazendo fora tão tarde da noite? Ele podia cheirar seu lobo, então ele sabia que ela era Chrechte. Acreditava que isso a protegeria dos perigos que espreitavam na escuridão?

Apesar de sua raiva, ele foi cuidadoso quando a deitou na grama para recuperar seus sentidos. Ele estava vestido e colocando sua espada no lugar quando seus olhos tremularam.

Olhos de cor esmeralda olharam para ele com confusão.

—Você é dragão.

Ele não negou.

—É você. — Ela tentou se levantar, mas caiu para trás fraca. —Você é o dragão.

—E você é desajeitada para uma Faol.

Ela sacudiu sua cabeça, mas ele não achou que foi em negação. Sombras escuras arruinavam a pálida pele perfeita debaixo dos olhos em um rosto oval, tão adorável que quase machucava olhar para ela. Suas clavículas eram delineadas por aquela mesma pele pálida, como se ela não tivesse comido o suficiente. E suas mãos tremiam.

Talorc não esteve cuidando de seu povo?

Eirik não podia acreditar nisto do arrogante, mas honrado laird Chrechte.

Os tremores podiam simplesmente ser por medo, entretanto. Ele podia cheirá-lo nela, um fedor azedo que não coincidia com sua beleza ou espírito Chrechte.

—Meu... eu...

—O que você estava fazendo em cima da torre?

—Esperando por você.

Ele deu a ela um olhar que duvidava de suas palavras. Ela mal da cabeça, então? Ele pôde sentir o calor de seu rubor, antes de sua pele de alabastro ficar rosa.

—Quero dizer por todos vocês. Eu queria ver os novos Chrechte que se juntariam a nosso clã.

—Você é uma Sinclair. — Claro que ela era. Ela usava o plaid deles, embora seu vestido estivesse um pouco diferente.

Sua saia era o tartan pregueado dos Sinclair, mas ela usava um corpete preto atado acima de sua blusa branca, um xale tartan alfinetado a seus ombros.

Eram demasiadas camadas para um lobo vestir para mudar facilmente. Os Sinclair não ensinavam a seus Chrechte a importância da velocidade quando fizessem isso? Podia fazer a diferença entre a vida e a morte.

Não tivesse Eirik podido mudar quase imediatamente somente momentos antes, aquela morte teria sido a dela.

—Eu era uma Donegal.

Então, ela se casou no clã. Por que este conhecimento devesse fazer seu dragão querer atirar fogo, Eirik não sabia.

—E agora você é uma tola Sinclair que não sabe mais do que manter sua vigília de curiosidade no topo de uma torre. Você não é nenhum pássaro para se salvar com uma transformação.

Ela franziu a testa, claramente afrontada por suas palavras diretas. Muito ruim. Alguém devia ter falado com ela sobre tal coisa antes.

—Seu marido falhou em seu dever de proteger você. — E Eirik falaria com o idiota assim que ele o encontrasse.

—Eu não tenho marido.

—Então como você veio a ser uma Sinclair quando era uma Donegal? — Somente seu primo mais jovem ousaria interromper a conversa de Eirik com a loba Sinclair.

Ciara girou sua cabeça para que pudesse ver Fidaich.

—Vim viver com os Sinclairs depois que seu príncipe matou meu irmão e mãe.

Baixas exclamações e suspiros soaram dos outros, indicando que eles ouviram a acusação da mulher.

Fidaich agarrou seu braço e a sacudiu.

—Retire isto. Meu primo não é nenhum assassino como os Faol.

O dragão de Eirik rosnou.

—Nem todos os lobos são assassinos — a mãe do menino repreendeu, aparentemente inconsciente do precário temperamento do dragão.

Mas tanto a mulher Sinclair quanto Fidaich ignoraram a tia de Eirik para olharem um ao outro.

—Solte-a — Eirik ordenou em uma voz que nenhum nunca fora tolo o suficiente para ignorar.

Fidaich a soltou, mas olhou fixamente Eirik com frustração.

—Ela não pode ter permissão para fazer tais falsas acusações contra você.

—Elas não são falsas. — A voz da mulher estava atada com certeza absoluta, mas pior — com dor.

Eirik não gostou disto.

Fidaich não gostou, também.

—Elas são.

—Não.



Eirik rolou seus olhos.

—*Fidaich*.

Só uma palavra, mas seu primo retrocedeu. Eirik encontrou o olhar agora acusador da mulher. Seu medo não diminuiu, mas agora estava amarrado com raiva e dor.

—Explique.

—Você matou meu irmão com seu fogo e minha mãe tirou sua própria vida por causa disso. Então, você assassinou a ambos.

Seu dragão somente matou dois homens deste modo. Um fora o irmão desta mulher. Mas como ela sabia?

—Não foi assassinato, ele estava me protegendo e a Canaul. — Fidaich rosnou, claramente incapaz de manter-se bem fora disto.

A mulher começou.

—Você era um dos meninos que Luag queria machucar?

—Seu irmão era este Luag? — Eirik perguntou antes de Fidaich poder responder.

O asco total que veio sobre as feições da mulher, negou as palavras de Eirik antes de ela dizer um veemente:

— Nay.

—O outro?

—Seu nome era Galen. Ele era um bom irmão.

—Mas não um bom Chrechte.

Vergonha baixou seus olhos do dele e fez seu dragão querer espirrar com o odor picante disso.

—Ele foi enganado por aquele que ele achou que era amigo.

—Ele teria permitido seu amigo assassinar uma criança.

—Então, você o matou.

—Eu não sabia que ele era nada menos uma ameaça do que o homem com um punho levantado para meu primo.

—Ele era.

—Eu não podia arriscar. — Não que ele mesmo considerou o assunto.

—Você os queimou até as cinzas.

—Aye.

—Deixei os restos de Luag na floresta para os animais. — Ela o disse como se admitindo algo que ninguém mais sabia.

Até onde Eirik estava preocupado, ela fez exatamente certo.

—Não foi menos do que o aspirante a assassino de crianças merecia.

Ela assentiu e ele a ajudou a se levantar, incapaz de deixá-la sentada tão sem defesa na grama. Simplesmente não parecia certo.

—Você me viu.

—Sim. — Ela se afastou dele assim que estava em pé.

—Como?

Ela balançou um pouco, mas pareceu aguentar somente por força de vontade.

—Importa?

—Importa se você estivesse em uma posição para proteger os meninos e escolhesse não fazê-lo. — Ele sabia quem nem todos Faol eram ruins, mas pensar que esta mulher carecia de honra deste modo, fez algo no intestino de Eirik se torcer debilmente.

—Eu ia intervir, mas você chegou lá muito depressa.

—Quase não rápido o suficiente para parar Luag de matar meu primo com um único golpe.

—Eu estava preparada para atacá-lo como um lobo.

—Você hesitou muito tempo. Se eu não os tivesse visto, você podia não ter alcançado Fidaich a tempo. — Eirik não fez nenhum esforço para suavizar a censura em seu tom.

Esta mulher o acusava de não somente matar seu irmão, mas sua mãe também, por suas ações ao proteger Fidaich e Canaul. Ele não daria nenhum quarto nas circunstâncias da morte do seu irmão. Chrechte não faziam mal a crianças.

E nenhum devia assistir enquanto um tentava fazer.

—O único que matou naquele dia foi você.

—Você teria preferido que eu deixasse meu primo para as clemências inexistentes de seu Luag?

—Ele não era meu.

Mas Eirik não estava escutando, nem se importava por quanta repulsão ela mostrava em cada menção ao nome de Luag. Ele ouviu o suficiente desta loba que o acusava de assassinato, quando ela assistia enquanto Éan crianças eram ameaçadas.

Ele recuperou sua montaria e cutucou seu cavalo para se mover. A loba Sinclair podia caminhar. A ponte na fortaleza estava bastante perto.

Não obstante, Eirik não ficou surpreso por ouvir Lais oferecer à mulher uma carona em um dos cavalos extras. Como o curandeiro de seu povo, o homem águia era o único com a autoridade para fazê-lo sem Eirik assim mandar.

Lais deve ter visto quão fraca a mulher estava, o jeito que ela balançava em seus pés, e escolhido mostrar mais piedade que o irmão da mulher teve pelas duas crianças Éan pegos brincando na floresta.

As calmas palavras de aceitação e gratidão alcançaram as orelhas de Eirik antes de ele instigar seu cavalo para um galope.

Ignorando os olhares de censura que ele recebeu dos outros, Lais ajudou Ciara a subir nas costas da montaria extra de Eirik. Era o único cavalo bem treinado o suficiente, que ele não tinha nenhuma preocupação sobre descarregar a mulher obviamente trêmula no chão.

—Sou Lais. Não sei se você se lembra de mim, mas uma vez fui um Donegal também, Ciara.

—Você sabe meu nome. — Ciara procurou em suas feições até que seus verdes olhos cintilaram com reconhecimento. —Você está aqui com os Éan? Mas você era um amigo de Rowland. De Wirp.

—Eu nunca fui amigo deles. — Entretanto, ele fora enganado a acreditar assim uma vez.

Ela ponderou aquilo por um momento e então assentiu sempre muito levemente.

—Como meu irmão, você foi enganado.



—Aye. —O qual era o porquê, de todos os Éan, seria provavelmente o único quem entenderia a defesa de Ciara por um homem que não tinha feito nada enquanto dois meninos Chrechte eram ameaçados.

Também era um dos poucos Chrechte, possivelmente o único além de Eirik, que conhecia o custo que tinha tomado à alma d4 Eirik esse dia no bosque. E quanto tinha incomodado ao príncipe as acusações de Ciara.

—Você se lembra de meu irmão? — Ciara suavemente perguntou.

—Eu não o conheci bem. Ele passou a maior parte de seu tempo com Luag, algum com Wirp.

—Sim.

—Ele teria te acasalado com Luag. — E uma maldição envergonha teria sido. Luag fora um sádico, um homem sem honra que não merecia o lobo que compartilhava sua alma.

—Você não pode saber disto. — Mas o tom de Ciara disse que ela sabia a verdade, da mesma maneira que Lais fazia. O cheiro de pesar e tristeza saindo dela, contava sua própria história.

Desejando que ele não a lembrasse de que seu irmão era outro fraco, Lais disse:

— Você nunca contou a ninguém sobre o dragão.

—Não.

—Como você explicou o desaparecimento de seu irmão e Luag?

—Contei a todo mundo que Luag levou Galen para o caminho do perigo e causou ambas as mortes. Era a verdade e os Chrechte de nosso clã podiam cheirar. Eu mascarei a decepção em meu odor quando disse a eles que construí minhas próprias piras e os queimei como é correto e sincero.

—Você pode fazer isto?

—Sim.

—Isto é inédito.

—Outros em minha família tinham dons semelhantes.

Ele não duvidou, mas não podia evitar em estar contente que o irmão dela estivesse morto. Um lobo que odiava os Éan, mas tinha a habilidade de mascarar uma mentira? Ele podia ter causado estragos de um jeito que nem Rowland poderia ter competido.

—Seu príncipe matou meu irmão.

—Mas ele não o assassinou.

Ela não respondeu, mas sua falta de argumento disse tudo.

—Como você sabe que ele é nosso príncipe?

—Como ele poderia ser qualquer outra coisa? — Ciara perguntou em um tom que dizia que ela duvidava de sua inteligência, mas ele não devia duvidar da dela.

Lais riu.

—Você é uma coisinha arrogante, não é?

—Não quero ser.

—Com olhos tão verdes quanto o seu, eu sempre suspeitei que você e sua mãe eram descendente diretas da realeza Faol.

—MacAlpin matou toda a realeza de nossa linhagem.

—Somente aqueles contados por matriarcado.

—Não importa; os Sinclair reconhecem o rei da Escócia. Ser da realeza entre os Faol pode não ter nenhum significado.

Depois de ver o que a família real dos Éan fizeram a seu povo, Lais não estava certo de que concordava. Além disso, o Rei da Escócia tinha menos influência nas Highlands do que com os clãs da Lowland.

—O laird Sinclair somente se submete ao Rei David quando quer.

—Ele é um laird das Highland e Chrechte também. — Ciara deu a Lais um quase sorriso. — Como poderia ser de algum outro modo?

Ele riu.

—Não poderia.

—E seu príncipe? Ele pretende se submeter ao Laird Talorc? — Agora havia muita preocupação real tingindo seu tom.

—Como líder de clã, sim.

—Como líder de bando?

—Somente lobos pertencem a bandos. Os pássaros são ninhadas e a nossa não conhece nenhum limite de clã.

—Isso não será fácil.

—Eirik está ciente. — Anya-Gra não deixou o príncipe se esquecer disto, verbalizando suas inquietações desde que os Éan deixaram a floresta, cada um dos três grupos tomando uma direção diferente.

—Por que você não o chama de príncipe?

—Porque sou amigo dele.

Ciara recuou.

Lais suspirou.

—Eirik não é nenhum assassino.

—Esta é sua opinião.

—Será a sua também, quando você estiver pensando claramente.

—Obrigado por me contar meus pensamentos íntimos.

—Entendo que quer acreditar que estes de quem você gosta são boas pessoas... e tendo que aceitar quando você perceber que eles não eram.

—Meu irmão *era* uma boa pessoa. Ele foi enganado.

—Você gosta da sua vida entre os Sinclairs? — ele perguntou, recusando-se a continuar tal discussão.

Ela bem poderia estar certa. Ele sabia o que era ser enganado. Seu irmão teria trocado seu pensamento se exposto à verdade? Não havia nenhuma resposta para este dilema na violência do passado.

—Laird Talorc e Abigail têm sido muito amáveis comigo.

—Você vive com o laird? — Lais perguntou com surpresa e humor que ele não fez nenhuma tentativa de mascarar.



Eirik concordou em fazer sua casa no forte, até que os Éan estivessem acomodados entre o clã.

—Tenho um quarto próximo a seus filhos.

Esse era um jeito interessante de colocar. Ela podia ter dito que era parte da família, ou tratada como família, mas ela evitou fazê-lo.

Provavelmente fazia de Lais um mau amigo, mas ele não podia evitar esperar ansiosamente os tempos que viriam com Eirik e Ciara sob o mesmo teto.

Havia algo lá. Lais nunca viu Eirik se transformar tão rápido e nem uma vez em um dragão na frente de seu povo.

Eirik mantinha o dragão privado e Lais achava que ele era, provavelmente, o único Éan que entendia o porquê.

Todos os outros especulavam que teve algo a ver com o poder ou o orgulho do dragão, mas Lais sabia que Eirik temia seu dragão, tanto quanto ele o abraçava. Queimar outro Chrechte até as cinzas não era um evento fácil de carregar na consciência de ninguém.

—Eirik matou seu irmão pela proteção de um jovem de nossa raça, mas ele salvou sua vida esta noite. Você deixará que isto passe despercebido pela sua amargura?

Ciara se sacudiu tanto que ela quase caiu do cavalo, mas balançou sua cabeça.

—Não. Eu direi a ele sobre a minha apreciação. — Um momento de silêncio passou. —Eu não sou amarga.

—Bom. — Ele pensou sobre o que tinha que dizer em seguida. —Você pode mostrar a sua genuína apreciação e continuar a manter o segredo do dragão de Eirik.

—Laird Talorc não sabe que ele é um dragão? — Ciara perguntou, ansiedade colorindo sua voz e fazendo seu coração acelerar.

—Aye, ele sabe, mas outros não. É um segredo rigorosamente defendido.

—Por causa de Faol como Wirp e Luag.

—Aye.

—Talvez notícias de tal ser os assustaria.

—Ou tornaria Eirik o maior alvo de todos eles.

—Não trairei o segredo dele.

—Obrigado.

Ela estava muda quando eles entraram na muralha mais baixa, o único do clã lá para recebê-los era o guarda noturno que falou em tom baixo com Eirik, antes de enviar um jovem soldado correndo em direção ao forte.

Todo o povo de Eirik desmontou e juntou seus pertences quando o Sinclair apareceu na colina do forte. Seu cabelo preso como se ele fosse tirado de sua cama e vestisse só uma espada e seu kilt.

Não obstante, ele estava sorrindo.

—Estou contente que você e seu povo finalmente fizeram isto. — Como o amigo que ele era, o Sinclair alcançou e puxou Eirik em um abraço de guerreiro.

Eirik o retornou antes de retroceder.

—Eu não quis te tirar da cama.

—Acontece. — O Sinclair deu um encolher os ombros que Eirik sabia que podia irritar, sem fim, a esposa do homem, Abigail.

—Nós iríamos acampar do lado de fora da muralha. — Eirik deixou um pouco de censura sangrar em sua voz. —Vi a ponte levadiça baixa, então mudei meu plano.

O sorriso que Sinclair deu era presunçoso.

—Tive um pressentimento de que você estaria aqui hoje à noite.

—A segurança de seu povo é mais importante do que um pouco de inconveniência.

Em vez de se ofender com a clara censura de Eirik, Talorc meramente deixou seu sorriso ficar mais largo.

—Vocês são todos de meu povo agora, também. Abigail insistiu que você se sentiria mais *bem-vindo* se a ponte levadiça estivesse abaixada.

—Você permite que a sua senhora dite em assuntos de segurança do clã? — Eirik perguntou sem pequeno choque.

—Você conhece Abigail. — Mas existia algo na voz de Sinclair e então ele olhou sobre o ombro de Eirik.

Eirik girou sua cabeça para ver um grupo de guerreiros entrando na muralha mais baixa enquanto o som da ponte levadiça sendo erguida podia ser ouvido.

—Você tinha um guarda em vigia fora da muralha.

—Claro.

Eirik quase sorriu.

—Parece que sua vida está cheia de mulheres cabeçudas, mas você sabe como lidar com elas, na maioria.

—Mulheres? — Talorc perguntou com uma perplexa carranca que foi escurecendo quando pareceu compreender tudo que Eirik dizia. —*Na maioria?*

Eirik indicou a mulher que Lais tinha se referido como Ciara. O príncipe a ouviu contar a Lais que ela vivia no forte. Ele não perdeu a diversão de seu segundo por aquele fato, também.

O Sinclair berrou.

— O que, no inferno, Ciara está fazendo aqui embaixo, no meio da noite?

A mulher em questão saltou e então mordeu seu lábio antes de dar um pequeno aceno para seu laird. Sinclair não parecia divertido, nem parecia particularmente surpreendido.

Eirik duvidou que o outro homem tomaria o resto das façanhas de sua vigia com a mesma equanimidade.

—Uma melhor pergunta poderia ser: o que ela estava fazendo em cima da torre oeste?

Claramente capaz de ouvi-los, embora ela estivesse vários metros de distância, Ciara olhou para Eirik como se ele traísse seu maior segredo capital. Ele deixou sua própria desaprovação se mostrar no olhar que ele devolveu a ela.

Se ela esperava que ele mantivesse suas ações perigosas longe de seu laird, ela não estava somente iludida sobre seu irmão — a mulher era uma tola.

Os olhos do Sinclair começaram a brilhar com a luz do lobo e o cheiro de sua fúria era tão forte, que Eirik não estava certo de que o alfa do clã não se transformaria ali mesmo. Seu próprio



dragão rugiu por uma chance de sair.

—Ciara estava *lá em cima*? — Talorc perguntou com quietude mortal.

—Até que ela caiu.

Talorc não pediu a Eirik para se repetir. Ele não questionou como Ciara veio a estar na muralha mais baixa agora, em um remendo. Ele simplesmente se virou em direção à torre e berrou o nome de um homem.

Segundos depois, um guarda chegou correndo, ofegante e pálido com medo.

—Sim, laird?

—Minha filha estava no topo da sua torre.

—C-Ciara, laird?

—Tenho alguma outra que eu não conheço?

—N-não, claro que não, Alfa. É só que, eu não... ela não... como ela fez... — Claramente afligido por muitas perguntas e nenhuma resposta que seu laird aceitaria, a voz do guarda diminuiu. —Como ela saiu de lá, senhor? — O infeliz guarda foi tolo o suficiente para fazer sua única oração completa.

—Ela caiu.

Pesar se misturou com medo e o guarda caiu em seus joelhos.

—Sinto tanto, Alfa. — Ele ofereceu seu pescoço por qualquer que fosse que o outro lobo quisesse fazer.

—Ela vive. — O Sinclair sacudiu sua cabeça, sua fúria ainda forte, mas uma resignação sobre ela.

Eirik ergueu uma sobrancelha em questionamento.

O laird suspirou e não foi um som feliz.

—Ela é extremamente perita em mascarar seu cheiro.

—Ela é furtiva.

—Aye. — Talorc soou orgulhoso, apesar de sua raiva.

—Como ela vive? — o guarda perguntou com uma boa quantia de trepidação.

Talorc voltou sua raiva para o guarda ainda ajoelhado.

—Nosso novo membro de clã a salvou. — Seu tom e a maneira implicada deveria não ter sido necessário.

O guarda pareceu inconsciente desse fato, em seu choque. O olhar de temor e respeito que ele deu a Eirik o surpreendeu, mas não tanto como a gratidão fluando da pele do jovem lobo. Ele curvou sua cabeça para Eirik.

—Obrigado.

—Você tem um interesse pessoal na filha do laird?

Os olhos do guarda se arregalaram com medo quando ele deslizou um olhar de lado na direção de seu laird, e então, para o enorme homem loiro que caladamente se juntou a eles justo quando Eirik contava a Sinclair das façanhas de sua filha adotada. Niall, segundo do Talorc, olhou para o guarda com a morte em seus olhos.

O jovem lobo veementemente agitou sua cabeça.

—Não, é só que ela é protegida por muitos de nosso clã.

Niall assentiu quando Sinclair o fez, mas Eirik notou que ambos os homens deram combinados olhares de advertência ao guarda.



Capítulo 3



Sonhando com um amanhã, qual amanhã, será tão distante então quanto é hoje.

—LOPE DE VEGA

O Sinclair dispersou seu guarda com instruções para fazer melhor no futuro ou arriscar a perder sua habilidade de procriar.

A clara aceitação do lobo da ameaça como verdade e medo por causa dela, deixou um fedor azedo no ar depois que ele se foi.

Talorc apertou os antebraços com Eirik.

—Obrigado por salvar minha filha.

—Ela é dovclã agora.

—Aye.

O objeto de sua discussão escolheu aquele momento para vir a eles. Ciara olhou para o homem que chamava a si mesmo de seu pai.

—Laird Talorc, eu sinto muito pela dificuldade que causei.

Eirik estava chocado por notar o Sinclair mascarar sua fúria e seu comportamento ficar gentil.

—Está tudo bem, Ciara. Eu sei que você não quis causar pesar.

—Não quis. Eu pensei que retornaria ao forte e ninguém seria o mais sábio.

Isto deveria aplacar seu laird? Sua convicção que ela poderia sair com isso e assim causar nenhuma preocupação aos outros?

—Eu te vi — Eirik a corrigiu. —Outros poderiam tê-la visto também.

—Não, eles não podiam. — ela discordou em uma voz suave, mas firme, seu tom extremamente seguro.

—Você não pode saber disto.

Ela só encolheu os ombros, o movimento tão parecido com o de seu pai adotivo, que o canto da boca de Eirik se curvou em um quase sorriso. Entretanto, a verdade o atingiu. Ela só podia estar tão certa em uma circunstância.

—Você esteve lá em cima antes. Muitas vezes. E nunca foi pega.

Ela olhou para ele, dessa vez sua expressão não deixava nenhuma dúvida de que ela não esperava que aquela verdade fosse revelada. O olhar ansioso que ela deslizou para Talorc disse muito também.

O laird franziu a testa, alguma de sua fúria vazando para perfumar o ar ao redor deles, quando seu comportamento perdeu um pouco de sua calma paciente. ,

—É verdade?

Ciara mordeu seu lábio, claramente decidindo se dizia ou não a verdade. Quão interessante

que ela até mesmo considerava mentir para o alfa de seu clã, e seu laird. Ela pensava que podia fugir disto? Poderia ela mascarar mais do que seu cheiro?

Finalmente, ela assentiu.

—É pacífico. Quietos.

—*Ciara*. — A exasperação na voz de Talorc estava atada com cansaço. —Vou ter que contar a Abigail. Ela torcerá suas mãos com preocupação. Ela chorará.

O laird o fez soar como se tal eventualidade fosse o pior resultado possível.

Pela expressão de Ciara, ela concordava com aquela avaliação.

—Não, por favor. Você não pode contar a ela. Ela já se preocupa demais.

—Ela ama você.

Ciara sacudiu sua cabeça. E como antes, Eirik pegou a impressão distinta que ela não estava discutindo as palavras do seu laird, mas tentando negar seu choque.

—Por favor, laird.

—Prometa-me que você não fará isto novamente e não direi a ela. Saberei que o problema não está mais lá para ela se preocupar.

Eirik se perguntou como Talorc pretendia afastar qualquer outro de contar a sua esposa e então percebeu que, ele provavelmente não tinha nenhuma intenção de fazê-lo. De fato, ele provavelmente estava contando com alguém deixando as informações escaparem.

—Eu prometo.

—O que você promete? — Eirik perguntou, quando Talorc não pressionou por clarificação.

Novamente, Ciara olhou para ele.

Ele simplesmente encarou de volta, esperando por sua resposta.

O Sinclair deu a Eirik um olhar de respeito e então girou um de expectativa para Ciara.

Ela franziu a testa, entretanto disse:

— Não subir no topo da torre oeste novamente.

Talorc sorriu e assentiu, parecendo contente.

Eirik simplesmente agitou sua cabeça. Era claro que, enquanto Talorc era um homem esperto quando lidando com suas fêmeas cabeçudas, ele não viveu sua vida com uma irmã como Sabrine.

Eirik comandou:

— Prometa que você não irá ao topo das outras torres, também.

—Quem você é para mandar em mim? — Ciara exigiu, sua voz rouca com raiva.

Foi diretamente para sua virilha e ele estava tão malditamente surpreso, que quase respondeu. Ele não era nenhum virgem, mas nunca antes uma fêmea o afetou tão fortemente que podia produzir estimulação some nte ao som da sua voz.

E estar excitado por esta mulher que o chamou de assassino? Era completamente inaceitável.

E ainda assim, ele mal mordeu de volta as palavras proclamando a si mesmo como príncipe de seu povo e merecedor de exigir qualquer coisa que ele quisesse dela, quando Talorc falou.

—Estou certo de que você quis que sua promessa incluísse todas as torres, Ciara, mas nos fará bem a ambos ouvir você dizê-lo. Por causa de Abigail, claro.



Ciara girou seu olhar para seu pai adotivo e seus olhos chamejaram brevemente com surpresa, e então um sorriso cobriu suas feições, pelo que Eirik não podia entender a razão.

—Claro — Ciara murmurou. —Prometo não subir em *nenhuma das torres*.

Niall riu e quando Ciara virou sua carranca para ele, se transformou em uma gargalhada completa.

—Acho que vou gostar de ter Eirik em nosso clã. — o segundo no comando do laird disse.

Ciara não parecia como quem concordasse. Nem um pouco, mas então, isso não era nenhuma surpresa. Era?

Ela o culpava não só pela morte do seu irmão traiçoeiro, mas pelo de sua mãe também.

Ciara moveu sua taça de cerveja inglesa um pouco à esquerda e então de volta ao seu lugar original, ao lado de sua tigela. Uma gentil mão feminina descansou em seu braço e Ciara se acalmou, olhando para cima.

Abigail fez uma careta pensativamente, seus olhos marrons claro escurecidos pela preocupação.

—Você está bem?

—Claro. — Entretanto, Ciara não estava. Ela não esteve desde que o dragão apareceu para se unir ao seu clã.

Não somente ele causava excitações em seu corpo que ela era nova em experimentar, mas ela estava preocupada sobre os planos futuros dele como um membro do clã.

Ele e Laird Talorc pareciam ser grandes amigos, mas Ciara não podia banir seus medos de que Eirik tentaria arrebatar poder sobre o clã de seu laird. Ele era um dragão afinal, muito mais poderoso do que um lobo — mesmo um da superioridade do Laird Talorc.

Na semana desde que seu povo se juntou ao clã, Eirik pareceu interpretar um papel crescentemente importante no funcionamento das coisas. E Laird Talorc, em sua arrogância, não mostrava o mínimo sinal de preocupação por este evento.

Até Guaire consultava Eirik antes de ir ao seu laird quando atribuindo deveres e arrendatários das cabanas para os Éan e os humanos que vieram com eles. Ciara perguntou a Niall sobre isto, mas ele só deu um de seus raros sorrisos e disse a ela para não se preocupar, que tudo era como devia ser. Niall afirmava que a lealdade de seu companheiro sempre estaria primeiramente com os Sinclair.

O que Ciara acreditava, mas não importaria se Laird Talorc morresse em um desafio com um dragão, não é? Então Ciara se preocupava. Embora ela não quisesse. Ela não queria se importar.

—Você está inquieta. — Abigail disse naquela voz suave que parecia carregar somente um tom.

Ciara tinha certeza de que Abigail podia ver sua fala ao ler seus lábios quando ela disse:

— Não estou com muita fome.

—Você nunca está com fome, mas deve comer. — A dura expressão no rosto gentil de Abigail não permitia nenhuma discussão.

Ciara não deu uma. Ela evitou tantas refeições possíveis desde que o dragão se mudou para o forte e começou a dividir sua mesa. Nesta refeição tardia ela foi contrariada, entretanto. Talorc próprio a encontrou no grande hall mais cedo e disse a ela para não comer com as crianças como ela frequentemente fingia.

Ele queria sua presença à mesa na ceia. Depois de sete anos vivendo com sua família como um deles, Ciara dificilmente podia recusar.

—Eu não estou comendo por dois. — ela disse para Abigail, deixando a outra mulher saber que Ciara estava ciente de seu alegre segredo.

Felicidade pura encheu as feições de Abigail.

—Estou grávida? Eu esperei, mas era muito cedo para estar certa.

—Você quer dizer que Talorc não sabe?

Abigail sacudiu sua cabeça.

—Ele não sabia com os meninos, também. Niall descobriu primeiro. Pensei que ele e seu gêmeo, Barr, eram os únicos lobos com um sentido tão forte de cheiro.

—Existe uma mudança muito pequena no cheiro de seu corpo, ainda.

—Então como?

Ciara pensou continuar a esconder seus segredos contra a necessidade de dizer a alguém sobre o *Faolchú Chridhe*. Talvez ela pudesse começar com esta pequena revelação e construir em direção às visões que roubavam seu descanso e exigiam sua ação. —Tive um sonho.

Abigail avaliou Ciara por um longo momento, silencioso, e então perguntou:

— Você sonha com coisas que acontecem?

—Às vezes. — Ela sonhou com a longa morte de sua mãe antes de acontecer, tão longa que ela se fez esquecer, até que entrou no quarto que fedia com sangue derramado. —Os sonhos são diferentes, especiais, e eu acordo sabendo que são reais.

Os olhos de Abigail queimaram com curiosidade.

—O que você sonhou comigo?

—Eu te vi na cadeira perto da grande lareira. Amamentava a um bairn em seus braços enquanto os meninos brincavam sobre o tapete de urso perto da lareira, com as espadas de madeira que Niall esculpiu para eles.

Longe de parecer como se duvidasse das palavras de Ciara, a expressão de Abigail era nada além de excitada esperança.

—O bebê era menino ou menina?

—Menina.

Abigail se estendeu e a abraçou tão apertado, que Ciara gritou.

—Obrigado, filha. Obrigada.

Abigail a soltou e Ciara não pôde evitar. Ela riu. Ser acreditada era presente o suficiente, mas ter seu conhecimento recebido com tal alegria, era fantástico.

As conversações ao redor deles pararam, quietude descendo como um cobertor sobre a mesa principal.

Confusa, Ciara olhou em torno, finalmente encontrando os olhos de Guaire e fazendo uma pergunta com os seus próprios. Talorc disse algo importante e ela perdeu?



Guaire estava sorrindo e ele agitou sua cabeça em muda resposta para sua pergunta não feita.

—Você riu. — ele mexeu sua boca para ela.

Franzindo o cenho em confusão, ela olhou para Laird Talorc, mas ele estava ocupado beijando sua companheira. O olhar de Ciara trocou além do par feliz só para se prender no feroz olhar âmbar do dragão. Diferentemente do resto do salão, sua atenção não mudou para o laird e sua senhora.

Estava firmemente fixado em Ciara. Ele não disse nada, mas seus olhos queimavam com uma mensagem que achou uma resposta bem no fundo dela. Desejo, quente e brilhante, queimou por seu corpo.

E ela não tinha nenhuma ideia do que fazer sobre isto.

—O que você disse a ela? — Niall perguntou.

Forçando-se a desviar o olhar de Eirik, Ciara sacudiu sua cabeça. Não era seu segredo para compartilhar, entretanto, ela estava certa de que uma vez que eles parassem de se beijar, Laird Talorc faria isso.

O rosto de Niall mostrou uma compreensão súbita.

—A nossa senhora está grávida novamente.

Ciara só assentiu levemente.

—Como você soube? — Eirik perguntou, sua voz chamando seu olhar de volta para ele e seus olhos prendendo uma vez mais.

—Pelo cheiro. — Niall respondeu por ela.

Mas o dragão agitou sua cabeça.

—Não. Você acabou de perceber a verdade. Se Ciara compartilhasse este dom Chrechte de vocês, você já teria sabido por agora.

Ciara quase riu novamente, a suposição de que seu novo clã teria aprendido todos os seus segredos até agora, morbidamente engraçado para ela. Eirik conhecia mais os seus segredos porque ele dividia um deles.

—Ela passa mais tempo com nossa senhora. — Guaire discutiu ao lado de Niall.

Mas a expressão de Eirik disse que ele não aceitou o argumento.

—É algo mais.

Ciara recusou responder a pergunta implicada.

—Se vocês não sabiam as notícias, por que todo mundo ficou calado? — ela perguntou, ao invés.

—Você riu. — Guaire repetiu.

—Então?

—Você nunca ri.

—Não a menos que você esteja entretendo as crianças e aí é bastante raro. — Niall adicionou.

Calor encheu as bochechas de Ciara.

—Eu rio.

Mas ela não ria. Ela sabia. O riso vinha da alegria e alegria vinha de se permitir sentir.

—Minha esposa grávida é razão suficiente para rir. — Laird Talorc disse, profunda satisfação atando sua voz.

—Realmente é. — Eirik reconheceu com um ilegível olhar para Ciara, antes de girar para bater nas costas de seu laird em congratulações.

Dentro de momentos, a simples refeição se transformou em uma celebração. Um dos soldados pegou uma flauta e começou a tocar. Outro se juntou com uma flauta-de-bexiga¹ e outro com um tambor. O riso ruidoso encheu o hall quando alguns saltaram para cima de suas mesas para tomar parte em uma dança espontânea.

Eirik e três de seus Éan se uniram aos outros soldados e começaram a dançar um espetáculo de guerreiros diferente de qualquer coisa que ela já vira antes. Era uma dança, mas também uma luta simulada, afiadas adagas cujas lâminas poderiam partir em dois o cabelo de um bebê foram jogadas, lançadas e agarradas com total precisão. Ciara não pôde menos que aplaudir junto com o resto do clã.

O som do couro endurecido das botas dos soldados Éan ao sapatear sobre o piso de madeira se misturou com a música, os movimentos sincronizados de seus pés ampliaram a assombrosa complexidade da dança guerreira.

Ciara nunca vira algo semelhante e estava certa que nenhum dos outros Sinclairs vira, também.

O riso sem tom de Abigail se juntou aos outros e Ciara sorriu, um sentimento pouco conhecido acomodando-se em sua barriga.

Ela estava feliz.

Incapaz de se lembrar da última vez que sentiu esta despreocupação, o terror a encheu. Como o amor, a felicidade vinha a um custo e em sua vida este custo sempre fora dor.

Apavorada por perceber quão perto ela se permitiu desenvolver pelos Sinclairs, Ciara saltou para seus pés, pretendendo fugir. Aqueles ao redor dela entenderam mal e pensaram que ela queria se juntar à dança, os homens se moveram na formação de uma jiga².

Ciara olhou selvagememente ao seu redor, mas ao ver a terrível alegria nos rostos de sua família adotiva, soube que não poderia partir. Ela se deixou ser puxada sobre o chão e dançou pela primeira vez desde a morte de sua mãe.

Foi outra hora antes dela poder escapar despercebida do grande hall pelos outros farristas. Esgueirando-se para fora da construção de pedra, Ciara se apressou para o jardim de Abigail.

¹ **Bladder Pipe:** É um raro instrumento de música que remonta à época medieval. O aspecto mais curioso é que faz parte do instrumento uma bexiga animal que, soprada através de uma fina peça bucal, funciona como um reservatório de ar para a flauta.



² **Jig,** no original, é uma das várias danças antigas composta de rústicos chutes e saltos. Possui um tempo triplo.



Ela parou diante do caminho de alecrim que ela e a esposa do laird plantaram não muito depois que Ciara chegou ao forte Sinclair. Abigail lhe disse que era para recordação, de forma que as memórias de Ciara de sua mãe pudessem ser associadas com uma erva fragrante, em vez de sangue e morte.

Ciara fora muito educada para dizer à mulher gentil que costumava ser inglesa, que ela estava louca se pensava que funcionaria, mas ao longo dos anos... este caminho de alecrim *tinha* ajudado.

—Nós não tínhamos nenhum jardim como este na floresta. Não era seguro fazer isso.

Ciara saltou e girou no som da voz de Eirik.

—Não ouvi você chegar.

Luar brilhou dos longos cabelos negros que difundiam com carmesim quando o sol brilhava, enquanto seus olhos âmbar ardiam com aquele olhar que a fazia se sentir fraca nos joelhos. Outros cabelos de corvos refletiam azuis; devia ser seu dragão que fez o do Eirik diferente. Ciara pensou que era bonito, não que ela fosse dizer tal coisa ao príncipe.

—Todos Éan são treinados a viajar na floresta como um fantasma, sem cheiro ou som. — Que ele, como seu príncipe, seria melhor nisso do que qualquer outro ficou sem dizer, embora seu tom implicasse que ela devia perceber esta verdade.

—Porque os Faol caçaram seu povo. — Ela odiava aquele conhecimento, mas quase não tanto como a prova que apontava para seu irmão sendo um daqueles lobos desencaminhados.

—Somente alguns dos lobos nos quiseram mortos. — ele disse como se lesse sua mente. — Estes poucos são suficientes para ser um risco para todo o meu povo, entretanto.

—Os alfas de clãs têm trabalhado para cortar esta malignidade de seus clãs.

—Aye, entretanto, como você está ciente disto, me obriga a te pedir uma explicação.

—Vivo no forte. Eu ouço coisas.

—O Sinclair deve confiar em você apesar do passado de seu irmão.

—Ele não sabe disto.

—Você nem sequer disse a ele a verdade sobre o que viu na floresta?

—Lais disse que Laird Talorc já sabe de seu dragão.

—Ele sabe. Seu antigo segundo-no-comando testemunhou minha primeira transformação.

—Como?

—Ele era casado com minha irmã e assistiu minha cerimônia de maioridade.

Esta não era a história completa, ela tinha certeza, mas Ciara não esperava que Eirik dividisse confidências com ela. Ela era irmã daquele que se provou inimigo.

—Você sabia que era um dragão? — Havia mais entre os Éan?

Talvez, tão desencaminhado quanto seu irmão e seus amigos eram, eles tiveram razão para estarem preocupados sobre o poder dos Éan. Entretanto, tais preocupações ainda não justificavam caçar outros Chrechte e matá-los como animais na floresta.

—Até que pela primeira vez eu me transformei em um dragão sete anos atrás, os Éan acreditavam que o dragão fosse mito.

—Quando você matou meu irm... quando você salvou seu primo? — ela emendou, um

sentimento doentio enviando calafrios sobre ela e então sacudiu sua cabeça. Não, ele disse que descobriu seu dragão em sua cerimônia de maioridade.

Eirik olhou esquisitamente para ela.

—Não importa. Minha mente está confusa. Estou cansada. — Bastante cansada, mas sono a iludiu noite após a noite.

Ele se virou, olhando em direção à lua quase cheia que a puxava em direção à Mudança.

—Essa *foi* a primeira vez que eu matei como um dragão.

—Você não sabia o que seu fogo faria. — Ela não sabia como estava tão certa, mas estava.

—Eu tinha uma ideia. — Seu tom zombava dela.

—Sim, mas você ainda não tinha aprendido a controlar. — ela supôs.

—Lanço fogo somente quando quero. — ele disse, afrontado.

Guerreiros. Eles podiam ser tão sensíveis.

—Sem dúvida, mas você teve que aprender como lançar menos e mais dependendo do que era necessário para a defesa de seu povo.

Ele voltou a enfrentá-la novamente, uma expressão estranha nos olhos de seu dragão.

—Você acha que o fogo é tão facilmente manipulado, que um mero homem poderia lançar só um pouco se ele quisesse?

—Não, mas um homem que também é um dragão? Sim. — Chrechte tinham aprendido a controlar outros dons, por que não fogo?

—Você não sabe de nada.

—Ou você não sabe tanto quanto acha. — Ele poderia ser príncipe de seu povo, mas ele era somente oito anos mais velho que seus dezenove anos. Ela ouviu Niall dizer assim para Guaire.

—Sou o dragão. Eu sei.

—Você controlou seu fogo o suficiente para não colocar a floresta em chamas. — ela assinalou.

Ele não respondeu e ela se perguntou se ele até estaria ciente de mostrar tal preciso controle no momento.

—Posso ser meramente um lobo, mas tive que aprender a mascarar meu cheiro, controlar meu desejo de mudar, caçar e abafar meu desejo de matar quando o lobo governa minha forma. Levou muita prática para capturar a presa e não matá-la. — E ela estava começando a suspeitar que não importasse quão bem treinava um guerreiro e corvo, o dragão de Eirik ainda era selvagem.

—Por que você praticaria tal coisa?

—Porque um lobo deve saber o poder de sua mandíbula e presas se ela for estar segura perto de filhotes. — Talvez os corvos não entendessem isto, não sendo aves de rapina, mas seguramente as águias entre eles tinham que treinar para tal controle.

—As crianças dos Éan estão seguras comigo.

—Você não lança fogo ao redor delas, mas e se fizesse? Você poderia impedi-las de serem machucadas?

—Eu não machuquei Fidaich ou Canaul naquele dia, não é?

—Não. O único que machucou uma criança foi Luag. — Como ela odiava dizer o nome do



homem sujo, mesmo que ele estivesse morto.

—Se seu irmão te deu a ele em casamento, este Luag teria te machucado, também.

Pela pedra sagrada. E eles acusavam as mulheres de fofocar. Os guerreiros eram piores do que avós para dividirem os assuntos de todo mundo.

—Você tem falado com Lais.

—Ele se lembra de você e de seu irmão. Ele disse que Galen mudou depois que seu pai morreu, entretanto, ele pensou que seu pai poderia ter compartilhado as convicções de Rowland e Wirp.

—Ele fez.

Memórias de seu pai não eram reconfortantes, levando em conta a morte de seu irmão e como aconteceu.

E Galen *quis* dá-la para Luag. Ela soube quando uma menina assustada e não podia apagar aquele conhecimento agora, não importa quanto pudesse desejar. Ela lembrava a si que sua família adotiva parecia contente por ela permanecer sem casar, nunca a pressionando para tomar um companheiro. Ainda assim, uma membrana de suor apareceu inesperadamente entre seus seios e abaixo de suas costas quando os velhos medos a assaltaram.

Recusando-se a ceder a eles, Ciara se moveu para as roseiras, a parte do jardim favorita de Abigail. Ciara inalou profundamente de sua fragrância para se tranquilizar, para lembrar a si que o passado era só isto. Feito e acabado.

—Sinto muito.

Não havia nenhuma decepção no cheiro de Eirik. A única coisa era, ela não sabia o que o dragão lamentava... a mudança de seu irmão ou a sua morte.

—Eu também. — Ciara disse, querendo dizer ambas.

Eirik se moveu para mais perto, seu grande corpo vindo entre ela e as roseiras.

—Você deixou a festa cedo.

—Você também. — Ciara se achou não só incapaz de recuar, mas de lutar contra um desejo quase incontrolável de se aproximar mais.

—Eu segui você.

—Por quê? — Mas ela sabia.

Seu picante perfume Chrechte e estimulação eclipsaram até mesmo o forte aroma das rosas. Seus olhos queimaram com um desejo diferente de qualquer coisa que já fora dirigido para ela.

—Você sabe por que.

—Não.

—Sim. — Suas grandes mãos seguraram o rosto dela. —Existe algo sobre você, Ciara dos Sinclairs. Algo que não posso negar.

—Não sou nada especial. — Só uma concha de uma mulher lobo, seu coração estava morto em seu interior.

—Não concordo.

—Embora eu não protegesse seu primo e seu amigo?

—Você pretendia.

—Mas você disse...

—Você era pouco mais que uma criança. Foram sete anos atrás, mas às vezes eu esqueço.

—Eu também.

—Deixe-me te ajudar a esquecer de tudo, por pouco tempo.

Ela nunca acreditou que alguém pudesse ajudá-la, mas este dragão Chrechte?

Ele podia fazê-la se esquecer de como se transformar em um lobo.

—*Sim.*



Capítulo 4



Não ensine a teu lábio como desprezar, pois foi feito para beijar, senhora, não para tal desprezo.

—SHAKESPEARE

Eirik sorriu, seus dentes brancos brilhando ao luar.

Aquele sorriso fez as coxas de Ciara se apertarem de um modo que ela não entendeu, sua barriga parecia oca. Ela ergueu suas mãos para apertar contra ele quando elas seguraram seu rosto.

Só aquele pequeno toque foi através dela com o poder de um relâmpago. E finalmente ela entendeu como a árvore quebrada podia continuar a viver depois do seu combate com o raio. Ela almejava aquele toque novamente, então tinha que continuar.

Os polegares dele alisaram suas bochechas.

—Você é bonita.

—Obrigada. — ela sussurrou, não sabendo o que mais dizer.

—Você vai ter um gosto tão bom.

—Vou? — Ele iria saboreá-la? É assim como os beijos entre homens e mulheres funcionavam?

Lembrando alguns dos beijos que ela testemunhou entre o laird e Abigail, Ciara pensou que talvez fosse.

—Aye. — ele disse em um tom que fez seu interior um turbilhão com lava derretida quando ele abaixou sua cabeça, e então sua boca cobriu a dela.

Lábios gentis, mas poderosos, tinham gosto de hidromel e outra coisa mais que só podia ser seu dragão. Mais potente que *usquebagh*, uísque que só os guerreiros deveriam beber, o beijo alagou cada um dos sentidos de Ciara.

Ela só podia saborear Eirik. Nenhum outro cheiro alcançava seu sensível nariz. Ele abafou até os pungentes aromas do jardim. O ar ao redor dela estava cheia com seu calor, apesar do frio da noite. Sua pele almejava mais contato que o beijo e ainda que fosse suficiente deixá-la mais tonta que sua falta de sono ou comer podia fazer. Ela só podia ouvir suas respirações severas, sua forte batida do coração do dragão que aumentava de acordo com cada segundo de beijo.

Querendo mais do néctar de seus lábios, o lobo de Ciara ganiu para ela abrir sua boca. Seus instintos a dirigindo, ela abriu e o dragão tomou vantagem imediata. Deslizando sua língua dentro, ele deu a ela o que desejava enquanto a desafiava a fazer o mesmo.

Ela estava impotente para negá-lo, saborear, ser saboreada, beijar tão profundamente; a intimidade disso a subjugou.

Ela nunca estivera tão fisicamente conectada a outra pessoa. Sua estimulação a empurrava, exigindo reconhecimento de que seu corpo estava impotente para negar.

Seus mamilos endureceram quase dolorosamente, seu próprio cheiro revelando mudanças nela que nenhum homem humano descobriria. Mas o grunhido de Eirik contra seus lábios lhe disse que ele sabia... e gostava.

Movendo suas mãos do rosto dela até seus quadris, puxou sua carne para ele, assim ela sentiu a rigidez que provava sua própria necessidade. Ele a queria. Ela o queria. Era incrível, este desejo entre eles.

Ele era maravilhoso. Tão grande... tão forte. Muito mais forte que um lobo. Isso deveria tê-la assustado; ela viu o que o dragão podia fazer, mas tudo que ela sentiu era desejo turbulento. Suas mãos deslizaram abaixo seu musculoso tórax liso, mas rígido.

Ele vestiu uma camisa para o jantar, mas a tirou quando ele e os outros guerreiros estavam dançando. Sua pele era tão quente, mas se encontrou almejando aquele calor. Ela explorou cada mergulho e ondulação de músculo, suas mãos incapazes de ficarem quietas uma vez que elas começaram.

Ele devorou sua boca, o predador nele exigindo uma submissão que seus lábios estavam unicamente muito felizes de dar.

O beijo continuou e continuou, até que ela sentiu como se fosse cair se ele não a sustentasse. O prazer estava além de qualquer coisa que ela conhecia. Nunca, em toda sua vida, se sentira tão próxima de seu lobo, tão intimamente conectada com outro e tão viva.

Foi o último pensamento que a teve se separando dos braços dele e ofegando por ar para acalmar o calor de seu corpo.

Não. Ela não podia fazer isto. Ela não podia arriscar estes sentimentos.

—O que está errado? — Ele olhou em volta, seu corpo tenso por confrontação. —Não há ninguém perto. Eu saberia.

Se somente fosse tão simples. Ela estaria muito melhor temendo a outro em vez de si.

—Não posso fazer isto.

—Isto?

—Você sabe.

—Era só um beijo.

—Isto... — Ela oscilou sua mão selvagemmente, como se apontando para o que eles acabaram de fazer. —*Isto não foi só nada.*

—Estou contente que você pense assim. — Soando extremamente satisfeito, ele veio para ela.

Mas dessa vez, ela mostrou a sua inteligência e recuou. Quando ele não parou, ela pôs sua mão para cima, repelindo-o.

—Não. Por favor.

—Qual o problema, Ciara?

—Não quero um companheiro.

—Eu não estava oferecendo te reivindicar.

Aquilo a parou.



—O sexo constitui uma reivindicação.

—Nós não estávamos fazendo sexo, estávamos nos beijando. — E seu cheiro lhe disse que ele queria continuar a beijar. —Além disso, os Éan não reconhecem esta restrição.

—Talorc é laird deste clã.

—Ele não é senhor acima de meu povo, entretanto.

Ciara sentiu como se estivesse afogando, seu medo pelo o que as palavras dele implicavam era muito grande.

—Você planeja assassinar Talorc como você fez com meu irmão?

Ela não podia acreditar que fraseou seu interesse daquele modo. Não foi sua intenção fazer tal acusação novamente. Não depois de sua conversa com Lais. Certamente, Eirik não estava feliz sobre isto. Toda estimulação no ar desapareceu quando a fúria tão grande era mais do que um cheiro, ela realmente podia saboreá-la no ar, substitui-a.

A carranca de Eirik a condenou de um jeito que ninguém nunca fez, nem mesmo ele quando a acusou de não proteger as crianças Éan. Mas ele não respondeu sua pergunta.

—Por favor. — Ciara puxou as dobras de sua roupa, o coração que deveria ser pedra, se sentindo rasgado aberto em seu tórax. —Ele é o laird correto para este clã. Você não pode tomá-lo dele. Você não pode o levar de nós.

—Talorc é meu amigo. — A voz de Eirik gotejou com desgosto.

—Amigos mataram amigos antes.

—Eu só respondo por causa de seu medo muito óbvio, mas saiba disto, eu não te tolerarei semeando dúvidas entre o clã a respeito. — O gelo em seu tom a arrepiou.

Mas não o suficiente para que ela não pressionasse por respostas.

—Então, me diga que você não quer ser líder do clã.

—Eu não quero.

Depois de vários segundos de silêncio, ela percebeu que ele não iria adicionar nada àquela simples declaração. Mas verdadeiramente, ele não precisava. Sua sinceridade era tão aparente quanto seu desejo fora mais cedo.

—Obrigada. — ela sussurrou.

—Não cometa nenhum engano, mulher, minha lealdade está para Talorc, não a pequena mulher lobo que ele chama de filha, mas que nem tem a decência de chamá-lo pelo nome. Eu não preciso de *seu* obrigado.

Com isto, ele partiu.

Ela pretendeu afastá-lo. Podia admitir aquilo para si mesma. Sua preocupação fora real, mas o modo que ela a expressou foi inflamatório e o dragão pegou fogo e a queimou.

Foi para o melhor. De verdade.

Somente, por que havia dor quando ela estava trabalhando tanto para poupá-la disto?

Um minuto depois, ela estava junto de outros dos Éan e ela sabia que, apesar do desgosto de Eirik por ela, ele estivera pouco disposto a deixar uma mulher só e desprotegida fora, na noite.

Ciara suspirou.

—Oi, Lais.

—Eirik me enviou para que eu ficasse com você até que retornasse ao forte.

Justo como ela pensou, mas por que o conhecimento fez seu coração, aquele órgão estúpido que deveria estar endurecido como pedra, dar uma pontada?

—Eu passei muitas noites aqui fora sozinha.

—Seu laird sabe?

Provavelmente não, então ela absteve-se de responder.

Uma sombra no céu fez Ciara girar sua cabeça. O dragão voou longe do forte, suas escamas escuras mal discerníveis na escuridão. Sua mão se ergueu involuntariamente em uma muda súplica que ela estava impotente de prevenir.

—Ele é extraordinário, não é? — Lais perguntou.

Extraordinário? Sim. Incrível. Inacreditável. E muito, muito assustador, mas ela não estava mais certa de que era meramente porque a enorme criatura podia lançar fogo e terminar a vida de um homem no alcance de uma batida do coração.

—Ele está muito bravo comigo.

Lais bufou.

—Oh, aye.

—É provavelmente para o melhor. — Ela não quis dizê-lo em voz alta.

Qual o problema com ela? Em uma semana, ela perdeu o controle pelo qual lutou tão duro por estes últimos sete anos. Ela não queria estes desesperados sentimentos que Eirik produzia nela. Ela preferiria não sentir nada, porque emoções daquela profundidade eram perigosas... muito, muito perigosas.

Elas a assustavam como até mesmo a besta enfurecida dele não podia fazer.

—Você acha? — Lais perguntou com aparente interesse.

Ela encolheu os ombros.

—Você me lembra do laird quando faz isto.

—Nós não estamos relacionados por sangue.

—Eu sei.

Mas ele a chamava de filha e ela era muito egoísta e assustada para chamá-lo de pai. O tiro de despedida de Eirik perfurou a armadura ao redor de seu coração e Ciara quis gritar com ele por causa disto. Ela deu tanto quanto podia; ela realmente deu, mas ela nunca arriscaria sentir o tipo de dor que esteve tão próximo de destruí-la, sete anos atrás.

Barr sugeriu que ela deixasse seu clã por uma razão. Ciara parou de comer no dia que ela encontrou o cadáver de sua mãe. Ela parou de dormir, também... e mal falava.

Abigail e Laird Talorc persuadiram Ciara para voltar à vida, como fosse. Ela devia tanto a eles, mas não podia dar a eles amor irrestrito. Ela não tinha nada sobrando dentro de seu coração morto.

Ciara não desejava pensar no que significaria para sua sanidade se seu coração não estivesse tão morto quanto ela acreditava.

Estes pensamentos a levaram para lugar nenhum. Em vez de focar em suas próprias negligências ou na relação desigual que tinha com sua família adotiva, Ciara precisava virar sua atenção para qualquer outra coisa.



—Então, o príncipe dragão é seu amigo. — Certo. Discutir Eirik era uma melhoria muito grande acima de pensar sobre ele.

Ela não tinha nenhum controle em nada que saía de sua boca?

—Ele me aceitou quando outros questionaram meus motivos, ajudou a me curar quando eu pensei que nada poderia.

—Com a pedra sagrada dos Éan? — Seu irmão estivera certo? Os Éan ainda tinham posse de sua pedra sagrada?

Lais estremeceu como se surpreendido.

—O que você sabe da *Clach Gealach Gra*?

Então era chamada de a pedra do coração da lua. Tão apto como os lobos nomeando o seu de coração do lobo. E suas palavras certamente não foram uma negação de sua existência.

—Sei somente que cada um dos povos Chrechte uma vez as tiveram. — Ela olhou acima no céu, procurando por um vislumbre do seu dragão. O dragão. Não *dela*. Eirik nunca poderia ser dela.

—As velhas histórias dizem que as pedras podem ser usadas para conectar com Deus e seu emprego na cerimônia de maioridade pode proporcionar dons mais à frente do maravilhoso dom que nos outorgou ao ser capazes de compartilhar nossa natureza com um animal.

—Pensei que todos Faol eram ignorante sobre as pedras sagradas.

O que significava que Barr e Laird Talorc nunca ouviram as velhas histórias falando da pedra sagrada dos lobos, ou se eles ouviram, as histórias foram repudiadas como lenda. Muito como estes dos Éan uma vez foram.

—O que mais as histórias antigas dos Faol dizem? — Lais perguntou, sua curiosidade quase urgente.

—Que quando um membro da família da pedra — a família real — tocá-la, a pedra sagrada pode fazer outras coisas milagrosas como curar.

—Pensei no que aconteceu comigo como um milagre.

—Estou certa de que foi, mas não um milagre que não podia acontecer por outro dos Chrechte dadas às circunstâncias corretas. — Pelo menos isto foi o que Galen disse a ela.

—Os lobos não têm tal pedra.

—Você está tão certo disto.

—Os Faol não desistiriam de tal tesouro se eles a tivessem.

—Nossas antigas cerimônias de maioridade eram violentas, cheias com um aspecto sexual que os membros dos clãs modernos não encontrariam tão fácil para estômago, acho. Talvez nós desistimos da pedra quando desistimos de nossas cerimônias.

—Talvez. Ou talvez MacAlpin roubou a pedra como roubou o trono da Escócia de seus parentes.

Era tão plausível como suposição quanto nenhuma que Galen desenvolveu, Ciara supunha.

— Alguns Faol acreditam que foi roubada pelos Éan e que eles a esconderam, mas esqueceram de aonde ao longo dos séculos.

—Faol como Wirp e Luag, você quer dizer.

Sentindo-se castigada, embora Lais realmente não dissesse nada contra ela, Ciara assentiu.

—Aye, homens assim.

—Mais como nunca houve uma pedra sagrada para os lobos. Qual necessidade tais poderosos troca-formas teriam para dons extras?

O *Faolchú Chridhe* existia, mas ela não iria contar a Lais. Em seguida, ela teria que explicar como sabia, e ela ainda não estava pronta para compartilhar aquele segredo. Quando estivesse, ela estava determinada a fazê-lo com o homem que a chamava de filha.

Seria apenas o correto.

Eirik girou e chutou, conectando solidamente com a coxa do Sinclair.

O laird Chrechte tropeçou, mas não caiu.

—Você ensinará este movimento para nossos soldados.

—Naturalmente.

Eles passavam toda manhã em falso combate um com o outro, antes de treinar os soldados Sinclair (humanos, Faol e Éan) juntos. Eirik descobriu que a abordagem de luta do predador era diferente daquela dos corvos. Ambas eram efetivas, mas juntas eram devastadoras para seu inimigo.

Até mesmo a maioria dos soldados de elite percebia quando eles enfrentavam ou seu laird ou o príncipe Éan em falsa batalha.

—Ciara mudou desde que você chegou. — O punho do Sinclair conectou com o ombro esquerdo de Eirik.

Eirik foi com este, erguendo seu braço direito para bloquear o próximo golpe, mas seus movimentos estavam quase tão deslocados quanto seus pensamentos. Ele fez seu melhor para esconder o efeito temporário que as palavras do laird fizeram nele, com uma sequência de movimentos que terminou com o braço de Eirik em volta da garganta do laird.

—Ter novos membros está sujeito a agitar o clã um pouco.

—Aye. — Talorc quebrou o controle de Eirik com um furtivo movimento próprio. — Mas sangue novo, modos novos, eles podem ser bom para nosso povo.

Eles lutaram em silêncio, quebrado somente pelo som de carne atingindo carne por vários minutos, antes de, finalmente, se separarem e enfrentarem um ao outro em preparação para o próximo turno.

—Você não concordaria? — O Sinclair perguntou.

E Eirik teve que pensar depressa para se lembrar das últimas palavras do laird.

—Sim.

—A mudança de Ciara é particularmente bem-vinda. — Talorc deu a Eirik um olhar que ele não podia ler totalmente.

—Bom. — Mas Eirik não pensava que o laird estaria tão feliz com os eventos da noite anterior.

O beijo que devia não ter acontecido, o desejo sexual que chamejava entre Eirik e Ciara mais quente que o fogo do dragão.



Os dois guerreiros se moveram para mais perto, circulando um ao outro. Eirik estava vigiando por qualquer oportunidade como ele sabia que Talorc estava também.

Finalmente, o Sinclair varreu seu pé com velocidade do lobo para tentar fazer Eirik tropeçar.

—Quando Ciara veio viver conosco, ela mal comia, falava só ocasionalmente e nunca, nunca sorriu.

Eirik não era nenhum lobo, entretanto. Ele nem era puramente corvo. Ele era dragão. Saltando sobre o rápido movimento de pé, ele usou o impulso para ganhar uma pequena distância do outro guerreiro. Suficiente espaço para descarregar um pontapé sólido.

Ele chutou com sua perna direita, enquanto saltando adiante para soltar um golpe de mão aberta contra a cabeça de Talorc.

—Ela parece bem agora.

O Sinclair evitou o pontapé e moveu de forma que o golpe estava resvalando, enquanto trazia seu próprio braço na direção do queixo de Eirik.

—Ela tem pesadelos e mal dorme. Ela parou de comer novamente.

O golpe acertou, atingindo as costas da cabeça de Eirik quando as palavras do homem mais velho se afundaram nela.

—E você afirma que ela está melhor desde minha chegada?

—Sim. Os sonhos e a falta de dormir começaram antes de você chegar; Abigail e eu temíamos que Ciara se tornasse um fantasma entre nós novamente, mas ela não se tornou. — O laird parou de lutar a fim de encontrar os olhos de Eirik. —Desde as mortes de sua família, Ciara manteve suas emoções muito fechadas, houve vezes que ela parecia não sentir nada.

—E ainda assim, você a trata como sua filha.

—O primeiro dia que ela entrou em meu forte e olhei em seus olhos, vi uma dor diferente de tudo que eu já vira antes. Ela a escondeu depois, mas eu nunca esqueci que estava lá. Ela não tem que me chamar de pai para eu saber que sou dela. Um dia, ela perceberá também.

Eirik sentiu remorso por suas palavras na noite anterior, mas a mulher que ele conhecia não estava nada carente de emoção. Ela estava cheia de raiva. Para ele.

Talvez estivesse na hora de contar a Talorc a verdade da morte do irmão de Ciara.

Ciara perdeu seu pacífico santuário no alto das torres, então ela buscou seu próximo lugar de consolo favorito — a floresta. E de consolo ela precisava. Ela fez o seu melhor para permanecer fora do caminho de Eirik, mas suas emoções estavam em mais tumulto do que nunca estiveram. Ocupado vendo seu povo se adaptar, ele parecia como ela, intencionando em evitá-la.

Isso não o impediu de dar um olhar para ela que fez suas coxas apertarem, seus dedos enrolarem e a batida de seu coração desconfortável em seu tórax, sempre que ele a via. Ele alternava entre estes olhares quentes e carrancas que a deixavam saber que ele ainda estava bravo com ela por questionar suas intenções para com o Laird Talorc.

Saber que o dragão estava tão enojado com ela, não fez nenhum bem para dominar seus próprios sentimentos, tampouco. Ciara nunca estivera tão ciente de sua própria feminilidade. Seu

lobo queria sair para uivar, caçar... acasalar.

Agradecidamente, Eirik não era outro lobo para reconhecer os sinais, ou se aproveitar deles. Era tudo que ela podia fazer para manter suas reações escondidas de sua família adotiva.

Não ajudava que Ciara ainda estivesse oscilando em sua decisão de contar a Laird Talorc sobre seus sonhos.

Ela se repreendeu por sua indecisão. Ela sabia que podia confiar em seu laird, mas dar os sonhos para que ele, seria deixar ir o último pedaço de sua vida que ela compartilhou com seu irmão.

Com sua mente em tal tumulto, Ciara não teve nenhuma escolha além de deixar a besta assumir o comando por algumas noites. Sem conhecimento de nada mais, ela escolheu correr na floresta depois que os outros vivendo no forte estavam seguramente adormecidos.

Ciara aprendeu isto em sua forma de lobo, ela podia saltar de sua janela até a muralha do castelo, embora não parecesse possível. Então ela saltaria os quase três metros do topo da muralha para a grama abaixo. Enquanto as torres eram mais que três vezes desta altura, a muralha do castelo era alta o suficiente para manter saqueadores fora, mas não uma determinada mulher lobo.

Ela não estava dormindo nada melhor e sonhos perturbadores estavam a afligindo mais do que nunca antes. Pior que os pesadelos das mortes de seu irmão ou mãe, eram os quentes sonhos repetindo o beijo entre ela e Eirik.

Alguns não terminavam com ela se afastando, tampouco.

Estes a assustavam mais.

O único sono que ela conseguia era em sua forma de lobo, aconchegada na base de sua árvore favorita. Era velha, tão alta que não podia ver o topo se ela olhasse diretamente para cima da base. Tão grande em volta, uma família inteira podia viver dentro de seu tronco se este fosse oco.

Uma árvore que crescera desde o início dos tempos, ou pelo menos desde o início dos Chrechte nas Highlands — ela sentiu uma conexão com Deus e o Chrechte que viveu aqui antes dela. Era um lugar especial. Talvez até sagrado.

Então, ela devia não ter ficado surpreendida por ver que outra pessoa achou o santuário na sua base. Uma mulher humana enrolada contra a casca da árvore, seu corpo tremendo na fria noite de verão.

Movida por piedade e preocupação, Ciara pisou brandamente em sua forma de loba e cutucou a fêmea humana.

A mulher vacilou e choramingou, mas não gritou. Ela se sentou, olhando selvagememente ao redor, antes de deixar seu olhar se ajustar completamente em Ciara.

Um cabelo platinado caía solto ao redor de um rosto esgotado pela preocupação e seus olhos azuis estavam cheios de lágrimas.

—Por favor, me diga que você é a única. Os sonhos me trouxeram aqui, mas se você não for a única, você provavelmente vai me comer. Eu não quero ser comida. Não acho que seria muito de melhora sobre os punhos de meu pai.

Ciara estava tão chocada pela implicação de que um homem das Highland batia em sua filha,



que ela latiu.

A outra mulher estremeceu, mas pareceu tentar se forçar para relaxar. Ela estendeu uma mão trêmula como se para afastar Ciara, ou talvez deixar o lobo cheirá-la.

—Meu nome é Mairi. Por favor, me diga que você é uma troca-forma e não um lobo selvagem.

O lobo de Ciara assumiu o comando, cheirando a mão de Mairi. Ela cheirava a ervas, sangue seco e frágil pele humana, mas nada para dar preocupação.

—Meu pai é um lobo. — Mairi continuou a murmurar. —Sua primeira companheira era uma não-troca-forma Chrechte como eu. Minha mãe. *Por favor, seja o lobo com que eu sonhei.* O pai tomou uma Chrechte por sua segunda esposa. Ele e meu irmão não pensam muito sobre mim, e nem faz sua nova esposa no que diz respeito a esse assunto. Eu não tenho um lobo. Eles me chamam de fraca. Defeituosa. Inútil.

A voz da mulher humana quebrou nas últimas palavras e Ciara teve que suprimir o desejo de rosnar. A raiva crescendo dentro dela não estava dirigida para Mairi e Ciara não iria assustar a outra mulher por causa disto.

Mairi claramente sabia sobre seu povo e seu cheiro dizia que sua história era verdade. Mas Ciara sabia por sua experiência própria que a decepção podia ser mascarada.

Ainda assim, ela cutucou a mulher para se levantar. Mairi fez, estremeecendo quando ficou sobre seus pés e a determinação de Ciara de ficar em sua pele de lobo vacilou.

O cheiro de sangue seco estava forte, mas assim estava aquele de desespero e medo. Esta humana precisava de ajuda.

Capítulo 5



Se você ignorar o dragão, ele comerá você. Se você tentar confrontar o dragão, ele dominará você. Se você montar o dragão, você se aproveitará de sua força e poder.

—PROVÉRBIO CHINÊS

Ciara girou e trotou em volta da árvore para que ela pudesse se transformar. Quando voltou, Mairi estava debruçada contra a árvore, seu rosto definido pela miséria.

Mas este transformou com antecipação quando ela viu Ciara.

—Você é a única. Você é a princesa de nosso povo que podem me dotar com a habilidade de ser um lobo, com força para me proteger.

—Eu não sei o que você quer dizer. — Ela nunca ouviu falar de tal coisa. Nem mesmo nas histórias antigas. —Além disso, não sou uma princesa. Sou uma órfã.

—Oh, não, meus sonhos não mentem. Eles me trouxeram aqui, para você. Só uma princesa de nosso povo ousaria vagar sozinha pelo bosque à noite, sem medo do que poderia estar espreitando nas sombras.

—Você está sozinha.

—Mas estou assustada demais. — Mairi assentiu como se para reforçar a afirmação, embora seu cheiro fizesse isto bastante bem, medo e fadiga saíam dela em ondas. —Se eu tivesse qualquer escolha, não estaria fora aqui; pode ficar segura disto.

—Você precisa de ajuda. Você encontrará santuário com meu clã.

—Se seu clã me levar, meu pai o considerará como um ato de guerra. Ele insistirá no meu retorno.

—Este mesmo pai cujos punhos te mandaram para a floresta sozinha e desprotegida?

As bochechas de Mairi se coloriram com vergonha.

—Sim.



—A desonra do seu pai não é sua.

—Se eu pudesse me transformar...

—Ele encontraria outra razão para te machucar. Os homens como ele sempre fazem. — Ela pensava sobre Luag e que tipo de homem ele seria agora se vivesse. Sua reflexão enviou um calafrio de medo antigo por sua espinha.

Ciara ajudaria Mairi, a custo de qualquer coisa.

Mas a mulher tagarela, ainda assustada, estava balançando sua cabeça como se lesse os pensamentos da Ciara.

—Eu... não seria certo... não posso pôr seu clã em risco.

—Nosso laird não temerá a ira de um homem que desconta sua raiva em sua própria filha.

—Ele diz que sou estúpida, que é minha culpa. — Mairi admitiu como se contasse um horrível segredo sobre si mesma, não sobre seu pai abominável. —Meu pai diz que eu o deixo muito bravo para conter seus punhos.

—Ele não pode ser muito de um Chrechte se não pode se controlar nada melhor do que isso. E você não pode ser tão estúpida se fez todo o caminho para esta parte das terras Sinclair sem ser descoberta antes. — Elas estavam somente à uma hora de caminhada do forte, muito perto de nada, exceto uma mulher verdadeiramente inteligente por ter viajado sem ser descoberta.

Mairi sacudiu sua cabeça, estremecendo quando o fez.

—Penso que talvez seu pai fosse um homem muito especial.

—Sim, ele é.

—Você disse que era órfã.

—O Sinclair e sua senhora me adotaram quando a última de minha família estava perdida para mim.

—Ele não querará fazer meu pai como um inimigo. — A voz de Mairi estava pesada com a derrota. —O pai é um laird e muito poderoso.

Isso não impressionava Ciara.

—Você não conhece Talorc dos Sinclairs. Não há nenhum laird nas Highlands que ele teme.

Laird Talorc respeitava o Balmoral e seu velho segundo-no-comando Barr, atualmente laird em ação dos Donegals, mas ele não temia nenhum homem, lobo ou mesmo dragão. Ficou sem dizer que nenhum barão inglês ou laird da Lowland escocesa o intimidariam, tampouco.

—Eu ouvi falar do Sinclair. É por isso que vim para sua propriedade e não outra. — A expressão de Mairi mostrava o temor e uma esperança desesperada que Ciara entendia muito bem. — Muitos o temem e a seu irmão por casamento, o Balmoral.

—E corretamente eles deveriam.

—Você não o teme, contudo? — Mairi cautelosamente perguntou.

—Não. Ele não ataca aqueles mais fracos que ele.

—Isto é bom. — Entretanto, Mairi ainda não soava completamente segura e Ciara não podia culpá-la. Ser machucada pela pessoa que deveria te proteger tinha que ter destruído sua confiança em tudo que teria autoridade sobre ela.

Ela sussurrou:

— Desejo que eu não temesse meu pai. Meu irmão não tem medo dele.

— Seu pai quebrou as leis antigas de nosso povo. Chrechte não batem em suas crianças. — Embora claramente alguns fizessem. Isto fez o estômago de Ciara dar um nó com a tensão.

Mairi franziu o cenho.

— Eu ouvi meu pai dizer que as leis antigas não importam mais, que os Faol têm que fazer um novo caminho.

Laird Talorc e o conselho secreto, que Ciara não deveria saber que existia, queriam ouvir isto. Um líder de bando, que repudiava suas doutrinas mais antigas de viver, era um perigo para todos eles, Faol e Éan de modo idêntico.

Nesse momento, o pesar se misturou com a dor e o medo no aroma do Mairi; e Ciara sentiu empatia por ela. Conhecía a dor de aceitar que a quem mais respeitava no mundo carecia do que todo Chrechte considerava mais importante: a honra.

— Seu pai é parte do grupo secreto determinado a erradicar os Éan, não é? — Ciara estava supondo, mas simplesmente fazia sentido.

Um Chrechte tão retorcido que machucaria sua única filha era um homem que acolheria preconceitos irracionais também. E aquele negócio de *novo caminho para os Faol* só soava parecido demais como algo que Luag teria dito para Galen.

— Como você soube?

— Não sabia, mas eu suspeitei. — Ela se esticou e tocou a outra mulher com conforto. — Eu conheci outros de mente igual.

— Eles querem matar todos os Éan e dizem que os Faol não podem prosperar até que eles sejam os únicos Chrechte sobrando. Meu pai frequentemente caça, mas uma vez por mês, ele e outros vão caçar e não é pelo jogo de alimentar o clã.

Memórias fizeram Ciara apertar sua mandíbula, então palavras não saíam.

— Ele quer o *Faolchú Chridhe*. — Mairi sussurrou.

— Não. — Ciara praticamente gritou. — A pedra sagrada não estaria segura em suas mãos sujas.

— Você está certa. — A expressão de Mairi ficou ainda mais miserável. — Ele quer o poder dela para derrubar o rei da Escócia.

— Como ele sabe da existência da pedra sagrada?

Os olhos de Mairi brilharam com lágrimas.

— Minha mãe teve a visão. Ela contou a ele tudo que viu, inclusive seus sonhos do *Faolchú Chridhe* e o poder que pode ser extraído dele.

A voz de Mairi suavizou quando mencionou sua parideira, mas era evidente que ela não aprovava a escolha de sua mãe de compartilhar tais coisas sagradas com um homem como seu pai.

— Ela foi enganada por sua lealdade a seu marido. — Ciara confortou a outra mulher.

Mairi assentiu.

— Mas ele não tinha nenhuma lealdade para ela.

— Sinto muito. — As palavras pareciam inadequadas, mas Ciara não tinha outras.

— Ele queria mais crianças, um filho, mas minha mãe falhou com suas duas gravidezes depois



de mim. O último quando eu estava com seis verões. Afogou-se no lago que ela fazia nossa limpeza, dois meses depois.

Mairi estava dizendo que seu pai matou sua mãe?

—Ele sabia. — Mairi disse como se tivesse bebido demais e Ciara percebeu que a condição da mulher estava piorando.

—O que ele sabia? — ela perguntou como se tentasse relaxar a mulher humana até o chão.

Mas Mairi lutou contra os esforços de Ciara, permanecendo de pé contra a árvore.

—Ele sabia que para ter mais crianças, ele tinha que casar com outra e ele não podia fazer isto enquanto minha mãe vivesse. Ela era sua companheira verdadeira.

O estômago de Ciara se irritou pelas implicações. Pois um Chrechte matar sua companheira era anátema para até mesmo os piores entre seu povo.

—Você percebeu isso tão jovem?

—Não, mas mais tarde, eu soube e o odiei por isto, mesmo antes dele descobrir minha deficiência, que eu não sou lobo.

Ciara não tinha palavras de conforto para algo tão mal.

—Eu tenho, também, a visão, mas nunca disse a ele. — Mairi soou contente por seu engano. E bem que ela deveria estar.

Ciara perguntou:

— Nem mesmo para parar as surras, contudo?

—Não. Não valeria a pena. Eu não o ajudaria em nenhum de seus planos.

—Você é forte de mente e espírito. — A voz de Ciara estava cálida com aprovação e ela esperou que a outra mulher a ouvisse.

—Para um humano, você quer dizer.

—Para qualquer pessoa. Eu contei a meu irmão sobre meus sonhos e ele teria abusado do *Faolchú Chridhe* para seu próprio ganho. — E essa era a própria vergonha que Ciara carregava.

Foi a vez de Mairi de estender conforto e ela o fez.

—Não foi errado de você confiar em quem você amava.

Ciara desejou que pudesse acreditar nisto.

—A ignorância dele custou sua vida. — Foi a primeira vez que ela admitiu em voz alta.

—Estou contente que você pôde finalmente reconhecê-lo.

Ambas as mulheres saltaram ao som da profunda voz masculina de Eirik, mas Ciara sentiu mais do que choque. Muito mais.

Mesmo a gravidade de sua conversa com Mairi não pôde diminuir a instantânea reação de Ciara à presença do príncipe.

Ciara girou para enfrentá-lo. Ele estava em pé tão nu quanto ela no luar, ambos tendo deixado suas roupas para trás ao se transformar em suas formas animais, aparentemente. Ela não podia evitar deixar seu olhar deslizar abaixo o corpo dele, onde se prendeu na protuberância bastante impressionante de entre suas pernas.

Ele estava fisicamente preparado para acasalar e contra toda lógica e sua vontade, seu corpo pulsou em resposta.

—Tão lisonjeiro quanto seu interesse é, *faolán*, agora não é a hora para obtê-lo.

Ele a chamou de *pequena loba*? Guerreiro arrogante! Ela poderia ser menor do que ele, mas não era nenhum bebê de colo. Porém, seu lobo se envaideceu pelo afeto, estalando por uma chance de sair e cheirar o dragão.

Ciara friccionou seus dentes e lutou contra sua natureza feral com toda sua grande vontade.

—Não confunda curiosidade com interesse.

Mesmo que seu próprio lobo quisesse fazer isso.

Ele riu, sua cabeça jogada para trás, seu corpo exibindo nenhum sinal de perder seu próprio *interesse*.

—Você é uma pessoa irascível, mas eu não sou nenhum bobo. Diga o que você quiser, seu corpo diz a verdade.

Por que ela achava tão difícil mascarar seu cheiro ao redor deste homem? Que se tornou um hábito inveterado, pois ela voava do jeito do pardal procurando por climas mais quentes no inverno, quando ele chegava perto. Seu corpo a traía em modos que nunca fez com outros, não desde que ela escolheu esconder seus pensamentos e emoções há tanto tempo, atrás de uma fachada de calma impassível.

Foi o único caminho para acalmar a potente preocupação de Abigail e a rude marca de compaixão de Laird Talorc.

—O que você está fazendo aqui? — Ciara exigiu, ignorando a afirmação de Eirik e esperando que ele deixasse o assunto cair.

—Você corre à noite, sozinha no bosque. — A censura em seu tom teria deixado seu laird orgulhoso. — Não é seguro.

—Então, você me vigia? — Por que o dragão faria tal coisa?

Ela não precisava de um protetor, nem precisava saber que ele via a si mesmo como tal. Ambos seu lobo e seus instintos femininos encontravam aquela possibilidade extremamente atraente.

—Aye.

—Não acredito em você. — Seu aparecimento hoje à noite tinha que ser por acaso. — Eu teria notado.

Não era como se um dragão voando acima de sua cabeça no céu, pudesse ser tão facilmente negligenciado.

Ele rolou seus olhos como se lesse seus pensamentos.

—Um corvo não é tão fácil de descobrir.

Oh, claro. Sua mente estava muito confusa pela falta de sono e seu encontro com mulheres feridas no bosque.

Ainda assim, o corvo assistindo-a em lugar do dragão não explicava tudo.

—Por que não expor meu comportamento se você o desaprova tanto?

—Quem é esta? — Ele perguntou, indicando Mairi e ignorando a pergunta de Ciara completamente.

Por alguma razão, Ciara encontrou-se movendo entre os dois para bloquear a visão de Mairi do troca-forma Éan em toda sua glória nua.



—Uma mulher humana buscando abrigo.

Mairi fez um som que podia ser tomado como discordância.

—Você não quer abrigo pelos Sinclair? — Eirik perguntou, soando perplexo.

Ciara teria abraçado Mairi para confundir o mandão dragão, exceto que fazê-lo provavelmente causaria dor para a outra mulher.

—Não desejo causar guerra entre os dois clãs, mas existem fatos pelos quais devo fazer seu laird ciente. Quando o Sinclair perceber as prováveis consequências de me admitir entre, tenho certeza de que ele não oferecerá abrigo. Mas talvez eu possa ver meus machucados cuidados?

—Eu te disse, Laird Talorc não temerá seu pai. — E Ciara não deixaria Mairi voltar para o Chrechte mal, nunca.

Aquilo se acomodou em sua própria mente por fim, e ela se virou para Eirik.

—Você deveria partir.

—Você precisa de minha ajuda se espera levar a mulher humana ao forte, esta noite, para ter seus danos cuidados.

Ciara abriu sua boca para negar, entretanto, fechou-a rapidamente. Ela podia ir para a portaria e pedir que a ponte fosse abaixada. Só que se ela o fizesse, todo mundo saberia que ela estivera fora das muralhas à noite, contra as ordens do laird. Os guardas noturnos seriam castigados por suas ações.

Laird Talorc pareceria um bobo para o clã, porque outros veriam a situação como Ciara com sucesso o desafiando... uma vez mais, quando isso nunca fora sua intenção. Ela nunca teria deixado o forte se pensasse que havia mesmo uma distante chance que ela fosse pega fora das muralhas.

Foi só que seus sonhos a dirigiram além da paciência.

Indiferentemente, Ciara não podia ignorar o empenho de Mairi. A outra mulher estava em um estado extremamente frágil, para arriscar esperar pela manhã para se mover furtivamente de volta ao forte.

—Como você vai nos ajudar? — Mesmo quando Ciara fez a pergunta, ela percebeu a resposta e estava balançando sua cabeça em negação absoluta. —Não. Não. Não. Nós não somos duas criancinhas para montar as costas de seu dragão.

Tivesse os lobos pretendido voar, Deus teria dado asas a eles. Sim, ele teria.

Ela se lembrou de sua reação quando o dragão a pegou diretamente do ar e de uma morte certa. Ela desmaiou.

—Você tem uma ideia melhor?

Ela estava tentando pensar sobre uma quando Mairi caiu no chão. Ciara caiu de joelhos ao lado da mulher ferida, agradecida quando sentiu a subida e descida do tórax de Mairi contra sua mão. Mas a respiração da outra mulher estava fraca, seu pescoço estava cheio de hematomas e seu rosto insinuava que podia estar ferida de maior gravidade onde seu tartán a cobria. Que tipo de homem fazia isso com sua filha?

Ciara afastou o cabelo pálido de Mairi de seu rosto.

—Nós temos que levá-la de volta para o forte. Agora.

—Sim.

Não existia nenhuma ajuda para isto, mas não significava que Ciara tinha que gostar. Os lobos corriam. Eles saltavam, até grandes distâncias. Mas eles não voavam.

Ela, porém, ia voar. Novamente. Ela podia somente esperar que desta vez ela mantivesse seu juízo sobre ela.

Ciara girou sua cabeça para Eirik.

—Troque-se em seu dragão. Eu a erguerei sobre suas costas e então subirei atrás dela para evitar que ela caia.

Ela realmente iria montar o dragão que atirou fogo e matou seu irmão?

Olhando abaixo para a mulher inconsciente ao seu lado, Ciara só podia achar uma resposta dentro de seu coração.

Sim.

Eirik se transformou ali mesmo, com um flash de luz carmesim e baixo grunhido do dragão. Pelo menos tão rápido quanto qualquer lobo troca-forma que Ciara já vira, e mais rápido do que a maioria, a transformação de homem em dragão estava acabada em segundos.

A besta de Eirik era magnífica e *enorme*. Muito maior de perto do que parecia no céu (e ele era bastante imponente então), o dragão vermelho era tão alto quanto o cavalo de guerra de um laird e facilmente duas vezes tão extenso. Suas asas se espalharam com uma lufada de ar que enviou o cabelo de Ciara voando ao redor de seu rosto quando ele se levantou em suas patas traseiras.

E, se fosse possível, ele pareceu ainda mais volumoso assim.

Familiares olhos âmbar inspecionaram Ciara e a inconsciente Mairi. Eram os dragões tão cientes de suas contrapartes humanas como os lobos?

Não havia nenhuma razão para acreditar no contrário, mas o sentido da força feral que vinha de Eirik, o dragão, era imenso. E ainda assim, Ciara não sentiu nenhum medo. Longe disto.

Ela *devia* estar apavorada; ela sabia que destruição esta besta podia fazer, mas tudo que sentiu era temor e este inevitável, ridículo encanto de estar em sua presença.

Não estava certo. Criatura mítica mágica ou não, esta besta matou seu irmão, mesmo que ele não tenha sido assassinato.

Porém, seu lobo recusava a ver Eirik como inimigo. Ela quis rolar sobre suas costas e mostrar a barriga, mas não sem o mero reconhecimento do predador mais poderoso. Oh, não. Isso seria muito simples e fácil de ignorar. Seu lobo almejava o toque do dragão, queria ser aninhado, cheirado e *aceito*.

O que *nunca* iria acontecer.

Ciara lutou contra os impulsos do seu lobo até quando considerava o problema à mão.

—Como vou pôr Mairi sobre suas costas?

Ele se moveu, seu corpo chocantemente ágil para tão grande besta, e simplesmente levantou Mairi em seus antebraços.

Tanto quanto Ciara sabia que a outra mulher precisava de sua ajuda, a visão de Mairi nos braços de Eirik fez o lobo de Ciara uivar dentro dela. O lobo insistia que isto não era certo. Outra mulher não devia ser segurada tão cuidadosamente contra o pesado tórax de escalas carmesim de



Eirik.

Ciara ignorou seus instintos Faol e deu um passo para trás.

—Eu me transformarei em meu lobo e correrei de volta para o forte, então.

Eirik agitou sua grande cabeça e deu um grunhido que não podia ser tomado como nada, exceto uma negação muito inflexível. Se ela ainda estivesse em dúvida, o jeito que seu rabo chicoteou, embrulhou-se ao redor de sua cintura e a arrastou para ele, foi o suficiente para fazer conhecido seus pensamentos sobre o assunto.

Ela empurrou sem sucesso a corda viva a rodeando.

—Nós não temos tempo para discutir. Não sei o quão machucada Mairi está. Precisamos levá-la para Abigail.

Ciara teve que lutar contra o desejo de simplesmente acariciar seu rabo e aprender o tato das escamas do dragão de perto, e a sensação opressiva de segurança deste estranho abraço dava a ela.

Eirik assentiu, seu determinado olhar âmbar dizendo a ela que ele concordava, mas que eles iriam fazer as coisas do seu modo.

Príncipe de dragão teimoso.

—Sei que você acha que eu preciso de você me vigiando, mas estou perfeitamente segura na floresta.

Ele rosnou e balançou sua cabeça, seu rabo apertando seu controle nela. Seu calor a cercou como um escudo e ela quis relaxar, descansar aqui onde ela se sentia segura o suficiente para dormir, quando ela *nunca* mais se sentiu assim segura.

O dragão podia proteger seus sonhos? Era um pensamento caprichoso, embora muito tentador. E ela o recusou.

—Você é mandão, sabe disto, certo?

O encolher de ombros do dragão moveu suas asas e, uma vez mais, um vento suave acariciou seu rosto. Ciara achou isto muito ridiculamente cativante, um sorriso pouco disposto curvou seus lábios quando na verdade, ela queria franzir o cenho.

—Besta arrogante.

O bufado que veio da boca dele não podia ser nada além de riso.

—Como *eu* vou embarcar em suas costas então? Não sou um pássaro. Não posso voar. — E o pensamento de subir em seu corpo enorme como os meninos fizeram aquele dia, há muito tempo na floresta, não era no mínimo atraente.

Eirik sacudiu sua cabeça e bufou novamente. E então, sem aviso prévio, ela se achou sendo erguida do chão.

Um grito embaraçoso saiu de sua boca antes dela a fechar bem. E a ponta de seu rabo acariciou suas costas como se para acalmá-la. Droga, se este fato de verdade não a acalmou.

Irritante dragão sabe-tudo.

Ele a deixou em posição em sua coxa volumosa, suas pernas curvadas para fazer um passo de sortes. E ela se encontrou fazendo exatamente o que jurou não fazer, subir em suas costas como uma criança em uma árvore. Ele posicionou suas asas para que ela pudesse usar uma para

segurar, quando ela subiu suas costas.

Suas escamas eram quentes e não exatamente lisas, mas eram macias. Ainda, com seu rabo contra suas costas e suas asas quase fechadas ao redor dela, ela estava em nenhum perigo de deslizar. Quando ela se acomodou contra seu pescoço, envolveu suas pernas de cada lado, descansando-as contra onde as asas dele se juntavam em seus ombros. Ela enrolou seus braços ao redor do seu pescoço, seus dedos presos, mas cuidadosos para não sufocá-lo.

Era um lugar tão seguro como ela podia esperar a fim de montar a besta mítica.

Ciara sentia os músculos debaixo de suas coxas se agruparem e soube que Eirik estava preparando-se para saltar no céu.

Era igual a montar um cavalo. Ela assentiu para si mesma. Sim. Era isso.

Então, ela estava muito mais longe do chão do que quando ela montava mesmo o maior cavalo no estábulo. Não importava. Não seria tão ruim.

Eirik tomou um par de passos correndo e então saltou para cima.

—Um cavalo. Igual a um cavalo. — ela murmurou repetidas vezes para si mesma.

Mas cavalos não voavam, não mais do que lobos.

E Eirik ainda estava subindo no céu com Mairi em seus braços e Ciara em suas costas, suas grandes asas criando um poderoso esboço do seu corpo abixo deles. Ciara espiou em torno de seu pescoço para olhar para baixo. Seu aperto no pescoço do dragão se estreitou. Eles voavam bem acima dos topos das árvores... árvores tão altas que ela mal podia ver seus topos do chão.

Mas o terror que faiscou nela pelo pensamento de voar, não se mostrava agora que ela estava alta no céu, nas costas de um dragão. Bastante animada, a sensação de encanto retornou.

Ela estava voando e era magnífico! Ela quis gritar sua alegria, mas se preocupou que pudesse chamar atenção para eles e então decidiu que eles estavam muito longe do chão para que sua voz chegasse a alguém abaixo.

Ela lançou sua cabeça para trás e gargalhou. Completamente cativada, ela riu como não fizera desde que era uma pequena criança. A cabeça do dragão subiu e ele fez barulho, um som que era como borbulhante felicidade explodindo ao redor dela.

—É mágico — ela gritou, esperando que ele pudesse ouvi-la através do vento correndo em volta deles. —Maravilhoso!

Ela nunca acreditaria que não pudesse existir nenhum presente maior do que a habilidade de dividir sua vida com o lobo que compartilhava sua alma. Mas voar? Ver o mundo de cima, sentir o vento frio em seu rosto e o corpo surpreendente de um dragão embaixo dela? Este era um presente além dos limites.

Ela abraçou o pescoço do dragão e sussurrou, não certa de que quisesse que ele ouvisse, mas certa de que as palavras tinham que ser ditas.

—Obrigada por isto. Obrigada.



Capítulo 6



Ele é o melhor homem que, quando fazendo seus planos, teme e reflete sobre tudo que pode acontecer a ele, mas no momento da ação é corajoso.

—HERÓDOTO

Eirik aterrisou na área atrás do forte que o Sinclair costumava treinar seus soldados de elite. Ele esperou abordar até a muralha e os guardas da torre estarem olhando para outro lugar, e teria esperado por uma nuvem cobrir a lua também, mas a mulher humana em seus braços estava muito ferida para tal atraso.

Mesmo assim, ele estava tentado a ficar no ar por mais tempo, só para experimentar a alegria que se despejava de Ciara em ondas deliciosas.

Ela não queria voar, mas amou, uma vez que eles estavam no ar. Uma Chrechte destemida, se ele já encontrara um.

Era o porquê ele não estivera disposto a contar a Talorc sobre Ciara saindo furtivamente da fortaleza à noite. Eirik estava muito impressionado por sua furtividade e coragem.

Por acaso, ele esteve lá na primeira vez que ela fez o salto de sua janela até a muralha. Ela não podia ter sabido que funcionaria. *Ele não acreditou que funcionaria* e se transformou em seu dragão sem esperança de pegá-la desta vez, antes dela aterrisar graciosamente na alameda da muralha. O pulo não deveria ter sido possível, mesmo para um lobo.

Mas ela o fez e ele tinha que respeitar.

Além disso, seu corvo apreciava vigiá-la quando Ciara corria pela floresta, uma sensação de proteção possessiva, normalmente reservada para família, o enchendo quando ele voava acima dela.

Ciara não gostou de descobrir que ela estivera sendo vigiada, porém. Independente *faolán*.

Se ele não estivesse em sua forma de dragão, ele estaria sorrindo quando suavemente deitou a mulher humana, Mairi, sobre o chão. Os dragões não sorriam, entretanto, e qualquer tentativa de fazer isso seria mais assustador do que tranquilizante.

Ele não estava surpreso quando Lais saiu das sombras. Eirik chamou o curandeiro pelo vínculo mental que ele dividia com todos os Éan antes dele mesmo voar. Como um descendente direto do primeiro guardião do *Clach Gealach Gra*, Eirik podia se comunicar à vontade com seu povo. Ele também podia ouvi-los quando eles precisavam dele, mas fora treinado para bloquear as tentativas, também.

—Ela não recuperou seus sentidos? — Lais perguntou, já examinando as contusões e carrancas de Mairi sobre deles.

—Não — Ciara respondeu, provavelmente assumindo que Lais estivera falando com ela. Ela se contorceu em seu poleiro no pescoço de Eirik. —Preciso descer.

Ter seu corpo desnudo montado nele, mesmo em sua forma de dragão, foi um desafio para o autocontrole de Eirik. Ele podia cheirar seu perfume, saboreá-la no ar em volta deles e o tato de suas coxas contra seu pescoço só o fez pensar em como elas se sentiriam embrulhadas ao redor de seu corpo, quando ele fosse um homem.

O desejo de se transformar agora mesmo, enquanto ela ainda estava montada em sua besta, queimou dentro dele. Ele se forçou para ignorar; esta não era a hora de ceder às suas luxúrias carnisais.

Ele agitou seu rabo para cima, para dar a ela algo para descer enquanto dobrando suas asas para trás, para criar um escudo protetor para ela — tanto assim ela não cairia e esconderia sua nudez de Lais. Se ele olhasse para cima de sua paciente, o que ele não mostrava nenhum sinal de fazer.

Felizmente para o temperamento de Eirik, ela desmontou do lado oposto a onde Lais se ajoelhava junto a Mairi. Por qualquer razão, o dragão de Eirik estava pronto para lançar fogo ao pensar em Lais testemunhando a nudez de Ciara.

Eles eram Chrechte, maldição. Não os humanos domesticados entre os clãs. Eirik estava, de nenhuma maneira, influenciado pelas convenções civilizadas, mas se Lais fosse colocar os olhos em Ciara, em toda sua beleza nua, Eirik não estava completamente certo de que poderia controlar os instintos da besta.

Lais inclinou sua cabeça em direção a uma pilha de pano no chão.

—Trouxe coberta para Ciara como você pediu.

Eirik não pediu, ele ordenou. Não obstante, ele disse, *Obrigado*, pelo vínculo mental antes de chamar sua forma humana.

Assim que ele completou a mudança, ele agarrou o tecido leve que ele soube ser uma de suas camisas e a lançou para Ciara.

—Cubra-se.

—Dragão mandão. — Mas seus bonitos olhos verdes ainda ardiam com a felicidade que ela experimentou no voo e sua boca curvou em um doce sorriso que ele quis beijar.

Ela puxou a camisa rapidamente. A bainha pendurou abaixou de seus joelhos e, no luar, fez um trabalho adequado de preservar sua modéstia feminina. Mas se ele olhasse de perto, poderia



ver seus mamilos, ainda duros pelo ar frio, cutucando contra o material fino.

Ele estava olhando de perto. Muito, muito perto. Tão atentamente na verdade, que ele podia quase decifrar a junção de suas coxas atrás do caimento do tecido.

Ele não quis nada mais naquele momento que rasgar a coisa maldita novamente e ter seu percurso com a pequena loba, que escondia seu coração atencioso atrás de uma máscara de indiferença.

Olhando para ela lá de pé, em sua camisa, ele teve que sorrir. Comparada a ele, ela era uma coisa pequenina, mas era fácil esquecer isto com seu espírito feroz.

Um espírito que o Sinclair insistia que ela manteve trancado bem fundo nela, até a chegada de Eirik. Eirik pensava que foi a fúria pelo assassino de seu irmão, vindo viver entre o clã dela, que trouxe suas emoções para a superfície.

Mas diferentemente de Ciara, Talorc não culpava Eirik pela morte de Galen, ou o subsequente suicídio da mãe de Ciara. O laird mantinha que os sentimentos, que Ciara estava finalmente exibindo, não corriam junto das linhas de ódio.

Pouco disposto a discutir o assunto, Eirik deixou o iludido laird para suas ilusões.

—E você? — Ciara exigiu.

As sobranceiras do Eirik se uniram em confusão.

—O que?

—Mairi pode acordar a qualquer momento.

—Aye, esta seria uma coisa boa.

—Não enquanto você ainda está nu. — Ciara disse entre dentes.

E Eirik sorriu. O agradava mais do que devia que a mulher lobo estava, aparentemente, afligida por uma tensão de modéstia Chrechte para com ele, também.

Ela deixou claro que não estava não mais interessada em achar um companheiro agora mesmo do que ele estava. E, entretanto, ela finalmente reconheceu que a morte de seu irmão foi criação própria de Galen, não seguiu que ela nunca consideraria alinhar sua vida com o assassino dele.

Se Eirik estivesse procurando por uma companheira, o que ele não estava. Ele tinha muito a fazer para seu povo bem agora, do que gastar tempo tentando aplacar ou galantear uma mulher. Ele não podia nem está certo de que existia uma mulher com quem ele pudesse compartilhar sua vida, muito menos uma que ele pudesse chamar de companheira verdadeira. Ele tinha duas naturezas além da sua humana para satisfazer quando escolhesse sua companheira da cama vitalícia.

O corvo e dragão estavam, frequentemente, em conflito dentro dele quando acontecia de escolher um curso de ação. Quais eram as chances de que eles concordassem sobre sua companheira?

—O que te pôs de cara feia? — Ciara perguntou em tom de provocação. —Você estava sorrindo apenas um momento atrás.

—Uma mulher humana, quase morta, encontrada nas terras Sinclair não é razão suficiente franzir a testa? — ele perguntou enquanto colocava seu kilt.

Era feito do couro do primeiro javali que ele derrubou sozinho. Sua tia tinha curtido o couro antes de moldar um kilt de caçador dele, desde que sua mãe não estivera viva para fazer isso e sua irmã estivera muito ocupada protegendo seu povo como uma crescida guerreira guardiã.

Como príncipe de seu povo, ele nunca usou um plaid, nem mesmo o trama de tons suaves florestais que os Éan tomaram para serem suas próprias cores.

Ele não decidiu que se juntar aos Sinclairs mudaria aquele fato.

Ciara mordeu seu lábio, o brilho feliz desvanecendo de suas feições, seu olhar depressa evitando olhar para a mulher deitada na grama.

—Nós devíamos levá-la para dentro. Eu preciso despertar Abigail.

—As ervas curativas de Abigail são uma maravilha com certeza, mas elas não podem se comparar ao dom dos Chrechte.

—Lais é um curandeiro? — A voz de Ciara ficou baixa com maravilha. —Pensei que só as pedras sagradas pudessem ser usadas para curar.

Eirik agarrou seus ombros e a girou para enfrentá-lo de frente.

—O que você sabe do *Clach Gealach Gra*?

Ela rolou seus olhos, nem um pouco impressionada por sua brava demanda. O que, considerando o medo que ela mostrou até agora para ele, era algum tipo de milagre.

—Lais me perguntou a mesma coisa.

Eirik lançou um olhar de censura em direção ao curandeiro de seu povo que passou despercebido.

— Perguntou?

Lais não prestou nenhuma atenção a Eirik, mas Ciara assentiu.

—Você age como se somente os Éan ouvirem as histórias dos Chrechte antigos e seus modos.

—Os Faol contam histórias do *Clach Gealach Gra*? — Nenhum dos lobos que os Éan aceitaram em suas confidências mencionou isto.

Ciara olhou para ele como se perguntando de sua sanidade.

—O mundo não começa e termina com os Éan, Mestre Dragão. Existem outros Chrechte no mundo e eles têm seus próprios passados, entretanto, não existe nenhuma dúvida de que uma vez eles se entrelaçaram.

—Não diga isto em voz alta.

—Que os Chrechte compartilham uma história comum há tanto tempo, que nenhum de nós pode estar certo sobre a verdade e o mito em nossas histórias antigas?

—Não mencione minha outra forma. — ele disse por entre dentes.

Ela girou seus olhos. Novamente.

—Você realmente acha que vai manter seu segredo do clã, com o jeito que você sai voando em sua forma de dragão quando tem um ataque de raiva?

—Eu não tenho ataques. — E ele nunca tomou sua forma de dragão quando havia risco de ser visto, exceto perto dela.

Ela era ruim para seus segredos e demais um desafio para seu autocontrole.

—Claro que não, Sua Alteza Real. Um *príncipe* nunca admitiria algo tão mundano. — Ciara



disse a palavra *príncipe* como outro poderia dizer *esterco*.

Mas ele recusou a cair na provocação.

—Não tente mudar o assunto. Eu perguntei o que você sabia de nossa pedra sagrada.

—Muito pouco.

—Não minta.

—Não minto. — Seus olhos lançavam punhais verdes nele.

—Ela pode mascarar sua mentira — Lais inseriu e então voltou com concentração completa para sua paciente.

Os punhais pareceram girar sobre o curandeiro, mais uma vez absorto.

Eirik disse.

— Isto não é possível.

—Da mesma maneira que é impossível se transformar em um dragão — Ciara disse com sarcasmo puro. —Farei uma nota disto.

—O Sinclair disse que você era quieta. Obediente.

Com uma expressão de afronta, ela exigiu:

— Está dizendo que eu não sou?

—Aye.

Ela cruzou seus braços, sem dúvida não tendo nenhuma ideia de como isso fazia com que sua camisa ajustava nela. A ação pôs seus seios adoráveis em relevo, fazendo seus escuros mamilos pressionarem contra o linho fino. A bainha subiu também, expondo mais das suas atraentes pernas.

Tudo isto corado por uma expressão que tentou que ele a domasse.

—Você? É arrogante.

—E você ainda tem de admitir como veio saber sobre nossa pedra sagrada.

—Meu irmão.

A justa menção do homem encheu Eirik de fúria.

—Ele contou a você sobre nossa pedra? Ele tinha planejado roubá-la?

—Claro que não. Ele me contou as histórias das pedras sagradas, como elas podiam dar dons durante a cerimônia de maioridade e são usadas para curar aqueles dos Chrechte decente.

—Como eu. — As palavras foram faladas em uma fraca voz feminina e teve ambos, Eirik e Ciara, girando para enfrentar Mairi e Lais.

—Você é Chrechte? — Eirik perguntou com descrença.

A mulher não tinha nenhum cheiro de animal.

—Meu pai é.

—Mas você não tem nenhuma besta.

—Ela pode me dar uma. — Mairi apontou para Ciara. —Ela é guardiã do *Faolchú Chridhe*.

—Os lobos têm uma pedra sagrada? — Ele olhou para Ciara.

Ele não acreditaria nisto. Que histórias ela contou a esta humana quebrada? Se fosse verdade, Talorc teria revelado tal coisa para Eirik. Se não o Sinclair, então Barr. O irmão de Eirik por casamento não teria mantido algo tão importante dele.

Ciara não encontrou seus olhos, algo dissimulado em seu comportamento.

—Foi perdida antes de nós nos unirmos aos clãs.

—Mas ela pode achá-la. — Mairi afirmou.

O leve estremecimento mal estava lá no rosto de Ciara, mas ele viu. Ela fez a afirmação para Mairi e não esperava ser responsabilizada, ou Ciara não queria que os Éan soubessem de suas esperanças de encontrar o *Faolchú Chridhe*? Ciara partilhava da visão de seu irmão sobre os Éan?

—É verdade? — Eirik exigiu, querendo mais respostas do que ele pediria. —Não importa. Você pode mascarar qualquer mentira que você diz a mim. Perguntarei a Talorc.

Ele girou em direção ao forte, determinado fazer assim.

—Espere. — A voz de Ciara estava muito urgente para negar.

Ela parou, não se voltando em direção a ela.

—Não contei a ele ainda. — Ele podia ouvi-la se movendo para ele e então sentir sua mão em seu braço. —Por favor, deixe-me dizer a ele.

Ele girou para enfrentar a mulher lobo, afastando sua mão dele com seu movimento rápido.

—Você não se incomodou em contar a seu laird?

Ela balançou sua cabeça.

—Eu não disse a ninguém desde Galen. Eu tinha medo, com medo que faísasse a mesma loucura neles.

—Você culpa sua pedra sagrada pela idiotice de seu irmão?

—Não, culpo o desejo dele de usar o poder dela, mas eu não podia ter certeza...

A falta de confiança dela em Talorc confundiu Eirik.

—O homem pensa em si mesmo como seu pai. — ele mordeu.

—Ele é, de todos os modos que contam, mas Galen era meu irmão, meu protetor. E ainda assim, encontrar o *Faolchú Chridhe* foi mais importante para ele do que qualquer outra coisa. — Sua voz estava rouca com um pesar velho, mas seus olhos reluziram com medo novo.

—Talorc não é nada como seu irmão.

—Eu sei.

—E mesmo assim você não contou a ele sobre a pedra sagrada dos lobos?

—Planejei contar.

—Quando?

—Logo.

—Por que esperar? — Ele queria que ela admitisse sua desconfiança em seu próprio pai e laird.

—Tem grande poder, tentação até para o Chrechte mais honrado. Pode trazer à tona o *conriocht*, não apenas o lobo.

Um lobisomem? Eles eram mito.

Eirik quase riu de sua própria arrogância. Ele dividia a natureza com um dragão e duvidava da existência dos *conriocht*? Uma criatura que era comandada a dominar outros homens e tinha o focinho, presas e garras de um lobo e a força de dez homens, o *conriocht* seria invencível para tudo, menos um dragão.

Entretanto, ele não podia voar.



—Então, você negaria este poder a seu laird, a seus companheiros Faol.

—Talvez nos foi negado por uma razão. O *Faolchú Chridhe* desapareceu e embora meu irmão afirmasse que foi roubado pelos Éan, eu não tenho certeza. Talvez os líderes de nosso povo viram o abuso de seu poder e o esconderam para impedir tal coisa de acontecer novamente.

—É tudo conjectura.

Ela assentiu.

—Não importa. Ele quer ser encontrado agora e não me dará nenhum descanso até que seja.

—Seus sonhos.

—O que você sabe de meus sonhos?

—Somente que eles te mantêm acordada à noite. Você parece como se dormisse menos do que uma mãe com bebês gêmeos e uma nova ninhada de filhotes para cuidar de uma vez só.

Seus ombros tombaram.

—Estou cansada. Cansada demais.

—Hoje à noite você dormirá. Amanhã, nós falaremos com o Sinclair.

Sua boca se torceu como se ela encontrasse algo sombriamente engraçado, mas ela assentiu.

—Amanhã.

Eirik voltou para Lais e Mairi.

—Ela já está bem o suficiente para ser levada para dentro?

—Ela está, embora mal. Ela teve muitos danos... ossos quebrados, sangramento interno, severos hematomas em muitos lugares. Curei o que podia, mas ela precisa de mais cuidado e de dormir. Eu preciso descansar antes de poder continuar. — Estava óbvio que Lais não gostou de admitir o último.

Eirik o respeitou ainda mais por fazer isso e assentiu.

—Eu a levarei para o forte.

—Não. — ambos, seu curandeiro e aquela guardiã de segredos, Ciara, disseram juntos.

Ele ignorou Ciara para dar a Lais um olhar interrogatório.

—Tenho força suficiente para carregá-la.

Eirik assistiu a posição protetora que Lais tinha sobre a humana, o jeito que ele segurou seu corpo entre ela e os outros dois Chrechte. Ainda mais contando, era a feroz luz no olhar castanho de Lais. O homem, normalmente de temperamento suave, parecia pronto para se jogar em batalha sobre o direito de transportar a mulher quebrada para o forte.

Eirik deu um deliberado passo para trás. *Pense muito e bastante antes de você tomar uma mulher humana como companheira*, ele disse através do vínculo mental deles.

—Leve-a para o quarto de Ciara. — ele disse em voz alta.

Mairi precisaria ser vigiada e Ciara, por todos os seus segredos, era a única escolha lógica. Talorc não toleraria um macho não comprometido dormindo no mesmo quarto que a fêmea, humana, ou não. Portanto, curandeiro, ou não — Lais estava fora.

Isso deixava Ciara.

Quem, sem surpresa, não discutiu a ordem de Eirik de ter Mairi levada para seu quarto. Por todas suas tentativas de se mostrar o contrário, ela tinha uma natureza atenciosa que não podia esconder.

Ela os seguiu para o forte, a qualidade calma de seu silêncio aborrecendo Eirik, embora não devesse.

Ela não queria nada dele e ele não queria nada de uma Chrechte tão traiçoeira. As razões dela para não dizer a Sinclair sobre o *Faolchú Chridhe* implicaria que Ciara não compartilhava da visão de Galen sobre os Éan, mas isso era somente se Eirik aceitasse como verdade aquelas afirmações.

Sua habilidade de mascarar sua mentira e os segredos que ela mantinha, significava que ele não podia aceitar qualquer coisa que ela dissesse muito facilmente.

Quando eles chegaram a seu aposento, Ciara rapidamente puxou um tradicional plaid, nas cores Sinclair de azul e preto, em volta dela. Ela fez pregas com dedos ágeis, antes de embrulhar a ponta sobre sua camisa em uma diagonal através de seu tórax. Ela puxou um cobertor do mesmo tecido do encosto da cama, para Lais deitar Mairi sob e então retrocedeu, permitindo o curandeiro se ocupar para cuidar de sua paciente.

—Eu acordarei o laird e direi a ele sobre os acontecimentos da noite. — ela disse em uma voz deprimida antes de rapidamente deixar o quarto.



Capítulo 7



O maior bem que você pode fazer para outro não é somente compartilhar sua riqueza, mas revelar a ele a sua própria.

—BENJAMIN DISRAELI

Ciara retrocedeu para um canto em seu próprio quarto quando ele encheu de pessoas.

Laird Talorc e Abigail vieram encontrar a mulher que Ciara achou no bosque — o laird para avaliar o valor do apelo de Mairi por abrigo e Abigail para avaliar a condição de sua saúde. Eirik ainda estava lá, como também Lais, que pairou protetoramente sobre Mairi.

Ciara só podia estar agradecida que Niall, como segundo-no-comando, e Guaire, como senescal, não foram chamados para ali, também. Embora ela não tivesse nenhuma dúvida sobre a presença deles no dia seguinte, quando ela revelasse seus segredos muito seguros para Laird Talorc.

—Não acho que ela teria sobrevivido à noite se Ciara não a encontrasse. — Lais estava dizendo para Abigail quando a mulher gentil, que não podia ouvir, mas ler lábios, misturava algumas ervas em uma xícara antes de despejar água quente, que Ciara trouxe das cozinhas, sobre elas.

—Nós teremos que agradecer pela desobediência e pelo comportamento despreocupado da minha filha então. — O olhar que Abigail lançou a Ciara deixava nenhuma dúvida de que o assunto estava longe de se resolver, porém.

Mairi, por outro lado, encontrou os olhos de Ciara com uma expressão de tal gratidão, que machucou ver.

Ciara baixou seu olhar, desconfortável com o agradecimento nos olhos da outra mulher e cordialmente desejando que Abigail não tivesse que ficar desapontada com ela novamente. Ciara

nunca foi a filha que a mulher mais velha merecia e ela só esperava que a bebezinha que Abigail agora carregava, compensasse pelo déficit de Ciara.

Ela não pretendeu machucar seus pais adotivos, mas os olhares deles, quando ela lhes contou como acidentalmente encontrou Mairi, refletiram decepção dolorida. Quantas vezes ela viu este olhar?

Primeiro de seu pai de nascimento, quando ele falou da necessidade dos Chrechte por filhos, então nos olhos de sua mãe quando era Ciara que viria confortá-la, em vez do marido por quem ela chorava na noite. O olhar de decepção no rosto de Galen quando eles procuravam, e não achavam, o *Faolchú Chridhe* crescera com cada tentativa falha.

Então Ciara veio viver com Laird Talorc e Abigail e logo vira que sua inabilidade de amá-los como eles mereciam como pais, causou pesar a eles também. Pelo menos sua habilidade de ajudar com os gêmeos compensou um pouco por suas outras negligências. Até recentemente.

Uma vez mais, ela não era o que sua família precisava que ela fosse e não sabia como mudar este fato sem se abrir para muita dor.

Uma vez tendo Mairi bebido um pouco do chá que Abigail preparou, Laird Talorc abordou a mulher na cama.

—Você veste as cores MacLeod.

As palavras soaram como uma acusação, e Ciara não ficou surpreendida quando Mairi vacilou.

—É o clã do meu pai.

Ciara sentiu que devia ter reconhecido o plaid predominantemente amarelo. Só que, sendo nem amigo nem inimigo declarado, o do clã MacLeod não era um tartan que ela já vira antes.

—Você nega a família do seu pai? — O laird Talorc perguntou, calma censura pesava em sua voz.

E Ciara não entendeu. Seguramente ele não culpava a mulher jovem por querer escapar do abuso que seu corpo evidenciava? Ele disse muitas vezes em sua presença, que as leis antigas ainda tinham valor e uma delas declarava que caçar àqueles mais fracos não era o modo Chrechte.

—Quis dizer que ele é laird. — Mairi clarificou. —Mas sobre ele ser minha família, seu clã ser meu? Não vejo nenhum benefício em usar cores que não me protegem.

Ciara admirou o espírito de Mairi depois de tudo que ela passara e acenou com a cabeça para mostrar sua compreensão, pegando o olhar de Mairi quando ela fez isso.

Mairi mandou a ela um sorriso fraco de gratidão e Talorc girou para olhar para Ciara.

—Você tem algo para dizer, filha?

Ciara trouxe o inchaço que tentava se formar em sua garganta e assentiu.

Ela não entendeu a atitude de seu laird, mas temeu que sua raiva não estivesse mesmo dirigida para Mairi. Ele estava furioso com Ciara por estar do lado de fora das muralhas da fortaleza e permitindo este ressentimento se derramar diante de seus procedimentos com a mulher ferida.

Talorc cruzou seus braços, sua posição combativa.

—Sim?

—Ele a bateu quase até a morte.



A expressão do laird Talorc trocou, torcendo-se em uma careta, sua fúria se elevando por suas palavras, em vez de enfraquecer como ela pretendia. Mas dessa vez, Ciara estava segura que o objeto de fúria do seu laird não estava no quarto.

Era o MacLeod que ele menosprezava tão completamente.

Ainda assim, isso não significava que ele daria abrigo à Mairi. Embora Ciara não pudesse imaginar Laird Talorc fazendo qualquer outra coisa. Ele nunca devolveria uma mulher indefesa para o MacLeod para ser espancada novamente.

—Quando eu vim aqui, eu tinha pouco para oferecer ao clã. — ela lembrou a seu laird.

Ele encolheu os ombros.

—Você estava de luto.

—Eu estava indiferente. Brava. Pouco disposta a ser parte da família que me aceitou. — ela admitiu com vergonha, desesperada de nunca poder ser capaz de reparar para sua falta. —Abigail chorou mais de uma vez sobre mim.

—Oh, Ciara. — Abigail disse, provando que ela estivera seguindo a conversa... de uma forma ou de outra.

—Você nunca levantou sua mão para mim, entretanto, você deve ter me achado muito frustrante... ainda deve me achar uma grande provação. — Ela sussurrou o último quando baixou sua cabeça, não querendo ver a verdade de suas palavras nos olhos de seu pai.

—Eu nunca tive o desejo de te machucar. — Laird Talorc, o único pai que já a quis, disse com tranquila veemência. —E um homem honrado não machuca uma criança.

—Ou alguém muito fraco para se proteger. — Ciara disse com olhando em direção a Mairi, que embora não fosse mais uma criança, era, de jeito nenhum, forte o suficiente para ficar contra um macho Chrechte.

Talorc fez um som de desgosto.

—O MacLeod não é um Faol honrado. Ele caça os fracos.

—Então, sua filha, que foi espancada quase até a morte, tem razão para buscar abrigo com outro clã. — Ciara levantou sua cabeça para que pudesse mais uma vez encontrar os olhos dele.

Ele estava olhando para ela com uma esperança que ela não entendeu neste contexto.

—Talvez.

A palavra a chocou quando ela totalmente esperava que ele oferecesse à Mairi a proteção dos Sinclair.

—Por favor.

—Você me pede como seu laird? — ele perguntou com uma expressão que ela esperava que estivesse finalmente lendo certo.

—Não, peço a você como meu pai, um pai melhor que o MacLeod nunca pode esperar ser. — Talorc ganhou o título e o elogio.

E seu amor como uma filha, não importa quanto poderia apavorá-la dá-lo. Sempre estivera lá, ela percebeu e fingindo que não estava, não faria machucar nada menos se ela perdesse sua segunda família, como perdera a primeira.

Abigail fez um som que Ciara sabia que queria dizer que ela estava chorando. Quando Ciara

olhou para ela, os olhos da mulher mais velha realmente estavam derramando lágrimas, mas seu sorriso era mais brilhante do que a lua cheia brilhando pela janela.

Ciara sentiu umidade mal recebida em seus próprios olhos e ela girou sua cabeça para esconder sua debilidade.

Seu pai a alcançou e suavemente a virou com um controle em seu queixo.

—Está tudo bem.

Ela piscou longe a umidade.

—Está?

Ela finalmente admitiu que tinha uma família para perder novamente. Não se sentia bem. Sentia-se petrificando.

— Aye, filha. Está. — Ele a deu um olhar duro. —Não pense que escapará de um firme sermão de sua mãe por escapar sorrateiramente para correr sozinha à noite.

Ciara quase riu, mas a diversão se evaporou para terminar soando como um soluço afogado.

—Não irei.

—Eu darei abrigo à Mairi dos MacLeod.

—Espere. — a mulher contundida disse da cama.

Talorc girou para ela.

—Você veio para minhas terras, quebrada de outros punhos Chrechte. Você buscou abrigo.

—Mas não terei você estendendo-o sem completamente considerar as consequências.

—Seu pai considerará como um ato de guerra. — O tom de Talorc disse que não importava.

—Sim. — Mairi olhou. —Ele não me estima, mas estima seu orgulho. Ao ter outro clã me aceitando, alfineta-o.

—E por isso, ele iria à guerra. — Abigail disse com claro desgosto.

Talorc sorriu indulgentemente à sua esposa. Eirik pegou o olhar de Ciara e perguntou com seus olhos se Abigail era verdadeiramente tão ingênua. Ciara deu um leve aceno com sua cabeça. Ela acreditava que a maioria das pessoas boas e dos tiranos insignificantes gostava do MacLeod, em vez da regra.

Se ela não fosse tão otimista, ela nunca teria tomado uma chance com Talorc dos Sinclairs, entretanto, e então, nenhum deles nunca se lamentaria.

O dragão balançou sua cabeça, as tranças do guerreiro oscilando suavemente em sua têmpora esquerda.

—O MacLeod não é nenhum aliado do Sinclairs. — O tom de Talorc implicava que o homem jamais seria.

—Mas você não está em guerra com ele. — Mairi disse, estremecendo quando tentou se mover.

Lais saltou adiante e colocou uma mão em seu ombro.

—Não pude curar você completamente. Deve ser cuidadosa consigo mesma.

Ela corou e assentiu, admiração brilhando em seu olhar azul.

Lais sorriu para ela, dobrando os cobertores mais firmemente ao seu redor.

—Boa menina.

—Não sou uma menina. — Mairi quietamente alegou.



O sorriso de Lais aqueceu e Ciara sentiu que devia desviar o olhar, era muito íntimo.

—Eu sei. — ele disse, seu próprio tom baixo e aprovador.

Eirik sorriu tolamente. Abigail sorriu vagamente e Ciara se perguntou se só ela acabara de ver o que pensou que viu... o nascimento de um acasalamento.

Seu pai sacudiu sua cabeça, batendo no ombro do curandeiro Éan.

—Presidirei o acasalamento para que seu príncipe possa permanecer ao seu lado.

Os olhos de Mairi arregalaram, sua boca abriu e fechou, mas nenhum som saindo.

O sorriso de Lais trocou para um olhar que ele dirigiu primeiro a seu amigo e então para seu laird, mas não negou as palavras provocadoras.

—Não entendo. — Mairi finalmente conseguiu dizer em uma voz atada com confusão e receio.

—O assunto de seu abrigo foi resolvido. — Talorc respondeu.

—Bem-vinda a nosso clã, — Abigail disse em sua voz suave.

Mairi deu um soluço suave, lágrimas caindo por suas bochechas.

—Obrigada.

Talorc franziu o cenho.

—Não é uma coisa para chorar.

Mairi bateu em suas bochechas.

—Não, claro que não.

—Nós deixaremos você descansar. — Talorc girou para ir, sua mão na cintura de Abigail para guiá-la com ele.

A tensão drenando de suas feições, a exaustão de Mairi ficou óbvia.

—Novamente, meu mais sincero agradecimento. — disse Mairi brandamente para o laird enquanto este se retirava.

O pai de Ciara somente levantou sua mão em reconhecimento, guiando Abigail para fora do quarto.

Lais mimou Mairi um pouco mais e então se virou para Ciara.

—Você a vigiará?

—Sim, claro. — A voz de Ciara saiu sufocada, sua garganta apertada por alguma razão.

—Você virá e me procurará se ela mostrar qualquer angústia.

Ciara assentiu, mas Mairi franziu a testa.

—Fiz todo o caminho pelas terras do meu pai para aqui. Farei isto por uma noite dentro do calor de um forte, dormindo em uma cama real. — Mairi disse com clara exasperação.

Lais não pareceu menos arrependido e Mairi só suspirou.

—Realmente aprecio você me curando e... e... bem, cuidando de mim.

—O prazer é todo meu. — Com isso, ele se inclinou e fez o inconcebível, colocou um terno beijo na têmpora da mulher humana.

As mulheres humanas entre os clãs não permitiam tais liberdades, embora nada sobre esta noite fosse habitual, não é? E longe de parecer ofendida, Mairi pareceu bastante feliz sobre o gesto de afeto de Lais.

Lais partiu com outro olhar sobre seu ombro quando alcançou a porta, mas Eirik empurrou o outro homem. Ele girou sua cabeça para Ciara.

—Conversaremos com o Sinclair de manhã.

—Sim.

—Você dormirá hoje à noite.

Ele realmente achava que ele podia simplesmente desejar isso? Ela não se incomodou em discutir, contudo. Ciara meramente encolheu os ombros, nem concordando, nem negando.

Ele veio para ela então, seu passo largo propositado, e então colocou suas mãos uma em cada lado de seu rosto.

—Nenhum sonho hoje à noite.

—Talvez o *Faolchú Chridhe* te escutará e me deixará descansar.

—Escutará. — ele disse com tal confiança, que ela quase acreditou nele.

—Não sei se posso confiar em você, Ciara dos Sinclairs, mas eu te terei descansada. Você desmoronará e será inútil para alguém, se não fizer assim.

Suas palavras deveriam ofender, mas não fizeram. Por que ele devia confiar nela? Ela não era nada para ele.

—Farei o meu melhor.

—Veja o que você faz. — Ele retirou suas mãos dela e ela sentiu sua perda, mas conseguiu abafar o ganido do seu lobo. —Boa noite.

—Boa noite. — O dela foi sussurrado enquanto ele rapidamente traspunha pelo quarto.

Ciara fez uma cama de palha no chão ao lado de sua cama estreita.

Os olhos de Mairi tremularam.

—O que está fazendo? Você não pode dormir no chão.

—Tenho peles. Estarei bem.

—Mas...

—A cama é muito estreita para compartilhar, sem me preocupar se eu te empurrarei à noite.
— Especialmente com seus pesadelos.

—Seu sono não é tranquilo.

—Nay.

—O meu também não foi nestes últimos seis meses. A princípio, pensei que era porque meu pai planejou me dar em casamento para um de seus soldados. O homem é indelicado e nada higiênico, mas vim perceber que eram os sonhos que me enchiam com uma sensação de medo que não cessaria nem com o despertar.

—O *Faolchú Chridhe* está em risco. Precisa ser encontrado. — Por bem ou por mal.

—Antes que caia em mãos erradas.

Ciara não podia pensar sobre alguém pior do que aqueles que bateram muito impiedosamente em Mairi.

—Discutiremos isto com meu pai amanhã.

—Talvez mais tarde na manhã. — Mairi disse com sono.

Ciara sorriu, soprou o candeeiro de parede e puxou a pele sobre sua janela, lançando o quarto na escuridão.



—Durma tão tarde quanto possa; Abigail diz que é bom para curar.

Entretanto, dormir nunca curou o coração de Ciara. Talvez porque era uma coisa tão ilusória em sua vida.

Ela apalpou seu caminho até sua cama provisória e rastejou nela.

Alguns momentos se passaram em silêncio e Ciara pensou que Mairi divagou novamente, mas estava errada.

—Ciara?

—Sim?

—Você me ajudará a encontrar o meu lobo?

—Não sei se é possível.

—É. — A voz de Mairi estava calma, mas soou com convicção.

—Eu não sou uma princesa.

—Meus sonhos disseram o contrário.

Sonhos. Ela teria crescido para odiá-los, mas às vezes, seus sonhos eram felizes e era a única vez que ela sentia verdadeira alegria.

—Seus sonhos poderiam estar errados.

—Não estão.

—Você tem muita certeza.

—Minha mãe me ensinou a diferença entre sonhos videntes e os comuns. *Tenho* certeza.

—Se puder, eu farei. — Ciara não podia prometer nada mais e considerando tudo pelo qual Mairi arriscou vir a eles, ela não podia fazer nada menos.

Eirik esperou com o Sinclair e seu segundo-no-comando no grande hall por Lais, para acompanhar Ciara e Mairi ao descer as escadas.

Niall não estava muito feliz em descobrir que Mairi veio tão fundo nas terras Sinclair sem ser descoberta e ainda estava reclamando para Talorc sobre isto.

—Como uma mulher pequenina conseguir passar por nossos guardas e por nossos membros de clã?

—Talvez ela teve ajuda divina. — Abigail disse por detrás de Eirik.

Os gêmeos estavam com ela, correndo para seu pai e para o grande guerreiro sentado próximo a ele. O cenho de Niall trocou para um sorriso imediato e ele colocou um menino em seu joelho para examinar alguns tesouros que a criança trouxe com ele.

O outro gêmeo estava perguntando a seu pai se ele podia ver o punhal do homem e Abigail estava dando um olhar a Talorc que prometia séria retribuição se o homem dissesse sim.

O som de pessoas nos degraus fez Eirik rasgar seu olhar da cena doméstica para assistir a descida delas. Mairi se movia cuidadosamente, inclinando fortemente no braço de Lais, mas parecendo melhor do que a noite anterior.

Ciara, por outro lado, usava uma expressão assombrada, contusões escuras arruinando a

pele abaixo de seus olhos. O dragão de Eirik rosnou pela visão. Ela não dormiu.

Hoje à noite ela dormiria, mesmo se ele tivesse que embrulhá-la em seus braços e guardar seus sonhos com o dele próprio. Como príncipe de seu povo, Eirik podia falar com qualquer Éan em sua mente, mas como dragão dotado pela *Clach Gealach Gra*, ele poderia acalmar as mentes dos outros.

Ele começou a fazer isso naquela noite antes com Ciara, mas pensou melhor sobre revelar sua habilidade. Agora, ele sabia que na próxima oportunidade que tivesse, ele a usaria.

Lais alcançou o último dos degraus com Mairi, parecendo com um homem que encontrou sua companheira e não sabia o que fazer sobre isto.

Os gêmeos correram para Ciara e lançaram os braços em volta dela em abraços exuberantes.

—Sentimos falta de você. — Drost confiou. —A mamãe disse que você estava cansada.

—Ela disse que você estava dormindo. — Brian adicionou.

Eirik franziu a testa.

—Não parece que você dormiu.

—Você devia ter vindo brincar conosco. — Drost disse.

Ciara balançou sua cabeça, mas sorriu.

—Devia ter ido.

Mairi enviou um olhar preocupado, crivado com culpa para Ciara.

—Eu não devia ter tomado sua cama.

—Sim, você devia. Meus sonhos me transtornam, não minha cama de palha no chão.

—Você precisou dormir no chão? — Drost perguntou com um olhar desconfiado para sua mãe. —Nós nunca precisamos.

—Eu quero dormir no chão. — Brian anunciou antes de subir de volta no colo de Niall e cruzou seus braços, igual à Talorc quando ele queria fazer um ponto.

—Sua mãe prefere que vocês durmam em uma cama. — O tom de Talorc disse que não importava como poderia querer favorecer seus filhos, eles teriam que conseguir aprovação primeiro de sua mãe.

—Bem, se vocês realmente quiserem dormir no chão, então farei uma cama de palha para vocês no chão de nosso aposento, hoje à noite. — Abigail ofereceu com um doce sorriso dirigido a seu marido.

O cenho do Sinclair foi imediato.

—Por que *nosso* chão?

—Porque será uma aventura.

E ele não seria tão rápido para pôr a culpa pelos meninos dormindo em uma cama com sua mãe, se eles dormindo no chão significava que Talorc teria que se despendar a *dormir* também. Abigail era uma mulher inteligente e furtiva.

Eirik gostava dela.

Ciara sorria pela cena, uma expressão saudosa em seus olhos que Eirik não entendeu.

Inseguro do que o dirigiu a fazer isto, Eirik levantou e foi para ela. Ele pegou seu braço e a levou para a cadeira que ele se sentara perto da lareira grande.

—Sente-se, *faolán*.



—Por que ele chamaria Ciara de pequeno lobo, Niall? — Drost perguntou ao grande guerreiro. —Ela não é pequena; ela é maior do que eu.

Niall olhou para Eirik, sua expressão um desafio.

—Eu não sei. Eirik, por que não nos diz por que você chamou a filha do nosso laird por estima?

Ciara estava tão exausta, que Eirik podia dizer que ela não estava realmente escutando o que estava sendo dito em torno dela. Inferno, ela nem recusou tomar sua cadeira. Em sua experiência, ela não era o lobo obediente que Talorc alegava.

—O que é uma estima? — Brian perguntou.

—Como quando seu pai te chama de filhote, ou de seu pequeno homem. — Abigail respondeu quando ninguém mais fez.

Talorc e Niall estavam muito ocupados olhando para Eirik.

—Oh. — Drost balançou suas pernas, chutando Niall, mas o homem não fez nada além de piscar. —Mas ela não é um filhote.

—Não, ela não é.

—Bem? — Talorc iniciou, seu hostil olhar firmemente fixo em Eirik. —Há uma razão porque *you* descobriu minha filha na floresta, ontem à noite?

—Tenho a seguido, vigiando-a do ar quando ela corre à noite.

—Ontem à noite não foi um incidente isolado? — O Sinclair exigiu, sua atenção em Ciara agora.

Ela não respondeu.

—Ciara?

Ela olhou para cima, seus olhos injetados de sangue, seu rosto pálido.

—Sim?

—Você precisa voltar para a cama. — O tom de Talorc estava firme, mas atencioso, o que quer que fosse que ele quisesse dizer, sumiu em face ao claro esgotamento da sua filha adotada.

—Preciso? — Ela olhou em volta, sem dúvida notando os olhares de preocupação sendo dirigidos a ela. —Mas acabei de levantar.

—Abigail, você pode fazer um chá para ajudá-la a dormir? — O Sinclair pediu a sua esposa.

—Eu tentei... eles não parecem funcionar.

—Eu posso ajudar que ela durma.

Isso teve a hostil consideração de Niall e Talorc de volta nele, somente reajustado um entalhe.

—Não. — O tom de Talorc não deixava nenhum espaço para discussão.

—Posso tranquilizar sua mente e meu dragão pode proteger seus sonhos.

—Você tem que estar no quarto para fazer isso? — Talorc exigiu, claramente entendendo a distinção que Eirik tinha feito.

—Uma vez que acalme sua mente, ela dormirá, mas eu não posso proteger seus sonhos sem tocá-la.

—Então, ela somente acordaria de novo, como ela faz com meus chás. — Abigail disse

preocupadamente.

Eirik assentiu.

O Sinclair abriu sua boca para falar, mas o que ele teria dito foi perdido quando Ciara se lançou para frente. Ela teria aterrissado contra o chão duro, mas ambos, Eirik e Abigail, a agarraram.

Ciara se sentou, sacudindo sua cabeça.

—Não sei o que está errado comigo.

—Sem sono suficiente. — Talorc disse. —Por muitas noites.

Abigail suspirou.

—Sem comida suficiente.

—Muitos sonhos. — Mairi adicionou.

E todo mundo olhou fixamente para ela.

—Eu os tenho, também, mas não posso lhes contar sobre eles até que Ciara esteja descansada o suficiente para se juntar à conversa. Não trairei os segredos dela ao revelar os meus próprios.

—Você pode a segurar em nossa cama. — Talorc disse, suas palavras invejosas. —A porta permanecerá aberta e nós estaremos verificando vocês.

Eirik devia ter se ofendido, mas levou tudo que podia fazer para abafar seu desejo de rir.

Não importa o quão atraente ele achava a bonita pequena loba, ele preferia que seus parceiros de cama estivessem conscientes. Além disso, ela precisava descansar, não de esforços sexuais.

—Nós dormiremos na floresta, porque preciso estar em minha forma de dragão para proteger seus sonhos. Não acredito que Abigail me apreciaria quebrando a cama que ela finalmente o convenceu a construir para ela. Você pode enviar uma dama de companhia, mas deve ser uma dos Éan ou uma dos poucos Faol confiáveis que já sabem da minha outra forma.

O laird concordou, enviando Niall e Guaire para acompanhar Eirik e Ciara na floresta.

Ela estava tão fora de sua cabeça com falta de sono, que Ciara nem perguntou onde estavam indo ou por que ela foi colocada em um cavalo com o gigante guerreiro loiro.

O dragão de Eirik rugiu por isso, mas se acomodou um pouco quando se lembrou de que o outro Chrechte estava felizmente acasalado... com Guaire. Seu dragão ainda estava infeliz e Eirik só esperava que o trajeto fosse rápido, ou a besta teria sua vontade e ele, imediatamente, acabaria pegando Ciara do cavalo de Niall.



Capítulo 8



Curar é uma questão de tempo, mas é, às vezes também, uma questão de oportunidade.
—HIPÓCRATES

Lais ergueu Mairi em seus braços, ignorando seu grito de surpresa e girou para enfrentar seu laird.

—Farei outra sessão de cura nela.

Talorc assentiu.

—Abigail te acompanhará.

—Se você desejar, mas meu poder de cura é mais forte quando não há nenhuma distração.

—Acredito que sua paciente será distração o suficiente. — Talorc disse ironicamente.

Mairi ofegou por isto e se contorceu, mas Lais cuidadosamente manteve-a perto.

—Exatamente. — ele concordou com seu laird. —Adicionar mais distrações à mistura embarçará minha habilidade para curar minha paciente, mas eu me curvarei à sua vontade.

O laird balançou sua cabeça.

—Você é quase tão arrogante quanto seu príncipe.

—Acredito que esta é a panela reclamando da chaleira. — Abigail disse com uma pequena risada.

Desde que Lais concordava, ele fez o seu melhor para esconder sua diversão. Ele gostava de sua cabeça justo onde estava. Presa a seus ombros.

—Você não se aproveitará de sua inocência. — o Faol declarou. —Ela está sob minha proteção.

Lais não culpou o laird por duvidar de sua honra. Depois do que Lais fez a seu próprio povo, ele não esperava a confiança de outros Chrechte.

Era o porquê de a amizade do Eirik ser tão importante para Lais. O príncipe nem uma vez

questionou os motivos ou as ações de Lais.

Mas o insulto a sua integridade ainda feria.

—Ela é minha paciente. Ela está segura sob meu cuidado.

—Claro que ela está segura com você. — Abigail acalmou e então olhou para Talorc. — Meu marido não quis implicar o contrário.

O laird não pareceu no mínimo arrependido.

—Ele a quer.

Abigail corou e deu a Mairi um olhar compassivo.

Mairi fez um som muito alto de protesto, mas não tentou sair de seus braços novamente. Seus ferimentos deviam estar doendo. E agora mesmo, isso era tudo o que importava.

—Eu a tratarei como se ela fosse outro protegido do Sinclair. — Lais disse.

—Bom. — Os olhos do lobo alfa prometiam retribuição se Lais não fizesse como prometeu. —Porque no momento, é exatamente o que ela é.

—Mas eu... meu pai... ele não irá... — A doce voz feminina de Mairi divagou em confusão.

Talorc a ignorou, seu rosto abrandando quase milagrosamente quando ele olhou para sua esposa.

—É tempo de levar os meninos para cavar em seu jardim de erva, penso.

—A última vez que você fez isto, eles descobriram meu tomilho e nossos jantares sofreram.

— Abigail disse com aspereza, mas com uma divertida centelha em seu olhar.

—Então você fez o melhor vindo nos supervisionar.

—Suponho que seria melhor por isto. — A senhora dos Sinclair torceu os lábios com humor.

—Com sua licença. — Lais disse para o laird, indicando os degraus com seu queixo.

A atenção de Talorc voltou para Lais e Mairi.

—Faça o que puder por ela. Ela não é um guerreiro para sofrer tal dor.

Lais não deveria ter ficado surpreso pelo laird Sinclair ter notado o desconforto de Mairi, ou que o lobo se importasse com isto, mas parte dele ficou. E envergonhou Lais perceber que ele tinha seus próprios julgamentos, baseados em experiência passadas, para superar.

—Farei.

Talorc assentiu e então levou sua família do grande hall.

Lais levou Mairi até seu aposento.

Ele foi tomado de surpresa quando o laird ofereceu a ele um quarto no forte, ao lado do de Eirik. Mas Talorc disse que com o dom Chrechte de cura de Lais, ele seria um membro inestimável do clã e melhor mantido perto da família do laird.

Curar Mairi no quarto de Lais, o ajudaria a se focar e extrair a força de seu dom Chrechte. Suas armas perto, as peles que Lais trouxe com ele de sua casa na floresta, estavam organizadas de um jeito que fazia sua águia se sentir confortável e segura, apesar deles estarem no chão.

Ele manteve uma tigela de ervas fragrantas usadas para curar na janela alta, o cheiro calmante e uma lembrança ao mesmo tempo. Anya-Gra o ensinou que enquanto sua habilidade de curar outros era um grande dom, ele não tinha que usar somente isto. Uma das filhas dela passou os últimos sete anos treinando Lais no uso de ervas, tinturas e outros tratamentos em doenças curativas para ambos, Chrechte e humano.



A única mobília no quarto, uma longa mesa estreita contra a parede oposta à cama, guardava jarros, potes e bolsas cheias de suas ferramentas como um curandeiro desta formação. No centro, descansava uma pequena caixa de madeira. Decorada com um dragão esculpido no topo, tinha um corvo, uma águia e um falcão decorando três lados e nada atrás. Dentro, descansava a pequena pedra de âmbar que Anya-Gra deu a Lais no dia posterior ao que ele foi viver entre os Éan.

Uma recordação ao fato que ele recebeu uma segunda chance, o cristal amarelo escuro ajudava que ele se lembrasse daquele dia de cura na caverna, sete anos atrás. Anya-Gra também trabalhou com Lais em usá-la para focar-se e realçar seu dom curativo.

Chutando para fechar a porta, ele bateu a barra com seu ombro assim que caiu no lugar, assegurando que ninguém poderia abrir e os interromper. Quebrar seu foco em um momento crucial ao curá-la, poderia ter efeitos muito prejudiciais na recuperação de Mairi.

—Este não é o quarto de Ciara. — a doce loira disse quando ele a deitou em suas peles, seus olhos azuis cheios de confusão.

Ele ajustou uma pequena pele, enrolada sob sua cabeça.

—É meu.

—Mas não é decente. — Ela tentou levantar, mas apenas ergueu sua cabeça antes de cair de novo com uma expressão de dor. —Não posso estar no quarto de um soldado solteiro.

Embora ele treinasse com os guerreiros, ele não era um deles.

—Sou curandeiro, não um soldado.

Ele despejou água do jarro, mantido em seu quarto, na grande tigela de madeira que usava para todos os tipos de coisas. Foi esculpida magra e polida com um alto acabamento, por um dos qualificados carpinteiros entre os humanos que fizeram suas vidas com os Éan na floresta.

—Pffft. — Sua boca franziu adoravelmente e o desejo de beijá-la foi quase mais forte do que sua vontade. —Esta é dificilmente uma distinção importante.

Era para Lais. Ele nunca mais tentaria machucar outro Chrechte a menos que em defesa de outros.

—Você ouviu o laird. Sua virtude está segura.

Ela corou tão brilhantemente, quase escondeu as restantes contusões em seu rosto. —Não é isso que eu quis dizer. Nunca pensei que... Você não quereria... Eu estou feia com as contusões... Você...

A diminuta mulher humana era encantadora e muito, muito desejável quando ela ficava agitada. Lais encontrou a si mesmo sorrindo, apesar de ter que lutar uma batalha interna de luxúria.

—Você está segura em minha companhia.

—Nunca duvidei disto, mas este não é o ponto.

—Qual é o ponto então, pequena? — Sua confiança nele era um afrodisíaco muito mais do forte que sua beleza.

Ele precisava extrair uma respiração não infundida tão fortemente com seu cheiro. Ele levantou e foi para sua mesa, juntando ervas e panos para tratar dela.

—Meu nome é Mairi.

—*Este é o ponto?* — Ele não podia se parar de provocar enquanto colocava as coisas que juntou ao lado da tigela d'água.

—Claro que não.

Em melhor controle de seus desejos, Lais a arrumou mais cuidadosamente nas peles, então lá não havia nenhuma pressão excessiva em quaisquer das áreas que estariam dando mais dor a ela. Ele teve que lutar contra tornar cada toque uma carícia e estava orgulhoso de si mesmo quando administrou isto.

A respiração dela ficou rasa e ela fechou seus olhos, dois lugares de cor queimando alto em suas bochechas.

—Machuquei você? — Ele tentou não machucar.

—Não.

—O que te aflige então? — Mas seus ávidos sentidos contaram a ele antes dela abrir sua boca.

Mairi se excitou por seu toque.

Ela socou suas mãos na saia de seu plaid.

—Você está muito perto. — Sua voz estava atada com acusação.

—Difícilmente posso curar você do outro lado do quarto.

—Não esperei que você pudesse. — Seus olhos estalaram abertos, seus azuis profundos refletindo uma mensagem pela qual ele deu seu melhor para ignorar. —Eu só... você *está* perto e parece estranho.

—Aye. — Fingir ignorância a ela poderia poupar seus sentimentos, mas não mudaria a verdade entre eles.

—Para você, também? — ela perguntou com surpresa.

Ele deu de ombros, sem intenção de responder àquela pergunta ou o que implicava. Se ela não pudesse ver o jeito que seu kilt estava começando a levantar por sua excitação, ele certamente não iria assinalar. Ele nunca esteve atraído por um paciente antes, mas na noite anterior foi a primeira vez que curar alguém o fez doer com a necessidade por sexo.

Ele teria vergonha de sua reação, só que ele sabia que sua águia queria reivindicar esta humana como sua companheira.

A reação de Lais à Mairi era inevitável.

—Por que me sinto tão atraída por você? — Suas feições estavam pálidas com dor, mas um desejo confuso queimou em seu olhar celeste.

—Você é minha paciente.

—É mais que do que isto. Com a visão do meu pai sobre como lidar com suas frustrações por minha carência, pode acreditar que passei muito tempo com a curandeira dos MacLeod. Nunca fui tão atraída por ela. Era grata a ela, mas nunca senti as sensações estranhas que sinto com você.

Ele riu, a ingenuidade de Mairi docemente divertida.

—Você está se divertindo porque não pensa que percebo que isto é uma coisa de mulher-homem. — Mairi quietamente disse. —Mas não me sinto atraída por outros deste modo, também.

—Outros? — ele perguntou, sabendo que lamentaria fazer isso.



—Seu príncipe, o laird, esse grande guerreiro loiro que parece preparado para matar no momento que deem o sinal.

Ele nunca tinha escutado descrever dessa forma a Niall, mas se aproximava tanto à realidade que Lais sorriu.

—Ele é um grande guerreiro, mas não faria mal a você.

—Se você diz.

—Digo.

—Você é alguém que gosta da última palavra. — ela acusou.

A dor nunca deixando completamente o seu rosto, lembrou a ele que poderia precisar de sua pedra de âmbar para esta sessão de cura.

Ele levantou e a tirou da caixa.

—Você é alguém que gosta de conversar muito.

—É verdade. — Ela não soou muito feliz sobre a observação de Lais, contudo. —Meu pai acha isto o mais irritante.

—Eu não acho. — Ele ajoelhou ao lado dela novamente, colocando a pedra de âmbar próximo a sua cabeça, seus dedos tocando o cabelo dourado dela.

Foi tudo que ele podia fazer para não enterrar seus dedos nos fios de seda. Mas tudo sobre ela o intoxicava com mais potência que uísque bem envelhecido. Seu perfume, tão feminino e tão certo, provocando suas narinas e ele não pôde evitar respirar fundo para alimentar a necessidade da sua água.

Era um erro e ele o percebeu imediatamente, mas não logo o bastante para prevenir o tremor de seu corpo quando seu desejo pela mulher MacLeod cresceu.

Estivesse ela ainda não tão dolorosamente ferida, ele não poderia subjugar sua necessidade por ela. Disso ele tinha certeza.

Talvez o Sinclair estivesse certo ao questionar o controle do Lais, se não sua honra.

—Estou contente. — ela suavemente disse. —Não desejo te dar nojo de mim.

—Isso não é possível. Você mostrou grande determinação e coragem, não posso fazer nada além de te admirar. — E a querer com uma fome que ele duvidava que até o dragão de Eirik pudesse igualar.

Ela não disse nada quando Lais banhou seus pés com a água infundida com ervas que afastaria a infecção dos poucos arranhões que sobravam. Eles estiveram rasgados e agredidos na noite anterior e ele começou curá-la lá, inconscientes ferimentos muito mais sérios esperavam seu toque Chrechte.

—Então, por que eu sou tão atraída para você e não para outros?

—Eu te disse, sou seu curador. Você sente meu poder trabalhando dentro de você. Ele atrai você para mim. — Foi uma boa desculpa, embora completamente falsa.

—Então, você não é atraído para mim?

—Você é ousada em sua fala para uma donzela inocente.

—Só com você. Eu escondi do homem que meu pai escolheu para se casar comigo tanto como possível e só falei com ele quando não pude evitar.

Para uma mulher que gostava de conversar tanto como sua Mairi, isso disse muito sobre seus sentimentos para o homem que seu pai escolheu para ela. A águia de Lais tinha sua própria opinião do guerreiro falado e um jeito sanguinário de lidar com ele em mente.

—Você está prometida? —ele perguntou a ela em um tom feito duro por sua antipatia pela possibilidade.

—Sou verdadeiramente uma protegida do Sinclair?

O Sinclair deu abrigo a ela, mas hoje, ele deu mais... ele deu a ela um lugar em sua família.

—Ele disse. É assim.

—Então... não.

—Explique.

—Meu pai prometeu minha mão sem meu consentimento.

—Isso não é incomum, particularmente para uma filha de laird. — Entretanto, um homem, cujos hábitos guiaram sua filha a passar tempo com a curandeira de seu clã, não era um que escolheria cuidadosamente para o possível companheiro dela.

—Mas se eu não estou mais sob sua autoridade, então sua promessa sobre meu favor não é mais obrigatório. Desde que eu nunca concordei, não estou ligada por minhas próprias palavras, tampouco. — Ela tremeu. —E é uma coisa boa, também. O homem tem muitas das características do meu pai.

—Ele teria batido em você? — Lais perguntou, fúria na direção deste desconhecido membro de clã crescendo dentro dele. —Ele é Chrechte?

O clã Macleod tinha uma enfermidade que as habilidades de Niall eram necessárias mais do que as de cura de Lais.

—Sim, entretanto, ele não é um lobo muito forte.

—Mesmo um lobo fraco é muito mais forte do que a maioria dos humanos.

—Sim. — Ela afastou sua cabeça. —Ele me *bateu*. Nem todas estas contusões são dos punhos de meu pai.

Eirik disse a Lais, através do real Éan vínculo mental, que ontem à noite Mairi foi espancada por seu pai e estava precisando ser curada, mas ouvir isto dos próprios lábios dela era pior do que um chute nas vísceras de Lais.

—Por quê? — Não que o porquê importasse, porque nada nunca poderia justificar tal cruel covardia, mas Lais sentiu a necessidade de entender tanto sobre esta mulher humana quanto possível.

Ainda que ele nunca a reivindicasse por companheira, ela sempre seria importante para ele. Ele recebeu uma nova vida entre seus irmãos, mas sabia que não a merecia. Ele nunca pediria a uma esposa para aceitar um guerreiro com tal passado comprometido.

Não importa o quanto sua águia almejasse o toque desta mulher. Ela era uma paciente e nunca poderia ser qualquer outra coisa.

Não obstante, Lais faria o seu melhor para protegê-la deste ponto em diante. Entender como ela veio estar aqui era um passo necessário para fazer isto.

—Fugi na noite anterior a que eu deveria casar com Ualraig. — Os olhos de Mairi suplicaram por compreensão. —Eu não podia suportar o pensamento de casar com um homem igual a meu



pai. Ualraig só estava disposto a me ter como sua esposa porque tinha certeza de que eu não era sua companheira verdadeira e ele ainda poderia compartilhar sua semente com uma mulher lobo, dada à oportunidade.

—Como sabe disto?

—Ele me disse.

Lais amaldiçoou. Nenhuma maravilha que ela evitasse falar com o bastardo.

—Eles te acharam.

—Eles são Chrechte. Claro que acharam, mas quase cheguei ao limite do norte de nossa terra. — Ela soou orgulhosa daquele fato e ela deveria.

Ter iludido seus caçadores Chrechte por muito tempo era realmente uma realização.

—Como você fugiu na segunda vez? — E conseguir fazer isso todo o caminho para a terra Sinclair nesta ocasião também.

—Eles me deixaram para morrer. — Ela respirou fundo e expirou, sua angústia ainda demasiado aparente para seus sentidos. —Despertei com tanta dor e percebi que se eu não fosse embora, morreria exatamente como eles pretendiam. Conhecia um guerreiro velho que vivia no limite de nossa terra, ostensivamente para protegê-la, mas na verdade, meu pai não gostava dele.

—Ele te ajudou?

—Depois certa maneira. Roubei seu cavalo.

—Você não tinha um cavalo quando Ciara te encontrou.

—Não. Eu o enviei de volta pelo caminho que viemos. Ele era um cavalo esperto, sem dúvida ele está em casa agora.

Isso explicou sua habilidade de vir até aqui, mas não como ela o fez tão despercebido.

—Então, seu pai acredita que você esteja morta?

—Acho que não, não por agora.

—O que quer dizer?

—Eles voltariam por meu corpo, depois que os animais selvagens chegassem a ele.

O mal do laird MacLeod era ainda pior do que Lais tinha primeiramente pensado. Até um laird não podia ser permitido a matar sua própria filha. Assim, ele tomou medidas para ter certeza de que não era acusado de fazê-lo.

—Eles pretendiam fazer parecer que animais selvagens te alcançaram quando você fugiu. — Lais disse com desgosto, seu estômago revolvendo pelo pensamento. —Ainda estava viva quando eles te deixaram. Um Chrechte teria sabido.

—Sim.

E ainda assim, os dois bastardos malignos a deixaram tão machucada que ela não poderia se proteger de um leitão, muito menos de um javali selvagem.

—Mal.

—Sim.

—Mas você não era tão frágil como eles pensaram e era inteligente o suficiente para conseguir vir aqui. — Ele deixou a admiração que sentia soar em sua voz.

Ela a merecia.

—Eu já estava muito perto. Penso que meu pai esperava pôr a culpa da minha morte em outro clã, então me deixou onde ele e seu soldado me encontraram próxima ao limite da terra MacLeod.

—Você foi mais esperta que ele.

—Fui, mas se Ciara não me achasse ontem à noite, penso que eu não teria sobrevivido pela manhã.

Lais sabia que ela não teria.

—Mas você sobreviveu.

—Sim, e no fim, isso é tudo que importa.

Não, a perfídia e a crueldade de seu pai tinham que ser tratadas, mas não agora e não por ela.

Ele começou a remover o plaid de Mairi.

Ela agarrou-se ao tecido, arrastando-o para perto dela.

—O que está fazendo?

—Eu preciso ver o que posso de seus danos.

Ele não tinha nenhuma escolha, além de usar sua visão interna para os danos interiores e ossos dela. Embora usasse muito mais de seu poder e o exaurisse no processo. Ele não poderia desperdiçar sua energia tentando *ver* através do plaid dela pela causa de sua modéstia.

—Mas não posso ser despida em sua presença. — Ela trágou, olhando e cheirando muito nervosa de repente. —Não seria certo.

—Eu sou um curandeiro. — ele disse com exasperação.

—Você está dizendo que viu cortes de mulheres sem suas roupas para que você pudesse curá-las? — ela exigiu, soando aborrecida pelo pensamento.

Ele não se incomodou em dignificar aquele ridículo comentário com uma resposta. Ele simplesmente arrastou o plaid que ela segurava tão firmemente.

Recusando a soltar, ela balançou sua cabeça.

—Nossos dons Chrechte não vêm sem custo., — ele disse a ela.

—O que isso tem a ver com você me despindo?

—Você poderia se despir, mas suas costelas ainda estão muito sensíveis para permitir que você erga seus braços facilmente.

—Você está mudando do assunto novamente.

Ele teria sorrido pela sua impertinência, mas este não era um argumento que ele poderia ceder.

—Eu somente tenho muita força para curar com meu dom Chrechte antes que eu precise dormir, e tempo antes de tentar curar você mais.

—Então?

—Então, se desperdiçar meu poder para proteger sua modéstia, eu não poderei efetuar uma mudança em seus ferimentos mais sérios.

—O que você quer dizer com desperdiçar seu poder?

—Tenho que ver seu ferimento para curá-lo. Fazer isso com meus olhos permite que eu enfoque minhas energias na cura em lugar de ver.



—Mas ontem à noite...

—Cometi o engano de proteger sua modéstia e usei minha energia para *ver* seus ferimentos sem tirar sua roupa. — Depois, ele já desperdiçara demais trabalhando nos ferimentos superficiais em seus pés e rosto que estiveram óbvios até no luar.

—Mas você ajudou muito.

—E tenho muito mais a fazer para te deixar bem. Nem estou certo de que vi todos seus danos internos, ontem à noite. — Quando ele percebeu quanto machucada ela realmente estava, Lais se tinha meio exaurido tentando ver suas contusões debaixo das roupas.

—Você pode ver através de minhas roupas? — Ela perguntou com choque.

—Nay. Isso não é assim. Parte de meu dom é a capacidade de sentir ou ver a ferida, mas se uso minha força para fazer isso, então tenho menos chance para curar o que encontro com minha visão mental. — tratou de lhe explicar outra vez.

Não era como se ele pudesse ver as curvas cremosas de sua pele, mas os danos chamados pela sua visão interna e ele *entendia* o que eles eram e o que precisava acontecer para curá-los.

—Você não vai só remover meu vestido, não é?

—Nay.

—Você quer tirar todas as minhas roupas? — ela perguntou em voz baixa.

—Eles baterem em você por todas as partes.

—Sim.

Ele a deixou tirar suas próprias conclusões.

Depois de alguns momentos de silêncio, ela finalmente assentiu, desviando o olhar.

—Muito bem.

—Não faço isto para te envergonhar, pequena.

—Acredito em você. — Mas ela ainda manteve seu olhar desviado.

Sua águia queria confortá-la.

—Talvez eu deva trazer Abigail, afinal.

Depois de tudo que ela passou, Mairi merecia toda consideração que ele podia dar a ela.

Isso fez Mairi olhar para ele, o pânico em seu rosto, um chute em seu intestino.

—Não. Por favor. Prefiro que ninguém mais testemunhe minha nudez.

—Mas ela é nossa senhora, uma curandeira também.

—E ela verá minha vergonha.

—Sua vergonha? — Estar nua diante dele a fazia se sentir envergonhada?

Lágrimas encheram os olhos de Mairi.

—Os cortes, as contusões... a evidência do meu pai e do homem com quem ia me casar que pensavam tão pouco de mim, eles bateram em mim sem importar se eu vivia ou morria.

—Oh, doce, os danos à sua pessoa são a vergonha deles, não sua. — Ele roçou sua mão sobre o ombro dela, a necessidade de confortar maior do que qualquer outro desejo naquele momento.

A umidade em seus olhos transbordou e deslizou por suas têmporas.

—Não se sente assim.

—Mairi, você é bonita, amável e doce. Você merece ser protegida, não machucada. — E ele a protegeria.

—Eu fugi. Envergonhei meu pai; eu devia ter mantido a promessa dele em meu nome.

—Não. — Lais segurou seu rosto, forçando os olhos molhados dela a encontrarem os seus. —Você não pode honrar as promessas de um homem que não tem nenhuma honra.

—Ele disse que eu era uma filha antinatural, que não tinha nenhum uso para ele. Ele me odeia.

—Ele é um bastardo do mal que eu alegremente estriparia com as garras da minha águia. Seus olhos marejados arregalaram.

E ele não podia suportar isso mais. Ela era dele, entretanto, ele nunca poderia completamente reivindicá-la. Mas podia deixá-la ver que era valiosa.

Ele abaixou sua boca e suavemente a beijou; ele não a machucaria.

—Minha águia quer acasalar com você. Você não é inútil.

Ele afastou-se para trás e ela olhou tristemente para ele.

—Contudo, você não quer acasalar comigo, não é?

—Eu não posso.

Ela assentiu.

—Entendo. — Embora ela claramente não fizesse.

Lais segurou no cinto dela, com intenção de removê-lo.

—Deixe-me mostrar a você o seu valor. Deixe-me curar você.

—Tudo bem.



Capítulo 9



Subjugue sua paixão ou ela subjugará você.

—HORÁCIO

Eirik ergueu Ciara do domínio de Niall e a levou para a caverna, deixando o cuidado dos cavalos para o guerreiro e seu companheiro senescal.

Ciara tinha os olhos frágeis e mal abertos, assim não a pôs em pé para evitar que caísse de bruços.

—Por que fez isto consigo mesma? — ele perguntou a ela.

Um pouco de seu espírito acendeu em seu olhar verde por aquilo.

—Não faço nada comigo mesma. Não pedi estes sonhos que me impedem de dormir, por visões que me sitiam até que minha mente não pode nem mais pensar.

—Você luta contra eles.

—Claro.

—Por quê?

—Só trazem dor.

—Porque você luta contra eles.

—A última vez que cedi a eles, perdi um irmão. — A tristeza que encheu o espaço entre eles apertou seu próprio coração.

—Você não pode...

—Por favor, você disse que pode me ajudar a dormir. Você pode fazer a constante borda de preocupação me deixar. Faça isso. *Por favor.*

Precisaria de um coração de pedra para ignorar os apelos da mulher lobo. Ela estava

desesperada para descansar de ambos, seu espírito e corpo. Ele podia dar isto a ela.

—Silêncio. Eu ajudarei.

—Obrigada.

Niall entrou então, carregando uma pilha de peles.

—Coloque-as ali, no centro da caverna. — Eirik instruiu o guerreiro grande, cicatrizado.

A caverna era grande o suficiente para Eirik libertar seu dragão com conforto e fornecer espaço para os outros guerreiros também descansarem com conforto relativo. Não que o conforto deles fosse uma prioridade para ele, mas Eirik estava acostumado a considerar as necessidades de seu povo. Este Faol e humano se tornaram seu povo com seu acoplamento ao clã Sinclair.

Niall arranjou as peles.

—Você realmente pode ajudá-la a dormir?

—Eu não afirmaria isso se não fosse verdade.

O guerreiro grunhiu.

—Ajudarei Guaire a acomodar os cavalos.

Eirik assentiu, seu foco em deitar a já cochilando Ciara entre as peles.

Ela abriu seus olhos e encontrou seu olhar quando ele se inclinou sobre ela.

—Meu sono não é profundo o suficiente. Eu sempre desperto.

—Você não despertará esta noite.

—Promete? — ela perguntou com uma esperança cheia de dor.

—Prometo.

Ele colocou suas mãos em ambos os lados da cabeça dela e concentrou em deixar pensamentos calmantes fluírem entre eles. Ela fechou seus olhos de novo, mas continuou tensa.

Ela ficara muito tempo sem sono real, seu corpo sitiado esqueceu como descansar. Ele começou a sussurrar com os sons de seu dragão e um pequeno sorriso ergueu os cantos de sua boca.

A tentação em pressionar seus lábios juntos era muito grande para resistir e ele deu um beijo gentil nela. Ela suspirou contra sua boca, seu corpo ficando frouxo.

E só assim, ela adormeceu.

Eirik não perdeu tempo em se transformar para sua forma de dragão, puxando a pequena humana em seus braços, enquanto seu rabo veio ao redor para embrulhar sobre as pernas dela. Ele ignorou os sons de Niall e Guaire preparando seu próprio canto atrás de suas costas.

Seu dragão os conhecia como amigos, não inimigos, então não estava aborrecido pela escolha do local de acampamento dos homens. Seu corvo se acomodou para dormir com a mulher que ele considerava sua companheira, já buscando os sonhos dela.

Eirik não disse ao Sinclair que seu dom era duplo e ambos, o corvo e dragão, podiam influenciar os sonhos de Ciara. Não era necessário compartilhar estas informações e ele não tivera certeza de que seria indiferentemente relevante. No passado, seu corvo só podia entrar nos sonhos de sua família.

Mas quando seu dragão deslizou para o sono também, seu poder saindo para proteger Ciara do *Faolchú Chridhe* que chamaria por ela, seu corvo procurou pelos pensamentos de Ciara em sono.



Eles estavam em uma cabana, o aposento que eles entraram não muito maior do que a cama em que uma mulher com cabelo cinza dormia. Mas ela não estava dormindo. Ela estava morta, o fedor de sangue seco e congelado muito forte para significar qualquer outra coisa.

Eirik podia sentir a angústia de Ciara, o ferimento profundo em seu coração quando ela percebeu que sua mãe tirou sua própria vida.

Isso não era por onde a mente de Ciara precisava ir. O corvo de Eirik cavou mais fundo na tela surreal, buscando imagens da mulher na cama em tempos mais felizes. Ele as encontrou, puxando-as para primeiro plano, levando a sonhadora Ciara para uma tarde de aprender a costurar, as mãos de sua mãe guiando as suas com toques gentis.

De repente no sonho, Ciara olhou para cima e encontrou os olhos de Eirik. Ela sabia que ele estava lá. Ela sorriu e disse:

— Obrigada.

A cabana caiu e eles estavam agora no aposento de Ciara. Ela estava em sua cama, usando nada além de sua camisa sem manga para dormir.

Uma vez mais ela olhou para ele, desta vez seus olhos não tão agradecidos quanto cautelosos.

—Não quero ter outro sonho com você.

—Você sonha comigo? — Ele perguntou, pensando que provavelmente não deveria.

—Sim. Os sonhos que me fazem doer.

Outra noite ele poderia ceder à tentação de compartilhar tal sonho, mas agora mesmo, esta mulher precisava de descanso verdadeiro.

—Você não doerá, mas descansará. — Ele cruzou o quarto para sua cama e ajoelhou ao lado dela. —Relaxe, *faolán*. Não deixarei nada te prejudicar aqui e nenhum sonho te acossará, também.

—Posso confiar em você?

—Aye.

—Você matou meu irmão.

—Aye.

—Outro Éan poderia tê-lo matado mais tarde, se ele continuasse caçando-os.

Deus da boa vontade. Sim. Embora à imagem onírica de Eirik não o disse em voz alta.

Ciara suspirou.

—Eu o amei. Tanto. Ele me disse que estava contente que eu era uma irmãzinha, mesmo quando pai estava triste porque eu não era um filho.

—Ele tinha alguma sabedoria então.

Ela sorriu, seus olhos lentamente fechando.

—Sim, alguma sabedoria. E um coração quente... quando nós éramos mais jovens.

Paz surrupiou-se sobre seu semblante e então ela estava adormecida. Verdadeiramente adormecida.

Saber que isso podia não fazer nenhum dano e provavelmente ajudar, o Eirik do sonho subiu sobre a cama estreita ao lado dela e pegou Ciara em seus braços. Ela suspirou, virou e se aninhou nele, como se buscando por abrigo em seus braços.

Claramente ela encontrou, porque não acordou novamente.

Lais foi cuidadoso quando removeu primeiro o plaid de Mairi e então a blusa e a camisa embaixo dele.

Ela choramingou quando ele teve que erguer seu braço para remover a blusa, mas mordeu seu lábio e manteve o som para si quando ele suavemente arrastou sua camisa por cima de seu corpo e a tirou. Ela era uma coisa minúscula, mas suas curvas eram generosas. Ele teve que engolir de volta um gemido quando os primeiros cachos dourados entre suas coxas ficaram à vista e então as bonitas pontas rosa de seus seios.

Elas enrijeceram no ar, mas sua libido não pôde competir com seu horror à vista de tanto dano feito ao seu corpo frágil. As contusões, de tamanhos de punho, arruinando a bonita pele pálida dela, fez bÍlis subir em sua garganta mesmo quando a fúria se elevou para igualá-la.

O MacLeod pagaria.

Esta... esta horrorosa evidência do abuso foi *depois* de sua sessão curativa na noite anterior.

Ela afastou sua cabeça.

—Eu sei que eles estão feios.

—Aye.

Ela vacilou.

—Mas você? Mairi, moça, você é bonita.

Ela ofegou e encontrou seu olhar. Ele deixou o calor que sentiu pela visão de sua nudez, apesar de tudo, encher o dele.

—Você me acha atraente, embora não me queira como uma companheira?

—Não é uma questão de querer, é o que posso e não posso ter. Eu não posso ter você.

—Por quê?

—Talvez um dia eu te diga. — Mas não neste dia, não quando ele precisava dela aberta a ele e ao seu toque para efetuar sua recuperação.

—Você tem que colocar suas mãos em mim para me curar?

—Você sabe que eu tenho.

—Tenho medo.

—De ser curada? — Isso não fez nenhum sentido.

—De como responderei ao seu toque. — Ela desviou o olhar novamente, seu corpo tencionando. —Não sei se eu posso controlar as minhas reações.

O simples desejo e honestidade dela sobre isso seriam sua ruína.

—Eu tenho suficiente autocontrole por nós dois. — ele alegou com confiança que não sentia.

Não com o jeito que seu sexo estava tentando subir debaixo de seu plaid. O tartan pregueado escondia mais do que o comum kilt de couro de caçador entre os Éan, mas não poderia esconder uma ereção completa.

E ele tinha medo que era exatamente para onde estava indo.

Inocentemente desavisada do desejo do corpo dele, Mairi o olhou com confiança absoluta.



—Obrigada.

Ele assentiu e então colocou uma mão sobre uma contusão particularmente sórdida em seu braço. Ele pensou que o osso poderia estar quebrado na noite anterior e enviou energia curativa para ele, mas o dano ainda parecia ruim. Começou a estudar seu cristal de âmbar e o apertou muito levemente contra o centro da contusão roxa.

Ele lançou seu espírito Chrechte nela, a pele debaixo dele ficando quente e ele podia ver o ferimento agora, sem mesmo focar com seu olho interno. Havia uma rachadura no osso e ele se concentrou em remendá-la.

Ela choramingou.

Ele olhou para cima do ferimento até seu rosto.

—Dói?

Ninguém nunca reclamou disso antes. Pacientes observaram sobre o calor e até sobre uma sensação de formigamento, mas nunca reclamaram de dor.

Ela sacudiu sua cabeça, uma expressão de desespero em seus olhos. E então ele cheirou. Sua estimulação. Ela estava reagindo ao espírito de sua águia até quando Lais assistia seus ferimentos.

—Está tudo bem. — ele prometeu.

—Está?

—Aye.

—Mas eu quero coisas que não deveria. Você está me ajudando e minha mente está me levando para um lugar diferente que uma mulher virtuosa não iria.

—Nay, você tem pouca escolha. — ele a assegurou. —Você está reagindo à minha águia.

Ela soltou uma pequena risada, embora claramente a afligisse.

—Estou bastante certa de que não é seu pássaro que eu quero que me toque em lugares não mencionáveis.

Incapaz de abafar o desejo de tocar, ele roçou as costas de seus dedos sobre sua bochecha.

—Você é verdadeiramente sem igual, Mairi. — O humor dela no que tinha de ser uma situação muito desconfortável, o fez gostar dela ainda mais. —Lembre-se, meu espírito está entrando em seu corpo através do meu dom Chrechte. — E sua águia a queria como companheira. —Você meramente está respondendo a isto.

—Todos os seus pacientes reagem assim? Isso não pode ser confortável para você.

—Não.

—Não, eles não reagem ou não, não é confortável?

—Eles não reagem.

—Algum reagiu? — Ela apertou.

—Não.

—Então, esta atração é sem igual. — Ela deu um pequeno aceno com a cabeça, entretanto, ele podia dizer que ela foi cuidadosa para não puxar músculos que não queriam esticar.

—Sim.

—E você sente isso, também.

Ele recusou responder, movendo sua mão para outro dano e se concentrando em curar

aquele, também.

—Você não tem que me dizer. Posso ver por mim mesma. — Ela sacudiu seu olhar para onde seu kilt revelava a extensão de sua falta de domínio sobre seus próprios desejos.

—Ignore.

Ela riu, o som não engraçado tanto quanto absolutamente incrédulo.

—Esta é a sua resposta para proteger minha virtude, ignorar estes sentimentos?

—Aye. Nós não temos escolha. — Não se ela quisesse deixar seu quarto ainda intacta.

Ele terminou de remendar o osso em seu braço e soube que o tempo chegou para enfocar em suas costelas. Elas tinham que estar dando a ela muito desconforto, hematomas com descoloração do jeito que estavam.

Ele colocou a pedra de âmbar entre seus seios, e então, ambas as mãos sobre ela, uma em cada lado de sua caixa torácica.

Uma pequena lufada de ar escapou de seus lábios.

—Oh.

Dois dos ossos debaixo de suas mãos estavam quebrados quase todos, e um tinha uma rachadura muito fina. Era um milagre que ela não os quebrou completamente e perfurou um pulmão em sua jornada para a terra Sinclair.

Ele deixou o poder Chrechte atravessar por ela, sem parar nem quando ele sentiu o esgotamento construindo dentro dele.

Algo mais estava construindo também e estava fazendo seu pênis vazar uma série fixa de pré-ejaculação.

Quando ele terminou, não removeu imediatamente suas mãos. Não conseguia. A necessidade de movê-las para cima alguns centímetros e segurar seus seios perfeitamente arredondados era muito forte. Ele temeu que mesmo que movesse suas mãos, aí era aonde elas iriam.

—Posso respirar sem dor. — ela disse maravilhada. —Obrigada.

—De nada.

—Não existem curandeiros como você entre o clã de meu pai.

—Sem o *Faolchú Chridhe*, como os Faol podem convocar seus dons? — ele perguntou, entretanto era óbvio que não precisavam dela para conferir a habilidade de procriar sua herança Chrechte.

Ou não existiria nenhum lobo troca-forma sobrando nas Highlands, e embora seus números fossem de longe menores do que os de humanos, eles eram dez vezes maiores que os Éan.

Mairi respirou fundo pela primeira vez sem um estremecimento de dor.

—Deve ser encontrado.

—Você acredita que ela te dará um lobo. — Era uma afirmação impossível para até mesmo considerar.

Sua expressão disse que ela não achava isso. Convicção apaixonada e esperança brilharam em seu olhar azul.

—Acredito.

—Como o *Faolchú Chridhe* pode dar isto para você? — Entretanto talvez, ele, de todos



Chrechte, deveria acreditar na possibilidade.

Ele não recebeu uma segunda chance com seus dons Chrechte pela *Clach Gealach Gra* e seus guardiões? Ainda assim, para um humano receber um lobo, mesmo um com sangue Chrechte, parecia uma possibilidade muito fantástica para acreditar.

—Com a ajuda de Ciara. Ela pode extrair o poder dos Chrechte pela pedra.

—Por quê?

—O que você quer dizer? Ela é a guardião da pedra.

—Você entende mal minha intenção. Por que você quer isso? — E então ele respondeu sua própria pergunta. —Você ainda busca a aprovação de um homem que te espancou até a morte?

—*Não*. — Mairi disse com profunda veemência. —Mas se eu tivesse um lobo e ele tentasse me bater novamente, eu poderia rasgar sua garganta.

Ela era pequena. Ela era frágil. Ela era humana. Mas Lais pensou que se ela tivesse sido Faol, ela teria feito assim.

—Você é uma coisinha feroz.

—Para uma humana.

—Para uma Chrechte.

Ela sorriu.

—Obrigada.

—A pedra sagrada dos lobos deve ser encontrada, embora seja apenas para parar os sonhos de Ciara — ele concordou. — Um corpo não pode sobreviver por muito tempo com pequenos lapsus de sono.

—Ela lutou contra seu chamado. — Mairi soou confusa por aquele fato.

—Aye.

—Eu me pergunto por quê.

Ele não sabia e agora mesmo, não podia colocar interesse na resposta. Ele estava extremamente focado na mulher bonita diante dele. As contusões ainda arruinavam sua pele adorável, mas a mais séria estava mostrando os efeitos de sua cura.

Ele não podia reparar tudo, então deixou os ferimentos que não tinham nenhum risco de dano permanente para se curarem sozinhos. Existia um último ferimento que precisava de seu toque. Uma grande marca do tamanho de uma bota em seu quadril esquerdo.

Seu exame, na noite anterior, revelou outro osso danificado embaixo disso. Tinha que ser curado, ou ela arriscava uma fratura verdadeira por algo tão simples quanto tropeçar sobre uma pedra em seu caminho.

Mas ele ainda não podia confiar em suas mãos para se moverem de onde descansavam nas costelas dela.

Ele não era o único afetado, tampouco. A pulsação no pescoço de Mairi tremulava, sua respiração tão rasa que seu tórax mal levantava e baixava, sua boca abriu como se saboreando seu desejo no ar como ele estava.

—*Não*. — Ele pretendeu soar firme, deixá-la saber que ele protegeria sua virtude com sua vontade. Ao invés disso, saiu quase um apelo.

Ele era um curandeiro, maldição, treinado como um guerreiro. Ele podia dominar seus impulsos básicos. *Ele os controlaria.*

—Lais...

Ele gemeu pela necessidade inocente em sua voz.

—Não. — ele disse novamente.

—Eu me sinto tão estranha. — Ela tocou seu próprio mamilo e então empurrou sua mão para longe com um gemido. —O que está acontecendo comigo?

Mas eles dois sabiam, não importa quão pura ela era.

—Você deve ignorar seu desejo. — ele disse por uma mandíbula cerrada com a necessidade de dizer totalmente outra coisa.

—Por quê?

—Você sabe por que. — Ela era uma mulher humana, sua virtude um artigo importante na negociação de seu casamento. E assim ele lembrou a ela.

—Não estou interessada em casamento.

—Por causa daquele idiota para quem seu pai te prometeu? Ualraig é um covarde infectado com crueldade. Ele não é nenhuma indicação do que um homem Chrechte poderia ser no casamento.

—Assim você diz.

—Você acha que Talorc alguma vez bateu em Abigail? — ele perguntou a Mairi, para fazê-la parar e pensar.

Para mostrar a ela, irrevogavelmente, quão errado era pensar em seu pai e Ualraig como exemplo verdadeiro de como um homem honrado trataria aqueles dependentes dele.

—Acho que não, mas eu não sei. — ela disse, chocando Lais com sua dúvida. —Tenho estado aqui nada mais que um dia.

—E o que você ouviu falar do Sinclair antes disso? — Os Highlanders eram reservados, mas as fofocas viajavam como se tivessem asas.

—Sua reputação na batalha é inumana, mas não existe rumor de que ele machuca aqueles mais íntimos dele. Só um homem pode esconder seus pecados mais feios.

—Se você pensa tão pouco de nosso laird, por que você veio para a terra Sinclair? — Lais se surpreendeu em como defensivamente ele reagiu às palavras de Mairi.

Ele só se uniu a este clã semanas atrás, mas o Sinclair era um Chrechte sem mancha em sua honra.

—Eu *não* penso mal dele. Meramente estou assinalando que confiança não vem muito rápido.

—Você confia em mim.

—Confio.

—Por quê? — Mas ele sabia.

Eles eram companheiros, entretanto ele não a reivindicaria.

—Não sei. — Suas sobrancelhas se juntaram em uma carranca perturbada. —Só sei que no primeiro momento em que despertei para ver seu rosto ontem à noite, eu me senti segura em sua companhia.



—Eu sou um curandeiro.

Ela rolou seus olhos, deixando-o saber o que ela pensava sobre sua resposta.

—Esta é sua resposta para tudo.

Ele encolheu os ombros e fez suas mãos deslizarem pela sua pele suave. Ela segurou sua respiração, entretanto, estava claro que ele não a machucou. Ele teve que morder de volta um gemido ao sentir a seda feminina debaixo das pontas de seus dedos.

—Quero que você me toque. — ela disse em um tom cheio de doce necessidade feminina.

Ignorar isso custou muito caro.

—*Não*.

—Sim.

—*Mairi*. — ele advertiu.

—Você pode me acariciar com prazer sem comprometer minha virtude. É feito por muitos casais cortejando.

—O que você sabe deste tipo de toque? — Ele exigiu.

—Eu ouvi coisas.

Ele estreitou seus olhos para ela.

—Não permitiu a outro te tocar deste modo?

—Claro que não. — O odor de sua estimulação se misturou com aquele de raiva. —Que tipo de mulher você pensa que eu sou?

Uma docemente inocente.

—Prometi proteger a você de mim mesmo e de seus desejos.

Um Chrechte honrado não quebrava suas promessas.

—Confio em você para fazer isso, mas seu voto não incluiu não me tocar nem um pouco.

—Inclui.

—Não, não inclui. Nesse caso, você não poderia ter me curado. Sua promessa foi para proteger minha virtude.

—E eu irei.

—Sim, você irá. Você não tomará minha virgindade. — Ela pegou seus pulsos e arrastou.

Ele era Chrechte e ela era uma fêmea humana; sua força nada se comparava a dele. E ainda assim, suas mãos se moveram para onde ela as guiou, para cima os escassos centímetros que deixaram seus seios não mais desnudos.

Porque eles estavam cobertos com suas mãos, os mamilos como pedra contra suas palmas. Cuidadosamente arqueando para seu toque, ela lambeu seus lábios, seus olhos ficando sem foco. Seus dedos apertaram ao redor dos pulsos dele, mas ela não fez nenhum movimento para guiá-lo para um toque mais excitante.

—Gosto disso. — ela disse sem respiração, as profundidades azuis de seus olhos brilhando com uma felicidade que ele podia, bastante facilmente, encontrar necessário ao seu próprio. —Ter suas mãos aí. Estou comprometida agora?

Sua ingenuidade o tocou em um lugar que ele pensou que nada poderia alcançar. Ele sorriu, balançando sua cabeça.

—Não ainda.

Ela moveu as mãos dele de novo, só um pouco, então suas palmas raspavam seus doces brotos. Ela gemeu.

—Isso formiga por mim toda. Seguramente, agora estou comprometida.

—Não. — ele rosnou. —Não ainda.

—Mas é tão bom.

—Aye, é bom.

Ela ficou quieta, encontrando seu olhar com círculos azuis decididos.

—Então podemos dar prazer um ao outro sem que você quebre sua promessa.

—Você é sorrateira. — ele disse com admiração e nenhum pouco de choque.

—Seria uma tragédia se eu não aprendesse nada de valor com os anos da minha infância.

Ele concordou, entretanto, com menos humor que ela parecia sentir sobre isso.

—Eu ainda tenho que curar sua perna. Está em risco.

—Você se compartilhará comigo, depois? — Agora, ela estava exigindo um tipo de promessa completamente diferente.

Capítulo 10



“Entre todos os tipos de serpentes, não há nenhum a comparável ao Dragão.”

—EDWARD TOPSELL

—Compartilharei o que puder. — Lais jurou.

—Então você pode me curar.

—Moça insolente.

Mairi sorriu largamente.

—Acho que você destaca coisas em mim que eu nunca tive certeza de deixar os outros verem antes.

—Você está segura agora.

—Sim.

—Você pode confiar no Sinclair.

—*Você está aqui.* Estou segura.

As palavras dela o fizeram questionar a sua convicção de que não poderia ter uma companheira, mas então, ela não conhecia o seu passado. Se ela conhecesse, Mairi não daria sua confiança para Lais tão facilmente.

Ele deslizou suas mãos dos travesseiros suaves de seus seios, incapaz de se parar de roçar seus mamilos enquanto o fazia.

Ela ofegou, arqueando novamente, mais alto que antes e então, franziu o cenho e gritou.



—O que é?

—Nada. Estou bem.

—Não minta para mim.

—Minhas costas...

Portanto, eles tinham mais a fazer do que ele pensou. Ele não disse nada quando colocou ambas suas mãos na enorme contusão em sua coxa. Ele podia sentir a fratura perto do osso abaixo, a profundidade do dano no músculo e tecidos em volta dele.

Ele quis matar o homem que fez isto para ela, a águia de Lais gritando dentro dele por vingança.

A pequena mão dela apertou contra sua bochecha.

—Está tudo bem, Lais. Já se sente melhor.

—Curar você é mais fácil do que jamais foi. — E era uma coisa boa, ou ele nunca teria tido a força para fazer tudo que fez a este ponto.

—Eu me pergunto o porquê. — ela disse, seu tom implicando que eles dois sabiam a resposta e o desafiando a dizer isso em voz alta.

—Melhor se perguntar se eu terei força para curar suas costas, depois disso. — Entretanto, ele teria. Ele não tinha nenhuma escolha.

Ele falou uma bênção Chrechte sobre ela enquanto continuou a se concentrar em curar sua perna. Ele sentiu uma onda do poder passar por ele e baixou sua cabeça em agradecimento a Deus.

—É hora de virar você. — Ele retirou suas mãos.

Ela levantou sua mão para ele.

—Ajuda-me?

—Sempre. — Ele agarrou sua mão e suavemente puxou enquanto a ajudava a rolar para frente com a outra apoiada em seu quadril.

Uma vez que ela estava de lado, afastada dele, ele olhou para baixo e praguejou em um fluído Chrechte pelo o que viu. Surpreendeu-o que ela esteve deitada de costas, ambas as noites anteriores e hoje, sem reclamação. Estava coberta de contusões.

—É muito feio?

—Nada sobre você é feio, Mairi, mas aqueles bastardos devem ter se revezado esmurrando as suas costas.

—Enrolei-me como uma bola, para me proteger. — Ela soltou uma respiração soluçante e ele soube que ela estava chorando com a memória. —Eles bateram e chutaram minhas costas repetidas vezes.

—Oh, doce moça, sinto muito.

—Você não fez isso. Você nunca faria.

Ela tinha tal fé nele e esta não estava justificada, não pelo homem que ele uma vez foi. Não, ele nunca teria batido em uma criança ou em uma mulher, mas seus crimes eram ruins do mesmo modo.

— Tenho que tocar em você, para aprender onde precisa de mais cura.

—Sim.

—Sinto muito. — ele disse novamente.

Ele pôs sua mão em seu quadril, seu pedido mudo inegável. Ele girou sua mão sobre a dela e atou seus dedos juntos. Então pegou o cristal de âmbar com sua outra mão e a tocou tão levemente quanto podia com o lado mais liso. Ela não recuou, embora tivesse que doer.

Ele examinou cuidadosamente suas costas sem pausar de curar, simplesmente procurando por quaisquer rachaduras no osso. Agradecidamente, não havia nenhuma. Ele curou a pior de suas contusões, mas ela ainda teria dor no dia seguinte. Ele teve que deixar muito inacabado.

Quando terminou, ele estava tremendo de exaustão e ainda assim, sua estimulação o atormentava.

—Acabou? — Ela perguntou com uma voz letárgica.

—No momento.

—Posso voltar sobre as costas?

—Você estaria mais confortável de lado.

—Quero ver você.

Ele assentiu, entretanto ela não pudesse vê-lo. Retirando sua mão da dela, ele levantou.

—Não se mova.

—Tudo bem, Lais.

Questionando sua própria sanidade, ele se despiu e então passou por cima dela para se unirem nas peles.

Seus olhos estavam com as pálpebras pesadas, embora a evidência de seu desejo contínuo fosse uma deliciosa fragrância para os sentidos da sua águia. Ele puxou as peles sobre eles antes de pegar sua mão na dele, debaixo da coberta.

—Dormiremos e então eu trabalharei em não comprometer você.

—Promete?

—Aye.

—Bom. — ela disse com sono. —Um Chrechte honrado mantém suas promessas.

Ele sorriu para ela repetindo seus próprios pensamentos e se permitiu derivar para o sono também.

Ciara despertou nos braços de um dragão.

A última coisa que ela lembrava era das mãos de Eirik no seu rosto, seus olhos brilhando com luz âmbar enquanto olhavam dentro dos dela... um beijo tão suave que podia ter sido asas de borboleta, e então uma sensação de paz deslizando sobre ela em ondas suaves. Depois disso... nada.

Nenhum sonho perturbador, nenhuma sensação de pavor, nenhum medo.

Sentindo-se melhor do que ela esteve em meses e mais alerta do que esteve em semanas, ela piscou na escuridão. Não experimentou nenhuma preocupação, contudo, ao estar no escuro com um dragão, e se perguntou que magia Eirik trabalhou em sua mente.



Sua cabeça estava repousada em um dos grandes braços dele, seu outro curvado protetoramente sobre o corpo dela. Garras perigosas descansavam sem ameaça abaixo de uma de suas mãos. Havia uma pele suave embaixo dela, protegendo-a do chão duro e outra acima dela, encasulando-a com o calor do dragão.

Ela podia cheirar Niall e Guaire perto, mas não podia decifrar suas formas na escuridão.

O cheiro de Eirik a cercava, deixando seu lobo tonto. E por só um momento, Ciara se deixou apreciar a sensação de paz e segurança que ela encontrou na presença do dragão.

Um ruído de movimento por trás do seu dragão a alertou para onde Niall e Guaire estavam. E que eles também estavam acordados.

—Onde estamos? — Ela perguntou à escuridão. —Por que estamos aqui?

—Você está acordada. — A voz de Niall estava cheia de satisfação.

Ela podia cheirar a doce especiaria do alívio no ar também, no entanto, se veio dele ou de Guaire, ela não podia dizer.

Impressionante pedra de sílex soou e então uma tocha queimou, iluminando a caverna. As paredes eram lisas, menos por algumas imagens esculpidas nelas. Ela teria que se aproximar com a tocha para compreender o que eram, entretanto.

Ciara correu para uma posição sentada, mas ainda não podia ver acima da forma do grande dragão de Eirik.

—Você dormiu um dia inteiro e uma noite. — Guaire disse, contornando cabeça do dragão, Niall ao lado dele.

O grande guerreiro balançou sua cabeça como se escutando algo e então disse.

— Pelas minhas contas, já é passado o amanhecer.

—Eu... obrigada.

—Não me agradeça. Foi seu dragão aí que manteve você dormindo tão pacificamente. Ele trocou uma vez, para cuidar de uma necessidade física, e você começou a sacudir e se transformar dentro de segundos. Ele não se moveu de seu lado desde então. — A aprovação invejosa na voz de Niall a fez sorrir.

Ele sorriu de volta, a cicatriz em sua bochecha puxando seu rosto esquisitamente, mas ela não se importou. Niall era um homem tão bom quanto seu pai adotivo.

E então, sem aviso prévio, o dragão encolheu em torno dela e com um flash de luz carmesim ela estava sendo abraçada por um homem. Um homem muito nu.

Os olhos de Guaire se arregalaram com choque, que depressa mudou para apreciação, quando assimilou a forma desnuda de Eirik.

—Bom.

Niall rosnou, seus olhos cintilando de um modo que indicava que seu lobo estava extremamente próximo da superfície. Ciara sentiu seu próprio lobo arranhando para sair e sem nem perceber o que estava fazendo, cobriu Eirik com a pele em que ela dormiu debaixo.

Guaire sorriu ironicamente para eles dois.

—Alguém está faminto para quebrar o jejum?

O estômago de Ciara ressoou e ela percebeu com surpresa que estava realmente faminta.

Eirik ainda tinha um braço ao redor dela, mas usou a outra mão para inclinar seu rosto para cima, para que ela olhasse para ele.

—Você comerá.

—Sim. — Ele pensou que ela não queria comer? Ele não podia estar mais errado.

Não era sua culpa que seu estômago estava em tais nós apertados, ultimamente, que ela não podia suportar pôr comida nele.

—Você é um desordeiro. — ela ouviu Niall dizer a Guaire.

Ela puxou sua cabeça do aperto de Eirik e girou para ver os outros homens, só para morder seu lábio para que não desse uma risadinha. Mas Niall puxou Guaire em um beijo aquecido e Ciara não podia evitar pensar que provavelmente foi o plano do senescal desde o princípio. O humano sabia como manter seu guerreiro Chrechte dançando na melodia que só Guaire podia tocar.

Ela sorriu e voltou para Eirik.

—Pode demorar um pouco antes de podermos quebrar nosso jejum.

—Quanto tempo eles têm sido companheiros? — o príncipe Éan perguntou.

—Desde antes de eu vir viver com os Sinclairs.

—Eles agem como se o acasalamento fosse recente.

—Estão apaixonados.

—São sortudos por Talorc aprovar o acasalamento. Entre os Éan, daqueles com companheiros do mesmo sexo, ou companheiros humanos, espera-se que produzam descendência com outro Éan antes do vínculo de acasalamento puder ser consumado.

—Isso é terrível.

Eirik encolheu os ombros como se realmente não importasse.

—Talvez não seja mais necessário, agora que nós não estamos morrendo um por um, quando somos caçados à morte na floresta.

—Nosso laird nunca exigiria algo assim. — Ciara tinha fé absoluta no compromisso de Talorc com a mais sagrada das leis Chrechte — que um verdadeiro acasalamento era inviolado. — Lograria o verdadeiro vínculo de acasalamento e amaria o que vem com isso.

—Amor só é supremo no Céu. Aqui, no meio dos mortais, outras considerações devem ser levadas em conta. Esperar para tomar um companheiro verdadeiro nos costumes de nosso povo é um preço pequeno a pagar pela continuação de nossa real existência.

—É uma coisa boa para nós que Talorc não concorde com você. — Niall disse quando soltou seu companheiro, que imediatamente começou a exhibir um fornecimento de alimentos em um pequeno quadrado do plaid Sinclair. —Teria tido que desafiar meu laird; eu não iria para cama com uma mulher lobo só para fazer filhotes.

—Os Faol nunca estiveram em risco de extinção. Vocês nunca foram forçados a fazer os tipos de escolhas que nossos líderes tiveram que fazer por nós. Houve um tempo, logo depois dos primeiros Éan escaparem para as florestas do norte, que menos que duas dúzias de nosso povo restaram e alguns haviam passados da idade de produzir descendência.

Ciara sugou uma respiração chocada. Ela não tinha ideia que os Éan chegaram tão perto de desaparecerem para sempre. Parte dela admirava Eirik porque sabia que ele teria feito as escolhas difíceis sobre as quais ela falou. Parte dela se desesperou quando percebeu que ele não colocava



nenhuma importância no amor.

—Em teoria, posso entender o que você está dizendo, mas teria quebrado meu coração se Niall tomasse uma esposa. — Guaire disse. —Ele quase quebrou meu coração nos anos que esperei por ele me reivindicar, como era.

Ciara ficou em pé, e só então percebeu que vestia uma camisa e nada mais. Ela lançou um olhar sobre seu ombro para Eirik, sabendo exatamente de quem era a culpa.

Ela se aproximou e bateu levemente no braço de Guaire.

—Niall te ama demais para jamais ter tomada outra pessoa para acasalar.

Eles poderiam ter que manter a verdade de sua relação escondida da maior parte do clã, embora ela pensasse que, por agora, muitos adivinhassem, mas eles nunca deveriam duvidar do amor um do outro. Era muito puro e brilhante entre eles.

Guaire sorriu para ela e então girou uma expressão apatetada para o grande guerreiro.

—Eu sei.

—Amor pode coincidir com dever. Não é sempre mutuamente exclusivo. — A voz de Eirik foi amortizada quando ele se curvou para recuperar seu kilt e colocá-lo.

—Dever não deveria descartar amor. — Ciara manteve.

Niall grunhiu seu acordo, mas Guaire só pareceu pensativo.

—O que está pensando, amor? — Niall perguntou a ele.

—Tivesse o pai do nosso laird sido mais apreciativo com seu dever e menos focado no seu amor obsessivo pela mulher inglesa, ele ainda poderia estar vivo e muitos em nosso clã além dele.

—Tem isso. — Niall concordou.

Eirik só deu uma maçã a Ciara.

—Coma.

Claramente ele não estava preocupado se outros concordavam com seu raciocínio, ou não.

Ela comeu a maçã, um bolo de farinha de aveia e um pouco de coelho assado que Guaire preparou, na noite anterior, enquanto ela dormia. Estava maravilhoso. Depois bebeu do odre de água, tomou suas roupas, afastou-se da luz da tocha e se vestiu nas sombras.

—Por que estamos em uma caverna? — Ela perguntou a Eirik, não certa se a procura pelo *Faolchú Chridhe* já começara.

—Você precisava dormir. — Eirik disse isso como se devesse responder sua pergunta.

Não respondeu.

—Então? Não entendo como isso terminou com você, eu e dois dos guerreiros mais confiáveis do meu pai em uma caverna.

—Eirik afirmou que seu dragão poderia guardar seus sonhos. — Niall respondeu.

Ela teria ridicularizado, mas as palavras anteriores do guerreiro loiro fizeram mais sentido agora. Esperança e pragmatismo guerrearam em seu coração. Se o dragão podia guardar seus sonhos, ela poderia dormir. Só que, ela não acreditava que seu pai permitiria que ela passasse suas noites em uma caverna na floresta.

Ciara terminou de se vestir e então foi ficar diante de Eirik, que estava apertando a correia segurando a bainha da sua espada no lugar.

—Obrigada.

—Você era inútil em uma discussão quando não podia manter seus olhos abertos bem o suficiente nem para manter seu assento na cadeira.

Ela se lembrou de quase cair e sentir como se talvez não importasse.

—Estava tão cansada.

—Aye.

—Eu me sinto muito melhor agora.

—Fico contente. — Ele não parecia feliz. Ele só parecia... como Eirik, príncipe dos Éan, intocável.

—Sinto muito por ter sido tal incômodo.

—Não foi incômodo. Meu dragão gosta de você. — Mas o homem não podia se importar menos.

Ciara pegou a mensagem alta e clara, ainda que fosse desanimadora e confusa. Ela e seu lobo eram um no mesmo, embora ela pudesse distinguir entre os sentimentos e pensamentos mais relacionados ao lobo em vez de sua humanidade.

Mesmo assim, era seu lobo que almejava a presença do Éan e não fazia nenhuma tentativa para negar. A lógica lhe disse que não pode existir nenhum futuro nos sentimentos que o outro Chrechte produzia nela. Sua mente humana lutava contra o efeito de Eirik nela, mas era difícil.

Parecia como se Eirik não tivesse tal conflito de espírito. A mente do seu dragão poderia gostar dela, mas o homem mal podia suportá-la.

—Bem, por favor, diga obrigada a seu dragão.

O olhar âmbar de Eirik se estreitou, mas ele não replicou.

Ciara montou atrás de Niall em seu grande cavalo de guerra para o retorno ao forte. Eles estavam algumas jardas da entrada de caverna quando Eirik manobrou seu cavalo ao lado deles.

Niall disse algo que ela não pegou porque estava muito ocupada tentando não gritar quando Eirik a arrancou direto da parte de trás do cavalo do outro guerreiro.

Ela caiu sobre o colo do troca-forma dragão, o braço dele como uma faixa de aço ao redor dela.

—O que você pensa que está fazendo? — ela exigiu.

—Você cavalgará comigo.

—Se seu dragão objeta que ela monte com Niall, ela pode cavalgar o meu cavalo enquanto uso em conjunto com ele. — Guaire ofereceu por detrás deles.

Eirik não se incomodou em responder, só cutucou seu cavalo para um galope.

—Isso foi rude. — ela repreendeu, mas o vento engoliu suas palavras.

Ela duvidava que ele respondesse ainda que a ouvisse. O príncipe Éan não poderia ter esquemas para a posição de Talorc como laird, mas ele era arrogante o suficiente para qualquer Chrechte da realeza.

Ele não precisava da condição de chefe de clã para acreditar que tinha o direito de ditar as circunstâncias dos outros. E depois do seu primeiro sono verdadeiramente profundo e de longa-duração em meses, ela não iria reclamar muito ruidosamente pelos métodos arbitrários de Eirik.

Se ele não fosse o tipo de homem que era, Eirik nunca teria convencido a seu pai a deixá-la



dormir nos braços do dragão, em uma caverna na floresta.

Disso ela estava certa.

Aparentemente, não era só o dragão de Eirik que a fazia se sentir segura e protegida, também. Ela se encontrou apreciando cavalgar com ele quase tanto quando ela montara em seu dragão pelo céu.

Aceitando seus sentimentos como imparáveis e sua condição como inevitável, quando confrontada com a arrogância de um príncipe, que também era um dragão, ela relaxou contra ele. Confiava que ele não a deixaria cair e simplesmente apreciava os cheiros e sons da floresta enquanto eles galopavam em direção ao forte.

Eirik sentiu Ciara relaxar contra ele e seu dragão retumbou em aprovação, enquanto seu corvo persuadia que ele esfregasse sua cabeça contra a dela. Friccionou seus dentes com frustração, mas a acomodou mais seguramente em seu abraço.

Ele não precisava destes impulsos, mas maldição se iria se sentar enquanto ela montava um cavalo com seu corpo pressionado contra outro homem.

Chrechte acasalado ou não.

Lais despertou com um embrulho quente aconchegado apertado contra ele. Ele foi cuidadoso para não pôr seus braços ao redor de Mairi antes de dormir, e não se moveu do lugar nas peles sobre as quais ele primeiro estivera deitado. Porém, ela havia se aconchegado contra ele e parecia contente de estar lá, apesar do fato que sua mão descansava contra as costas dela. Ela esteve usando seu outro braço como um travesseiro.

Ele se encontrou sorrindo e excitado como o inferno, seu sexo duro entre eles.

O desejo de reivindicá-la era forte, mas lembrar de seus danos ainda curando suprimiu-o — muito melhor que dizer a si mesmo que sua honra se agarrava a sua habilidade de controlar aquela necessidade.

A respiração dela mudou então e ele soube que ela despertou, também.

Ela inclinou sua cabeça para trás e encontrou seus olhos, mas não fez nenhum movimento para deixar seus braços.

—Dormimos por muito tempo?

Ele olhou a janela alta em sua parede, tentando determinar o ângulo do sol e então deu um encolher de ombros com só um dos braços. Ele não queria empurrá-la.

—Não muito, entretanto, nós perdemos a refeição do meio-dia.

Então ele piscou, pensou novamente e percebeu que tinha as sombras do sol ao contrário em sua mente. Era amanhecer o que ele viu fora daquela janela, não crepúsculo.

Talor os deixou dormir o dia e a noite inteiros. Pois teria que ser algum pedaço incrível de sorte ninguém tê-los verificado em todo esse tempo. Lais não era um grande partidário da comodidade. Então, o Sinclair tinha que saber que Mairi passou sua noite no aposento de Lais e ainda assim, nenhum laird bravo derrubou a porta com seu punho.

—Lais? — Ela perguntou suavemente, seu rosto ainda brando do sono.

—Aye?

—É depois?

—É, entretanto, é manhã e não noite como primeiro pensei ao despertar.

—Penso que eu sabia que... sinto-me muito refrescada e curada ao ter dormido só umas horas.

—Está agora?

—Oh, sim, bastante bem, eu penso.

—É o curandeiro agora?

—Talvez eu pretenda curar seu coração.

Se somente fosse verdade. Entretanto, seus lábios estavam curvados em um sorriso quando ele a beijou pela primeira vez. Ela tinha um gosto familiar e ainda completamente diferente de qualquer mulher que ele já beijou.

Mairi não soube separar seus lábios para ele, mas ele não se importou. Seus beijos de boca fechada eram mais quentes do que qualquer beijo que ele compartilhou antes com uma mulher e foram diretamente para sua virilha.

Ele pôs uma mão em concha em seu peito, apertando ligeiramente e ela fez um doce som de necessidade. Mas então, um tentativo dedo deslizava junto de seu sexo e ele fez seu próprio som desesperado de querer.

Burlou ao longo da costura de seus lábios, encorajando-a a abrir para ele. Levou a ela alguns segundos e uns gemidos, mas finalmente, ela abriu.

Ele deixou sua língua explorar sua boca, enquanto sua mão explorava seu corpo perfeito... muito suavemente. Ela amou ter seus mamilos tocados, mas deu um gemido surpreendentemente forte de deleite quando ele acariciou a sua nuca.

Ele, muito cuidadosamente, apertou suas costas para que pudesse alcançar seus seios com sua boca e ela o deixou. Sem fazer nenhum som de reclamação, embora ela ainda tivesse que estar sensível.

Não permitiria que ela ficasse mais machucada, contudo, então a segurou quieta quando ela tentou se contorcer.

—Não se mova.

—Mas é muito bom para permanecer quieta.

—Não machucarei você.

—Eu sei.

—Se você se mover, pararei de te tocar.

Ela aquietou imediatamente e isso o excitou de um modo que ele não esperou. Ela também tinha um olhar confuso de prazer em seu rosto adorável.

—Lais?

—Sim, pequena?

—Por que me faz sentir necessitada ao estar imóvel assim para você?

—Não sei; talvez você goste de confiar em mim.

—Talvez eu goste.

E talvez ele gostasse de sua confiança, mais do que jamais teria sabido e muito mais do que



era seguro para qualquer um deles.

Ele desceu e pegou ambos seus seios com mãos em concha, roçando seus polegares sobre seus mamilos sensíveis.

—Estes são do tamanho certo para mim.

Ele podia ver o desejo dela de se mover pelo jeito que seu corpo tencionou, mas ela permaneceu quieta.

—Talvez eu fui feita para você.

O olhar nos seus olhos quando ela disse isso não foi um de humor, mas de desejo profundo e dúvida óbvia. Se ele pensasse que esta dúvida era para mérito dele, teria negado, mas sabia que era por ela mesma.

Ele não podia suportar ver tal olhar em seus olhos.

—Talvez você foi. Só sei que sou um homem muito sortudo por estar tocando você assim, agora mesmo.

Seu sorriso foi como o sol vindo por detrás das nuvens.

Ele se inclinou para frente e levou um de seus brotos de bagos maduros em sua boca, banhando-o com sua língua, suavemente puxando-o com seus dentes e amamentando até que ela choramingou, o cheiro de seu sexo chamando por ele com urgência crescente.

Ele seguiu o aroma sedutor, movendo-se até que seu rosto estava entre suas coxas.

—O que está fazendo? — ela perguntou, sua voz tingida com choque, mas muito mais com desejo.

—Salvando sua virtude. — ele disse logo antes de sua primeira delicada lambida ao longo de sua carne mais íntima.

Ela tentou empurrar seus quadris, mas ele estava pronto para ela, suas mãos segurando suas pernas separadamente e imóveis.

—Lais. — ela gemeu.

E ele gostou daquele som, tão igual a um ganido de lobo, mas ela era humana.

—Lembre-se, doce, não se mova, ou eu paro.

—Não posso evitar.

—Pode.

Ele pegou a erupção de umidade que suas palavras produziram nela com sua língua. Encantado por seu sabor, ele alternou entre lamber sua entrada e colocar a língua na passagem inchada, molhada que ele almejava afundar seu sexo, até que uma fixa litania de apelos caiu dos lábios dela.

Ela o queria, mas precisava de libertação. Ela ainda não sabia o que era isso, entretanto, então implorou com palavras incoerentes por algo que não podia nomear.

Saber que ele tinha isso dela, esta inocência. Que ele tinha a habilidade de apresentá-la ao prazer definitivo pela primeira vez, fez seu pênis pulsar com necessidades próprias.

Ele trocou sua cabeça para que pudesse rodar sua língua endurecida ao redor de seu lugar do prazer e a ouviu virar sua cabeça no leito quando gritou nas peles.

Não levou muito daquele momento para trazê-la à realização, mas ele não parou com suas

ministrações para ela e ela quebrou. Contorceu-se contra ele até que um segundo clímax a atingiu e ela gritou seu nome, o som amortizado pelas peles que ela encheu em sua boca.

Ele se elevou sobre seus joelhos, entre as coxas dela, e tocou a si mesmo, seu golpe severo e rápido. Quando estourou com seu próprio orgasmo, tomou cada pedaço de seu autocontrole manter sua semente em sua mão e não banhá-la nela, marcando Mairi como sua.

Capítulo 11



Não sou aquele que nasceu sob custódia da sabedoria; sou aquele que é afeiçoado pelos velhos tempos e intenso na busca do sagrado conhecimento dos anciãos.

—GUSTAVE COURBET

O percurso de volta para a fortaleza Sinclair levou menos que uma hora, cada momento um prazer e tortura para Eirik.

Quando estavam todos reunidos no grande hall novamente, desta vez sem os gêmeos e com Guaire, Eirik estava com um humor péssimo.

Não obstante, ele ficou ao lado da cadeira de Ciara, sua mão repousada sobre o alto encosto, sua expressão desafiando alguém a falar alguma coisa sobre sua escolha de onde permanecer.

Talorc deu a ele um sorriso divertido, mas não disse nada. O sorriso de Abigail era muito mais inocente, entretanto, o olhar de preocupação que ela deu a sua filha adotiva não se sentou bem com o dragão de Eirik.

Não havia lugar mais seguro para Ciara do que com ele e todos reunidos deveriam perceber isso.

Talorc se inclinou contra a cornija da lareira vazia, sua posição enganosamente relaxada.

—Você está com um estado de espírito melhor para discutir o que quer que fosse que te preocupou ontem? — ele perguntou a Ciara.

Ela assentiu.

—Estou me sentindo muito mais comigo mesma.

O Sinclair inclinou sua cabeça em um mudo gesto de agradecimento a Eirik.

—É muito bom ouvir isso. Sua mãe e eu estávamos preocupados.



—Sinto muito.

—Não há nada para se desculpar. Você é nossa filha. É nosso trabalho nos preocuparmos.

Da mesma maneira que era o trabalho de Eirik ficar preocupado com seu povo e este clã ao qual agora ele pertencia. Esta preocupação significava que ele precisava de respostas sobre o *Faolchú Chridhe*.

Ele teve um tempo difícil aceitando que Ciara não disse nada para Talorc antes. O dragão de Eirik confiava nela, mas desta vez, ele não tinha certeza se os instintos da sua besta estavam corretos.

Apesar do sentimento de proteção que ele sentia por ela e a intimidade de dividir seus sonhos na noite anterior, Eirik não estava certo de que pudesse confiar nela com a segurança dos Éan, como confiava em seu pai adotivo.

Ciara assentiu, seus olhos verdes reluzindo com preocupação. —Tenho tido sonhos.

—Estou ciente. — O laird franziu o cenho. —Se eu pudesse parar os pesadelos, o faria.

—Não são todos pesadelos. — Ela agitou um olhar ilegível na direção de Eirik.

Contudo, ele podia adivinhar o que ela estava pensando. Suas visões do *Faolchú Chridhe* não tinham nada a ver com ele, mas o eu-dela do sonho tinha, tão bem dito a ele, que seus sonhos eram às vezes sobre Eirik.

Ele ficou com a impressão de que ela o culpava pelos sonhos, embora eles dificilmente fossem sua culpa. Embora, aquele olhar não fora um de censura. Ele recebeu bastante daqueles dela e conhecia intimamente a expressão deles.

Ele franziu as sobrancelhas pelo pensamento e pegou um vislumbre de medo em seu olhar verde antes dela habilidosamente mascará-lo. Seus talentos Chrechte estavam bem desenvolvidos, mas ele ainda podia cheirar rastros de sua apreensão. Não parecia que ninguém mais percebeu, porém.

Era estranho aquilo, e por que o medo?

Porque ela não era um Éan e aprendeu, em algum lugar do caminho, a temer suas forças Chrechte tanto quanto contava com elas. Ela não queria que ele soubesse sobre a natureza de seus sonhos com ele, o que significava que eles eram, sem dúvida nenhuma, de uma natureza do seu interesse.

Ciara aprenderia que havia pouco que pudesse esconder de Eirik, e nada quando ele teimava em sabê-lo.

—Ela tem a visão. — Mairi suavemente inseriu, inocentemente desavisada das correntes subentendidas entre Eirik e Ciara.

O Sinclair olhou fixamente para sua filha, o chefe do clã claramente perplexo.

—Como quando você sonhou sobre Abigail com o bairn?

Abigail se aproximou e tocou o ombro de Ciara.

—Pensei que era o resultado de seus sentidos Chrechte ficando conscientes de algo e fazendo-o conhecido através de seus sonhos. Está certa de que não é o caso?

—Sim. — As mãos de Ciara se entrelaçaram juntas em seu colo. —Não é a primeira vez. E eles não são todos felizes como este.

—Você viu algo que nos concerne? — Talorc soou mais curioso do que convencido.

Acaso os Faol dos Chrechte se afastaram tanto das antigas tradições que desconheciam a existência dos videntes entre eles?

Talvez os Éan se juntando aos clãs salvassem mais do que sua raça.

Quando Ciara mordeu um lábio, obviamente já inchado por tal abuso, Eirik quis puxá-la para seus braços e prometer que tudo ficaria bem.

—Acredito nisso, sim.

—Conte-me sobre os sonhos. — Talorc instruiu muito mais suavemente do que era o hábito do laird irritável.

Ela jogou um olhar para Eirik e então sobre Abigail, antes de colocar sua atenção de volta no laird, seu desconforto óbvio com o tema.

—Tive-os desde que eu era uma garotinha.

O laird assentiu a cabeça encorajadoramente.

—Vi os membros do meu antigo clã em suas formas Chrechte, mas nem sempre aquelas que eles mostravam para o resto do clã Donegal.

—O que quer dizer?

Ciara girou um preocupado olhar para Eirik.

Certo que ele sabia o que ela se preocupava em revelar, ele assentiu.

—Ele já sabe.

O ombro debaixo de sua mão relaxou infinitesimalmente.

—Em meus sonhos, vi Circin e sua irmã como corvos, voando no céu.

O choque de Talorc não podia ter sido maior.

—Como? — Ele sacudiu sua cabeça. —Você deve tê-los visto quando acordada, em certo ponto.

—Não. Eu sabia que Lais era uma águia, embora ele negasse para o clã inteiro.

—Nem mesmo Wirp sabia. — Lais disse em uma voz suave com respeito.

—Você não está convencido. — Ciara acusou seu pai adotivo.

O Sinclair estremeceu.

—Quero estar, mas é muito fantástico.

Ciara afundou os ombros, mas então, os endireitou e olhou diretamente para o laird.

—Existe um segredo que você defende, pelo qual seu pai morreu.

—Outros em nosso clã sabem também. — Talorc disse quase se desculpando.

—Mas eles não podem te dizer os detalhes de tal segredo. Eu posso.

Ela ergueu sua mão direita e a examinou como se seus dedos delicados pudessem conter as respostas do universo.

—Fosse minha mão aquela de um santo, eu não teria cometido os muitos enganos que fiz, penso.

A cor drenou do rosto do Sinclair.

—Como você...

—Ela está te informado como e agora você precisa parar suas dúvidas. — Abigail disse com tal expressão de zangada exasperação, que Eirik não apostaria a favor das possibilidades de que



essa noite seu amigo encontrasse alegria no leito matrimonial.

—Aye. Sinto muito por duvidar de você, Ciara.

—Nunca menti para você, mas sabe que escondi muito. Deixa-o desconfiado, entendo.

Talorc pareceu aflito e Abigail à beira de lágrimas.

—Chega disso. — Niall disse com sua voz áspera. —Todos nós acreditamos em você, Ciara.

Ela assentiu, mas seu olhar estava longe.

—Sonhei com a morte do meu pai, e então com a de minha mãe. Anos antes de ela acontecer, e era tão sangrento que repudiei o sonho como pesadelo. Eu não estava preparada. — Sua voz ficou vazia. —Ainda a vejo em sonhos.

—Oh, Ciara. — Abigail parecia com se quisesse abraçar a mulher mais jovem, mas deve ter visto o que Eirik fez.

Ciara estava mal segurando suas emoções sob controle e não precisava dos sentidos Chrechte para discernir isso.

Ciara começou a falar novamente, seu tom sem a emoção rodando em seus olhos esmeralda.

—Comecei a sonhar com o *Faolchú Chridhe* quando mal aprendi a andar sem ajuda. Não sabia o que era a princípio, entretanto, contei a Galen sobre meus sonhos. Pensei que ele iria rir de mim.

—Ele não riu. — Eirik inseriu com certeza.

Ela olhou para ele brevemente e agitou sua cabeça.

—Ele acreditava que meus sonhos eram proféticos, que eu o levaria à pedra sagrada dos lobos. A princípio, ele fez disso um jogo, levando-me à floresta para procurar. Estes eram dias tão felizes, entretanto, nosso *Da* morreu e Galen mudou.

—Não era um jogo para ele. — E nunca foi, disso Eirik estava certo. Particularmente levando em conta o fato que se sua irmã era a guardiã da pedra como a nova amiga dela, Mairi, afirmava, Galen teria tido a linhagem sanguínea para solicitar o poder da pedra também.

—Ou os amigos que partilhava de seu ódio pelos Éan. — A voz dele saiu mais severa do que pretendia que fosse, mas o pensamento de alguém como o irmão dela tendo o poder da pedra sagrada dos Chrechte era arrepiante.

—Não. Não era um jogo para eles. É isso que estávamos fazendo naquele dia terrível, quando Luag cheirou a corvos e decidiu caçar, em vez de procurar por um mito. Galen começou a trazer seu amigo junto em nossas procuras, mas nenhum deles me escutava sobre onde olhar. Eles estavam tão seguro que sabiam o correto das coisas.

—E, no entanto, eles estavam completamente enganados. — Lais disse.

Ciara respirou fundo e expirou.

—Sim.

—Luag não acreditava nos seus sonhos. — Eirik estava certo de que o lobo Donegal nunca teria ido caçar as crianças Éan se tivesse. O *Faolchú Chridhe* teria sido uma descoberta extremamente importante.

—Não como Galen acreditava, não. — Ela mordeu seu lábio novamente e o dragão de Eirik

ribombou em seu tórax. —Ele queria acreditar que podia ter o poder da pedra.

—Se ele fosse seu irmão, ele poderia evocá-la. — Mairi disse com condenação absoluta.

Ciara não respondeu, mas Eirik assentiu seu acordo. O Sinclair não pareceu feliz por aquela possibilidade.

Guaire perguntou:

— Nunca encontrou sinais da pedra?

Ele estivera calado até agora, mas Eirik podia ver o senescal assimilando coisas e pesando a importância delas. Eirik notou o humano fazendo assim antes, quando trabalhando com Eirik e o laird para acomodar os Éan entre o clã.

Quando ele fazia uma observação, era sempre no alvo e sobre benefício. Talorc era sortudo por ter tal senescal.

—Não. — Ciara respondeu. — Nenhum sinal.

Mas ela ainda acreditava que o *Faolchú Chridhe* estava lá fora para ser encontrado. Sua conexão tinha que ser muito forte.

—E ainda está sonhando com isso? — Guaire perguntou.

—Sim.

Guaire assentiu.

— Claramente, você deve prestar atenção a estes sonhos.

Niall acenou seu acordo. O Sinclair franziu o cenho e Eirik sabia que o aborrecia que sua filha fosse incomodada por algo que ele não podia reparar, não importando sua força e posição.

— Por esta ou outra razão continuará sem poder dormir até que o faça — Abigail disse com um olhar de preocupação maternal para Ciara.

Eirik moveu sua mão do ombro até a nuca de Ciara, dando um apertão para deixá-la saber que não estava só. Ele não questionou o impulso. No momento, seguiria os instintos de sua besta.

—Os sonhos ficaram urgentes. A pedra me chama agora, mesmo quando estou acordada. — Ela olhou para Eirik, seu olhar verde assombrado, antes de girar sua atenção para seu pai adotivo. —Não consigo dormir. Não consigo comer. O *Faolchú Chridhe* deve ser encontrado.

—Aye. — Havia uma riqueza de determinação e a confiança de um chefe de clã naquela única palavra.

Ciara soltou um suave suspiro de alívio. Não importa que os segredos que ela guardava poderia implicar o contrário, ela confiava no Sinclair. Total e completamente.

Ela aprenderia que podia confiar em Eirik tão profundamente. Seu dragão exigia isso e seu corvo insistia que já deveria ser deste jeito.

—Antes de meu pai e seus comparsas encontrá-lo. — Mairi adicionou, medo flutuando para fora dela em uma onda ácida.

O laird virou para ela.

—Seu pai sabe do *Faolchú Chridhe*?

Mairi saltou, mas se acalmou e seu medo dissipou no ar em volta deles quando Lais colocou seu braço sobre seu ombro e a arrastou para seu lado.

Seu rosto corou com embaraço, entretanto, e apesar do conforto óbvio que deu a ela, ela tentou afastar Lais. Ele não se moveu.



Ela franziu o cenho para ele, clara confusão em seu olhar azul. Lais meramente sorriu e Eirik achou seus próprios lábios se curvando com diversão. Não seria um fácil acasalamento, mas seria um bom.

Mairi então deu uma boa imitação de alguém inconsciente de que um guerreiro duas vezes o seu tamanho estava muito perto. —Muitos dos Faol conhecem as velhas histórias sobre o *Faolchú Chridhe*. A história Chrechte é ensinada para os jovens em alguns clãs com muito mais diligência que soa como é entre o Sinclairs.

O alfa do clã poderia ter se ofendido no que era claramente a acusação de uma negligência, mas ele meramente assentiu.

—Você está certa. Meu avô queria que nosso clã se integrasse mais inteiramente no clã e decretou que as histórias antigas não eram mais do que mito e existia pouco benefício em compartilhá-las.

Ciara ofegou com choque.

A boca de Talorc se torceu em um gesto compreensivo.

—É assombroso considerando o quão importante ele pensava que as leis antigas Chrechte são para todos nós.

—Talvez seja hora de mudar as coisas em nosso clã. — Abigail disse.

O Sinclair deu a sua esposa um olhar aprovador e assentiu.

—Talvez seja.

—Mas o MacLeod tem informações mais recentes que velhas histórias, não tem? — Guaire perguntou a Mairi, seu tom meditativo.

—Tem. Minha mãe tinha a visão também. — Mairi disse, soando apologética, embora Eirik não pudesse entender por quê. —Ela sonhou com a pedra quando estava grávida de mim. Penso porque meu pai está friamente relacionado à família do *Faolchú Chridhe*.

—Você disse ontem à noite que Ciara era a guardião da pedra. — Eirik disse.

—Ela é. Diferentemente do meu pai, ela é descendente direta dos guardiões originais da pedra. Ela é a princesa dos Faol. Se vivêssemos nos dias de nossos antepassados, ela seria nossa rainha. — Mairi olhou para Ciara, sua olhar azul brilhando com estima e esperança.

Ciara agitou sua cabeça, um som de protesto saindo dela, sua angústia clara. O choque estava no ar ao redor deles, e preocupação.

Eirik ignorou isso tudo para cair de joelhos em frente a princesa relutante. Ele quis que ela encontrasse seu olhar e ela assim o fez, sua cabeça levantando só o suficiente para que seus olhos esmeralda se trancassem com os seus.

—Ser um guardião da pedra é uma grande responsabilidade, mas também é uma bênção.

Ela tentou sacudir sua cabeça, mas o aperto dele no seu rosto a parou.

—Não quero ser uma princesa.

—Negaria a seus filhos o lugar legítimo deles entre os Faol porque o seu foi negado a você?

—Não. Claro que não. Não vou ter quaisquer filhos! — ela gemeu.

Seu dragão retumbou em negação por aquela declaração, mas Eirik fez o seu melhor para ignorar.

—Não há nada para temer no presente.

—Há tudo para temer.

—Ajudarei você.

—Você me odeia.

—Não odeio.

—Mas...

—Confie em mim.

—Você é verdadeiramente um príncipe... eu sou só uma...

—Não existe isso de só uma. A pedra chamou por você, a reivindicou. Você não pode fazer nada além de responder a este chamado. — Ele soubera disso desde que ele era um menininho. Nascer na família real de um povo Chrechte, ditava muito sobre a vida do homem desde o nascimento.

Ele ajudaria Ciara a aprender a lidar com esta verdade.

—Eu também sou uma vidente e sonhei com o poder para o bem que ela esgrime com a pedra. — A voz de Mairi cercou com convicção.

— Ciara é uma descendente direta dos guardiões originais da pedra, da realeza Faol? — o Sinclair perguntou como se ainda tentasse assimilar a verdade.

Não existia nenhuma dúvida na expressão determinada de Mairi.

—Sim.

—Não posso ser. — Ciara disse, mas sua voz não possuía nenhuma convicção. Seus olhos suplicaram a Eirik. —Meus pais não teriam me contado, meu irmão pelo menos?

Eirik tolamente desejou que pudesse mentir naquele momento.

—Como você disse, ele tinha planos para esgrimir o poder da pedra sozinho.

—Mas éramos família.

—E ele viu a bondade em você, a inabilidade de odiar outra raça de nosso povo, simplesmente porque eles eram diferentes em sua natureza bestial. — E finalmente, Eirik reconheceu isso como verdade.

Ele ainda não confiava nesta mulher completamente. Ela escondia muitos segredos, mas ele não duvidava de que ela nunca pretendeu fazer mal aos Éan.

—Ele queria criar *conriocht*. — ela admitiu em um sussurro.

Lais ofegou. Mairi gemeu com preocupação, mas Talorc e Eirik encontraram o olhar um do outro com propósito. O *Faolchú Chridhe* seria encontrado e trazido para segurança, antes de poder cair nas mãos de Chrechte que abusariam de seu poder para destruir outros troca-formas.

—Tudo ficará bem. — ele prometeu a ela, desejando que ela acreditasse nele.

Finalmente, ela assentiu, mordendo seu lábio inferior.

Ele gemeu e antes que Eirik pudesse ceder a uma necessidade quase opressiva de beijar a princesa Faol, ele levantou e recuou para sua posição ao lado dela.

—Há um idoso entre os Balmoral que conhece todas as histórias antigas dos Faol. — o Sinclair disse com um tom, que mostrava mais do que qualquer coisa, o quanto ele lamentava por não ter tal idoso entre seu próprio clã. —Precisamos falar com ele.

—Irei para Ilha Balmoral. — Eirik anunciou, nem mesmo considerando que o laird poderia



preferir enviar um Faol para esta missão.

Mas Talorc acenou sua aprovação.

—Você liderará esta investigação.

—O que? Por quê? — Ciara perguntou, claramente desconfortável com o édito do seu pai adotivo.

O que ela pensou? Que Eirik, como um Éan, faria algo sinistro com a pedra sagrada dos lobos? Pouco ela sabia, mas as pedras sagradas dos Chrechte não podiam ser destruídas e o *Faolchú Chridhe* continuaria a chamar por Ciara até que fosse encontrado e usado por ela.

O Sinclair parecia como se ele não responderia o desafio de sua filha, mas Abigail deu um tapa no ombro dele e a expressão de Talorc mudou.

O que quer que fosse que a esposa do laird disse para ele pelo vínculo mental de companheiros, ele pareceu corretamente castigado.

—Como príncipe dos Éan, o conhecimento de Eirik do *Clach Gealach Gra*, e a habilidade de derrotar qualquer um que tentaria tomar posse do *Faolchú Chridhe*, o faz o melhor guerreiro para esta missão.

—Sinto muito por ter questionado sua decisão, laird.

—Não espero a mesma aceitação inquestionável das minhas ordens pela família como espero dos meus soldados. — o chefe do clã disse, como se recitando algo que ouviu muitas vezes antes.

Eirik teve que abafar um desejo de sorrir, confiante que ele sabia exatamente onde o laird ouvira aquelas palavras. O sorriso de aprovação de Abigail confirmava sua suposição.

Talorc girou para Eirik.

—Levará Ciara com você. Como ela é a guardiã da pedra, Abigail acredita que esta continuará a atraí-la para si mesma. — A mandíbula do Sinclair endureceu, sua cabeça dando um pequeno puxão como se em resposta a uma pergunta muda. —E seu dragão continuará a proteger seus sonhos de forma que ela não fique doente.

Eirik notou que não era o único escondendo a diversão pelo desconforto óbvio do seu laird ao dar permissão para tal. Mas de novo, a esposa do homem parecia completamente satisfeita e ele, por sua parte, não tinha desejo algum de atrair sua ira.

Ela era uma matreira, ele sabia.

Ciara abriu sua boca para falar, mas seja o que for que pretendia dizer, protesto ou aquiescência, foi suprimido pelo apelo de Mairi.

—Por favor deixe-me ir, também. Tive muitos sonhos com esta pedra... não sei por que, mas sinto que eu deveria ir nesta jornada também.

Lais franziu o cenho para ela.

—Você precisa de mais tempo para curar.

— Sente que deve estar ali ou anseia o lobo que seus sonhos lhe disseram que te outorgará a pedra — Eirik perguntou, lembrando o que a mulher humana alegou na noite que foi achada.

Mairi não mostrou nenhum sinal de embaraço por sua pergunta.

—Se você tivesse sido espancado tão frequentemente quanto eu, por nada além do fato que

não tenho lobo, você não seria tão desconsiderado sobre o poder do *Faolchú Chridhe* de curar todos os Chrechte. É meu direito, tanto como de qualquer outro, receber essa cura.

—Claro que é. — Abigail inseriu.

E ninguém a contradisse. Ela era humana, mas era a senhora do clã e um membro reconhecido do bando, apesar de não ter lobo.

Mairi assentiu em agradecimento e olhou carrancuda para Eirik.

—Mas *não* é por isso que acredito que devo estar lá. Uma vez que a pedra seja encontrada, muitos serão tocados pelo poder dela. Minha transformação virá, mais cedo ou mais tarde, mas virá. Devo ter permissão para acompanhar vocês nesta investigação porque tal fato está em meus sonhos. Se Deus lhe dá uma visão, você corta os pedaços que não são convenientes ou lógicos e espera a visão acontecer?

Eirik sacudiu sua cabeça pela quente aprovação nos olhos de Lais com as palavras de Mairi. O homem tinha isso mau, mas não era desculpa para tolerar o tom desrespeitoso da mulher humana.

O olhar de Ciara dirigido a Eirik foi ainda mais mal recebido, porém, e ele arqueou uma sobrancelha em interrogação. O que ele fez?

—Responda a ela. — Ciara exigiu.

Eirik abriu sua boca para repreender ambas as mulheres por seu desrespeito e então repetiu as palavras de Mairi em sua cabeça e decidiu que ela tinha um pouco de razão por seu tom acerbado.

—Nunca tive uma visão. Não saberia.

—Eu tenho. — Mairi disse. —Mais importante, minha mãe me ensinou a importância de prestar atenção a todo aspecto minúsculo nestes sonhos especiais. Se ela tivesse, ainda estaria viva.

—Se meu irmão tivesse me escutado sobre todos os pontos de meu sonho, acredito que teríamos encontrado o *Faolchú Chridhe*. —Ciara franziu o cenho para Eirik como se fosse sua culpa.

Até onde ele estava preocupado, aquela falha particular foi para o melhor.

—Foi bom que ele não o fez então.

Ciara vacilou por suas palavras e, maldição, se ele não teve que lutar contra o desejo de confortá-la, mas o leve declive de sua cabeça reconheceu sua verdade.

—Voaremos para a Ilha Balmoral hoje à noite.



Capítulo 12



Todas as verdades são fáceis de entender uma vez que são descobertas; o ponto é descobri-las.

—GALILEU GALILEI

—Você pretende que Ciara monte em seu dragão? — o Sinclair perguntou.

—Aye. Ciara tem se provado uma amazona perita. — E o dragão de Eirik queria que ela montasse novamente, almejava isso quando a besta mostrara desejo por nada mais.

Lais franziu o cenho, suas sobancelhas loiras sobressaídas.

—Você teria minha... Mairi para montar em seu dragão também?

—Você podia levá-la por um barco. — Eirik ofereceu, esperando Lais recusar.

Uma águia preferia voar.

Além disso, o trajeto para onde os Sinclairs mantinham seus barcos para o cruzamento, combinava com o cruzamento que em si, tomaria várias horas mais do que voar direto. Ainda que a águia fosse consideravelmente mais lenta do que um dragão no céu.

Mas Lais rapidamente assentiu.

—Soa como uma ideia, essa.

Era uma ideia maluca, mas desde que foi Eirik a recomendar, mesmo esperando que fosse reclinada, ele recusou a retirar suas palavras agora.

—Acompanharei Lais e Mairi no barco. — Ciara soou extremamente contente com aquela opção.

Ambos, Eirik e seu pai adotivo disseram:

—Não — ao mesmo tempo.

Surpreendido pela veemência no tom do laird combinada com a sua própria, Eirik deixou o outro homem explicar isso para sua filha.

—Mas por que não? — Ciara perguntou como Eirik esperava dela.

—Do momento que você deixar este forte e até que retorne a ele com o *Faolchú Chridhe*, você não deixará o lado do troca-forma dragão.

Ah, o homem queria Ciara protegida a todo custo. Era compreensível. Não só era ela a filha do laird, mas era a princesa dos Faol. O *Faolchú Chridhe* seria de uso limitado para seu povo sem um de seu sangue para gerar seu poder completo.

—É uma questão de sua segurança. — Abigail disse para sua filha. —Por favor, faça como seu pai pede.

Os olhos de Ciara se ampliaram e ela assentiu sem outra palavra. Seu amor por sua família adotiva pelo menos não estava em questão.

Ninguém comentou o resmungo do Sinclair, que resmungou:

—Não foi uma petição.

Havia pouco que Ciara precisava para sua jornada para a terra Balmoral.

Laird Lachlan, seu tio adotivo, proveria todas as suas necessidades em sua ilha, mas onde sua jornada os levaria depois disso, ela não sabia. Melhor estar preparada.

Ela prendeu uma bolsa, feita do tartan Sinclair e forrada com couro, à corrente que usava ao redor dos quadris. Dentro, estava uma faca pequena, usada principalmente para aparar legumes, mas útil em outras circunstâncias também. Ela também empacotou um lenço, um pacote de ervas para fazer um bom chá para acalmar e despejar sobre um pequeno ferimento para limpar, e sua última recordação de seu irmão, o anel dele.

Debaixo da manga de sua blusa, Ciara colocou o bracelete de bronze que seu pai deu a sua mãe no dia de seu casamento. Ela só o tirava para se transformar. A imagem, cauterizada pelo atrito de dois focinhos de lobos e cercada pelas linhas intrincadas, sempre deram conforto a ela. Ela precisava de cada impulso para sua coragem que poderia manejar para o que estava por vir adiante. Disso ela estava certa.

Ela lutou contra o chamado do *Faolchú Chridhe* por muito tempo, ceder a isso deixava sua boca seca com medo.

O medo a envergonhava e ela não cederia a ele.

Ciara adicionou o punhal pequeno e muito afiado com o punho de joias herdado de sua tataravó. Ela situou o couro magro em volta de seus quadris para que parasse debaixo de sua corrente e o punhal estava quase escondido pela pequena bolsa presa a ele.

Então ela abriu a arca que Abigail e Talorc lhe deram quando chegou para viver com eles. Eles disseram que ela guardasse seus tesouros nele, e ela o fez. Aqueles trazidos com ela e os poucos que acumulou desde então.

Ela empurrou para o lado o primeiro plaid Sinclair que já ganhou, só um xale realmente. Abigail explicou que Ciara podia vesti-lo sobre seus ombros enquanto ainda usasse as cores



Donegal como sua saia. Deu a ela a oportunidade de mostrar a sua lealdade para o Sinclair, enquanto levava seu tempo para desistir de seu velho clã... o último vínculo com sua família morta.

Dar a ela aquele xale foi a primeira de muitas compaixões que Abigail mostrou a Ciara.

Debaixo do xale estava um plaid cuidadosamente dobrado das cores Donegal. Ciara tinha o vestido, por último, seis meses depois de vir para os Sinclairs. Abigail a presenteou com uma saia nas cores Sinclair, um xale novo, menor, que mal cobria seus ombros e alfinetes de bronze estampados com a pluma Sinclair para prendê-los em uma blusa nova tão branca, que Abigail teve que ter tomado grandes dores para alvejar o tecido.

A senhora do laird também incluiu um corpete de lã preta finamente tecida, e explicou a roupa como uma mistura à moda de sua pátria e nas cores Highland. Eram muitas camadas para uma troca-forma vestir convenientemente, para não mencionar muito inglês, mas Ciara se encontrou incapaz de dizer isso à mulher humana.

Ela meramente falou obrigada e desceu na manhã seguinte usando uma roupa semelhante àquela que ela usava todo dia desde então. Abigail se fez um tartan e corpete combinando, mostrando ao mundo que eles eram família, embora não pelo sangue.

Ciara retirou o plaid Donegal e o deitou na sua cama, então o desdobrou para revelar a espada. Com esmeraldas do mesmo profundo verde daquelas em seu punhal e do tamanho de seu polegar decorando o cabo, era facilmente mais de metade tão alta quanto ela.

Foi de seu irmão, e de seu pai antes disso, e do seu avô antes daquilo. Ela não sabia quanto tempo que estivera em sua família, mas o bronze pesado brilhava com anos de cuidado.

As imagens em alto-relevo de um *conriocht*, um dragão e um griffin cercavam o punho. O *conriocht* estava no centro, com uma pequena esmeralda, daquelas no cabo, acima da cabeça da besta. O dragão agarrava uma pedra de âmbar em suas garras e o griffin tinha uma safira azul-profundo debaixo de uma pata dianteira.

A espada era pesada e sólida, uma espada apropriada para um rei, ela sempre pensou.

Os joelhos de Ciara viraram água e ela afundou no chão ao lado da cama.

Uma espada apropriada para um rei.

Mas seguramente se ele fosse descendente dos reis Faol originais, o pai de Ciara teria sido laird. Ele não fora um líder, contudo. Ele foi leal ao laird antes de Rowland e transferiu esta lealdade para o laird que fez tanto dano ao clã Donegal.

Seu pai estava morto há muito tempo quando Barr assumiu o comando como laird em ação do clã Donegal pela ordem do rei da Escócia.

E Galen já estivera firmemente sob influência de Wirp e Luag.

Barr salvou seu clã da liderança de um Chrechte mau, mas poderoso, só que não a tempo de salvar seu irmão. Barr fez o seu melhor para salvar Ciara, no entanto, e ela sempre seria agradecida.

Ela correu sua mão sobre o *conriocht* na espada. Quando o último verdadeiro *conriocht* caminhou pela Terra? Foi um de seus antepassados? Ele foi um bom homem, ou corrompido por sua cobiça pelo poder, como Rowland? Há quanto tempo atrás os lobos perderam sua pedra

sagrada?

E como? Aparentemente, os Éan ainda tinham a pedra *deles*, então como poderia os lobos ter perdido algo tão precioso?

Foi tomada pelos Éan, como seu irmão alegava? Ou o outro povo Chrechte, os Paindeal... aqueles que dividiam sua natureza com os grandes gatos predadores.

Os anciões sempre disseram que as histórias sobre os Paindeal eram mitos, entretanto os Faol que não os caçaram, pensaram nos Éan como um mito por estas muitas gerações.

Ciara pegou a espada, sua mão junta contra o cabo. Esquisitamente, o metal pareceu quente contra sua pele, embora seu aposento ainda estivesse frio da queda de temperatura à noite. Não estaria quente até mais tarde no dia quando o sol se movesse para este lado do forte.

A espada deveria ser fria também.

Só seu punho ficou muito mais quente contra a palma de Ciara. E poderia ter sido um truque da luz, entretanto ela não estava certa de como... mas as esmeraldas no cabo pareciam *brilhar*.

Ciara fechou seus olhos contra esta indicação de magia Chrechte e de uma infância na qual ela foi mantida no escuro sobre a verdade de seus antepassados.

Não só seu pai desejara que ela fosse um menino, mas escondeu dela a história da sua família. A certeza de que ele compartilhou isso tudo com Galen só fez a dor em seu coração ficar pior.

Porque, apesar de Galen a ter amado, ele guardou estes segredos dela também. Ele não pensou que ela fosse importante o suficiente para saber a verdade sobre sua linhagem.

Lágrimas mudas escorreram por suas bochechas quando Ciara desejou pela conexão com seu passado que eles julgaram conveniente esconder dela.

De repente, ela não estava mais sentada no chão de seu aposento, mas estava no fundo de uma caverna iluminada por várias tochas saindo das paredes de pedra lisa. Uma mulher velha vestindo nada além de uma tanga de couro agachava-se no chão, no centro da caverna.

Seu corpo enrugado estava marcado com imperfeitas tatuagens semelhantes, mas mais simplificadas, que aquelas que os Chrechte marcavam a si mesmos para indicar sua primeira transformação, acasalamentos e posições de liderança. O esboço claro de um lobo estava tatuado acima do coração dela. Embora fosse uma mulher, seu braço estava marcado com uma faixa como de um alfa de bando. Só que ela não tinha um lobo nele, mas o símbolo para o Criador, Deus.

Ela era a líder espiritual então? Uma *kelle*, como as velhas histórias contavam sobre mulheres que eram ambas as sacerdotisas e guerreiras? Seus músculos eram definidos, apesar de sua idade óbvia, e ela agachava-se com uma tensão embrulhada com agilidade que falava de alguém preparado para entrar em ação a qualquer momento.

Um punhal de má aparência oscilava de uma corrente de couro entre suas pernas. E o ar escapou do peito de Ciara quando ela percebeu que a *kelle* usava uma bainha de bronze em seu braço livres de tatuagens. Era idêntico ao que Ciara usava, mas sem os redemoinhos complicados que devem ter sido adicionados mais tarde.

Quando a velha levantou sua cabeça, Ciara viu o fino bracelete de bronze que ela usava em seu longo cabelo cinza. Adornado com uma esmeralda que balançava no meio da testa da *kelle*, claramente a marcava como algum tipo de realeza Faol.



Ela se endireitou e Ciara pôde ver um pacote de couro amarrado firme em seu tórax. Olhos da mesma cor dos de Ciara inspecionaram a caverna, como se tentando ver dentro das sombras e examinando Ciara como se ela não estivesse lá.

Cada movimento, cada linha do corpo da *kelle* falava de determinação e urgência. Ela girou em direção à parte de trás da caverna e revelou uma espada pequena, semelhante à que Ciara conservava, amarrada às suas costas. Não havia nenhum sinal de sua idade no jeito que ela caminhava com força e propósito, sua cabeça erguida.

A *kelle* desapareceu nas sombras, e tão depressa quanto Ciara se encontrou na caverna, ela se achou de volta no chão de seu aposento.

Seus olhos estavam abertos, entretanto ela não se lembrava de levantar suas pálpebras, e olhava fixamente para a parede oposta.

O olho de sua mente ainda podia ver a *kelle*, entretanto, e Ciara estremeceu na certeza que acabou de testemunhar não somente um momento na vida de um de seus antepassados, mas a perda do *Faolchú Chridhe* também.

Sua mão ainda estava na espada, mas o metal não mais se sentia anormalmente quente. Ela a soltou depressa, no entanto, como se ela ainda pudesse queimá-la. Olhando para sua palma, não viu nenhuma vermelhidão para indicar o calor que o punho da espada gerou.

Ela se perguntava para onde a espada que a *kelle* usava foi? Para outro parente distante talvez, outra família dentre os Faol que realmente poderia dizer às suas filhas a verdade sobre o passado delas?

—O que você está fazendo? — A voz do Eirik veio da entrada.

Sentindo como se estivesse debaixo d'água, Ciara girou sua cabeça para vê-lo. Vestido como ele estivera na primeira vez que ela o espiou de sobre a torre, o troca-forma dragão encheu sua entrada, uma carranca povoada firmemente em suas feições cinzeladas.

—Eu estava... — Tentando entender seu passado, procurando pela prova da afirmação de Mairi que Ciara era algo mais do que pensou.

O olhar fixo de Eirik se moveu além dela para a arma deitada exposta em sua cama e seu olhar virou sulfúrico.

—Você tem uma espada de um dos antigos reis Chrechte. Onde você a arrumou?

A acusação e desconfiança no tom de Eirik machucaram de um jeito que Ciara recusou reconhecer.

—Não a roubei, e meu irmão não roubou, tampouco. — Ela preferia estar de pé nesta conversação, mas depois da visão, ela não confiava na força de suas pernas.

—Você é o único que afirma ainda seguir os modos dos antigos Chrechte. Então deve acreditar nas visões... que sou descendente de um rei Chrechte. Por que eu não devia ter a espada dele? — Só que eles dois sabiam por que não. Porque ela não tinha nenhuma ideia, até que Mairi veio que o passado de Ciara levou de volta para os regentes originais de sua raça.

—Não disse que você a roubou. — ele disse entredentes com clara relutância.

Ela se forçou a levantar, só balançando um pouco quando ganhou seus pés.

Eirik estava lá antes de ela poder piscar, segurando seu braço, seu cenho desaparecido, para

ser substituído por inquietação.

—Qual o problema?

Despertar de sonhos deixava-a ainda mais debilitada do que aquilo perturbando seus sonhos, mas esse era seu próprio fardo para aguentar e ela certamente não o confiaria a ele.

—Nada. Estou bem.

—Você está pálida.

—Preciso de mais sol.

Ele franziu as sobancelhas, obviamente não gostando da irreverência de sua resposta.

—Tive uma visão. — ela disse, para tirar a atenção dele da sua debilidade temporária.

Se ele pareceu inquietado antes, agora pareceu completamente preocupado.

—Enquanto estava acordada?

O homem não parecia capaz de decidir se a menosprezava ou se se preocupava com ela e ela não estava arriscando acreditar em um quando o outro poderia estar espreitando em volta de uma pedra conveniente.

—Não é a primeira vez. — ela disse tão casualmente quanto podia, como se estas visões acordadas não a apavorassem.

—Você não mencionou isso quando todos nós conversamos mais cedo.

—Não pensei que importava. — E ela não queria preocupar mais seus pais. Eles pareciam aflitos o suficiente pelos sonhos e o chamado da pedra sagrada.

—Você precisa falar com minha avó.

—Por quê?

—Ela é Anya-Gra, líder espiritual de nosso povo.

—Uma *kelle*?

—Não, uma *celi di*. Ela não é uma guerreira; embora fosse treinada para se proteger, ela não ergueria sua mão para outro. Não está em sua natureza.

—Pensei que só homens pudessem ser *celi di*. — Servos de Deus, não completamente padres, mas respeitados como servos da igreja, contudo. Embora não tecnicamente debaixo da autoridade dela, padres da Highland apresentavam cerimônias e guiavam o bem-estar religioso espiritual de seus povos.

—Entre os clãs humanos, este se tornou o caso, mas não cometa nenhum engano, os Chrechte têm seguido mulheres *celi di* e *kelle* desde o início do tempo. Da mesma maneira que eles têm seguidos homens com tal vocação.

—Sabia disso... as velhas histórias.

—Mas os Faol não mais praticam tal espiritualidade.

Ela não podia negar suas palavras.

—Abigail me disse que sua amiga, a abadessa, disse que a Escritura afirma não existir nenhuma distinção entre homem e mulher na fé. Os homens fazem as distinções.

—Como fazemos em tantas outras coisas.

—Então, sua avó é uma *celi di*?

—Ela é e pode te ajudar a aprender a viver com e controlar seu dom.

—As visões podem ser controladas?



—Não sei, mas minha avó nunca esteve tão doente delas como você estava, quando cheguei aqui.

—Ela não é parte do grupo de Éan que se juntou aos Sinclairs.

—Não.

—Onde ela está então? Ela ficou na floresta?

—Como você sabia que alguns dos Éan escolheram ficar?

—Não estava certa, mas lembrei das histórias dos Faol que fizeram o mesmo, quando nós nos juntamos aos clãs.

—Minha avó afirma que ainda existem tais Faol na floresta.

—Se ela for uma vidente, ela saberia.

—Aye.

—Ela *está* ainda na floresta?

—Não. Ela foi para o clã Donegal, para viver próxima a minha irmã, a primeira de nossa geração a dar à luz.

—Sua irmã é a esposa de Barr, não é?

—Ela é, mas poucos sabem da conexão.

Ciara encolheu os ombros. O que ela devia dizer? Ela sabia de coisas que não deveria e nem todas elas de visões.

—O que o padre Donegal pensa de sua avó, me pergunto?

—Não sei, mas ele não é como muitos padres. Ele treinou um dos Donegals para ser *celi di* e não atribuir penitências por crueldade.

—Ele é realmente um homem de Deus então.

—Mais provável.

Silêncio estirou entre eles, mas ele não a soltou e ela não fez nenhum movimento para se distanciar dele.

Ela mordeu seu lábio, como ela estava acostumada a fazer quando agitada.

—É difícil.

—O quê? — Essa realmente podia ser a voz dele, tão suave e compreensiva?

Ela olhou para ele, perdendo-se em seu olhar âmbar contra todo bom pensamento.

—Saber coisas que outros não sabem, coisas que você não deveria saber.

—É? — Ele roçou as costas da sua mão por sua bochecha.

—Sim.

—Seguramente não é de todo mau.

—Talvez não. — Ciara se debruçou no toque de Eirik, incapaz de fazer qualquer outra coisa.

—Chamou-me a atenção de Galen quando ele se afastou de sua família, passando a maior parte de seu tempo com seus amigos, ao invés. Também custou a ele sua vida.

—Seu irmão não morreu porque você estava tentando ajudá-lo a achar o *Faolchú Chridhe*. Ele morreu porque ele seguiu Luag na caça de inocentes crianças Éan.

—Galen não queria machucá-los. — ela se sentiu compelida a assinalar novamente.

Alguma da rigidez infiltrou de volta na expressão de Eirik.

—Mas ele não fez nada para parar Luag.

—Não. — Ela baixou sua cabeça, não querendo ver o olhar de censura nas feições de Eirik.

Seu irmão cometeu um odioso ato em até caçar outro Chrechte, o fato que ele não queria machucar as crianças não o exonerava.

—Sinto muito que você perdeu seu irmão.

As palavras de condolência foram tão inesperadas, ela caiu muda pelo choque.

—Mas não que você o matou. — ela finalmente disse.

—Não posso; sentir remorso seria colocar a vida dele acima das crianças que ele permitiu serem ameaçadas.

—Sim.

—Você concorda? — Ele arrastou seu rosto de volta para cima, então seus olhos não tinham nenhuma escolha a não ser se encontrarem.

—Não sou tola.

Ele assentiu, sua compreensão brilhando no âmbar de seus olhos.

—Só uma mulher com um conhecimento, com o qual ela não sabe o que fazer.

Lágrimas ameaçaram por esta compreensão adicional e ela piscou para deter a umidade.

—Sim.

—Any-Gra te ajudará.

—Então, não sou a descendente de um rei, mas uma líder espiritual? — ela perguntou, pensando na velha que viu em seu sonho.

—Provavelmente ambas. A família real dos Éan tem governado nosso povo por milênios e cada líder espiritual que tivemos também veio da minha linhagem.

—Pensa que era o mesmo com os lobos, antes de MacAlpin?

—Aye. Estou certo disto.

—Mas nossa linhagem real está agora espalhada como alpiste lançado de uma alta janela entre os clãs.

—Mas só você possui a espada do rei.

—Tenho um punhal com as mesmas pedras, e o bracelete de um de minhas antepassadas que era *kelle*, mas não tenho a espada dela.

—Como você disse, sua linhagem se espalhou entre os clãs, mas para você ter todos os três itens, sua linhagem deve ser tão pura quanto Mairi afirma.

—Eles nunca me contaram.

—Seus pais?

—Ou meu irmão. Eles todos esconderam isso de mim, como se eu não importasse.

—Talvez, eles não quiseram te sobrecarregar com conhecimento muito pesado para aguentar.

Seu coração dolorido foi tocado pela tentativa de Eirik de consolá-la, mas ela sabia a verdade e balançou sua cabeça.

Finalmente encontrando a força de vontade, se afastou dele para ir para a cama e olhar para a espada. Ela tinha medo de tocá-la novamente e talvez ter outra visão.

—Então, verdadeiramente era a arma de um monarca? Sempre pensei que parecia como se



devesse ser. — No entanto, mesmo depois de sua visão, ela teve um tempo duro acreditando nisso.

—Aye. Tenho uma igual à essa. — Eirik sacou sua espada acima de seu ombro e balançou-a até pousar contra sua outra mão entre eles.

Era de bronze também, as bordas da lâmina afiada a um chanfro muito melhor do que a que ela guardava em seu tronco.

—Posso ver o punho? — Ela perguntou.

Ele reposicionou a arma de forma que se estendia por suas mãos, completamente aberta para a inspeção dela.

Depois de examinar sua espada de perto, ela retrocedeu para longe desta e da arma deitada em sua cama.

—Elas não são exatamente semelhantes.

—Não são? — Ele perguntou, como se a acarinhando.

—Não. No punho da sua, o dragão é a figura central. No da minha, o *conriocht* é central.

Eles dois ficaram calados, contemplando o que esta leve diferença podia significar.

—Tal fato implicaria existir uma espada lá fora, em algum lugar, que tem um griffin como seu centro. — ele disse em um tom que ela nunca tinha ouvido antes vindo do troca-forma dragão... temor.

—Um mito...

O olhar que Eirik deu a ela estava retorcido.

—Como o Éan e o verdadeiro *conriocht*.

—Mas onde estão os troca-formas felinos então, os Paindeal?

Eirik pareceu pensativo.

—Algumas das histórias mais antigas falam de uma ponte de terra que costumava conectar a Escócia à terra dos escandinavos. Os Chrechte supostamente viajavam sobre estas pontes de terra antes deles caírem no mar e o único caminho para a terra dos Vikings era pela água, porque até uma águia não pode voar tão longe.

Ela pensou que talvez um dragão pudesse ser capaz, embora não o dissesse.

—Você acha que os Paindeal ainda estão naquelas terras?

—Talvez. Talvez, nós responderemos esta pergunta depois de encontrarmos a pedra sagrada dos lobos.

Decidindo que o tempo para segredos era passado, havia demais em jogo, Ciara disse:

— Penso que vi a mulher que escondeu o *Faolchú Chridhe*.

—Em sua visão.

—Sim. Ela estava em uma caverna. Era iluminada com tochas, haviam desenhos esculpidos na parede, mas eu não podia entendê-los na luz escassa. — E sua atenção estivera fixa na mulher.

Ciara só lembrou-se dos desenhos como uma impressão na periférica de sua visão.

—Era a caverna de seus outros sonhos?

—Não, mas talvez seja parte do sistema de cavernas que leva a esta.

—Então, você pensa que a pedra estava escondida em uma caverna?

—Sim, uma caverna, profunda no chão. Brilha com uma estranha luz verde. — Eirik acreditaria nela mais plenamente do que Galen, ou ele também questionaria a certeza com a qual ela despertou de seus sonhos?

—Não passo muito tempo em cavernas quando meu dragão não está ocupado protegendo os sonhos de videntes, que são atormentadas por seu dom. Existem cavernas conhecidas como esta?

—Pode existir. Devíamos perguntar a nosso lair... um, meu pai. Se ele não souber, alguém entre o Balmoral pode.

—É um bom plano.

Por nenhuma razão que pudesse discernir, ela corou com prazer sob a aprovação dele. A visão de Eirik dela não importava. *Ela não podia permitir que importasse.*

Capítulo 13



Nada pesa em nós tão fortemente quanto um segredo.

—JEAN DE LA FONTAINE

—Precisamos falar com o Sinclair imediatamente. — Eirik embainhou sua espada. —Nós mudamos nossos planos para viajar para Ilha a Balmoral também.

—Vamos nos juntar a Lais e Mairi na travessia de barco? — Ciara esperançosamente perguntou.

Eirik sacudiu sua cabeça.

—Você e eu faremos o trajeto com eles até que estejamos longe o suficiente do forte e das cabanas dos arrendatários para não arriscar ter meu dragão visto. Então eu trocarei e te levarei para a ilha. Fidaich e Canaul ficarão com os cavalos enquanto estamos na ilha.

—Eles são só meninos.

—Velhos o suficiente para guardar os cavalos.

—E se o pai de Mairi enviou soldados para procurar por ela? Os meninos não seriam nenhum desafio para um guerreiro Chrechte maduro. Além disso, estamos procurando pelo *Faolchú Chridhe*, seguramente soldados Faol deviam nos acompanhar.

—Confia em mim para te proteger sem guerreiros Faol para ajudar?

Ela deveria dizer não, lembrá-lo que ele já tinha se provado ao não mostrar nenhuma piedade em direção aos lobos, mas ela não podia. Não importa o que *devesse* sentir pelo príncipe dos Éan, Ciara não podia agitar a certeza de que sua vida estava segura com ele. E ela dificilmente poderia afirmar que um dragão não estava à altura da tarefa de protegê-la indiferentemente.



—Você está extremamente ocupado ajudando seu povo a se acertar no clã para assumir esta tarefa. — ela disse, tentando outro movimento e esperando evitar a pergunta sobre confiança completamente.

Ela também desejou que tivesse pensado sobre este argumento mais cedo, durante sua discussão com todo mundo. Poderia ter balançado seu pai, embora novamente... provavelmente não.

Não mais do que ela esperava que balançasse o príncipe Éan. Se ele já decidira que seu povo poderia ser confiado sob a liderança do seu pai, Eirik não iria empacar em deixá-los, para fazer seu próprio dever atribuído para o clã.

—Os planos para a procura coincidem com minha necessidade de verificar o bem-estar do resto dos Éan entre os clãs Balmoral e Donegal.

—Existem mais Éan? — ela perguntou. Quando ele mencionou que sua avó foi viver com os Donegals, Ciara pensou que fosse a única.

—Existem.

—Quantos?

—Dois grupos, cerca do mesmo tamanho do que eu trouxe para a terra Sinclair.

—Um tamanho de tribo que seria difícil de esconder por mais tempo na floresta.

Os olhos de Eirik estreitaram como se surpreendido pela perspicácia dela, mas ele assentiu.

—Se não nos juntássemos aos clãs, teria se tornado crescentemente fácil para nossos inimigos nos encontrarem.

—E matar cada um que achassem. — ela disse com uma sensação de mal-estar em seu estômago.

—Aye.

—Sinto muito.

—Você não é dos Faol que nos mataria.

—Não, mas é errado e faz-me sentir envergonhada de minha própria herança.

—Não devia. Há muitos Faol bons para pintar a todos com o mesmo pincel de maldade que ao Rowland e os de sua índole.

—Meu pai era leal a Rowland. Ele e minha mãe discutiam sobre isso. Ela pensava em Rowland como responsável pela morte de nosso laird anterior a ele, embora eles fossem considerados amigos.

—Sua mãe era sábia.

—Até que sua mente seguiu a morte do meu pai. — Companheiros verdadeiros, sua mãe não podia resistir à solidão, uma vez que ele se fora.

—É por isso que ela tirou sua própria vida?

—Ela não estava em seu juízo perfeito, mas não pensei que faria isso. Nem pensei que ela estava ciente o suficiente para querer isso, mas a perda de meu irmão foi um peso muito grande para ela suportar.

—Ela ainda tinha você.

—Nenhum de meus pais me concedeu muito valor desde que não era um menino.

—Este não é o jeito dos Chrechte.

—Não, mas era o jeito deles. — Ciara balançou sua cabeça. —Ainda assim, não havia nenhuma dúvida de que algo eu poderia ter feito para aliviar o pesar da minha mãe. Eu estava muito perdida em meus próprios pensamentos até para notar a direção que ela tomou.

—E existiam sinais? Olhando para trás?

—Ainda não posso achá-los, não importa quanto eu tente lembrar, mas devem ter estado lá.

—Não. Você disse a si mesma, ela estava perdida em si com a morte de seu companheiro. Ela não teria feito seus planos sabendo, pois ela provavelmente nem mesma os percebeu.

—Eu...

—Não foi sua culpa.

—Acha que não?

—Eu sei disso e você também sabe, se escutar a voz bem no fundo de você.

—Você é bastante arrogante, sabe?

—Isso você disse.

—Acho que suporta repetição.

Ele encolheu os ombros e ela se encontrou sorrindo, embora não estivesse certa do por que.

—Então, os Éan só se uniram a dois outros clãs?

—Eu confio no Balmoral e Donegal com a segurança de meu povo, mas não em outros.

Novamente tal arrogância, era empolgante, mas o senso de dever de Eirik iluminava cada pedaço tão brilhantemente.

—Você vê, como seu trabalho, assegurar a segurança de seu povo.

—Aye.

—Seu primo estava certo sobre seu protetor, aquele dia na floresta. Quando vi seu dragão pela primeira vez, soube exatamente a que ele se referiu. — E ela estivera aterrada.

—Proteger e guiar os Éan é minha maior honra e responsabilidade.

Ela não teve nenhuma dificuldade de acreditar nele.

—Você desistiu de seu papel como soberano para ver a segurança e longevidade de sua raça. — A abnegação e premeditação do ato eram tão opressivas, que ela mal podia assimilar.

—Só segui os Faol para os clãs.

Quando ela devia ser capaz de esperar aquela arrogância novamente, ela se encontrou com humildade. O homem era um enigma de uma certeza.

—Mas nós viemos para os clãs por causa da traição de MacAlpin. — ela lembrou a ele. Longe de um grande sacrifício pessoal e voluntário como o de Eirik.

—Talvez aquele ato odioso foi o evento que fez seus líderes perceberem a futilidade de um estilo de vida tão separado dos humanos, mas eles teriam vindo ver o que precisava ser feito, eventualmente, indiferente.

—Você dá a eles muito crédito.

—Sei o que é ter o fardo da segurança de seu povo em seus ombros.

De algum jeito, eles se moveram para mais perto juntos, então seus corpos quase se tocaram. Ela quis tapar a distância, quis sentir seus lábios no dela novamente, mas aquele modo estendia loucura.



Ela deu um passo deliberado para trás.

—Então, você espalha este fardo entre os clãs sem realmente renunciá-lo de todo. Penso que toma um verdadeiro servo de seu povo, renunciar sua posição como rei a fim de permitir aqueles que ele chama de seus jurar submissão a chefes de clã.

—Nunca aceitei o manto de monarca.

O quê? Mas isso não fazia nenhum sentido. Ela não sabia muito sobre os costumes antigos como ele sabia, mas Ciara estava certa de que reis nasciam entre os Chrechte, não escolhiam.

—Por que não?

Ele olhou abaixo na espada dela ainda na cama, uma expressão estranha nos seus olhos âmbar.

—Porque sabia que este dia viria e se eu tomasse os juramentos de um rei, não poderia ter honradamente instruído meu povo a dar a submissão deles para outro líder.

—Você é o tipo de líder que meu pai diz que um homem devia ser. É por isso que ele menospreza muito o MacLeod. — Mesmo antes de Mairi vir para a terra Sinclair, rumores dos outros comportamentos egoístas do laird abundaram.

—Por que acha que me uni a este clã? — Eirik perguntou ironicamente.

—Estou contente que você o fez. — Assim que as palavras deixaram sua boca, ela desejou retirá-las. —Quero dizer, por causa de seu povo e pelo meu pai. Um alfa de bando e laird de clã nunca pode ter muitos guerreiros confiáveis.

Com uma expressão predatória, Eirik se moveu para mais perto dela e ela retrocedeu até que a parede de pedra impediu mais retirada.

Ele chegou tão perto, que o salgado almíscar de sua pele subjugou seus sentidos.

—Penso que você está contente que eu estou aqui por mais que só por causa de seu pai.

Ela não tinha isso nela para mentir, mas não mais estava disposta a alimentar o ego dele com a verdade. Pressionando seus lábios juntos em uma firme recusa para falar, ela olhou para ele.

Não dissuadido por seu silêncio, Eirik sorriu aquele raro sorriso que ela aprendeu a vigiar e abaixou sua cabeça.

—Estou muito contente por ter me unido a este clã.

O beijo foi como antes, e ainda diferente. Eirik explorou os lábios dela com os seus próprios, sua língua provocando ao longo da entrada para sua boca. Mas ele não a tocou de outro modo.

Ambos seus punhos descansaram em cada lado da cabeça dela, na parede, e seu corpo abaixado estava a uma respiração dela. Ela podia sentir seu calor todo através dela, mas em nenhuma parte além de seus lábios os fez realmente se conectarem.

Suas mãos apertaram contra a pedra fria atrás dela, doendo com a necessidade de sentir pele suave sobre músculo duro.

Antes de ela poder ceder, ele quebrou o beijo e deu um passo para trás.

—Precisamos falar com seu pai de novo, antes de partirmos.

Continuando a se inclinar contra a parede, Ciara não podia fazer nada além de assentir.

—Beijarei você novamente.

Ciara começou a assentir novamente, mas percebeu o que estava fazendo e sacudiu sua cabeça depressa, ao invés.

O sorriso de Eirik era puramente feral.

—Junte o que precisa; partiremos depois de falar com o Sinclair.

Como Eirik fez isto para ela? Seu cérebro virou uma polpa, mas ela não ia deixá-lo ver isso. Ela girou e fez o seu melhor para envolver a espada no plaid Donegal novamente.

—Quando você teve sua visão, estava tocando-a? — Eirik perguntou, apontando para o pacote não-quase-tão-ordenadamente embrulhado como aquele que ela tirou do baú.

—Como você sabia?

—Não sabia, é por isso que perguntei.

—Oh, bem... eu estava. Tocando-a, quero dizer. — Ela soou como uma pateta e era tudo culpa dele.

—Talvez nós devêssemos trazê-la conosco nesta busca para encontrar o *Faolchú Chridhe*, então.

—É muito grande para eu usar.

Seus lábios se torceram como se ele achasse sua observação divertida.

—É uma espada de homem. Eu a usarei com a minha.

—Duas espadas? — Ela viu outros guerreiros com tais, mas só uma espada longa e uma curta. Ela nunca viu um guerreiro levar duas espadas longas antes.

—Seria muito pesado — ela protestou sem pensar.

Eirik riu, sua cabeça jogada para trás, o som ressoando no pequeno aposento.

—Sou um troca-forma dragão. Eu poderia carregar um arsenal em minhas costas e ainda lutar com facilidade.

Nenhuma dúvida de que era verdade, e ela teria pensado nisso, estivesse sua mente ainda não confusa por seu beijo. Indiferentemente, ela hesitou em pegar a espada de seu irmão.

—Não a mantereí, se é isso que te preocupa. Nem a perderei. Eu sei o valor de nossa herança.

—Eu sei. — Ela franziu o cenho para Eirik, não entendendo por que ele até pensaria que ela teria medo de tal coisa. —Você pode ser irritante além da medida e muito arrogante por qualquer homem, mas você não é um ladrão e certamente não provável de perder a espada do rei Chrechte.

Ele era um sanguinário príncipe abnegado de seu povo, nem mesmo um mero homem.

Os lábios de Eirik se curvaram em um sorriso torto.

—Não estou certo se este é um elogio ou uma reprovação.

—Como se você precisasse de elogio para adicionar à sua presumida confiança.

—Não sabe? Somente é presumida se não for justificada. A minha é.

—Sem dúvida. — Ele soou igual a seu pai.

—Se não teme perdê-la, então por que hesita em pegar a espada?

Não havia nada por isso além de contar a ele a verdade.

—Não quero tocá-la novamente.

Se ela pudesse evitar outra visão acordada, muito melhor.



—Você pode não ter escolha.

—Se a tivermos conosco, esta é certamente verdade.

—Você não é covarde.

—Não sou. — Entretanto, às vezes, ela queria ser.

—Levamos a espada.

Ela suspirou, mas cedeu.

—Oh, muito bem.

Ele a levantou e pôs a bainha para que o punho da espada descansasse oposto a sua própria, no outro lado de suas costas. —Você pode terminar de juntar as suas coisas mais tarde. Precisamos encontrar o Sinclair.

Ele falou como se ela precisasse de alguma medida de tempo para fazer isso, mas não fez. Fazendo um trabalho rápido ao dobrar seu velho plaid Donegal, ela o colocou no tronco. Então, agarrou o cobertor de sua cama antes de dobrá-lo com uma única pele, em um pacote que ela amarrou com uma correia de couro.

—Isso é tudo que eu preciso.

—Está certa? — Ele perguntou com uma carranca surpreendida.

—Sim.

—Esperava que você trouxesse mais... futilidades.

—Por quê?

—Você é uma mulher.

—As mulheres Éan acham as futilidades necessárias, não é? — Ela não podia ver assim.

As mulheres do povo dele, que ela viu até agora entre seu clã, eram bastante minimalistas em seus vestidos e aparências. Com o passar do tempo, isso poderia mudar, mas, no momento, elas ainda viviam assim, como ela tinha certeza de que elas viveram na floresta.

—Não. — Ele lotou um mundo de absurdos por tal pensamento, naquela única palavra.

As mulheres Sinclair não eram muito mais focadas em sua aparência que as Éan que vieram viver entre elas, entretanto.

—Então por que acredita que eu levaria um baú cheio para viajar?

Não que ela achasse que ele jamais suportaria aquele tipo de fardo pesado em sua busca.

Eirik deu um significativo olhar para o vestido de Ciara e a compreensão começou a aparecer.

—É como uma mistura entre o vestido de uma mulher de clã e de uma mulher inglesa. Eu sei. E com muitas camadas para uma transformação fácil em minha forma de lobo, mas Abigail não menospreza sua pátria como nós menosprezamos. Ela não tem nenhuma noção da vestidura para fazer uma mudança fácil e rápida.

Eirik franziu o cenho.

—O laird não disse a ela que seria melhor para você se vestir como outra mulher de clã?

—Ele não deseja machucar os sentimentos dela, e não mais do que eu desejo.

—Machucar sentimentos não pode sempre ser evitado.

—Sei. — Ela vivia em um forte cheio de guerreiros Chrechte, afinal. Eles não estavam bem familiarizados com a sutileza ou o tato, no entanto eles tentaram com sua senhora. —Abigail tem

sido muito amável comigo para eu repudiar seus sentimentos, contudo. Ela é uma alma gentil.

—Ela deve ser forte para fazer do laird um companheiro tão bom, entretanto.

—Ela é. Gentil não é igual à fraca.

—Mas você protege os sentimentos dela à custa de seu próprio conforto.

—É o que a família faz. — E mesmo quando Ciara não quis reconhecer que tinha uma família, ela entendeu isso.

Eirik agitou sua cabeça, mas não discutiu nada mais sobre a inadequação do estilo do vestido de Ciara para uma Chrechte.

Eles acharam seu pai no quarto dos gêmeos, assistindo os pequenos meninos dormitarem. Havia uma expressão de tal amor em suas feições, que o próprio coração de Ciara doeu com isso. Talorc dos Sinclairs, poderoso alfa Chrechte e comandante de clã, insistia, ele mesmo, em derrubar seus filhos para seus cochilos com uma estória e um toque calmante, em mais dias do que não.

Seus soldados não pareciam encontrar seus treinamentos ou deveres menos rigorosos para o repouso da tarde dos pequenos do seu laird.

Ele girou assim que Ciara pisou no quarto. Ela indicou o corredor com sua cabeça e ele assentiu, mas ela não o seguiu para fora do quarto imediatamente.

Primeiro, tomou um momento para mal colocar beijos de despedida lá nas testas dos seus irmãos adotivos. Ela não sabia quanto tempo esta busca a manteria longe da propriedade e ela sentiria saudade deles. Ela gastou quase tanto tempo com eles, desde seus nascimentos, como Abigail e Talorc. Como Ciara se enganou ao acreditar que não tinha nenhuma família para perder, não estava completamente certa.

As necessidades do coração fizeram muitas coisas possíveis.

Ela sorriu vagamente para os meninos e rezou pela segurança deles enquanto estava fora. Tais rapazes doces, mas ambos propensos aos problemas, se não vigiados mais próximos que um javali ferido. Brian dormia espalhado, sua face angelical não mostrando nenhum sinal de sua natureza maliciosa de quando acordado. Drost se aconchegou nas cobertas, sua favorita faca de madeira dobrada contra ele como uma boneca.

Um dia, ele esgrimiria uma espada como seu pai e provavelmente também seria cada pedaço tão duro e inflexível quanto o laird. Estes meninos seriam fortes, mas suas forças sempre estariam temperadas pela honra e compaixão. Da mesma maneira que a de Talorc era, não importa como ele pudesse negar o último.

Seu coração pleno, ela rastejou quietamente do quarto e seguiu seu pai e Eirik degraus abaixo. Encontraram Abigail e Guaire examinando cuidadosamente os registros de provisões do forte, na mesa principal, no grande hall.

Abigail olhou para cima com um sorriso para todos eles, mas seus olhos estavam em Ciara quando ela disse:

— Estou contente que você veio dizer adeus antes de partir.

—Eu teria, independentemente. — Ciara prometeu. —Mas temos uma pergunta, hã... pai.

O sorriso de Abigail ficou mais brilhante e o prazer do laird poderia ser sentido no ar ao redor deles. Uma coisa tão simples, usar as palavras que residiam em seu coração por tanto



tempo.

Ela quis se desculpar, mas ambas as expressões do laird e da senhora revelavam uma compreensão que Ciara nunca teria concedido.

Abigail se assegurou de que todos estavam acomodados à mesa com vinho diluído em água, antes de Talorc perguntar.

— Qual é a sua pergunta?

— Deveria ter perguntado esta manhã, mas estou desacostumada a falar de meus segredos.

— Não era bastante uma admissão de remorso, mas perto o suficiente. Ela esperava.

— Você aprenderá que é seguro compartilhá-los com sua família. — Abigail suavemente disse: — Eu aprendi.

O laird sorriu para ela, uma mensagem muda passando entre eles.

— Qual é sua pergunta, filha? — ele perguntou a Ciara.

Ele a chamou de filha muitas vezes, mas por hoje, foi a primeira vez que Ciara se permitiu aceitar o título completamente. A palavra agora causava uma doce dor dentro dela.

— Possuo uma espada que Eirik acredita que pertenceu a um dos originais reis Chrechte. — ela disse em vez de perguntar sobre as cavernas luminosas, surpreendendo-se.

E aparentemente aos outros à mesa, quando Abigail ofegou, Talorc amaldiçoou, Guaire disse:

— Agora, este é um tesouro para proteger. — e Talorc rosnou, praguejando uma segunda vez. Guaire não pareceu preocupado e Ciara tinha bastante certeza de que o companheiro humano do segundo-no-comando de seu pai tinha nada sobre o qual se preocupar.

— Niall... — seu pai rosnou.

— Não disse nada que não devia. — Guaire disse com a aspereza pela qual o senescal se tornou conhecido. Ele poderia ser quase metade do tamanho de seu companheiro, mas o homem não era nenhum idiota. — Mas eu vivo aqui. Vejo coisas. Sei o que ele não diz, quando faz o seu melhor para esconder as coisas de mim. Você poderia recordar que eu estava bem ciente da importância da natureza Chrechte, sua e dele, muito antes que ele jamais a teria admitido para mim.

Seu pai deu a Eirik um olhar significativo e o príncipe Éan só rolou seus olhos.

— Você acha que os Éan não têm segredos que passamos de geração para geração? Qualquer que seja o tesouro que você protege com suas palavras cobertas e ações, está protegido de minha curiosidade. Guaire está certo em dizer que o fato de que sua filha tinha uma espada de um rei Chrechte, no baú no final de sua cama, é um segredo que vale a pena conhecer.

— Porque quer dizer que ela realmente é uma descendente dos originais reis Faol?

— Isso e que a própria espada tem poder para ajudá-la a ter visões da pedra sagrada.

— Realmente? — Abigail perguntou, seus suaves olhos marrons brilhando com interesse.

Ciara assentiu, mas chutou o tornozelo de Eirik debaixo da mesa. Ele não precisava dividir este pedaço de informação.

O olhar que ele deu a ela era suave, mas seu tom era firme.

— Não mais segredos, lembra-se, *faolán*?

A risada de seu pai parou as palavras de protesto de completamente se formar e ela simplesmente assentiu.

—Entendo que é esta segunda espada que você usa. — Talorc observou.

—É. — Eirik foi puxar a espada Faol. —Quer vê-la?

Seu pai acenou com a cabeça, seus olhos, cheios com um profundo desejo que ela nunca teria esperado, enviou uma punhalada afiada de culpa por Ciara. Ela devia ter dito a ele sobre a espada longa antes disso. Ela sabia que era especial, ainda que ela não soubesse sua verdadeira herança ilustre.

Eirik puxou a espada e a estendeu na mesa, as esmeraldas no cabo não brilhando como estiveram em seu quarto, mas parecendo mágica do mesmo modo.

Seu pai adotivo se aproximou lentamente, seu olhar azul escuro com reverência.

—É verdadeiramente do Chrechte antigo. Olhe para o *conriocht* no punho.

—Levante-a. Tente a dança do guerreiro com ela. — Eirik disse em uma voz que Ciara achou constrangedora, embora achasse a sugestão estranha.

Seu pai não viu nada errado, entretanto, porque fez exatamente como Eirik sugeriu. Esgrimindo a espada pelo padrão de movimento que ela viu muitas vezes antes, ele ainda conseguiu fazer da dança algo mais do que já fora.

E Ciara percebeu que as pedras no cabo estavam brilhando agora.

Talorc parou e segurou a espada como se fosse feita para ele. —O punho é quente.

—Fui ensinado que ninguém além daquele da minha linhagem poderia esgrimir a espada dada a mim na morte do meu pai — Eirik disse. —Que só aceitaria como seu mestre um Chrechte de coração íntegro.

—É uma espada, não um cavalo — O pai adotivo de Ciara disse com um pouco de descrença.



Capítulo 14



O saber leva dentro de si mesmo certos perigos, porque, em caso de necessidade, alguém tem que aprender dos inimigos de alguém.

—LEON TROTSKY

—Aye, mas está conectada a sua *Faolchú Chridhe* pelas pedras no cabo — Eirik afirmou. — Nossa tradição diz que a pedra sagrada original foi cortada na grande pedra usada em nossas cerimônias, e uma série de pedras menores.

—Nunca ouvi falar disso — seu pai respondeu.

Eirik encolheu os ombros, claramente não surpreendido.

—Originalmente, estas pedras eram mantidas por diferentes membros da família que foi confiada com a proteção e uso do *Clach Gealach Gra* em nome de nosso povo. Mais tarde, algumas das pedras pequenas foram perdidas, enquanto outras foram usadas em joias para decorar armas, que se tornaram tão importantes quanto linhagem ao reivindicar o título de líder ou rei espiritual.

—Você acredita que foi o mesmo entre os Faol? — Ciara perguntou, pensando que isso soou direito.

Eirik olhou abaixo nela.

—Aye.

—Então, ele está sentindo o calor no punho porque também é da linhagem.

—Aye. — Eirik tocou em sua têmpora, como se transmitindo uma verdade diretamente para ela. —O destino mandou-a para esta casa por uma razão, quando você perdeu o último da sua

família de nascimento.

—Sempre acreditei nisso. — Abigail se estendeu para tomar a mão de Ciara e apertou. — Você nasceu para ser minha filha.

O caroço na garganta de Ciara a impediu de responder.

—Você está dizendo que nenhum outro guerreiro conseguiria esgrimir esta espada tão facilmente? — seu pai exigiu de Eirik, claramente desconfortável com a emoção patente rodando ao redor deles.

—Exatamente.

—Não acredito nisso.

—Chame outro guerreiro para dentro.

Guaire saltou.

—Eu encontrarei Niall e o pedirei para enviar um soldado para o grande hall.

Talorc inclinou sua cabeça em reconhecimento e o senescal deixou o grande hall. Seu pai colocou a espada na mesa.

—Essa era a sua pergunta, Ciara?

—O que?

—Se eu podia esgrimir a espada, ou não?

—Oh... uh... não. Não percebi que Eirik pensou que você poderia, ou que alguns não podiam. A espada não tem nada a ver com minha pergunta.

—Diretamente. — Eirik inseriu.

E ela assentiu em acordo. Não podia negar a conexão entre a espada e o *Faolchú Chridhe*, não depois da sua visão acordada.

Quando seu pai só deu a ela um olhar de interrogação, ela engoliu em seco e se preparou para compartilhar mais dos segredos que manteve seguro, tão fechados, por tanto tempo.

—É sobre seus sonhos? — Abigail perguntou, claramente tentando ajudar Ciara a expressar as palavras.

Ciara trouxe novamente e então forçou as palavras para fora de sua garganta apertada.

—Em meus sonhos, vejo o *Faolchú Chridhe* em uma vasta caverna que brilha com uma estranha luz verde. Não são tochas, mas quase como se as próprias paredes emitissem a luz. Você sabe de cavernas ou uma caverna como esta?

Dizendo isto em voz alta, fez soar ainda mais fantástico do que quando ela pensava sobre.

Antes de seu pai ter uma chance de responder, Guaire entrou com Everett, um dos soldados Chrechte.

Abigail sorriu em boas-vindas, mas Talorc não perdeu tempo em indicar a espada na mesa.

—Use isso para demonstrar os movimentos iniciantes de espada ensinados para todos os guerreiros.

Everett não perguntou o porquê, mas simplesmente obedeceu a seu laird. Porém, rapidamente ficou óbvio que ele não gostou da espada que estava usando. Seus movimentos necessitavam de graça e a espada parecia mais como um pedregulho pesado em sua mão, pelo jeito que movia esta arma de tal impressionante habilidade.

Não obstante, Everett terminou sua demonstração, antes de colocar a espada de volta na



mesa com uma carranca.

—É bonita, mas o peso está todo errado. Eu provavelmente acabaria decependo meu próprio braço se tentasse usar esta espada na batalha. Foi um presente enviado do norte pela família da nossa senhora? — Ele perguntou com confusão.

—Nay. Você pode partir, Everett.

Everett encolheu os ombros e então, não mostrou nenhuma relutância em voltar para seu treinamento.

Eirik cruzou seus braços e olhou para o pai de Ciara.

—Você ainda duvida da natureza sem igual desta arma?

—Everett é um guerreiro competente. — A confusão de seu pai estava ainda mais pronunciada do que a de seu soldado estivera. —Ele subiu as fileiras e agora treina os soldados mais jovens.

—Mas ele não pode esgrimir a espada do *Faolchú Chridhe*. — Eirik não evidenciou nenhuma surpresa com aquela série de acontecimentos.

—Você realmente pensa que meu pai é como eu, um descendente dos guardiões da pedra — Ciara disse com um pouco de temor.

—Penso. Você mesma disse que aqueles que permanecem com este sangue em suas veias, não importa quão diluído, foram dispersos entre os clãs da Highland.

—Mas alguns devem ter mais conexão com a pedra que outros — Guaire observou enquanto estava claro que Abigail e Talorc estavam dividindo uma conversa muda entre companheiros através de sua comunicação mental.

—Aye. Eles têm. Você ouviu o Sinclair dizer que o punho ficou quente em sua palma?

—Sim.

—Este é um sinal de que a espada o aceita. Não é o suficiente levar o sangue do guardião original da pedra; deve também chamar por você.

Ninguém presente, que conhecia Everett e Talorc, podia duvidar das palavras de Eirik, porque o guerreiro e seu laird eram primos distantes.

—Então devíamos deixá-la com meu pai.

—Não até que encontremos o *Faolchú Chridhe*. — A voz de Eirik lhe disse que ele não iria mudar de ideia.

Ele colocou a mão nas palavras e deslizou a espada de volta em sua bainha.

—Mas...

—Concordo — seu pai disse acima de suas objeções. —A espada é sua, Ciara, e deve permanecer com você.

Ela olhou suplicante para sua mãe.

Mas, embora Abigail desse-lhe um olhar de compreensão, ela disse:

— Seu pai está certo. Por favor, escute-o.

Não havia razão para discutir mais, então Ciara simplesmente deu um gesto mudo de acordo. Ela não tinha que estar feliz sobre isso, mas não iria fazer beicinho como uma criança, tampouco.

Muito.

—O que você pensa sobre esta caverna esquisitamente iluminada? — Eirik perguntou a seu laird, fechando o assunto da espada com finalidade.

—Não é tão incomum em cavernas, particularmente aquelas com alguma fonte da água, brilhar como Ciara descreve. Não posso pensar sobre nenhuma que se abre em uma caverna grande como você descreve, entretanto. — Talorc franziu as sobrancelhas. —Vocês deveriam começar a sua procura com aquelas cavernas que nosso povo sempre consideraram sagradas. Talvez existam passagens assim das quais nós não estamos cientes, levando até esta caverna.

—Não sei por que estou certa, mas não há dúvida em minha mente de que a caverna está profunda na Terra — Ciara disse. —Não seria, por agora, uma extensão para pensar que há passagens que nós esquecemos, que foram uma vez usadas por nossos antepassados.

Seu pai assentiu, não questionando sua convicção de que a caverna estava profunda no chão. Diferentemente de seu irmão, o laird Sinclair estava claramente não preso à ideia de que os Éan roubaram o *Faolchú Chridhe*.

—Nem todas essas cavernas estão em terras amigáveis — Guaire disse e então franziu seus lábios pelo olhar que seu laird o lançou. —Niall não mantém segredos de mim, além de um.

Seu pai sacudiu sua cabeça em reconhecimento.

Novas discussões revelaram que existiam quatro conjuntos de cavernas que Talorc sabia que os Faol dos Chrechte consideraram sagrados por muitas gerações. Dois estavam em terra Sinclair e Donegal, um estava localizado na propriedade MacLeod e um estava na floresta não reclamada ao norte.

—Talvez o Balmoral saiba de outros — Talorc sugeriu. —Não acho que eles cruzam com a água para realizar seus ritos sagrados, então eles devem ter algum lugar consagrado na ilha.

—Começaremos a procura lá então, depois de conversarmos com seus anciões — Eirik disse, entretanto não soou como se esperasse achar o *Faolchú Chridhe* na Ilha Balmoral.

Seu pai franziu o cenho.

—Se a família de nascimento da Ciara veio da terra próxima à propriedade Donegal, talvez vocês devessem começar lá.

—Não sei se eles vieram — Ciara disse. Ela sabia extremamente pouco sobre a história da sua primeira família, ela chegou a perceber.

—Afinal, Eirik — príncipe dos Éan — acabou aqui, embora sua família costumasse viver nas florestas selvagens do norte, mas mais perto para terras do meu antigo clã.

—E o *Clach Gealach Gra* está aqui em terra Sinclair, nas cavernas que foram consideradas sagradas por nosso povo por mais tempo que qualquer um pode lembrar.

Talvez *aí* fosse onde eles devessem começar sua procura, Ciara meditou para si mesma. Só que, aquelas cavernas ainda eram usadas muito frequentemente para ritos sagrados Chrechte, qual chance havia de que existisse uma esquecida caverna escondida, que não tivesse sido descoberta em todas estas gerações?

—Costumava ser terra Donegal — Abigail lembrou a todos eles. —Circin estava certamente chateado sobre aquela faixa de terra ser outorgada para os Sinclairs pelo rei da Escócia como parte de meu dote.



Talorc assentiu, parecendo bastante contente pela memória.

—Mas antes disso, foi reivindicado pelo Sinclair e mais importante, o bando caçou nas terras Sinclair antes de juntar-se ao clã.

—Seu bando? — Guaire perguntou.

O pai de Ciara assentiu.

—Aye. Meus antepassados eram os originais Chrechte desta área, embora o pacote dividisse quando se unindo aos clãs e alguns foram para o Donegal enquanto outros vieram para o Sinclair.

—O que simplesmente prova que aquelas cavernas particulares estão em um pedaço de terra que foi disputado por gerações — Eirik disse.

Talorc suspirou e assentiu.

—Nós continuaremos com o plano original.

—Sei que você não quer Ciara longe de sua propriedade mais do que absolutamente necessário, mas eu a mantereí segura — Eirik prometeu.

—Veja o que você faz.

O trajeto pela floresta estava quieto, o único som de seu pequeno destacamento, as passadas cuidadosamente colocadas dos bem treinados cavalos de guerra debaixo dos quatro viajantes. Uma águia e dois corvos voavam acima deles no céu.

Eirik surpreendeu Ciara; tomando cuidado da preocupação dela para os jovens Éan, Fidaich e Canaul, ele atribuiu um guerreiro amadurecido para se juntar a eles para vigiar os cavalos. Ela estava ainda mais surpreendida por descobrir que ambos os meninos podiam se transformar.

—Você disse que sua cerimônia de maioridade foi somente sete anos atrás — ela quietamente disse, trazendo o tópico que estivera preocupando sua mente, enquanto eles cavalgavam.

—Aye.

—Mas Fidaich e Canaul já podem se transformar.

—A habilidade de mudar vem cedo para os Éan; alguns podem tomar sua forma de pássaro quando são crianças pequenas, entretanto, a maioria espera até este tempo quando o corpo muda de criança para adulto.

—E estes dois?

—Fidaich começou a se transformar este ano, o que não foi surpresa, mas Canaul começou a trocar em seguida. Ele é um ano mais jovem.

—Ter seu melhor amigo trocando sem ele deve ter sido demais para seu corvo.

—Aye. — Existia uma sugestão de um sorriso nas bordas dos lábios de Eirik. —Eu fui o mesmo com meu primo, que era dois anos mais velhos que eu.

—Imagino que todo mundo atribuiu sua primeira troca a você sendo o príncipe e de sangue real.

Eirik encolheu os ombros, mas Ciara tinha certeza de que estava certa.

—Ainda assim, não entendo a cerimônia de maioridade se você já se transforma.

—É diferente. É quando somos dotados com talentos especiais, e nossa habilidade de passar o corvo para a próxima geração conta com nossa conexão com o *Clach Gealach Gra* durante nossa

cerimônia de maioridade.

Horror a encheu pelo pensamento dos Éan perdendo sua pedra como os Faol perderam a sua.

—É sério? — Ela tinha que saber.

—Aye.

—Mas os lobos dão a luz a lobos sem o *Faolchú Chridhe*.

—É uma coisa boa, ou não haveria nenhum Faol caminhando na Terra hoje.

—Você acha que uma das outras raças dos Chrechte roubou nossa pedra com esperanças desta eventualidade? — Sua visão hoje não insinuou tal coisa, mas ela ainda se perguntava.

—Não sei, mas o porquê importa agora? Séculos se passaram. Qualquer um que tinha planos para a perda da pedra se foi.

Era um pensamento libertador, que as inimizades do passado não tinham lugar no presente.

—Se a cerimônia de maioridade não está ligada à primeira mudança dos Éan, como você sabe quando é hora para isto?

—Pode ser realizada a qualquer hora depois da primeira mudança e antes de um Éan ver vinte verões. Porém, se ela for realizada muito cedo ou tarde, os talentos especiais conferidos pela pedra são fracos.

—Quem determina que o tempo chegou?

—A pedra. Ela chama Anya-Gra, os pais e às vezes o próprio Éan.

—Chamou você.

—Sim, mas fora levada e não estava nas Cavernas Sagradas.

—Eu não sabia.

—Não era a intenção. Minha irmã a devolveu a tempo para minha bênção final.

—Você não teria seu dragão se ela não tivesse devolvido. — O prospecto era insustentável.

—Lais não poderia curar, também.

—Você acha que o *Faolchú Chridhe* conferirá talentos especiais como estes também?

—Sim.

—Mas não é o mesmo. — Eles já estabeleceram isso pelo fato de que os Faol podiam reproduzir sem qualquer cerimônia de maioridade. Com pedra ou sem pedra.

—Cada raça tem suas diferenças. Por exemplo, todos Éan têm controle de sua mudança da primeira vez que seu pássaro os toma.

—Verdadeiramente? — Entre os Faol, a maioria dos machos não podia controlar sua mudança, então era ditado pela lua cheia, até que eles participassem do ato sagrado do sexo. Os lobos brancos e seus descendentes eram a exceção.

—Aye.

—Pergunto-me se é assim para os Paindeal.

—Se eles continuam a caminhar pela Terra, de qualquer modo.

—Estou certa de que fazem.

Ele franziu o cenho, sua atenção ao redor deles quando procurou por ameaças em potencial.

—Você não pode estar certa.

—Sim, posso.



—Por causa dos sonhos — ele disse com súbita compreensão.

—Sim.

—Você sonhou com os Paindeal também? Você não disse.

—Somente quando eu era muito jovem e sempre pensei que só eram sonhos. — Até hoje, quando tantas coisas se tornaram mais claras e mais confusas como o acaso pode ser. — Nada profético. Não era um segredo que eu sabia que estava guardando.

—Você passou muitos anos escondendo a verdade de si mesma.

Mas ela não estivera escondendo.

—Eu não *sabia* sobre mim mesma.

—Você não entendeu o que eu quis dizer. Você escondeu sua habilidade de se conectar ao *Faolchú Chridhe*.

—Houve muitas vezes que eu pensei isso tudo em minha cabeça.

—Aye. Você merecia saber a verdade, mas esta nunca lhe foi dada.

—Estou tão brava com minha família — ela admitiu. — Mas eles estão mortos e eu me sinto desonrosa estando tão brava com eles. Só que, não consigo fazer os sentimentos irem embora. — Muitos sentimentos recusavam a serem abafados dentro dela agora.

—Machucaram você profundamente com a desonestidade deles, e a dor está fresca porque você acabou de descobrir suas deslealdades.

—Você está certo. — ela sussurrou. Ela não queria abrigar raiva por aqueles que ela amou e quem irrevogavelmente se foram, mas a dor dentro dela não iria embora.

—Suas decepções prejudicaram seu povo também.

—Somente Galen sabia do *Faolchú Chridhe*.

—Mas se sua mãe e pai contassem-lhe a verdade de sua linhagem, você teria sabido o quão importante era encontrar a pedra sagrada para todos os Faol.

—Acha que chamou meu pai?

—Não.

—Não acho, também. — E por alguma razão, aquela verdade a deixou triste, mas seu pai não fora sábio em suas lealdades.

Um gralhar soou de cima. Ciara olhou a tempo de ver um corvo perseguindo outro pelo céu. Lembrou-a de quando filhotes brincavam, e ela sorriu. Entretanto, duvidou que Eirik, ou o troca-forma águia, no que diz respeito a esse assunto, iriam ser tão tolerantes.

Os dois corvos voaram de volta à formação com a águia, embora ela não visse nenhum sinal da águia fisicamente os controlando.

—Eles ainda são jovens — ela disse para Eirik.

—Eles estão sentindo a liberdade de pertencer ao clã, em vez de viver escondidos na floresta.

—É uma coisa boa, certo?

—Quando não os puser, ou aqueles que eles estão atribuídos para guardar, em risco.

—Eles aprenderão. Afinal, Fidaich está relacionado com você.

—Canaul é o filho de um de nossos guerreiros mais ferozes.

—A águia que voa com eles — ela adivinhou.

—Aye. A mãe de Canaul era um corvo; ele assemelhou-se a ela na transformação.

—Era?

—Ela desapareceu na floresta.

Uma das vítimas dos lobos que acreditavam que todos Éan tinham que morrer.

—Sinto muito.

Eirik encolheu os ombros.

—Você não tem nada por que se desculpar.

—Odeio isso.

—O que?

—Que seu povo foi caçado pelo meu.

—Não está terminado, mas Barr e seu pai lutaram duro para limpar seus dãs daqueles que continuariam.

—Não o Balmoral?

—Não havia nenhum entre seu bando que pertencesse a esta sociedade secreta de lobos.

—Fico surpreendida de que houvesse algum entre os Sinclair.

—Assim ficou seu pai.

—Ele os baniu?

—Aqueles que ele não matou; eles foram pegos caçando Éan.

—E você? Você matou lobos além de Luag e Galen?

—Sou o protetor do meu povo.

Foi uma espécie... de resposta.

Outro gralhar soou de cima. Ciara fez um ponto em não olhar desta vez, entretanto. Ela esperava que as palhaçadas dos jovens corvos fossem menos aborrecedores para seu príncipe se ela fingisse ignorá-los.

O estrondo, muito parecido com um grunhido de lobo, que soou do tórax de Eirik, disse que sua esperança era em vão.

—Sabe, se você estivesse disposto a viajar por barco, em vez de como um dragão, nós poderíamos levar nossos cavalos conosco no cruzamento. — Os barcos que faziam isso possível exigiam um mínimo de dois remadores, e não um deles uma mulher humana ainda se curando e frágil. —E não precisaríamos de um guarda, Éan, ou outro, para nossos cavalos.

—Pássaros voam sobre a água. Nós não viajamos em barcos.

Certo. Dragão arrogante.

—Lais está viajando em um barco.

—Ele não confiaria a travessia de Mairi a nenhum outro.

—Ela é realmente sua companheira? — Ciara perguntou em um sussurro, embora duvidasse de que os outros pudessem tê-la ouvido, independentemente.

Lais e Mairi ficaram para trás porque o curandeiro insistiu que o cavalo da outra mulher mantinha um passo mais lento. Ele estava mimando-a como se ela estivesse tão quebrada quanto estivera antes de suas sessões curando-a. Entretanto, estava claro que ela estava muito melhor, e bem capaz de montar um cavalo sem dificuldade.



Era divertido e realmente, um pouco doce. Embora Ciara estivesse certa de que Lais não a agradeceria por dizer isso.

Eirik olhou para o céu e então para Ciara, sua expressão não entregando nada.

—Só o tempo dirá.

—Mas ele é tão protetor com ela.

—Ele é um curandeiro.

—Esquece. — Eirik claramente não tinha nenhuma intenção de lhe dar uma resposta direta.

Embora estivesse perfeitamente óbvio pelo modo que ele falou na noite que Ciara achou Mairi, que Eirik acreditava que a filha do MacLeod e Lais eram companheiros.

—Por que pergunta se não quer uma resposta?

—Se quisesse falar dobrado, eu iria para os ingleses, obrigada.

Ao invés de se ofender, Eirik riu. Alto e cheio de alegria real, foi um som tão cativante que Ciara sentiu um estranho aperto em seu tórax. Ela quis ouvir mais.

Infelizmente, o som cortou quase imediatamente.

—Quieta — ele ordenou.

Ela não perguntou por que, mas fez o seu melhor para discernir sua razão para precaução. Ela não conseguiu ouvir nada na floresta que parecesse fora de lugar, mas notou que a águia, alta no céu, estava voando longe à esquerda deles, em vez de diretamente acima. E os dois corvos mais jovens estavam longe à direita.

De repente, Lais e Mairi alcançaram-nos e Eirik liderou, enquanto Lais caiu para trás, com os cavalos de Ciara e Mairi entre eles. Os dois homens puxaram suas espadas ao mesmo tempo, ambas as atenções fixadas à esquerda, embora Ciara ainda não conseguisse discernir nenhum som inconveniente.

Se ela não soubesse melhor, pensaria que os dois guerreiros estavam conversando pela comunicação mental. Mas só algumas famílias e companheiros verdadeiros podiam se comunicar mentalmente. Entretanto, talvez entre os Éan, esta fosse outra diferença dos Faol.

Mairi não fez um som, mas era claro que ela estava ciente de que algo estava errado. A audição do lobo de Ciara podia dizer que a frequência cardíaca da outra mulher aumentou e temeu perfumando o ar ao redor deles.

A cabeça de Eirik levantou e ele cheirou o ar, uma carranca aparecendo em suas fortes feições. Ele notou o cheiro de medo de Mairi e não estava feliz sobre isso.

O perigo deve ser mais perto do que Ciara percebeu, para o dragão estar preocupado deste modo.

Ela deixou seu cavalo se aproximar do de Mairi, até que eles estavam próximos o suficiente para ela alcançar a outra mulher. Ciara pegou a mão de Mairi e se inclinou para que pudesse falar diretamente na orelha da mulher humana.

—Deve controlar seu medo. Se os lobos do bando de seu pai nos caçam, eles o cheirarão.

O cheiro de medo deu um pico, mas Mairi fez uma clara tentativa de se tranquilizar. Tomando respirações profundas, ela até fechou seus olhos como se confiasse em Ciara para ter certeza de que seu cavalo ficava em seu curso.

—Bom. Lembre-se, temos cinco guerreiros Chrechte conosco e um é dragão. — Chamar os dois jovens corvos de guerreiros era forçar um pouco, mas Mairi precisava das garantias. —Nada acontecerá com você. Eu prometo.

Mairi apertou sua mão, seu medo desvanecendo um pouco. E Ciara teve uma idéia. Ela nunca tentou nada como isto antes, mas não havia nada a perder.

Foram ensinados que crianças humanas de pais Chrechte compartilhavam nenhum de seus dons porque eles não dividiam a habilidade de transformar. Ciara nem sempre estivera segura disso.

Se MacAlpin não tivesse a astúcia Chrechte, ele poderia trair e matar os outros de sua linhagem do jeito que fez?

—Se concentre nos cheiros da floresta ao seu redor — ela instruiu Mairi. —Pode fazer isso para mim?

Mairi assentiu com uma sacudidela minúscula.

—Bom. Consegue cheirar as árvores?

—Sim — Mairi mal sussurrou em um sopro de ar.

—Agora, cheire a terra, as folhas mortas, o javali que passou por aqui hoje mais cedo, a samambaia e a urze. Deixe suas quentes fragrâncias encherem os seus sentidos.

O odor do medo de Mairi começou a dissipar.

—Bom. Continue se concentrando na samambaia e na urze. — Dois cheiros encontrados ao longo da floresta, eles mascarariam o próprio odor de Mairi sem causar nada a quem os caçava para parar e considerar.

Mairi continuou a respirar profundamente, seus olhos fechados, mas seu odor, agora, havia quase completamente desaparecido.

—Agora pense sobre este cheiro te circundando. Imagine sua pele emitindo o perfume da urze, o cheiro de folha de uma samambaia.

Funcionou; o odor de Mairi foi mascarado completamente pelos cheiros da floresta ao redor deles.



Capítulo 15



Sem dúvida, mas não há nenhuma outra besta comparável ao poderoso dragão no incrível poder e majestade, e poucos tão merecedores dos estudos diligentes de homens sábios.
—GILDAS MAGNUS, ARS DRACONIS

Ciara não sabia se a outra mulher podia fazer isto porque ela tinha o dom da visão, mais do sangue Chrechte de seu pai que ela jamais percebeu, ou simplesmente porque qualquer criança Chrechte podia fazer isto.

E não importava. Tudo que era de alguma importância, naquele momento, era que o odor de Mairi não os entregaria para seu inimigo.

—Abra seus olhos agora, Mairi.

A outra mulher abriu, suas profundezas azuis, vítreas, com seu esforço de se concentrar em mascarar seu cheiro.

A cabeça de Eirik estalou em torno e ele olhou fixamente para Ciara com uma pergunta chocada, entretanto. ele permaneceu mudo como um bom guerreiro devia.

Ciara sorriu, seu orgulho pela realização de Mairi aquecendo dentro dela. Ela inclinou sua cabeça em direção a Mairi para deixar Eirik saber que a humana fez isso, não Ciara. Não que ela pudesse ter feito, mas talvez entre os Éan tal fato teria sido possível.

Eirik estreitou seus olhos em reconhecimento, mas girou para focar em onde ele os levava.

Ciara lateralmente se debruçou para falar na orelha de Mairi novamente.

—É muito importante que você mantenha seu foco nestes cheiros. Você é muito nova nisso para manter a máscara em seu odor sem concentração completa.

Mairi assentiu, desta vez firmemente.

O cavalo de Eirik desviou-se à direita e Ciara o seguiu, cutucando a perna de Mairi para ter certeza de que ela fez o mesmo. O caminho estreitou pelas árvores e Ciara foi forçada a montar à frente de Mairi, em vez de ao lado dela, mas a outra mulher não deslizou em sua concentração nem por um segundo.

Eles montaram em um completo silêncio por duas horas, antes de Eirik pôr seu punho no ar para chamá-los para uma parada.

Ele olhou de volta para eles por cima de seu ombro.

—Não estamos em nenhum perigo de sermos descobertos pelos soldados MacLeod espiando do céu.

Então, a águia e corvos *tinham* estado de guarda. Nenhuma maravilha que Eirik estivesse tão frustrado com eles. Mais ao ponto, os Éan podiam comunicar o perigo para Eirik.

—Você está certo? — Mairi perguntou com uma voz rouca, interrompendo os pensamentos de Ciara.

Mal Eirik disse:

—Aye — o corpo inteiro de Mairi cedeu e seu cheiro se tornou discernível uma vez mais, entre as fragrâncias da floresta. Enquanto não estava mais temperado com medo, havia um inegável elemento de alívio nele.

Ela afundou lateralmente e Ciara a pegou antes da outra mulher cair de seu cavalo. Lais estava lá em uma batida do coração, puxando Mairi direito sobre o colo do guerreiro loiro, sobre seu cavalo.

—Mascarar seu odor foi difícil para ela. — A preocupação do curandeiro era aparente, mas assim era seu orgulho pela realização de Mairi. —Ela o conseguiu, contudo, e sem lobo a dividir sua alma, tampouco.

—Isso ela conseguiu — Eirik concordou.

Ciara sacudiu sua cabeça pelo jeito que os homens falavam sobre Mairi, em vez de para ela. Ela se aproximou e bateu levemente na perna de Mairi.

—Você fez tão também quanto qualquer lobo.

Mairi deu seu um sorriso cansado.

—De verdade?

—Certamente. Melhor do que eu na primeira vez que tentei mascarar meu odor. — Ela não mencionou que era uma criança no momento.

Seu pai não acreditava em esperar pela primeira transformação para começar a treinar seus filhos nos costumes Chrechte. Desde que ambos seus pais eram Faol e seus pais antes deles, não havia nenhuma dúvida de que Ciara ou Galen compartilhariam sua alma com um lobo.

—Temos outro percurso de duas horas para a água. — Eirik olhou para Mairi. —Precisa descansar?

Ela balançou sua cabeça e Lais disse:

— Ela montará comigo.

Mairi não discutiu.

Ciara notou Eirik que não perguntou a *ela* se ela precisava de uma pausa, e isso a fez sorrir. Ele não achava Ciara fraca, apesar do custo que seus sonhos a tinham tomado.



Ela olhou para cima, assistindo a posição do sol. Então considerou o que podia ver de divisas ao seu redor. Eirik os guiou para longe da ameaça, mas com uma perda mínima, a tempo de alcançar os barcos Sinclair para cruzar a água para a Ilha Balmoral.

Era impressionante, embora ela não tivesse nenhum plano de dizer isso a ele. O homem tinha suficiente confiança em suas próprias habilidades, sem adicionar a sua confiança nele, à mistura.

Ele manobrou seu cavalo para que enfrentassem um ao outro, mas estavam lado a lado.

—Você fez bem, ensinou Mairi a mascarar seu cheiro.

—Ela fez todo o esforço.

—Não. — Ele roçou as costas de suas juntas ao longo da bochecha de Ciara, fazendo-a quer se debruçar neste toque. —Você não percebe, mas como princesa dela, pôde se aproximar do Chrechte dentro dela, de um modo que ninguém mais poderia fazer.

Mas, de um modo que ele compreendia.

—É verdade? — ela não podia deixar de perguntar.

—É. Entre os Éan, aqueles da minha família são encarregados de treinar a descendência humana de nossos irmãos Chrechte. Nem todos têm habilidades iguais, mas leva um da família da *Gra Gealach* para atrair quaisquer dons Chrechte que eles têm por diante.

—Isso é incrível.

—É. Minha tia era a encarregada disso quando vivíamos na floresta. Agora que estamos espalhados entre os clãs, outros terão que dividir o fardo.

—Sua tia veio para os Sinclairs?

—Uma delas. A mãe de Fidaich.

—Oh. — Ciara ainda tinha dificuldade em se ver como algum tipo de princesa, mas pensou que seu pai devia ser informado desta prática entre os Éan. Talvez os Faol pudessem emular isto.

—Obrigado — Eirik disse quando o silêncio foi estirado entre eles.

Ciara estivera perdida em pensamentos, mas aparentemente, ele não terminou com a conversa deles.

—Por quê?

—Eu não queria enfrentar o inimigo. Sua segurança e esta da vidente humana são de extrema importância.

—Por causa do *Faolchú Chridhe*. — Por que parte dela desejava que existisse um componente mais pessoal na preocupação de Eirik?

—Devemos encontrá-la antes de MacLeod.

—Claro. — Ciara não devia estar desapontada por sua resposta. Realmente não devia, mas seu tolo coração doeu, contudo. —Nós encontraremos.

—Aye, encontraremos.

—Você tem tanta certeza?

Suas palavras foram faladas mais sem esperança, mas Eirik souou como se visse o futuro e soubesse o que viria a ser. Talvez como príncipe de seu povo, ele viu.

Entretanto, se ele tinha visões, não teria dito a ela?

—Você também tem o que Mairi chama de a visão?

—Nay, mas não há dúvidas de que o *Faolchú Chridhe* chama por você de um jeito que não faz com nenhum outro.

—Como você sabe? — Embora ela mesma estivesse certa de que ele falasse a verdade, este conhecimento foi um pedregulho imóvel dentro de seu coração.

—Teria sido encontrada por agora, de outro modo. Você passou sete anos negando sua convocação.

—Tinha medo do que poderia fazer.

—Porque você só viu a cobiça egoísta pelo poder que seu irmão exibiu. Você não entendeu o presente que a pedra sagrada é, e devia ser, para todos os Faol.

—Não, não entendi. — Ela tragou e então admitiu — Não me deixei ver o egoísmo dirigindo meu irmão, também. Precisava acreditar que ele também queria o melhor para os Faol.

—Ele era jovem e iludido. Ele ainda poderia vir a si para entender que o poder não estava designado para alguns, mas para todos.

—Obrigado por dizer isto.

Eirik encolheu os ombros e Ciara teve que suprimir um sorriso. Ele era muito igual a seu pai adotivo em alguns modos.

—Esperaremos para ir para o céu até que vejamos Lais e Mairi seguramente lançados na água — Eirik disse, claramente acabado com o outro assunto.

—Certo.

—Você está sendo muito agradável.

Ela encolheu os ombros. Não era sua maneira discordar como hipótese; se ele pensasse o contrário, ela não poderia evitar.

Quando eles chegaram à água, o troca-forma águia estava lá para saudá-los. Ele curvou sua cabeça para Eirik e pegou o braço de Lais na saudação de guerreiro.

—Onde estão Fidaich e Canaul? — Ciara perguntou a Eirik.

—Enviei-os de volta para o Sinclair para que pudessem contar-lhe sobre os soldados MacLeod em sua terra.

—O que ele fará? — Mairi perguntou preocupada, aparentemente inconsciente da implicação atrás da afirmação de Eirik de ter mandado embora os corvos, quando eles nunca saíram do céu.

—Enviaré Niall e um grupo de soldados Chrechte com ele para confrontar os intrusos — Ciara respondeu quando ficou aparente que nenhum dos guerreiros pretendia fazer isso.

Seu pai não tomaria, levemente, a transgressão de um clã rival em suas terras. Niall estaria em uma missão para ensinar os tolos soldados uma lição, como também trazê-los para o calcanhar.

Lais adicionou:

— Aqueles que sobrevivem ao encontro serão levados para o Sinclair.

Ciara quis chutá-lo por sua *assistência*. Mairi ficou cinza. Ela poderia não querer retornar ao clã do seu pai, mas isso não significava que Mairi não tinha nenhuma preocupação por seus antigos membros de clã. Ela compreendia, como Ciara, que os soldados só podem ser culpados de



seguir ordens do seu laird.

—Ele exigirá resgate deles para meu pai? — Mairi perguntou com um tremor em sua voz. — Não acho que ele pagará, nem por um guerreiro Chrechte.

Embora não fosse uma prática desconhecida entre clãs rivais, exigir o pagamento pelo retorno daqueles capturados em batalha (e matar aqueles pelos quais o laird se recusou a pagar, ou vendê-los para escravidão), Ciara sabia que não era algo que seu pai faria. Não a menos que houvesse uma circunstância em que Talorc *quisesse* devolver um soldado de clã. Então ele poderia exigir resgate.

—Se achá-los merecedores, meu pai lhes dará a oportunidade de garantir submissão a ele como chefe de clã e alfa de bando.

—Verdadeiramente? — Mairi perguntou com esperança.

—Meu pai é um Chrechte de grande honra.

Eirik grunhiu.

—Sim.

—O que Laird Sinclair fará se os soldados não garantirem a lealdade deles? — Mairi perguntou, soando como se realmente não quisesse a resposta.

—Ele provavelmente os atirárá para Niall bater um pouco de honra neles. — A vida nas Highlands não era tão civilizada como seu rei gostaria de acreditar.

Ignorante de sua longa herança Chrechte, Rei David estivera fortemente influenciado por seus anos na Inglaterra. Ainda assim, ele era considerado um bom líder pela maioria de seu povo. Embora, enquanto seus lairds das Highland fossem tão leais a ele como seriam a qualquer rei, eles não dividiriam sua fascinação com o estilo de vida inglês.

Mairi vacilou, seus olhos se enchendo de horror.

—Isso é selvagem.

—Um homem espancar sua filha quase até a morte é *selvagem* — Eirik disse com enojada condenação. —Um lobo honrado ensinando a outro como viver no verdadeiro caminho Chrechte é necessário.

—Não se preocupe — Lais disse com uma leve batida no ombro de Mairi. —Dependendo de quão entregues às ordens do seu pai eles são, os soldados nem podem sobreviver a seu primeiro encontro com Niall.

Ciara teve que abafar uma divertida risada silenciosa, pela tentativa da águia de confortar Mairi. Para um curandeiro, ele era muito sanguinário.

Tendo pena da outra mulher, Ciara disse:

— Niall é um grande guerreiro. Ele não tem que matar um inimigo para ganhar uma briga.

O sorriso de alívio de Mairi mal se formara, quando Lais disse:

— Mas ele não é um guerreiro para recusar matar, tampouco. Ele sabe quando é melhor terminar uma vida do que prolongá-la. Mesmo quando esta vida for Chrechte.

Pelo olhar que Lais deu a ela, Ciara sabia que as palavras eram tanto para ela quanto eram para Mairi. Mais ainda, se ele tivesse um cérebro em sua cabeça.

Guerreiros!

Ele queria que ela entendesse e aceitasse as ações de Eirik, de sete anos atrás na floresta, ela compreendeu isso. Mas ele compreendeu o choque que suas palavras foram para a mulher humana em pé diante ele, parecendo muito assustada e cansada?

Ciara achava que não.

Além disso, tão inesperado quanto poderia encontrar seus próprios sentimentos, Ciara achava que ela já chegara a um acordo com as ações de Eirik. O dragão era o protetor de seu povo. Se Galen tinha que morrer não era mais um ponto em discussão. O fato era que ele morreu, e não tão inocentemente quanto ela uma vez tentou se fazer acreditar, também.

—Entendi sua intenção, mas não acho que sua paciente encontra suas palavras tão confortantes quanto você poderia ter esperado. — Ciara indicou as feições pálidas da mulher humana que parecia quase pronta para desmaiar.

Lais soltou uma maldição Chrechte e, desta vez, Ciara teve que girar sua cabeça para esconder seu sorriso. Ela se sentia mal por Mairi, mas não pôde evitar estar entretida pela percepção de Lais sobre o efeito de suas palavras.

Talvez ele pensasse duas vezes antes de se intrometer entre Ciara e Eirik no futuro. Não era como se houvesse algo entre eles que precisasse de intromissão, tampouco. Beijos de derreter mentes de lado, Eirik podia não ter nenhum lugar permanente em sua vida.

Ele não estava procurando por uma companheira, ele disse isso. E ela não queria um. Nenhum companheiro para perder. Nenhum companheiro que queteria ter filhos que ela amaria com tudo o que ficava de seu coração quebrado fazia tanto tempo.

Ele a ajudaria a encontrar o *Faolchú Chridhe* e seria isso.

Era muito ruim que ela sempre seria melhor em enganar os outros do que a si mesma. Porque ela não se podia fazer acreditar naquelas palavras, nem mesmo um pouco.

O voo para Ilha Balmoral foi ainda mais mágico do que a primeira vez que Ciara montou no dragão de Eirik. Ser capaz de ver a terra abaixo, em toda sua cor gloriosa, e o azul claro do céu, era surpreendente.

A sensação do vento em seu rosto, combinada com a brilhante luz solar, era diferente de qualquer coisa que ela já experimentou.

A verdade era que, voar nas costas do dragão podia se tornar, muito depressa, algo que ela almejava.

Eles voaram muito mais alto do que na primeira vez, sem dúvida Eirik não queria que seu dragão fosse mais que um ponto no céu para qualquer um que pudesse vê-lo de baixo.

Estava frio, mas Ciara estava completamente vestida para este passeio e Eirik insistiu que ela desdobrasse sua pele e cobertor para vestir como uma capa dupla. Ela ridicularizou, pretendendo tirá-los quando estivessem no ar. Só que ela depressa descobriu quão muito frio o ar do verão podia ser, quando o dragão voava muito mais rápido do que qualquer cavalo que ela já montou. E quanto mais altos eles foram, menos o sol a aqueceu.

Ela se aconchegou em seu plaid forrado de pele contra o pescoço do dragão e riu com pura alegria de viver naquele momento. Ela não podia se lembrar da última vez que sentiu tal felicidade



e não se importou, ou esperou que durasse. Por este minuto no tempo, ela estava verdadeiramente encantada por estar viva.

Não havia nenhuma preocupação sobre o *Faolchú Chridhe*, nenhuma preocupação sobre quão facilmente Ciara se perdia nos beijos de Eirik, nenhum segredo para esconder ou revelar conforme o caso, simplesmente Ciara e o dragão, no céu escancarado.

Eirik atirou sua cabeça para trás e rugiu, um som que foi direto pelo volumoso corpo do seu dragão e vibrou o de Ciara também. E ela riu, amando a sensação de compartilhar seu encanto. Então, ele soltou fogo, chamas enormes que encheram sua vista. Era a aventura mais incrível da vida de Ciara.

Naquele instante, ela se sentiu mais conectada a ele do que com qualquer outro... nunca. Ela não questionou como isso podia ser, simplesmente o apreciou pelo prazer temporário que era.

Não levou tempo nenhum para voar para a ilha. Porém, eles não aterrissaram na praia que Ciara estava acostumada pelas viagens anuais até a Ilha Balmoral, que ela fazia com sua família adotiva. Ao invés, Eirik trouxe Ciara para uma extensão deserta de praia, em torno da curva da ilha.

Uma guarda de dois homens saíram da floresta, seus olhos grandes, suas bocas abertas em choque. Com cabelo da cor do pôr-do-sol vermelho e parecendo vagamente familiar, o da esquerda era uns centímetros mais alto e um pouco mais largo do que o à direita. Entretanto, nenhum poderia ser descartado em uma briga, ela tinha certeza.

Os Éan eram constantemente menores em estatura do que os Faol, Eirik sendo a exceção, mas seu pai disse que eles eram guerreiros ferozes, e os concedeu o mesmo respeito que ele concedeu aos lobos entre os seus soldados do clã.

Agradecidamente, nenhum homem ergueu uma arma em ameaça. Ela não queria machucar nenhum dos guerreiros do seu tio adotivo, porque eles pensaram em ir contra um dragão que em realidade era seu aliado. Entretanto, o fato que eles saíram mesmo da floresta era estranho, agora que ela pensava sobre isso.

Guerreiros Chrechte eram ferozes, mas desafiar um dragão? Só que, eles não pareciam como se pretendessem desafiar Eirik, não é?

E seguramente os sentidos do dragão de Eirik o teriam alertado para a presença deles antes de pousar.

Refletindo sobre estas inconsistências e não vindo nada para explicar a eles, Ciara escalou para fora das costas de Eirik com a ajuda de seu rabo, como fez na primeira vez. Assim que pisou no chão, ela soltou ambos, sua capa provisória e o pacote de coisas de Eirik que segurou em seu colo durante o voo.

Sua mão descansou contra o cabo de seu punhal. Algo estranho estava acontecendo aqui, mas ela não sentiu nenhum perigo.

Um flash de luz carmesim, quase perdido no brilho do sol, anunciou a transformação de Eirik de volta em sua forma humana. Nenhum dos homens se aproximando mostrou qualquer surpresa com isso. De fato, o menor sorriu no que tinha que ser boas-vindas.

Ciara cortou um rápido olhar para Eirik, mas não viu nenhum reconhecimento em suas

feições para os guardas. O que era para não dizer que ele não os conhecia, seu rosto estava simplesmente sem nenhuma expressão.

O dela poderia não refletir a alegria que os dois experimentaram no ar, mas sem dúvida mostrava a sua confusão.

Quando os homens vieram para mais perto, reconhecimento começou a surgir. Estes eram guerreiros Chrechte que ela frequentemente viu na companhia de seu tio adotivo, o Balmoral. Ela acreditava que o nome do mais alto era Gart e o de seu companheiro era Artair.

Mesmo assim, por que Eirik aterrissou aqui e revelou seu dragão para eles?

—Príncipe Eirik — Gart disse com uma reverência.

Para um lobo se curvar, ele deve possuir o outro em grande estima. Ciara deslizou um olhar de lado para Eirik e se perguntou o que ele fez para ganhar tal respeito. Além de se transformar em um dragão.

Ela quase riu de sua própria ingenuidade.

—É somente Eirik, agora.

—Na companhia de humanos, talvez — o guerreiro Balmoral concedeu.

Eirik meramente inclinou sua cabeça.

O guerreiro menor, Artair, sorriu.

—Seu dragão é incrível, Príncipe Eirik.

—Aye, cada vez que tomo o céu naquela forma, eu sei disto.

Os dois homens assentiram, suas expressões cheias de temor.

—Lais e uma mulher humana, antigamente do clã MacLeod, estarão chegando por barco em algumas horas.

—Eles são bem-vindos.

Eirik inclinou sua cabeça.

—Seu laird não nos espera.

—Não — Gart confirmou.

E quanto mais eles conversavam, mais brava Ciara se tornou. Estes homens claramente sabiam sobre Eirik, que ele era príncipe dos Éan e seu dragão não era nenhuma surpresa para eles, tampouco. Embora vendo ele pela primeira vez, tinha claramente sido assim.

Nada disso combinava com o segredo ainda cercando os Éan entre seu clã, nem o intento declarado de Eirik de manter seu dragão e a posição de príncipe sob disfarces, particularmente.

Ela agarrou seu braço e o arrastou para alguns passos longe dos guardas.

—Você confia no Balmoral mais que no Sinclair? — Ela exigiu em um sussurro furioso quando a importância da situação ficou clara.

—Eles são Faol, podem te ouvir sussurrando.

—Sei disso. — Ela olhou. —Você disse que não queria que os Faol soubessem da sua forma de dragão.

—Niall e Guaire sabem de meu dragão, como sabem um punhado da maioria dos soldados confiáveis do seu pai.

—Então, o que está dizendo, o Balmoral e um seletos poucos de seu Chrechte sabem também? — Ela perguntou sarcasticamente.



Mas Eirik assentiu.

—Exatamente. Seu tio sabe de meu dragão como os quatro soldados que dividem a vigia desta praia.

—Mais alguém? — ela exigiu, embora soubesse que não eram assuntos seus para fazer isso.

Eirik levantou uma sobrancelha sardônica, mas respondeu.

—A senhora dele, a irmã da sua mãe, o segundo do Balmoral e a companheiro de Drustan, a irmã do seu pai.

—Por que os Chrechte que são atribuídos para esta praia?

—No caso de uma situação igual a esta aqui. Devendo o Sinclair precisar falar com o Balmoral depressa, sou sua melhor esperança.

Não havia nada a negar naquela verdade.

— Acredito que é inclusive mais do que eles são conscientes. — Eirik levantou suas sobrancelhas em interrogação, mas ela agitou sua cabeça. — Podemos falar disso depois. No momento, seria melhor que comecemos nosso trajeto ao castelo.

O único caminho para o castelo era um caminho de montanha russa acima, ao lado do precipício com vista para o oceano. Ela não estava esperando ansiosamente pelo passeio. Poderia ser Chrechte, mas o longo trajeto a cavalo do forte até a praia era cansativo. Sua montaria no dragão drenou o último de suas reservas, embora por uma razão muito diferente.

Foi tão maravilhosamente aprazível, ela se exauriu com alegria.

—Esperaremos pela noite. Lais terá chegado com o barco até lá. Voarei com você e Mairi para o forte. Lais a permitirá o curto passeio em meu dragão para preservar sua força. Além disso, ele voará ao lado de mim.

Certo. *Eles teriam que esperar, e ver, se Mairi era realmente a companheiro de Lais*, Ciara pensou com uma dose pesada de sarcasmo. Ela quase bufou sua descrença, mas manteve o som vulgar dentro dela.

Guerreiros e seus jogos mentais. Como se mulheres fossem tão facilmente enganadas.

—Pensei que você quisesse chegar ao forte mais cedo. Não é por isso que não acabamos de voar o caminho inteiro de noite, é?

—Os soldados MacLeod na floresta surpreenderam nossos planos originais, se você lembrar.

—Suponho.

Ele colocou o que ela pensou que era uma mão muito proprietária em seu pescoço.

— Não estou seguro de se deveríamos ir ao forte esta noite e esperar até que chegue a manhã.

Capítulo 16



Em momentos críticos, até os muito poderosos têm necessidade do mais fraco.

—ESOPO

—O que? — Ela devia retroceder, mas não o fez. —Por quê?

—Posso dormir aqui em minha forma de dragão mais facilmente, e guardar seus sonhos esta noite. — Ele franziu o cenho. —Você parece quase tão exausta quanto parecia antes de seu sono ontem à noite. Não gosto disto.

Ela cedeu ao desejo de se debruçar em seu toque.

— Tampouco eu gosto, mas vou necessitar mais de um bom descanso para me recuperar depois de ter passado meses durante os quais mal podia dormir.

Ela não tinha que ser uma curandeira para saber disto, embora Abigail a advertisse dessa coisa quando disseram adeus antes no forte.

Lembrando o sono potente que Ciara experimentou com seu dragão antes, ela nem considerou protestar. Seguramente, falar com o Balmoral seria da mesma maneira tão bom de manhã.

—Fico surpreendido por te ouvir admitir tanto.

— Por quê? Não sou um arrogante guerreiro que se acha imune à fraqueza — Ela estava muito ciente do quão vulnerável era aos sonhos e visões.

Ela viveu com eles pela maior parte de sua vida, afinal. Ele não podia saber justo quão grande o dom de proteção do seu dragão com seus sonhos era.

Sua risada a aqueceu.

—Você é uma moça impertinente, penso.



—Franca, talvez.

—Mandona.

—Corajosa.

Um pigarro lhe lembrou de que eles estavam longe de estar sozinhos.

Corando, ela se afastou do toque de Eirik e girou para enfrentar os guardas Balmoral.

—Peço desculpas. Não pretendemos ignorar vocês.

Eirik fez um som suspeitosamente como um bufar, mas quando olhou para ele com uma carranca, ele pareceu tão inocente como um bebê.

Ela sacudiu sua cabeça.

—Não pense em me enganar com sua aparência de irrepreensibilidade.

Ele encolheu os ombros, mas o sorriso fazendo cócegas na esquina de sua boca a agradou.

—Poderíamos oferecer um pouco de refresco? — Artair perguntou, sua expressão indicando que tinha escutado com ávido interesse à conversação de Ciara e Eirik.

A mal suprimida alegria no rosto de Gart implicava que ele estivera igualmente engajado.

Lobos curiosos. Sua mãe frequentemente disse que não havia segredo entre os Faol, mas seu pai sempre discordou. Talorc disse que uma mulher inteligente o suficiente podia sempre manter segredos e Abigail sempre corou.

—Obrigado pela oferta; uma taça de vinho agüado seria mais apreciada. — Ela deu ao soldado Balmoral seu melhor sorriso.

Honestamente, ela não se importaria com uma pequena refeição também, mas não pediria o que eles não poderiam facilmente fornecer.

Eirik rosnou ao lado dela e o guerreiro maior, Gart, franziu as sobrancelhas, primeiro para ela e então para seu companheiro, mas girou para liderar o caminho de volta para a floresta.

Lais puxou contra os remos, fazendo uma linha direta para Ilha Balmoral. Mairi estivera quieta desde que eles embarcaram no barco e Eirik saltou no céu com Ciara nas costas do dragão.

Lais estava tão orgulhoso da habilidade de Mairi de mascarar seu cheiro, mas estava claro que o esforço custou a ela. Ele estava contente em deixá-la descansar na popa do barco, acomodada tão confortavelmente quanto ele podia deixá-la com peles, um odre de vinho agüado e alguma comida.

Ela roeu em silêncio algum queijo, olhando para ele, então a água, então o céu, onde Ciara e Eirik eram nada além de um ponto, e então de volta para Lais.

Ele podia ver uma questão em seus olhos, mas temendo que soubesse o que era, não a incitou a perguntar.

Ela ofereceu a ele o queijo.

—Gostaria de um pouco?

—Não. — Ele estava com fome, mas ele não a teria o alimentando.

Ela precisava de seu descanso e o ato seria muito íntimo, daria mais que seu sustento corporal. Também daria nutrição aos desejos da sua águia por ela, como uma companheira.

Ela suspirou e embrulhou o queijo no pano antes de colocá-lo na maleta que Lais trouxe com ele nesta jornada. Ela ajustou o plaid Sinclair, com o qual seu laird a presenteou antes de eles deixarem o forte, alisando suas mãos ao longo das pregas, claramente contente de estar vestindo cores diferentes que as MacLeod.

Ela se acomodou novamente, mas desta vez manteve uma atenção fixa nele.

—É porque eu não sou um lobo?

Ele devia ter sabido que sua Mairi não precisaria de incitação. Mas essa não era a pergunta que ele esperava, embora supusesse que podia ser considerada uma forma dela.

—Não. Enquanto humanos são mais frágeis que troca-formas Chrechte, você tem se provado forte de mente e espírito.

—Você está atraído por mim. — Ela soou muito confiante, entretanto, ela tinha razão para estar naquela frente particular. —Não é só sua águia que me quer.

—Não.

—Então por quê?

Ele podia ter mentido e dito que simplesmente não queria uma companheira, mas enquanto havia um lugar para decepção, não era este.

—Não mereço uma companheira. — Aí. Ele disse.

—Como pode dizer isso? Você é um homem surpreendente.

—Porque eu te curei.

—Não, porque posso confiar que você não me machucará.

—Não sou o único homem que pode te dar prazer.

—Você é o único que eu quero que faça isso.

Ele não devia estar tão ferozmente feliz por ouvir tal voto, mas estava.

—Você é jovem. Isso mudará.

—Não mudará. Não posso trocar em um lobo, mas sou Chrechte e não há nenhum outro para um Chrechte, uma vez que eles tenham acasalado. — Seu queixo se firmou em um ângulo teimoso e ela o deixou ver seu olhar.

—Nós não acasalamos.

—Perto o suficiente.

—Não. — Ele fora malditamente cuidadoso para ter certeza que não foi perto o suficiente.

—Diga-me o porquê.

—Eu era um membro do clã Donegal, antes de ir viver com os Éan.

—Você quer dizer quando veio para os Sinclairs?

—Não, isso é mais recente. — Ele considerou parar aí. Ele não derramou segredos de seu povo ainda, mas sabia que podia confiá-los com ela. E ele devia a ela seus segredos, se pudesse lhe dar nada mais.

—Os Éan viviam na floresta, como uma tribo separada. Éramos caçados por uma sociedade secreta dos Faol.

—O Fearghall. Meu pai e seus comparsas pertencem. Ele pensa que qualquer troca-forma que não é um lobo não merece viver.

Lais não devia sentir nenhum choque por suas palavras, mas sua respiração congelou em seu



tórax, todavia.

—Seu pai pertence a esta sociedade... o Fearghall?

Um termo impróprio se jamais houvesse um quando significava superior em valor, e pelo que Lais sabia destes Faol, não tinham valor verdadeiro para eles. Ele nunca ouviu a sociedade nomeada antes, entretanto, desde que ele não estivera no círculo interno. Perguntou-se se Galen alguma vez deixou isso deslizar para Ciara.

—Sim. Alguns dos Fearghall acreditam que somente os corvos deviam morrer porque não são aves de rapina, mas outros, como meu pai, acreditam que todos, os quais se transformam em um animal diferente que o dele, não tem nenhum direito à vida.

—Ele é um idiota. — Mas um perigoso.

Ela assentiu tristemente.

—Ele é.

—Eu também era um idiota. — O tempo chegou para a verdade completa de seu passado.

—Como?

—Existiam membros do bando Donegal que acreditavam como seu pai. Eles odiavam os Éan simplesmente porque somos diferentes.

—Sinto muito.

—Eu sou a pessoa que devia sentir muito. Acreditei nas mentiras do Rowland, que os corvos mataram meus pais.

—Mas seus pais devem ter sido dos Éan para você ser uma águia.

—Um era, o outro humano. Rowland estava seguro de que eu também era humano. *Ele* matou meus pais, mas me convenceu que os corvos fizeram isso e alimentou meu ódio pelos corvos.

—Você nunca contou a ele que era uma águia.

—Não.

—Porque sabia que não podia confiar nele. — Ela soou tão segura e uma vez mais sua confiança em Lais o tocou profundamente.

—Acho que, agora, sim. Depois, estava só envergonhado de ser fraco, sendo que pensei que era o último de minha raça.

—Existem outras águias?

—Não muitas, mas sim, existem algumas. Tive minha maioria sem o *Clach Gealach Gra*.

—O que isso significa?

—Significa que, se eu tivesse feito à minha maneira e o destruísse, não seria um curandeiro.

— Ele olhou para longe dela, acima da água, a superfície cinza dela lhe dizendo nada novo. — Não sei se posso dar filhos a minha companheira, se posso legar minha águia.

—Não entendo.

—Anya-Gra disse que eu fui curado pela pedra sagrada, mas não sei se ela quis dizer o meu coração ou o meu corpo.

—Quem é Anya-Gra?

—A líder espiritual entre os Éan.

—Se a pedra te deu o poder de cura, seguramente ela curou qualquer outra coisa.

—Pensei assim a princípio, também, mas agora que estou encarregado em curar outros, sei mais do que a maioria sobre aquele poder que vem com um custo, e esta cura é raramente completa com somente poder Chrechte.

—Oh.

—Não mereço ser curado completamente — ele admitiu.

—Agora *você* está sendo um idiota.

—É verdade. Eu teria matado a senhora do meu laird.

—O laird Donegal?

—Aye.

—Ela é corvo?

—É.

—Mas você não a matou.

—Eu tentei.

—Como?

—Com uma seta.

—Então, você é ruim de mira.

—Não. Eu era um dos melhores em nosso clã.

—Então não deve ter tentado muito.

Foi o que Barr disse no momento, mas Lais nunca esqueceria sua culpa.

—Um dia, achará um companheiro merecedor de você e esquecerá esta paixão que tem por mim.

Os olhos de Mairi se estreitaram.

—Esquecerei, então?

Ele assentiu, mas ela não estava mais olhando para ele. Suas sobrancelhas estavam unidas pelo pensamento e ele estava bastante certo de que não pressagiava nada de bom para ele.

Os soldados Balmoral tinham uma pequena cabana habilmente disfarçada por samambaia exterior, então se teve que estar quase sobre ela antes de ver que não era meramente parte da floresta.

Do lado de dentro era limpo, embora pequeno. Dois sacos de dormir estavam amarrados e empilhados nitidamente contra a parede oposta. Os bancos combinados, que podiam acomodar dois apertados, estavam em cada lado da fogueira no centro da cabana.

A fogueira estava latente, do jeito de um fogo que fora recentemente aterrado. Gart a cutucou e soprou até que uma pequena chama capturou a madeira fresca que Artair colocou nela. Eles trabalharam em um uníssono que falava de amizade de longa data e treinamento juntos.

—Aqueceremos guisado para nossa ceia — Artair disse com um sorriso para Ciara.

Gart pigarreou e agarrou a panela de guisado de uma estante na parede mais próxima. Ele a suspendeu por seu cabo do tripé de ferro sobre o fogo. O grande soldado pegou xícaras de



madeira da mesma estante e Artair despejou vinho de um odre nelas, antes de adicionar água de um balde.

Ele serviu Eirik primeiro. Ela pensou que era porque o Éan era um príncipe, mas Eirik tomou um gole do vinho agüado antes de dar a xícara para Ciara.

Ele o estivera testando por sua segurança.

—Se você confia neles com seus segredos, seguramente pode confiar neles para nos servir uma bebida.

Ele a ignorou e pegou sua própria xícara do soldado Chrechte.

Ela franziu o cenho, mas tomou um gole de sua bebida, de repente percebendo quanto sedenta estava. Ela devia ter bebido mais água na jornada até aqui, mas estava preocupada com seus pensamentos e conversa com Eirik.

Artair indicou um dos bancos com sua mão.

—Por favor, sente-se.

Ela tomou sua oferta com vivacidade, só quase para saltar fora de sua pele quando Eirik se juntou a ela no pequeno banco. Ele apertou contra seu lado do quadril ao ombro. Ela tentou bater nele com seu quadril, mas ele não se moveu.

Ele podia ser um cavalheiro e escolher se sentar no chão, mas talvez estes tipos de modos não fossem ensinados entre os Éan. Ele sentado tão perto era indecente, no entanto.

E ela não se importou por montar seu dragão nem meia hora passados. Não era o mesmo. Não, não era. E ela diria isso a ele. Mais tarde.

Os dois guerreiros dividiram o outro banco, em vez de um deles ocupar o chão, também. Ela supôs que fizesse sentido, mas não gostou do modo que seu corpo aqueceu em lugares impróprios pela proximidade dele.

Os soldados Balmoral começaram a salpicar Eirik com perguntas de como era ser um dragão.

—Você vê com cores? — Artair perguntou.

Era uma boa pergunta. Os lobos não viam.

Eirik assentiu.

—Minha vista também é muito boa.

—Melhor que seu corvo? — Artair perguntou.

—Muito.

Ambos os soldados ficaram calados para dar a esta verdade o respeito que merecia.

Então Gart perguntou:

— Seu dragão te puxa para trocar como o corvo?

—Aye. Ele é uma besta impaciente — Eirik respondeu.

Ciara nem fingiu não estar interessada na discussão e o guisado estava borbulhando na panela antes dela saber. O aroma delicioso do guisado de coelho fez seu estômago roncar embaraçosamente.

Artair sorriu para ela com compreensão.

—Hora de comer, acredito.

—Aye — Eirik concordou com um olhar preocupado por ela.

—Estou bem.

—Você não come o suficiente.

Oh, pelo amor de Deus. Ele realmente precisava compartilhar suas negligências com os soldados de Balmoral?

—Vou comer agora.

Gart agarrou rasas tigelas de madeira que serveriam como pratos e Artair tirou com a concha um caldo rico cheio de legumes e carne para cada. Novamente, Eirik saboreou seu guisado antes dela ter permissão para comer.

—Você vai fazer isto de agora em diante? — ela lhe perguntou com exasperação.

—Aye.

—É ridículo. Sou uma loba. Eu cheiraria se minha comida ou bebida estivesse estragada.

—Eu sou um dragão, meus sentidos são mais fortes.

—Você está sendo arrogante de novo.

—Estou te protegendo.

—De soldados amigáveis?

—Da possibilidade deles deixarem sua comida estragar.

—Bem, eles não deixaram.

—Não. — Ele assentiu para Artair e Gart. — Está gostoso.

—Obrigado. — Gart respondeu.

Artair encolheu os ombros.

—Ele faz a maior parte do cozinhar quando estamos de vigia. Sou melhor em pegar nossa comida que a preparando.

—Nosso Artair é um bom caçador — Gart disse com algum orgulho. —Ele fará um bom marido para uma sortuda mulher do clã.

Artair estapeou seu amigo atrás da cabeça e uma mordida de guisado saiu voando, mas Gart salvou o resto de sua comida com seus reflexos rápidos.

A conversação deles continuou pela refeição, mas se moveu para os Éan se ajustando ao clã Balmoral. Aparentemente, desde que nenhum da sociedade secreta dos Faol, que queria matar todos os Éan, foi achado entre os Balmoral, o laird decretou que seu povo seria informado da inteira verdade de seus novos membros de clã.

Para surpresa de Ciara, Eirik concordou. Ela se perguntou novamente se ele confiava no Balmoral mais que em seu pai, mas percebeu que não era de seu pai que o dragão desconfiava. Era do resto do clã. E desde que *tinham* existido membros da sociedade secreta Faol entre eles, só o tempo provaria seu povo seguro com o Sinclairs.

—Nosso laird atribuiu dois de seus guerreiros para partilhar esta guarda e a outros a tarefa de voar para vigiar a ilha — Artair disse para Eirik quando perguntado.

Eirik tencionou.

—Nem todos são soldados.

Ciara quis acalmá-lo, embora não pudesse entender o desejo. Ele era, dificilmente, uma criança precisando conforto, mas era um homem que tomava o bem-estar de seu povo muitíssimo para o coração.



—Oh, não — Artair foi rápido para responder. —Alguns foram atribuídos às cabanas do arrendatário. Três foram trabalhar no castelo, em uma qualidade ou outra.

—Assim é como o Balmoral disse que seria.

—Nosso laird pode ser confiado — Gart disse em um grunhido.

Ciara sorriu para ele.

—Claro que pode. Eirik não quis implicar o contrário.

O troca-forma dragão não disse nada. Gart estava ficando um pouco vermelho e Artair não estava parecendo muito feliz, tampouco.

Ela cavou seu cotovelo no lado de Eirik.

—Não é?

Ele se deslocou para que quase a defrontasse, seu grande corpo bloqueando sua visão dos outros.

—Fiz o que?

—Quis dizer que o laird deles era indigno de confiança.

—Eu permiti a meu povo se juntar a seu clã.

—Eu sei, mas talvez eles não estejam cientes do quanto você tinha que confiar no Balmoral para ter feito isso.

—Não é decisão deles.

—Não, claro que não. — Ela mal refreou de rolar seus olhos. —O ponto é...

—Não é importante — Gart interrompeu, soando muito mais feliz.

Ela espiou ao redor de Eirik, mas ambos os guardas Balmoral pareciam em paz novamente. Realmente. O céu a salve de guerreiros irritáveis.

Ela olhou para Eirik e perdeu sua respiração. Seu foco estava completamente nela e a mensagem em seus olhos era quente o suficiente para chamuscar.

—Um... você... eu... os soldados...

—O que têm eles, *faolán*?

—Não posso vê-los em torno de você.

—Talvez você não devesse estar olhando para outros homens.

—Não estava olhando — ela disse com ultraje. —Daquele jeito, quero dizer.

—Mas você queria vê-los.

—Não assim.

O minúsculo puxão no músculo de sua bochecha finalmente o entregou.

—Você está me provocando — ela acusou.

—Você cheira bem quando ruboriza.

—Oh, pelo amor de Deus. — Ela devia ter a fragrância de um jardim agora mesmo, porque seu rosto estava tão quente que ela teria alegremente molhado sua cabeça no balde d'água. — Você deslocará seu enorme corpo para que eu possa ver Artair e Gart, *por favor*?

Ele se moveu, mas arruinou seu prazer por sua cooperação perguntando:

— Você me acha muito grande?

—Eu não disse isto. — Muito grande? Como ela poderia quando o achava perfeito em todos

os sentidos? E esta não era uma revelação que ela precisava fazer, para si mesma ou ele. A vida como uma vidente era muito mais complicada do que quando ela meramente foi uma filha que podia evitar todos os embaraços atrás da parede de sua família adotiva. —Não seria apropriado, para mim, comentar de uma forma ou de outra.

—Você me chamou de gigante.

—Também te chamei de dragão. Você não se ofendeu por isso.

—Eu sou um dragão.

—E você é um homem muito grande.

—Penso que você gosta de grande. — Seu tom e o calor em seu olhar fixo disseram mais que as palavras, e elas diziam *o bastante*.

—Pare. Por favor. — Ciara girou sua atenção para Artair e perguntou um pouco desesperadamente: — Seu clã está os aceitando, os Éan, quero dizer?

Ela esperava que estivessem, mas descobrir que os Éan eram conhecidos como troca-formas pássaros entre o Balmoral, poderia pôr uma luz diferente. Ela esperava que não, contudo.

—Oh, aye — Artair disse com um aceno decisivo. —Ninguém trata os novos membros do clã senão como família, desde que nossa senhora veio para cá quase dez anos atrás.

—Ela não se conformou — Gart concordou.

Ciara sorriu por esta menção da reconhecida irmã determinada da Abigail.

—A tia Emily não encontrou tais quentes boas-vindas entre os Sinclairs, receio.

O sorriso de Artair retornou.

—Assim ouvi. Embora considere que o devolveu em sua justa medida

—Penso que você está certo. — Ciara suavemente riu. —Não tenho certeza se meu pai já se recuperou de ser comparado a uma cabra.

—Não é algo que um laird estaria acostumado, né? — Artair perguntou com outro sorriso.

Eirik rousnou, semelhante, mas diferente de um lobo, e ela olhou fixamente para ele, desconfiadamente, só para virar sua cabeça depressa para um som quase idêntico de Gart.

Artair torceu seus lábios em uma careta.

—Ignore-o. Temos sido melhores companheiros desde antes de podermos caminhar. Então, é lógico *para ele* que eu deveria casar com sua irmã. Mas não vou juntar meu espírito com outro até que eu sinta o chamado de um companheiro verdadeiro, não é?

—A velhas histórias afirmam que nos dias dos anciãos — Ciara lembrou em voz alta — ninguém acasalava a menos que sentissem a conexão de um laço verdadeiro.

—Como você vai saber que o sentiu, até que esteja acasalado? — Gart perguntou com irritação.

Artair deu a ele um olhar calculado.

—Eu saberei.

—Você é malditamente teimoso.

—Você esteve dizendo isso desde suas primeiras palavras e ainda não mudou. O que te faz pensar que vai mudar?

Gart emitiu um som de exasperação e golpeou sua tigela contra a mesa, agora vazia de guisado, antes de sair tempestuosamente da cabana.



Ciara levantou para juntar todas as tigelas antes de levá-las para a estante. Ela as levaria para fora, mais tarde, para lavar com areia e água do mar.

Ela bateu levemente no outro guarda Balmoral em seu braço quando passou por ele.

—Ele entenderá isso eventualmente.

—Você pensa assim? — Artair sacudiu sua cabeça. —Estou quase desesperado disso nunca acontecer.

—Ele é um Chrechte. Ele não pode ignorar o chamado para sempre.

—Ele poderia. Alguns fazem.

Ela não podia discutir isto, particularmente quando estava fazendo o seu melhor para ignorar Eirik. Mas não achava que Gart fosse como ela. Ele não tinha medo, meramente cegado por sonhos que claramente estimava desde a infância.

—Primeiro ele tem que se livrar de suas esperanças entesouradas por sua irmã. — Ela tomou a cadeira ao lado de Artair, no pequeno banco. Ele não enchia o espaço como Eirik. —Talvez você devesse encorajá-lo a encontrar sua própria companheira.

O soldado Balmoral lhe deu um olhar de puro horror.

—Por que eu faria isto?

—Por que você se sentou ao lado dele? — Eirik exigiu.

Ela ignorou Eirik e disse a Artair:

— De forma que ele começará a pensar na direção certa.

—Pensarei nisso.

Eirik levantou-se, sua expressão selvagem na luz fosca da cabana.

—Seu corpo está tocando o dele — o príncipe Éan disse entredentes.

Ela fugiu para o pequeno lugar onde seus quadris conectados não se tocavam nada.

—Aí. Está satisfeito? Você está sendo ridículo. Não era nada como quando eu estava sentada ao seu lado.

—Venha se sentar aqui. — Eirik apontou para o outro banco.

—Estou bem aqui mesmo.

Um estrondo baixo soou e Ciara assistiu com fascinação como as mãos de Eirik ficaram cobertas de escamas carmesins e pontudas com garras parecendo letais. Embora elas permanecessem em proporção ao seu corpo.

Era diferente de qualquer coisa que ela já ouvira falar antes.

—Como você fez isso? — Ela perguntou com maravilha.

—Penso, talvez, que me juntarei a Gart — Artair disse da entrada.

Ela nem percebeu que o outro homem se levantou. Ela ficou em pé também e girou para o guarda.

—Não é necessário.

—Acho que é. — Ele deu um olhar significativo para Eirik.

E ela olhou para trás em seu dragão. Suas mãos ainda estavam incrivelmente transformadas, mas ele não se moveu do seu lugar. Sua expressão não era mais tão feroz, também.

Ela voltou para Artair e sorriu.

—Vê? Ele só está parecendo protetor quando aceitou o papel de meu guarda para esta jornada. Você o viu com nossa comida, saboreando-a para mim.

Artair a estava olhando como se ela estivesse jorrando sons sem nexo, e ela suspirou. O soldado simplesmente não apreciava a maravilha dos dons de Eirik como ela apreciava.

—Lais e Mairi chegaram — Eirik disse no silêncio tenso.

Ciara girou de volta para ele, todas as suas suspeitas sobre suas habilidades confirmadas.

—Lais te informou, não é?

Eirik não respondeu, mas deixou a cabana, seus ombros tensos, sua mandíbula determinada. Pelo menos suas mãos voltaram ao normal. Ela não achava que era um dom que ele precisava sair compartilhando com todo mundo sob o sol.

Artair se aproximou como se para bater levemente em seu ombro, mas retirou sua mão antes de tocá-la.

—O príncipe Éan entenderá, também.

Ela não perguntou o quê. Ela não era nenhuma tola e aparentemente nem era Artair.

—Vamos esperar que não — Ciara fervorosamente disse.

—Você não quer um companheiro? — Artair fez uma carranca. — Ou é que você não quer um Éan como companheiro?

—Não quero *nenhum* companheiro, seja ele humano, Chrechte ou uma besta selvagem, no que diz respeito a esse assunto.

—Nosso *celi di* diz que Deus nos dá o que precisamos, não o que queremos.

—E, às vezes, ele também leva o que mais amamos.

—Então você rejeitaria a possibilidade de amor para prevenir perdê-lo novamente?

—Não quero nenhum companheiro — ela repetiu obstinadamente. — Não haverá nenhuma criança para eu perder para a enfermidade ou a guerra.

Nenhum companheiro cuja perda a enviaria em um declínio como sua mãe. Ciara sofreu suficiente dor quando perdeu sua família, mas sobreviveu. Ela aprendeu a viver novamente. Sua mãe não aprendeu.

Porque ela perdeu o que não podia aguentar, seu verdadeiro companheiro ligado e seu filho.



Capítulo 17



Comportamentos humanos fluem de três fontes principais: desejo, emoção e conhecimento.

—PLATÃO

Sua besta exigindo uma chance de sair e lançar fogo no soldado Balmoral, Eirik esperou impacientemente para Ciara e Artair juntarem-se a eles na praia. Ele podia controlar seu dragão, mas não sabia se conseguia controlar os instintos do seu guerreiro de reivindicar a mulher, para que todos soubessem que ela pertencia a ele.

Ele não pensou tomar uma companheira por vários anos mais, mas ambos, seu dragão e seu corvo, insistiam que fizesse Ciara sua. O que era bastante chocante. Ele achou interessante o fato de que ambas suas naturezas alternadas estavam atraídas pela pequena loba, mas a intensidade com que seu dragão e corvo almejavam Ciara só crescia por dia.

Ele nunca teve tal coisa acontecendo antes. Enquanto não foi celibatário desde a vinda da maioridade, Eirik sempre achou pôr seu dever para seu povo primeiro, fácil. Nenhuma mulher nunca invadiu seus sentidos como Ciara, e nenhuma causou uma perturbação tão interna em Eirik.

Ele mostrou sua troca parcial para Artair e Ciara sem pensar. Não só nunca aconteceu antes, mas era perigoso para outros conhecerem a inteira extensão dos dons de Eirik.

Uma verdade era óbvia, ele não podia servir seu povo como precisava se estivesse em constante conflito com os animais que dividiam sua alma.

Não havia escolha. Ele teria que tomá-la por companheira.

Não seria nenhum sofrimento, embora ela fosse mais voluntariosa que a maioria. Como vidente e princesa de seu povo, Ciara traria mais para seu acasalamento do que simplesmente sua

pessoa. Em verdade, provavelmente não havia outra mulher nas Highlands tão bem feita para se tornar sua esposa e carregar suas crianças.

O poder Chrechte dela, no entanto, principalmente oculto até agora, era grande. E como seu companheiro, aquele poder serviria os Éan e os Faol uma vez que ela se ligasse a ele. Era o jeito que funcionava entre companheiros.

Eirik já jurou sua submissão ao bando dos lobos Sinclair e fazendo isso dedicando seus próprios dons Chrechte para o bem-estar deles. O vínculo de acasalamento não mudaria muito para ele. Mas ofereceria a seu povo reivindicar os dons de outro poderoso Chrechte para contar com o bem-estar *deles*.

Sim, mesmo sem os insistentes desejos de suas bestas, Eirik teria tido que considerar tomar Ciara como sua companheira.

O fato que suas naturezas alternadas estavam tão escravizadas por ela, só criava a probabilidade que o acasalamento deles seria um verdadeiro mais tentador e real.

Ciara veio até a praia finalmente, uma carranca em suas doces feições, claramente agitada por algo. Ela saudou Mairi e Lais, mas estava distraída.

Ele olhou para Artair, tomando como sua obrigação quando o soldado Balmoral vacilou e perdeu sua cor.

—O que você disse para Ciara?

—Eu? — Artair perguntou com um chio.

De repente, Gart estava lá, de pé entre ele e Artair. Enquanto Eirik apreciava a lealdade, o outro guerreiro não pararia Eirik de descobrir o que chateou sua companheira.

—Saia do caminho. Artair me responderá.

O soldado ligeiramente menor empurrou seu amigo para o lado e encontrou o olhar de Eirik, o dele próprio especulativo.

—Ela não está muito contente com os planos de Deus para seu futuro, penso.

—Ela te disse que é uma vidente? — Eirik exigiu, de repente entendendo a fúria de Ciara quando tinham primeiro chegado e ela descobriu que os soldados Balmoral sabiam de seu dragão.

—O que? Não. — A expressão de Artair ficou pensativa. — Talvez isso explique um pouco de sua preocupação sobre tomar um companheiro, entretanto.

Ultraje inchou dentro de Eirik e ele sentiu a mudança parcial assumindo o comando de suas mãos novamente.

—*Você conversou com minha faolán sobre acasalar com ela?* — O dragão estava muito perto da superfície para a voz de Eirik sair com nada exceto um grunhido.

—Você quer acasalar com a mulher lobo Sinclair? — Gart exigiu, aparentemente inconsciente da ameaça do dragão de Eirik, sua atenção completamente fixada em Artair, e seu próprio tom atado com fúria.

—Você dois enlouqueceram para até me perguntar isto. — Artair disse com um grunhido próprio. Ele franziu as sobrancelhas, vacilando só ligeiramente à vista das mãos de Eirik, mas seu olhar depressa bloqueado hostilmente com o de Eirik. —Se você quer saber por que ela está com uma carranca, pergunte a ela.

Então Artair girou para seu colega soldado, nenhuma diminuição em sua raiva.



—Quanto a você, entenda isso nessa sua cabeça espessa. Eu não vou acasalar com sua irmã. Nunca.

Gart tropeçou um passo para trás.

—Mas éramos para sermos irmãos.

—Eu não quero ser seu irmão. — A dor e fúria na voz de Artair eram difíceis de ouvir.

Porém, a dor de Gart pelas palavras do outro guerreiro era tão grande e tão óbvia, que Eirik não pôde evitar ter pena dele também. E finalmente, Eirik pensou que entendeu sobre o que Artair e Ciara tinham conversado na cabana.

Os dois homens eram companheiros sagrados, mas, claramente, Gart se cegou para esta verdade, e ele não podia entender por que seu melhor amigo recusaria ser seu irmão.

Eirik teve o suficiente desta insensatez e só seria testemunha dela por pouco tempo. Sem dúvida, seu laird e o próprio Artair estavam sinceramente doentes da recusa voluntariosa do soldado Chrechte de ver a verdade.

Eirik deu a Gart uma boa pancada atrás da cabeça, derrubando o guarda Balmoral para seus joelhos.

—Um Chrechte não pode acasalar com seu irmão, seu idiota.

—Acasalar? — Gart sacudiu sua cabeça, embora Eirik duvidasse de que seu golpe atingiu o cérebro solto do homem.

Era mais provável que ele estava tentando expulsar aquela única palavra. Gart olhou para Artair, que o estava encarando com uma expressão que Eirik estava determinado para ver nas feições da sua pequena loba num futuro muito próximo.

—Você quer ser meu companheiro? — Gart perguntou.

—Não sei. — Artair não pareceu estar provocando; ele parecia ter algumas sérias dúvidas no tópico. —A estupidez não é uma característica atraente em um companheiro, mas você parece ter mais que sua boa parte.

Gart se levantou e agarrou Artair pelos braços, agitando-o. —Não suba no seu cavalo alto agora mesmo. Só responda minha pergunta.

—Sim. — Entretanto, Artair não estava parecendo todo assim contente pelo prospecto.

—Mas você é meu irmão.

Desta vez quando Artair vacilou, Eirik não apreciou ver tanto. —Não sou.

—Você é meu melhor amigo.

—Sim.

—E tem sido por todas nossas vidas.

Artair assentiu.

—Que pessoa melhor para tomar como um companheiro?

—Eu sonhei com crianças.

Dessa vez não houve hesitação, apenas o cheiro de tristeza. —Não posso dá-las a você.

—Eu sei. — Gart soltou suas mãos do outro soldado e retrocedeu, pondo mais do que distância física entre eles. —Não sei se posso desistir do que espero.

—Você realmente é um idiota. — Mairi, que estivera de olhos arregalados, e quieta, durante

esta troca, deu a Gart um olhar de desaprovação. —Você acha que o amor é um presente tão frequente que você pode só jogá-lo fora quando é oferecido?

—Não estamos falando de amor, mas de acasalarmos. — Gart respondeu com uma carranca para a mulher pequena.

Mairi olhou para Lais e então de volta para Gart.

—Não é o mesmo?

—Não — Lais respondeu quando Gart não o fez. —Não há nenhuma lei Chrechte que declara que companheiros amarão um ao outro.

As feições suaves de Mairi endureceram.

—Entendo.

—Além disso, um guerreiro não vive sua vida pelas ordens de seu coração. — Gart disse com desdém.

Eirik não podia discordar dele, mas parecia que Artair estava menos que impressionado com os sentimentos do seu amigo. Mairi não parecia muito contente, também.

Cruzando seus braços, ela deu a Lais um olhar que Eirik não pôde decifrar e se moveu para longe dele. A águia pareceu confusa e desapontada, entretanto, não fez nenhum movimento para fechar o buraco entre ele e a mulher humana.

—Você está certo — Artair disse, surpreendendo Eirik. —Um guerreiro não pode se curvar às ordens de seu coração.

O alívio no rosto de Gart foi refletido em seu cheiro.

—Então, você começará a cortejar minha irmã?

—Nunca. — Existia suficiente veneno na palavra para matar e suficiente certeza para servir como a fundação de uma fortaleza.

—Mas...

—Nós alimentaremos seus companheiros e então as mulheres podem ter a cabana para dormirem — Artair disse para Eirik, cortando seu colega soldado. —Tenho a primeira vigia na praia hoje à noite e Gart pode dormir do lado de fora da cabana.

—Ciara dormirá com meu dragão na floresta. Lais e Gart podem dividir a cabana e vigiar Mairi.

—*Não discuta sobre isso* — ele advertiu o troca-forma águia pelo vínculo mental da realeza Éan.

Lais curvou seu queixo em reconhecimento, mas não pareceu feliz. Eirik não se importou. O homem era um guerreiro e ele sabia melhor do que contradizer seu príncipe.

Mairi não pareceu nada mais feliz, mas Eirik não pensou que tinha qualquer coisa a ver com os acordos para dormir. Ela estava olhando para Gart e Artair em troca.

Ela tinha muito espírito para uma mulher que não podia se transformar.

Ciara agitou sua cabeça.

—Seria mais adequado, para mim, compartilhar a cabana com Mairi.

—Meu dragão protegerá seus sonhos — lhe disse em um tom de voz com o qual a outras pessoas ficaria claro que sua decisão não admitia discussão.

Ciara não pareceu impressionada.



—Penso que seria melhor do modo que Artair sugeriu.

—Será como eu declarei.

—Você é verdadeiramente um dos homens mais teimosos que já conheci, e eu vivi os últimos sete anos com Talorc dos Sinclairs como meu pai! — A exasperação em seu tom o fez sorrir.

Estranho.

Mairi se aproximou e bateu levemente no braço de Ciara.

—Deixe seu dragão proteger seus sonhos esta noite. Esta busca não será fácil, e você precisará de sua força.

—Você está falando como uma amiga ou uma vidente? — Ciara exigiu, soando aborrecida.

—Ambas.

Eirik colocou sua mão nas pequenas costas de Ciara e começou a levar o grupo em direção à floresta e a cabana escondida lá.

—Escute sua amiga.

—Só diz isso porque ela concorda com você. Não ouvi você dizendo a Gart para escutá-la.

O soldado em questão já deixara o grupo e encabeçara praia abaixo.

—Ele deve tomar sua própria decisão sobre seu futuro.

—Mas ele está machucando a si mesmo e a Artair.

—Ele causaria mais dor se concordasse com um acasalamento com o qual se ressentisse.

O que não significava que Eirik pretendesse dar a *ela* muita escolha no acasalamento deles. Sua determinação irracional de nunca tomar um companheiro, não podia ser permitida ao permanecer no caminho do bem de ambas seus povos.

Eventualmente, ela entenderia esta verdade, ele tinha certeza.

Com nada além do luar para guiá-los, Eirik levou Ciara bem profundo na floresta. Eles estavam se dirigindo em direção à pequena clareira, protegida da visão por um denso aumento de árvores, que Artair sugeriu que faria um lugar de descanso de boa noite para um dragão.

Ela continuou a discutir sobre os acordos para dormir através de todos, Mairi e Lais, comendo seus guisados e fazendo planos para o dia seguinte. Porém, Ciara veio com ele quando Eirik deixou a cabana. Ele contaria isso, pelo menos, como uma vitória.

—Eu me sentiria melhor se esperássemos Gart retornar, antes de deixar Mairi e Lais na cabana.

—Assim você diz.

—Bem, por que você não escutou?

—Por que importa se ele retornou à cabana ou não? Você está preocupada com ele — Eirik adivinhou.

Ele notou isso apesar dela tenta manter os outros a uma distância, Ciara mostrava a grande preocupação e compaixão por aqueles ao seu redor. Abigail disse a ele que Ciara ajudou tanto com os gêmeos, que ela era mais uma segunda mãe do que uma irmã.

Nas semanas que ele viveu entre os Sinclairs, Eirik notou, uma e outra vez, Ciara mostrando a sua inclinação natural de servir seu povo. Ela não sabia de onde aquela inclinação veio, mas

como guardiã do *Faolchú Chridhe*, ela sentiria a necessidade de cuidar dos Faol.

Não importa o quanto ela dissesse a si mesma que não queria gostar de ninguém.

—Estou preocupada com Mairi — Ciara disse, mostrando novamente que não podia se evitar ajudar a cuidar dos outros. —Você sabe o jeito como Lais olha para ela.

—Não confia em meu guerreiro para protegê-la?

—Dele mesmo? Não, não confio.

—Lais não a machucará. — Ela estava mais segura em sua presença do que podia estar em qualquer outro lugar.

—Defina machucar. Ele irá para cama com ela? — Ciara perguntou com aspereza e preocupação genuína.

O tempo dela seria mais bem gasto com preocupação para seus planos para a noite, mas ele estava grato que Ciara não mostrou nenhuma preocupação sobre passar a noite só com Eirik.

—Você é muito franca para filha do laird do clã.

—Também sou Faol. Sei o que acontece à noite entre homens e mulheres.

Sua princesa Faol docemente inocente? Ele achava que não.

—Oh? O que você sabe, *faolán*?

—Não importa — ela disse, soando agitada. —Meramente quis dizer que existe mais de uma maneira para Mairi ser machucada.

—A primeira vez é sempre desconfortável. — Mas se Lais compromettesse a virtude da outra mulher, ele estaria a posto por qualquer promessa que fez a ela.

No entanto, Eirik duvidava muito que o curandeiro reivindicasse Mairi esta noite. Ela ainda estava se recuperando da surra que seu pai lhe deu. Lais era muito protetor com seus pacientes e seria duplamente assim com Mairi.

—Quantas virgens você convenceu para a sua cama? — Ciara exigiu, seu cheiro entregando a sua raiva pelo pensamento, ainda que seu tom não mostrasse.

—Nenhuma.

—Então, como saberia?

—Você tem ciúmes das mulheres que eu intimamente toquei? — Ele perguntou, pouco disposto a privar-se da oportunidade de aferroá-la.

—Claro que não — ela disse extremamente rápida e com pouca convicção. —Não tenho nenhum direito de estar ciumenta.

—Se está tentando mascarar sua decepção, você está fazendo um mau trabalho. — O picante cheiro de ciúme se misturou com o cheiro azedo de uma mentira no ar ao redor deles.

Ela ofegou.

—O quê? Você pode dizer que eu menti para você?

Ela soou muito mais preocupada sobre sua inabilidade de mascarar seus verdadeiros sentimentos do que o fato que foi pega em uma mentira. Obstinada *faolán*.

—Aye.

—Mas é impossível.

Ele não pôde evitar. Ele riu. Ela soou tão intimidada.

—Acontece desse jeito entre companheiros, às vezes — Eirik assegurou a ela. —Barr pode



ver pelas imagens que minha irmã, Sabrine, projeta com sua mente.

—Não sou sua companheira — Ciara afirmou sem mais convicção, mas com uma boa quantia de horror, e sem fazer um trabalho nada melhor do que antes em mascarar sua mentira.

—Meu dragão diz que você é.

—Não. Seguramente seu corvo...

—Quer esfregar seu pescoço contra o seu.

—Oh, não. — Ela se afastou dele, seu corpo inteiro tenso para fugir.

Embora, onde ela pensava que estava indo, ele não podia imaginar. Seu dragão podia encontrá-la através das águas.

—*Não quero um companheiro.* — A sinceridade trêmula em sua voz misturou com o odor de genuína angústia que fez seu dragão querer rugir.

Não permitiria que se aterrorizasse por algo que, ela já devia saber, era a progressão natural dos acontecimentos.

—Você não tem nada a temer de mim.

—Você não pode ser assim ingênuo.

Uma coisa ele que nunca foi acusado foi de ingenuidade. Surpreendeu uma risada dele.

—Não ria. Não é engraçado. Eu não farei isso. Não tomarei um companheiro. — Sua voz ergueu continuamente até que ela estava gritando o último antes dela girar e correr.

Ele deu obrigado naquele momento para o estilo de roupas que Abigail tinha convencido Ciara a vestir, porque ela não podia se transformar em seu lobo sem destruí-las.

Mesmo assim, levou mais tempo para pegá-la em sua forma humana do que ele esperava. O medo deu a ela asas nos pés e seu lobo a emprestou graça e destreza quando saltava sobre galhos e raízes de árvore caídas sem um único tropeção.

Ele não pôde evitar admirar sua afinidade com a floresta como outro sinal de sua especial herança Chrechte. Uma vez que ele a alcançou, entretanto, não permitiu que a admiração o fizesse hesitar.

Varrendo-a para cima, em seus braços, ainda quando eles corriam, ele a acomodou contra seu tórax. Ele virou a direção e diminuiu a velocidade para um passeio, voltando para a clareira.

Ciara bateu contra ele, lutando para se soltar. O fato que não ganhou nem a esperança disso, devia ter dito a ela algo sobre o que seus instintos estavam a mandando fazer. Ela lutou, mas não *lutou* com suas habilidades Chrechte ou força, e isso estava falando.

Ainda que ela não visse.

Eirik simplesmente a abraçou apertado, prevenindo-a de se machucar, e fez barulhos de dragão que nunca saíram dele antes de encontrá-la. Seus próprios instintos disseram a ele que os sons pretendiam confortar. O jeito que ela se ajustou contra ele, murmurando para si mesma sobre dragões e companheiros arrogantes que ela não queria, implicava que seu lobo reconheceu a tentativa do dragão de tranquilizá-la.

Quando eles atravessaram as árvores para a área aberta, que era justo como Artair descreveu, Eirik parou. A lua quase cheia banhava a pequena clareira com luz branca que lançava sombras dos topos das árvores.

Eirik não soltou Ciara; ele não tinha nenhum desejo de passar a noite perseguindo-a pela floresta.

—Terminou de fugir?

—Não tomarei um companheiro. — Ela cruzou seus braços e olhou para ele, os verdes de seus olhos tão escuros no luar, pareciam pretos.

—Você me quer.

—Não quero.

Ele balançou sua cabeça.

—Posso dizer quando você está mentindo, lembre-se.

Seu olhar ficou sulfúrico, mas a evidência de seu desejo por ele permaneceu igual forte. Aquela sutil fragrância que dizia que seu corpo estava preparando para ele, provocava seus sentidos, empurrando contra seu controle sobre seus próprios desejos e suas diferentes formas, e quase levando Eirik para seus joelhos.

A teimosia dela seria a ruína deles se ele não tomasse os assuntos em suas próprias mãos.

Palavras não iriam convencer sua teimosa *faolán* de nada. O acasalamento deles era um desejo primitivo, e ele precisava galanteá-la no núcleo de sua mulher lobo.

Ele abaixou sua cabeça e silenciou seus argumentos contínuos, preenchidos como estavam com decepção.

Ela nem acreditava em si?

Ele não pensou que ela podia ser tão iludida, embora Gart tivesse provado tão facilmente que mesmo Chrechte poderiam se cegar para a verdade.

Como ele esperava, apesar de todas as alegações de Ciara do contrário, seus lábios ficaram suaves e separados imediatamente contra o dele. Certamente o desejava. Ela poderia até almejar seu toque tanto quanto ele a tocava.

Terror bateu no coração de Ciara, mas, mesmo o medo que teve tantos anos para crescer forte, não podia subjugar sua resposta natural a seu troca-forma dragão. Seu lobo exigia a chance de tocar e perfumar o homem segurando-a muito perto de seu coração.

Ela separou sua boca da dele em uma última tentativa de desafio.

—Não estou acasalando com você.

As palavras soaram como a mentira que eram, até para seus próprios ouvidos. Seu corpo esticou na direção do homem que seu lobo julgava companheiro, enquanto seu coração batia pela chance de juntar mais do que seus corpos em acasalamento.

Não era justo. Nem certo, que ela devesse estar tão em risco de perda, mas a mais teimosa vontade no mundo não podia negar os instintos e emoções rolando por ela.

Ele riu e sacudiu sua cabeça, como se pasmo com sua audácia, então claramente não enganado por suas melhores tentativas.

—De manhã, você pode me dizer isso novamente.

Ela podia tentar. De manhã, Ciara podia lutar contra as necessidades e instintos do seu lobo, e ela até poderia ganhar por um tempo. Mas ela sabia que, no fundo no seu coração, pela manhã seria muito tarde para esperar retornar à mulher com o coração revestido de pedra.

Hoje à noite, ela cederia ao dragão e ele terminaria o trabalho que começou quando a



primeira rachadura aconteceu no granito em volta de seu coração uma vez quebrado.

Ela reconheceu em voz alta.

— Amanhã será muito tarde.

—Aye, será. — Seu olhar âmbar a desafiava para negá-lo independentemente.

Seu lobo rosnou, não para ele, mas para Ciara e ela sabia que estava perdida. Ela inclinou sua cabeça e reconectou suas bocas, dando sua aquiescência com lábios desesperados.

Ele tomou o beijo como o príncipe dos Chrechte que era, com poder e possessão. Sua boca inclinou mais na dela até que os últimos vestígios de seu medo se afogaram debaixo de sua paixão, e ela podia ter chorado com gratidão. O pavor, com que ela viveu desde a perda final de sua família de nascimento, se tornou um fardo quase muito pesado para suportar.

Continuando o sussurrar sons que ele usou mais cedo para tranquilizá-la, Eirik colocou Ciara em pé. No entanto, ele manteve suas bocas fundidas, seu corpo curvado sobre o dela, seus braços encaixando-a de um jeito que a excitou e a fez se sentir segura.

Ela deixou este sentimento de segurança lavar por ela como uma maré de limpeza. Se ele pudesse lhe dar esta sensação de paz, quase valia a pena a dor que inevitavelmente seguiria.

Terminado de pensar, ela focou completamente nas sensações que ele produziu nela com seu beijo.

Suas mãos foram para o tórax dele por sua própria iniciativa, deslizando sobre os músculos duros e roçando as minúsculas protuberâncias que acharam lá. Seu grande corpo estremeceu no contato e ela teve que fazê-lo novamente, circulando as pontas de seus dedos ao redor dos pequenos mamilos dele.

Então ela traçou as linhas das correntes de couro que seguravam suas bainhas de espada em suas costas. Elas riscavam a pele dourada de seu tórax no modo mais fascinante. Ela seguiu cada linha, roçando de novo os discos marrons de seus mamilos, mas continuando quando explorou a deliciosa combinação do couro e de sua pele lisa.

Com um grunhido, ele rasgou sua boca da dela.

—Faça isso novamente.

—O que? — Ela perguntou com uma voz rouca, que mal reconheceu como a sua própria.

—Toque-me lá. — Ele agarrou uma de suas mãos e a guiou para descansar sobre sua endurecida protuberância.

Ela fez, nenhum pensamento diferente. Circulando e beliscando a carne sensível, ela exultou pelo poder que mostrava sobre este guerreiro gigante, que dividia sua natureza com ambos, o dragão e corvo, quando tremia com cada carícia.

—Sim. — Ele lançou sua cabeça para trás, prazer cauterizado em cada severa linha de seu rosto. —Excite-me como só você pode, *faolán*.

Ela deixou suas mãos explorarem todo lugar que podia alcançar, mas agora as alças de couro de suas bainhas de espada estavam em seu caminho.

—Tire isso.

—Aye. — o olhar que lhe dedicou, fendeu o granito que usava para proteger seu coração.

Dentro de segundos, todas as suas armas estavam no chão dentre fácil distância de alcance.

Não que um dragão que podia parcialmente transformar precisasse de uma espada para derrotar seu inimigo. Suas botas e kilt seguiram suas armas em pouco tempo, e então ele ficou diante ela, gloriosamente nu ao luar.

Capítulo 18



Tudo que o espírito deseja, o espírito ganha.
—KHALIL GIBRAN

Nenhuma sugestão de embaraço ou timidez para este príncipe dos Chrechte. Eirik aceitou a leitura intensamente fascinada dela como sua obrigação.

Mais de trinta centímetros mais alto que ela e tão largo, com músculos que só um bobo desafiaria a este homem na batalha, o olhar de Eirik queimava por ela com promessa.

E com um desafio que *ela* seria uma tola por não reconhecer.

Ele a atraiu para ele sem um único gesto ou palavra, e ela de boa vontade se submeteu ao chamado de sereia do corpo dele, movendo-se para mais perto. Um eco lânguido daquela voz assustada que vivera profundo em seu coração, por tanto tempo, a advertiu que como a da sereia, a canção de desejo deste homem a atrairia para sua destruição.

Mas aquela voz não era alta o suficiente para parar Ciara de se aproximar para tocar no que segurava sua atenção tão assiduamente — a ereção sobressaindo de seu corpo. As pontas dos seus dedos quase não se tocaram circundando-a, mas ele não pareceu se importar, se a felicidade cruzando suas feições dizia algo.

Longo e espesso, o falo duro era grande demais para ajustar dentro dela, ela tinha certeza. Entretanto, seu lobo discutia o contrário, rosnando pela chance de ser empalado pelo príncipe Éan.

Por um momento, Ciara perguntou-se sobre a sanidade de sua besta.

Este momento foi perdido quando a mão de Eirik enrolou ao redor da dela, aumentando a tensão de seu punho. A dicotomia entre seus dedos duros, calejados sobre os dela, e a pele suave, sedosa cobrindo a produzida dureza em baixo, tirou sua respiração.



—É incrível — ela disse em um suspiro, olhando abaixo para o controle conjunto deles na sua ereção.

—Aye.

Ele começou a guiá-la em movimento, levando suas mãos unidas para a base de seu comprimento e empurrando seu prepúcio abaixo, para que a larga cabeça purpúrea piscasse para ela.

—Assim, doce pequena loba.

—Você devia ser vulnerável aqui, mas não parece nada vulnerável. — Ele se sentia quente, duro e forte, em baixo de sua mão.

Ele emitiu um som sufocado que poderia ter sido uma risada.

—Não cometa nenhum engano, até o pau do troca-forma dragão está suscetível a doer com tanto prazer.

—Existe tanto calor — ela sussurrou com maravilha. —Tem certeza de que seu dragão não está preparando-se para soltar fogo novamente?

Dessa vez sua risada não podia ser mal compreendida em nada.

—É uma espécie de fogo, mas te asseguro, não te queimará, *faolán*.

—Oh, acho que queimará. — Seu coração, se não seu corpo.

Ele sacudiu sua cabeça, sua expressão virando mais selvagem do que ela jamais viu.

—Tire suas roupas. — ele exigiu com uma voz gutural.

Ela assentiu, uma vez mais ignorando aquela voz minúscula que tentava lhe dizer que estava nadando em águas muito profundas. Ele trouxe as águas com ele, e elas não retrocederiam, a menos que ele as levasse novamente.

Ela primeiro desfez os alfinetes segurando o pequeno xale sobre seus ombros. Por que devia sentir tão esclarecedor remover um artigo de vestuário que na verdade cobria pano, não pele, ela não sabia, mas, naquele momento, ela se sentiu verdadeiramente indefesa.

O olhar de desejo selvagem dele não ajudou. E, porém, se ele desviasse o olhar dela, ela não poderia continuar.

Ele não desviou e sua blusa foi a próxima. Quando ela a puxou acima de sua cabeça, por um segundo, ela não podia vê-lo e seu coração gaguejou com medo atávico.

—*Faolán*. — Isso foi tudo que ele disse, só chamando-a de sua pequena loba em um tom que se envolveu em torno do seu desejo e respirou chama nele.

E ela estava bem, soltando sua blusa para o chão. Então ela desfez o laço em sua saia pregueada feita para parecer com um plaid do tartan Sinclair e também a deixou deslizar abaixo de seus quadris. Isso deixou somente sua camisa e seus sapatos. Ela sabia que até no luar, sua camisa faria pouco para preservar sua modéstia, ser de tecido fiado muito fino e alvejado tão branco que era quase diáfano.

As mãos dele cerraram e soltaram em seus flancos, como se ele quisesse tocá-la, mas não ousasse.

—Eirik?

Ele assentiu, como se para si mesmo e andou a passos largos para frente, só para cair de

joelhos e curvar-se. Ele desatou suas sandálias, seus dedos demorando em seus tornozelos, seus polegares roçando o lado dos peitos do pé dela. E ela sentiu um curioso puxão em seu tórax olhando abaixo para ele.

Seu lobo sussurrou “*Companheiro*”, e seu coração choramingou, “*Perigoso*”. Tudo que sua boca podia dizer era um “*obrigado*” tão silencioso que ela se perguntou se ele até ouviu.

Mas ele inclinou sua cabeça em acolhida.

—Saia delas.

Ela fez, a única coisa restando entre ela e a nudez total, sua camisa sem manga, quase diáfana.

Ainda ajoelhando diante ela, ele tomou a bainha em suas duas mãos, mas não ergueu.

—Agora isso.

Não era uma pergunta, mas ele ainda não se moveu para remover seu último artigo de roupa.

Então, ela assentiu.

—Sim.

Seu sorriso derreteu um lugar em seu coração que estivera congelado por muito tempo, que ela nem mais sabia que existia.

Confiança pura.

Ele não a machucaria intencionalmente. Ele a protegeria do melhor de suas habilidades, até de suas próprias luxúrias.

Em um momento ela vestia sua camisa e no próximo, não vestia. Então permaneceu nua diante ele no luar, sentindo uma estranha justaposição entre o frescor do ar da noite e o calor de seu corpo muito próximo. Seus mamilos já estavam duros, mas apertaram em cumes inchados que doeram, deliciosamente, com sensações duais.

O alargamento de suas narinas disse que ele notou, mas como poderia não notar? Ele era troca-forma dragão, com sentidos superiores, de longe, a humano e até outros Chrechte.

Ele se debruçou adiante e beijou as pontas de cada, antes de abaixar sua cabeça para que pudesse dar a mesma homenagem a sua barriga, bem abaixo de seu umbigo.

Não parecia sexual, embora eles dois estivessem nus, e ele acabasse de pôr seus lábios em seus seios. Parecia mais como uma bênção, como um antigo rito Chrechte sobre o qual ela não sabia nada.

E tão sagrado quanto o momento parecia, ela não podia abafar a necessidade de voltar a tocá-lo. Talvez porque fazendo isso, pareceria igualmente abençoado.

Ele pareceu ler sua mente, porque ficou em pé com um movimento fluido, sua estimulação roçando por seu corpo quando ele levantou para seus completos quase dois metros de altura.

Os sentidos agudos do seu lobo ficaram cientes de um cheiro almiscarado que ele deixou para trás em sua pele, onde seu pênis tocou, e ela sentiu o grunhido de aprovação do lobo em seu tórax. Sem pensar, ela aproximou e afagou a extremidade de sua seta, onde brilhava com algum tipo de umidade. O fluido quase claro era viscoso e emitia um aroma de dar água na boca.

Ela trouxe seus dedos para sua boca e saboreou, o sabor de seu dragão estourando em sua língua. *Meu*, seu lobo uivou.



—Gosta disto?

—Você deveria perguntar? — Ela consultou, querendo evitar uma resposta e sabendo que ela não conseguiria.

Seu prazer pelo gosto dele tinha que lhe ser muito óbvio, como sua luxúria era para ela.

—Somos Chrechte — ele disse quietamente, mas firme. —Não nos escondemos de nossas naturezas verdadeiras.

Ele poderia não esconder, mas ela gastou sete anos fazendo o seu melhor para conter partes de seu lobo. Ainda assim, ela reconheceu suas palavras com um aceno.

—Preciso de seu toque — ele disse em uma voz grave.

O ar em volta deles tremulava com poder Chrechte, e ela soube que suas bestas estavam perto da superfície. Tão incrível quanto ela achava o dragão dele, e tanto quanto ela queria encontrar seu corvo, neste momento, ela gritaria em frustração se qualquer um assumisse o comando de sua forma. Só havia uma maneira para manter as bestas à distância.

Satisfazer a fome delas.

Ela pegou sua estimulação em ambas suas mãos, dessa vez automaticamente usando o aperto e movimentos que ele a ensinou. Correndo seu prepúcio de um lado para outro, acima daquela endurecida seta, ela achou tanto prazer no ato quanto ele pareceu achar em receber.

—Oh, sim... bem assim, *faolán*.

—Não sou tão pequena. — Ela não era tão alta quanto algumas das mulheres Chrechte, mas nem tão pequena quanto algumas das fêmeas humanas, tampouco.

—Você é minha pequena loba — ele disse sem se desculpar.

E ela não podia discordar. Não naquele momento. Seu lobo simplesmente não a deixaria, nem deixaria aquela parte de seu coração que ele conseguiu revelar.

Ele fez um som do fundo de sua garganta e ela podia dizer que seu controle estava escorregando, entretanto ele não estava mais em perigo de se transformar. Não por isso. Ela aumentou o ritmo de seus movimentos, apreciando o quão liso ele ficou pelo fluido vazando da fenda na ponta de seu pênis.

Seu lobo amou o cheiro e quis outra prova, mas ela não pôde parar de tocá-lo tempo o suficiente para se saciar.

E de repente com um grito, sua ereção pulsou em sua mão e quente ejaculação atingiu seu corpo. Sua cabeça caiu para trás e ela soltou um uivo de triunfo, sua garganta humana emulando seu lobo mais próximo do que jamais fez antes.

Ele a empurrou contra seu corpo e lançou sua boca para baixo na dela, em um beijo tão quente que ela derreteu sob ele. Mesmo depois de sua liberação, sua seta ainda estava dura contra ela e suas mãos estavam ocupadas esfregando sua semente no corpo dela.

Seu lobo entendeu o que ele estava fazendo e aprovou. Eirik a marcou com seu cheiro, de um modo que, inequivocamente, dizia que ela era dele.

—Obrigado — ele sussurrou contra seus lábios. —Agora posso te tomar sem perder o controle nesta primeira vez.

Sua preocupação por ela aqueceu mais aquele lugar no fundo do seu coração.

—Meu lobo gostou disso.

—Eu poderia dizer — ele disse com um sorriso em sua voz.

—Ela quer te cheirar — Ciara admitiu.

—Depois.

Seu lobo ronronou sua aprovação quando as coxas de Ciara apertaram, aquele lugar entre elas pulsando quando ela concordou com um aceno.

—Depois.

Ele espalhou sua pele de cama no chão e o cobertor em cima. Então, sem avisar, ele a pegou e a deitou em sua cama provisória, no chão da floresta.

—Aqui é onde você pertence.

—Em sua cama? — Ela perguntou.

—Aye.

—O plaid e a pele são meus, contudo.

—Então é *nossa* cama.

E por que soou tão bem? Tão perfeito para o seu lobo e para o seu coração?

Ele se inclinou e aninhou contra seu estômago, seus seios, um estrondo satisfeito soando do seu tórax.

—Você cheira como eu.

—Este era o intento, não era?

—Aye. Meu dragão gosta. Meu corvo está gralhando com triunfo dentro de mim.

Suas franqueza e honestidade a pasmaram.

—Você soa meio impressionado. Não acredito que você seja um virgem.

Ele estava sabendo muito, e, além disso, ele implicou isso, mais cedo.

—Não sou, mas minhas bestas nunca almejaram a mesma amante.

Ela percebeu duas coisas de uma vez. A primeira, que ela tinha dois espíritos Chrechte querendo reivindicá-la. Seu lobo envaideceu-se em triunfo pelo pensamento.

A segunda compreensão de Ciara não foi tão agradável — *ela não gostou de ouvir sobre as outras mulheres dele*. Quando seu lobo rosnou seu desgosto pela importância secundária de suas palavras, ela nem tentou mantê-lo dentro.

—Você não gosta de saber que fiz sexo com outras. — Ele soou satisfeito por aquela observação, para o gosto dela.

Mas ela não podia negar.

—Não.

Não faria nenhum bem com o modo que ele podia cheirar seus enganos.

—Os Éan não são muito limitados sobre os atos sexuais entre Chrechte como o bando do seu pai — Eirik lembrou a ela.

As palavras não fizeram nada para acalmá-la. O bando Donegal não foi, tampouco, mas as próprias visões de Ciara eram exatamente assim. *Dela própria*. Ela não esperava que outros as compartilhassem, mas nem podia ele esperar que a diferença entre seus pontos de vista não trouxesse a ela nenhuma dor, também.

—Minha mãe me ensinou que sexo é um ato sagrado. — Os ensinamentos de Abigail sustentaram



aquela convicção.

—Pode ser — Eirik disse em uma concordância surpreendentemente fácil. —Será entre nós.

—Eu... — Ela tentou rolar para longe dele, um poço vazio abrindo dentro dela, desejou que *ela* pudesse ignorar. —Talvez devêssemos...

Mas ele a segurou rápido e aninhou em seu pescoço.

—Devíamos tomar parte deste *ato sagrado*. Nunca foi deste jeito para mim antes. Nunca marquei outra com meu cheiro.

—Você a marcou quando gozou dentro dela. — E ela ainda não tinha nenhuma ideia sobre quantas *elas* eles estavam falando, não tinha certeza se alguma vez *quis saber*.

—Nunca permiti que minha semente derramasse dentro de outra mulher. — Ele se inclinou sobre ela, seus olhos exigindo que ela acreditasse nele.

Ela nunca ouviu falar de tal coisa, embora seu conhecimento real de sexo fosse bastante mais limitado do que ela implicou, mais cedo, em sua conversação.

—Como você fez sexo então?

—Com as mãos e bocas.

Como eles acabaram de fazer? O pensamento a fez mal. Ela tentou se afastar dele novamente.

Mas ele segurou rápido, forçando seus olhares a se trancarem com a força absoluta de sua vontade.

—Não me rejeite como seu companheiro porque não posso vir para você tão intacto quanto você vem para mim. Nunca marquei nenhuma outra com meu cheiro. Nenhuma além de você jamais terá permissão para esta parte de mim.

Suas palavras eram um voto, mas, ainda assim, ela doía por dentro.

—Você não deixou sua essência derramar naquelas outras mulheres? — Não a esfregou em suas peles como fez com a dela.

—Não. Eu nunca quis.

—Mas...

—Fazer isso teria sido reivindicá-las para meu dragão, para meu corvo. O que eu não faria.

A inteira importância de suas palavras afundou e ela balançou sua cabeça, refutando o significado delas, mas sabendo que não havia nenhum modo de desfazer o que fora feito. Soubera desde o primeiro toque deles esta noite.

Não obstante, ela disse:

— Não estou tomando você como companheiro. — As palavras saíram vazias e nem ela pôde acreditar nelas, não importando o quão duro ela tentou.

—Você já tomou.

—Não. — Ele a reivindicou, mas ela não o reivindicou de volta. Não é?

—Seu lobo sabe.

—Não. — Foi tão bom quanto o feito, mas não estava acabado. Ainda não. Estava?

—Amanhã.

—O que?

—Podemos discutir amanhã. Agora mesmo, deixe-me ter você. Por favor, Ciara? — A súplica em sua voz a tocou como nada mais poderia ter.

Ela estava certa de que ele nunca imploraria a outra mulher.

Ela se aproximou e tocou seus lábios com maravilha.

—Os príncipes dizem por favor?

—Para você, este príncipe dirá. — Ele empurrou sua dureza contra o quadril dela, fazendo-a ciente do desejo o dirigindo. —Só para você. Minha companheira.

—Amanhã. — Ela sabia que a palavra prometia muito mais do que ela queria, mas estava impotente para se negar a ele.

Ou a si mesma.

Ele começou a beijá-la novamente, sua boca exigindo que ela se submetesse à reivindicação. Ela o beijou de volta com agressão, dizendo a ele, com seus lábios, que ela não era a única que estaria se submetendo a uma reivindicação, esta noite.

Ele retumbou contra ela, e ela sorriu para seu dragão fazendo sua presença conhecida, mas quando Eirik quebrou o beijo para esfregar pescoço com pescoço, ela soube que era seu corvo dando sua aprovação ao acoplamento deles. E lágrimas de inexplicável alegria picaram seus olhos.

Permitindo a seu lobo seus próprios desejos, Ciara empurrou contra ele com seu corpo, contorcendo contra ele, misturando seus odores, e deleitando no prazer de pele na pele. E o beijo continuou, seus lábios mordiscando um ao outro, a língua dele invadindo a sua boca, a sua empurrando de volta para saborear a dele.

Suas mãos começaram a mover sobre ela, as mãos do grande guerreiro que acariciava com uma gentileza que não devia ter sido possível. Ele roçou seus dedos abaixo seu pescoço, sobre sua clavícula, por seu ombro, abaixo seu braço; e em todos os lugares que ele tocou, ele deixou uma prazerosa tempestade de fogo em sua esteira.

Ele pôs as mãos em concha em seu seio, seu polegar alisando sobre seu mamilo inchado e ela uivou pelo prazer. Ela não podia não mais se ajudar do que podia parar de respirar. Aquela pequena carícia passou limpa por seu corpo e aterrissou em seu útero com uma convulsão de desejo.

E Ciara sentiu um vazio em seu núcleo que ela sabia que só ele poderia encher.

Seus quadris se moveram inquietos, suas coxas se separando um conhecido convite que ela não poderia ter impedido, se tivesse tentado.

Uma grande mão deslizou para baixo e aceitou o convite, afagando aquele lugar que ninguém nunca tocara antes.

—Você está molhada — ele sussurrou em sua orelha.

Ela não soube o que dizer àquilo. A fragrância de seu desejo por ele era inegável, e ela podia sentir a umidade entre suas pernas tão seguramente quanto podia sentir a batida de seu próprio coração tão rápido em seu tórax.

—Suave, macia... tão quente. — Cada palavra acompanhada de outra suave carícia na carne oh-tão-sensível. Então seu polegar bateu num lugar que a fez gritar com a agudez do prazer.

—Assim mesmo, *faolán*. Cante para mim.

Ela ofegou.



—Os lobos não cantam.

—Não cantam? — Ele roçou aquele lugar novamente, dessa vez com um turbilhão de movimento que prolongou o prazer intenso.

E ela uivou.

Ela se moveu contra sua mão, querendo algo, não certa do quê.

—Por favor, Eirik...

—O que você quer, doçura?

—Não sei.

—Eu sei.

Ela desesperadamente assentiu. Ela tinha certeza de que ele sabia.

Um brusco dedo do guerreiro violou seu corpo, deslizando dentro e a reivindicando em outro nível.

—Sim... mais... eu quero que... — ela murmurou quando ele moveu aquele dedo, fazendo seu corpo sacudir com encanto.

Ele apertou fundo, atingindo algo dentro dela que doeu, e ela se encolheu para longe. Ele puxou seu dedo de volta, mas não o comprimento todo.

—Esta é sua virgindade, *faolán*. Meu pau romperá a barreira e você será minha.

Ela não discutiu. Qual seria o ponto? Eles dois sabiam que as palavras seriam mentira.

E ela queria isto. Ele dentro dela onde nenhum outro homem jamais seria permitido.

Ele veio para cima dela, sua tencionada estimulação friccionando entre suas coxas e dando prazer naquele lugar que ele achou muito infalivelmente com seu dedo.

—Aceita-me em seu corpo, Ciara?

Reconhecimento do início do rito de vinculação Chrechte enviou alarme espiralando por ela com o prazer. Ela aceitou que eles juntariam seus corpos, mas isso era mais do que um acasalamento físico. Ele estava exigindo que ela se comprometesse com ele até morte.

Esta chocante realidade que reivindicava todos, muitos daqueles que ela já amou.

Ela quis negar a ele, precisava afastá-lo, parar isso antes de continuar e das ações deles guiarem para conclusões inevitáveis, apavorantes.

Mas ela não podia. Aquela parte de seu coração que ele devolveu à vida não deixaria.

Ele não a machucaria. A morte era uma mestra cruel, mas seria menos uma crueldade perdê-lo sem os votos?

E ela sabia, naquele momento, que não seria.

Ela o amava com cada pedaço de seu coração, que estivera quebrado e curado pela melhor de sua habilidade.

Ela não era nenhuma tola. Não acreditava que, por tudo que Eirik a quisesse, que ele a amasse também, mas seu coração pertencia a ele. Votos falados ou não.

Ele esperou acima dela, seu corpo atraindo calafrios de felicidade dela.

—Eu estou... só se supunha ser... amanhã... — As palavras saíram tão deslocadas quanto seus pensamentos.

Ele roçou seus dedos abaixo sua bochecha.

—Shh. Não faça isso complicado. Seu lobo sabe o que ela quer. Você sabe o que *you* quer.
— Ele impulsionou para baixo com seus quadris, fazendo sua estimulação apertar tentadoramente contra sua carne mais sensível, tirando um gemido de desejo dela. —Diga-me que você me aceita em seu corpo.

Capítulo 19



Devia-se acreditar em casamento como na imortalidade da alma.

—HONORÉ DE BALZAC

Ciara abriu sua boca para negar, apesar de seu novo conhecimento interno, mas...

— Sim, eu te aceito — saiu ao invés. E no antigo idioma dos Chrechte.

Lágrimas de medo seguiram um caminho abaixo de suas têmporas, entretanto, um sentimento de exultação também a encheu.

Ele beijou suas têmporas, sorvendo suas lágrimas e sussurrando palavras de conforto em Chrechte, antes de dizer:

— Junto meu corpo com o seu. Dou meu dragão para você. Você é a guardiã do meu corvo.

—Abandono todos os outros por você. — O que pelo menos era uma promessa fácil de fazer. Ela nunca permitiria a outro tocar em seu coração ou em seu corpo do modo como Eirik fez.

—E eu dou a minha semente só para você.

Ela queria que promettesse que, como ela, nunca quis o risco de ter crianças. E uma parte dela, que ela enterrou há muito tempo, renasceu desejando um bebê com os olhos âmbar e o porte real do Eirik.

—Agora e para sempre.

—Agora e para sempre — ele repetiu. E então ele se moveu para que a ponta brusca, ampla de sua masculinidade apertasse contra sua abertura. —Minha. Desta noite em diante.

—Sua.

Ele empurrou para frente, estirando-a, enchendo-a, fazendo de suas palavras verdade, de



um modo que ela nunca mais poderia negar.

Seu lobo ronronou em aprovação, apesar da dor enfadonha dele apertando contra a barreira dentro de seu corpo. Ela balançou seus quadris, permitindo-o penetrar mais longe, e ela sentiu o rasgar da sensação dentro, que significava que seu corpo não era mais inocente dos desejos carnisais. Entretanto, se verdade fosse dita, não fora desde seu primeiro beijo.

Ela lutara contra isso, mas este resultado foi inevitável desde o roçar inicial de seus lábios contra os dela.

Ela não reclamou sobre a dor porque o prazer já lutava por supremacia em seu corpo. Ele continuou a pressionar continuamente para frente, seu rosto mostrando a tensão da lenta penetração.

Ela levantou as mãos e as pôs em concha na bochecha dele. —Nós estamos juntos.

Ele se transformou no toque e, uma vez mais, seu lobo ronronou.

—Nós somos um — ele respondeu em Chrechte antigo.

Ela ofegou, suas palavras indo por ela com o poder do trovão em uma tempestade de inverno. Ele alcançou além dela e somente quando ele se movimentou novamente ela pôde ver por que. Ele agarrou seu punhal.

A lâmina afiada brilhou no luar.

—Derramamos sangue para consagrar nossa união. — Novamente ele falou no idioma do povo deles.

Suas palavras, a única advertência que ela conseguiu, antes dele cortar a palma de sua mão e então esperar por ela oferecer a sua mão. Era um rito tão antigo, que poucos Faol até sabiam sobre ele.

Sua mãe disse a ela uma vez, contudo, em suas loucas divagações depois da morte do pai da Ciara. Sua mãe descreveu a vinculação de suas almas neste rito. Ela estava insensível com pesar, mas afirmava valer a pena toda a dor que veio depois.

Ciara olhou para o sangue que escorregava da mão de Eirik sobre seu pulso, e soube que ele pretendia que o acasalamento deles fosse tão sagrado e verdadeiro quanto possível, para os Chrechte. Ela não sabia se era uma coisa Éan, ou porque ele era um príncipe, mas sua expectativa era clara.

Ela derramaria mais do que o sangue de sua virgindade esta noite.

Ele não a apressou, mas ainda permaneceu sobre ela, sua dureza enchendo seu núcleo feminino, seu corpo cobrindo o dela em posseção e proteção.

O tempo para tentar conter-se passou. Com solenidade que ela só experimentou quando espalhou as cinzas de sua família, Ciara ergueu sua mão, a palma para cima. Eirik não sorriu, mas sua aprovação ardeu em seu olhar âmbar.

Ele cortou uma picada minúscula em sua palma, nem mesmo um décimo do corte que ele fez nele mesmo.

Mas seu sangue brotou e ele apertou suas palmas juntas. Seus sangues se misturaram, ficando anormalmente quente entre suas palmas. O vento rodou em volta deles, em uma lufada de ar, folhas e outros detritos soltos do chão da floresta, embora nada além do ar tocasse neles. A

luz carmesim relampejou e depois a luz branca que acompanhava sua transformação em lobo.

Ela sentiu como se fosse atingida por um raio, seu corpo inteiro queimando. Mas não doía; era um prazer tão grande, que ela não estava certa de que pudesse aguentar.

A cabeça de Eirik estava lançada para trás, seu rosto contorcido com êxtase quando ela sentiu seu calor estender dentro dela. Seu corpo se convulsionou, seu útero enchendo, suas paredes vaginais sujeitando sobre a seta dele tão firmemente que ele não poderia ter-se movido, estivesse ele realizando o esforço para fazer assim.

Ela sentiu o dragão dele, o poder, o fogo, a força e a necessidade para ela. Então o corvo, os sentidos agudos, a alegria em voar e a aversão em matar em conflito com os instintos predatórios do dragão. O corvo concordava com o dragão em sua necessidade por ela, todavia.

Seu lobo se aproximou para acalmar ambas as bestas, compartilhando sua própria necessidade de caçar, correr sob o luar e marcar o que era dela.

—*Somos verdadeiros companheiros.* — Ela ouviu as palavras em seu timbre rico, no fundo de sua cabeça, o único som em volta deles o ainda forte vento.

—Não posso negar isso.

Embora ela quisesse, seu medo cortou no conhecimento que Ciara estava mais perdida do que sua mãe jamais estivera. Porque em todas as suas descrições do ritual de acasalamento, sua mãe nunca mencionou nada tão profundo ou de acontecimento mágico.

O dragão cantarolou para ela, o suave gralhar do corvo juntando-se para confortá-la.

Ela olhou fixamente nos olhos de Eirik.

—Nossos espíritos Chrechte se juntaram.

—Para nunca serem separados. — Apenas quando ele falou o voto em Chrechte, fê-la perceber que ela disse as palavras de confirmação.

E de repente, o prazer entre eles começou a aumentar novamente, espiralando para cima quando ele começou a se mover, empurrando nela com poder controlado.

Ele a reivindicou então, em um ato tão antigo quanto o tempo.

Quando os dois alcançaram o clímax pela segunda vez, ela sentiu um calor chamuscando sua palma. Ela puxou sua mão da dele e viu que a pequena picada já fechara.

Ela agarrou a mão dele e olhou, só para achar uma fina cicatriz, em vez de um ferimento aberto em sua palma.

Ele sorriu, seu ser inteiro inundado com satisfação.

—Nosso acasalamento foi abençoado.

—Sim. — Ela só podia esperar que significasse que ele não seria encurtado.

—Você dormirá agora.

Tão letárgica que não podia imaginar fazer qualquer outra coisa, ela só suspirou algum tipo de acordo. Deixou-o se preocupar sobre consegui-los estabelecidos; seu corpo já estava relaxando no sono.

Ela despertou nos braços do seu dragão, outro descanso noturno desimpedido por sonhos da pedra sagrada.



Ciara deu a sua tia adotiva, Emily, notícias da família, mensagens e presentes de Abigail, enquanto Eirik e o Balmoral saíram para discutir os Éan que fizeram da ilha o seu lar. Depois de muita bajulação pelo menino, eles concordaram em tomar Feth, filho do Lachlan e Emily. Nomeado por um antigo rei Chrechte, mas meros sete anos, ele estava longe de ter a estatura do seu pai alfa. No entanto, Feth já estava perto de igualar o porte de Lachlan.

Os homens planejaram verificar aqueles Éan vivendo perto também, então Ciara não esperou o retorno deles em breve. Ela entendeu a necessidade de Eirik de verificar seu povo, mas ela lutou com o desejo de se mover adiante em sua busca. Era uma coceira debaixo da pele, que ela estava fazendo o seu melhor para ignorar.

Lais partiu para solicitar o curandeiro Éan que o treinou, levando Mairi junto, sob o disfarce de querer que o outro curandeiro a examinasse. Mas Ciara não foi enganada, e duvidou que o príncipe dele fora, também. A águia não queria a não troca-forma Chrechte fora de sua vista, e era isso.

Emily pôs de lado a carta de sua irmã para ler mais tarde, e tomou a mão de Ciara na sua.

—Como você está aguentando sob tudo isso?

O Balmoral quase não mostrou a surpresa pelas notícias do *Faolchú Chridhe* como o pai de Ciara fizera. Emily, surpreendentemente, estivera aceitando também, quando Ciara lhes contou a sua história. Embora sua tia evidenciasse preocupação pela parte de Ciara na recuperação da pedra, ela concordou que o *Faolchú Chridhe* devia ser encontrado.

Ciara encolheu os ombros.

—Não sei. Eu escondi meus segredos por tanto tempo, e agora eles são revelados.

Da mesma maneira, ela estava certa de que seu acasalamento na noite anterior não era mais secreto. Não depois do olhar sulfúrico que o laird Balmoral deu a Eirik na sua chegada ao forte.

Ciara tomou banho em um riacho na floresta, mas foi incapaz de lavar o cheiro de Eirik completamente. E seu lobo recusou a deixá-la até tentar.

Não que teria feito nenhum bem. Eirik deu a ela um incendiário beijo antes dela estar vestida, roçando seu corpo contra o dela de um jeito que era completamente aprazível. Posteriormente, ambos estavam marcados inequivocamente com o cheiro do outro.

Dragão teimoso.

Neste mesmo minuto, ele estava provavelmente informando a seu tio adotivo que eles acasalaram no modo correto dos Chrechte. Insuficiente de o amarrando e o amordaçando, Ciara tinha certeza de que não poderia ter parado o príncipe, que a considerava sua, de fazer isso. Mas a tentação de fazer exatamente isso foi forte a não passados quinze minutos.

—É difícil esconder qualquer coisa entre os Chrechte. — Emily apertou as mãos da Ciara e as soltou. —Eu tive que aprender que há lugar para limites normais, ou embaraço sobre coisas que eles não podem evitar saber.

—Como o que estivera fazendo quando Lachlan te levou para um inesperado passeio na floresta, no meio do dia? — Ciara perguntou, lembrando uma história que Abigail contou a ela.

Emily corou, mas não houve nenhum odor de embaraço verdadeiro saindo dela.

—Exatamente assim.

Ciara olhou para onde a filha de Emily bordava um pano com sua prima e a irmã de Talorc, Caitriona, debaixo da janela, maior que o normal, do solar. A mulher loba parecia estar focada nas meninas e no projeto delas, mas Ciara sabia que sua outra tia ouviu cada palavra que ela e Emily partilharam. Além disso, ela estava, sem dúvida, escutando com interesse agudo.

As jovens meninas, por outro lado, não desenvolveriam os sentidos Chrechte mais fortes até suas primeiras transformações. E pelo que Niall disse, a filha de Lachlan e Emily nunca faria isso. Ele e seu gêmeo, Barr, tinham a habilidade de sentir se um bebê no útero era lobo, humano ou dos Éan, ou assim eles afirmavam. E Niall declarou a Abigail que Caitriona, de nove anos, era completamente humana.

Ninguém saberia isso do modo que o pai mimava seus filhos igualmente. Laird Lachlan adorava sua filha humana tanto quanto seu filho Chrechte, e se assegurava que todo mundo soubesse.

—Não precisa dos sentidos realçados do lobo para saber que algo aconteceu entre você e o príncipe Éan — Emily disse em um tom suavemente inquiridor.

Ciara não soube como responder. Ela ainda estava chegando a um acordo com seu acasalamento e definitivamente não estava pronta para falar sobre isso. Caitriona deu a ela um olhar de compaixão, como se soubesse exatamente o que Ciara estava pensando e sentindo.

Talvez ela soubesse. Ciara não estivera mascarando ativamente suas emoções desde a partida dos homens.

—Como estão os meninos? — Emily perguntou, como se nunca tivesse feito o importante comentário sobre Ciara e Eirik.

Ciara forçou um sorriso. Não foi tão difícil. Os pensamentos sobre os gêmeos sempre a fez feliz.

—Tão cheios de problemas como o pai deles.

Proferindo um som de desagrado, Emily balançou sua cabeça, seus cachos longos, marrons dourados balançando contra suas costas. —Você sabia que eu vim para as Highlands para proteger minha irmã do horror de ser casada com Talorc?

Caitriona riu, provando que ela tinha realmente escutado.

—Se ela não sabe, ela é surda. Os guerreiros do meu antigo clã ainda fofocam como avós sobre o dia que você o comparou a uma cabra.

—Eu, eventualmente, concedi que ele não era tão ruim — Emily ofereceu em sua própria defesa, mas o riso em sua voz disse que a memória divertia mais do que a preocupava.

Ciara ouviu pequenos pedaços da história. Como Caitriona disse, como ela poderia não ouvir?

—Engraçado como você veio ao norte para se tornar a esposa do meu pai, mas terminou como senhora do Balmoral.

Caitriona tomou uma respiração afiada e Emily olhou para Ciara com a expressão cheia de energia que ela normalmente reservava para seus filhos.

—Você chamou Talorc de seu pai.

Ela encolheu os ombros.

—Ele é.



Caitriona riu com sua cabeça lançada para trás.

—Você pode não compartilhar seu sangue, mas é parecida com ele, ninguém poderia duvidar que é filha dele.

As palavras fizeram Ciara quente por dentro e ela não hesitou quando Emily indicou que elas deviam se juntar à Caitriona e às meninas, nas cadeiras debaixo da janela.

—É uma boa coisa que Talorc recusou a se casar comigo — Emily disse quando ajustou seu plaid. —Nós teríamos matado um ao outro, estou pensando. E minha irmã nunca conheceria a felicidade que conhece agora.

Ciara pôde fazer nada além de concordar. Ela encontrou poucos pares tão perfeitamente adequados quanto sua mãe e pai. Entretanto, ao ouvir Abigail dizer isto, o primeiro ano deles foi mais acidentado do que os precipícios da Ilha Balmoral.

Emily deu a Ciara um lenço para bordar, antes de começar a estudar seu próprio projeto.

Ciara o aceitou gratamente, feliz por ter algo para fazer com suas mãos, quando a necessidade de estar na procura da pedra a deixava nervosa.

—Você tinha outra irmã, não tinha?

Qualquer tópico era melhor do que dar voltas no ancião, que Talorc os mandou para que conversasse, poderia ter a dizer. Laird Lachlan sabia exatamente o que Talorc pretendia. Boisin era um velho com uma grande família, que sabia todas as histórias antigas e as compartilhava com qualquer Chrechte que escutasse.

Ele deu a entender ser um mestre contador de histórias, então a maioria dos Chrechte, velho e jovem igualmente, perderam tempo na cabana dele, no curso de um ano.

—Tínhamos. —Emily franziu o cenho, suas memórias da outra mulher claramente não afeiçoada. —Ela não era gentil para Abigail. Jolenta era a favorita da nossa mãe, uma vez que Abigail perdeu sua audição pela febre.

A mãe adotiva de Ciara nunca falou de sua família na Inglaterra e a mulher lobo pensou que conhecia o porquê. Abigail se recusava a falar mal dos outros, mas claramente havia pouco bem a dizer sobre a família que ela deixou para trás.

—Diga a Ciara o que aconteceu com a vã tolinha — Caitriona sugeriu com um sorriso nada-bem-escondido.

Emily deu a sua irmã do coração um olhar reprovador.

—Ela se casou com um barão inferior. Sybil escreveu sobre as núpcias quando aconteceram. Suponho que ela pensou que nós estaríamos ciumentas.

—Ciumenta, sobre ser casada com um inglês? — Ciara perguntou com descrença atordoada.

Ambas, Caitriona e Emily riram, e Emily disse:

— Eu fui inglesa uma vez. Não é completamente o mal que tantos nas Highlands acreditam que é.

—Não é isso que eu queria que você contasse à nossa querida sobrinha sobre a vã Jolenta, e você bem sabe.

Emily suspirou, mas deu à sua amiga querida, outro olhar castigador antes de falar.

—Ouvimos que Jolenta estivera comprometida com um lorde de posição muito mais

elevada, mas ele se retirou do acordo.

—Ela foi pega inteiramente jogando os jogos da corte com outro cavalheiro. — Caitriona encolheu os ombros, parecendo, ela mesma, bastante como Talorc. —Não entendo estes jogos de corte, e só estou contente que meu irmão nunca mandou que eu vivesse entre a comitiva da rainha da Escócia.

Ciara só podia concordar. Os últimos sete anos foram bastante difíceis; tê-los gasto na companhia de pessoas que consideravam a verdade, ingenuidade, e o engano, uma arte, era inconcebível.

—Ela lutou contra o acasalamento, então? — Lachlan perguntou a Eirik, diversão clara em seu tom.

O homem mais velho não estava divertido quando eles começaram a sua discussão, mas depois que Eirik disse a Lachlan que ele e Ciara falaram seus votos de acasalamento, apesar dos antigos protestos dela, o poderoso laird relaxou.

—Aye. Ela não queria um companheiro. — Eirik estava bastante certo de que ela ainda não queria.

—Talorc disse isso tudo.

Eirik não ficou surpreso por descobrir que os dois lairds discutiram sobre Ciara. Ambos gostavam dela, um como pai, o outro como tio. E os dois homens eram amigos muito mais do que a aparência poderia implicar.

—Não obstante, ela falou seus votos com convicção. — Ele não teve nenhuma intenção de compartilhar a incrível magia Chrechte que assistiu seu acasalamento, entretanto. —Nós estamos bem combinados.

—Talorc deve concordar ou ele não teria permitido que ela te acompanhasse nesta busca, sem vir ele mesmo, ou, no mínimo, enviando Niall junto.

Eirik considerou as palavras do Balmoral e franziu as sobrancelhas. O furtivo lobo alfa Sinclair soube desde o princípio que Ciara era sua companheira.

—Ela não podia fazer melhor do que um dragão por seu protetor.

—Até o Chrechte mais poderoso faria um pobre companheiro para a filha do homem, se ele também não fosse um bom homem.

Foi um elogio inesperado e Eirik deu a ele o mudo reconhecimento que merecia.

—Você enviará um mensageiro para informar a Talorc do acasalamento?

—Aye, isso é o casamento.

Eirik não perguntou:— Que casamento? — Ele não era nenhum idiota. Mas ele advertiu o tio da sua companheira:

— Ela recusará.

—Eu tenho um jeito com noivas relutantes. — Lachlan sorriu ironicamente.

Pensando no que ele ouviu falar das próprias núpcias do outro homem e daquela do seu segundo-no-comando, Eirik teve que concordar. O Balmoral sabia como lidar com uma noiva relutante.



O laird se provou como perito com uma obstinada fêmea, quando Eirik suspeitou umas horas mais tarde, quando eles acharam as mulheres conversando no solar, depois das visitas breves com os Éan que viviam próximo ou no castelo.

O Balmoral anunciou que o casamento ia acontecer antes que Ciara e Eirik pudessem partir para encontrar o ancião, Boisin.

—Que casamento? — Ciara perguntou, provando que estava disposta a fingir ser mais estúpida do que era.

—O casamento entre você e Eirik, moça.

—Mas, Laird Lachlan...

—É Tio Lachlan e você sabe bem.

—*Tio Lachlan* — ela disse, arrastando o nome com mais sarcasmo que um guerreiro ousaria usar com o laird autoritário. —Não vai existir qualquer casamento.

—Claro que vai, moça. O padre está aqui agora para realizar o ritual.

E, realmente, o homem acabou de entrar no solar quase correndo. Ele parou na frente do Balmoral.

—Fui informado de que havia um assunto urgente para sua família que precisava da minha atenção.

—Aye. — O laird indicou Ciara e Eirik com um varrer de seu braço. —Estes dois vão se casar.

—Agora? — Para seu crédito, o padre não soou tão chocado pela demanda de seu laird, mas obviamente precisando de esclarecimento.

Não havia nenhuma entrega na expressão do Balmoral.

—Aye, agora.

—Não, agora não — Ciara inseriu.

Seu tio girou para enfrentá-la.

—Você envergonharia seus pais, minha própria irmã e irmão por casamento, recusando-se a seguir seu acasalamento com um casamento adequado?

Em vez de respondê-lo, Ciara girou para enfrentar Eirik.

—Seu linguarudo. Nosso acasalamento não é um pedaço de fofoca para dois guerreiros mastigarem.

—Preferia que ele acreditasse que eu tomei sua inocência sem o benefício de nossos votos Chrechte?

A boca de Ciara abriu e fechou e abriu novamente.

—Você não tinha que dizer nada a ele.

—Posso respeitar sua obstinação; é quase encantadora. Mas não desempenhe o papel de boba. Seu tio estava ciente do que aconteceu entre nós no momento em que chegamos ao forte.

—E de quem é a culpa? — ela exigiu com um olhar.

—Não tenho certeza, Ciara. Achei que dividimos igual culpa. Está afirmando que não fazemos?

—Você está dizendo que o príncipe Éan forçou suas atenções em você? — O Balmoral perguntou com uma calma perigosa.

Toda cor drenou-se do rosto de Ciara quando ofegou.

—Não foi isso o que eu disse.

—Então, *foi* mútuo? — o Balmoral pressionou.

Sangue surgiu de volta nas bochechas de Ciara e ela girou sua carranca para seu tio.

—Sim. — ela disse entredentes.

—Então o casamento começará.

—Não, espera. Eu... não podemos nos casar sem a aprovação do meu pai.

—Ele deu aprovação para o acasalamento quando ele te enviou nesta jornada sozinha com Eirik.

—Nós não estamos sozinhos. — O olhar da Ciara voou para onde Mairi agora se sentava em uma cadeira ao lado de Caitriona e Lais uma vez mais permanecia de sentinela atrás dela. — O troca-forma águia e a vidente nos acompanha.

Ela falou livremente na frente do padre, embora o homem soubesse todos os segredos do seu rebanho. Era esperado.

Lachlan não pareceu impressionado com seu argumento, porém.

—Mas se seu pai objetasse a Eirik como seu companheiro, *ele* teria vindo também.

—Ou enviado Niall — Ciara disse com compreensão surgindo e inconscientemente ecoando as antigas palavras do seu tio. Ela franziu o cenho. — Meu pai esperava isso.

—Aye, moça.

—Mas eu não quero me casar.



Capítulo 20



Amor é, frequentemente, a fruta do casamento.

—MOLIÈRE

—Eu não queria, também, mas produziu-se — Caitriona disse com um sorriso.

—No que diz respeito a esse assunto, eu não tive nenhuma intenção de casar com Lachlan, mas o homem tem um jeito com ele. — O sorriso de Emily desmentiu as picantes histórias que Eirik ouviu sobre o namoro do par e o início volátil do casamento deles.

A respiração da Ciara saiu em pequenas arfadas apavoradas. —Não é o mesmo.

—Estou enviando um mensageiro para seu pai. — O Balmoral cruzou seus braços sobre seu tórax volumoso e pareceu tão movível quanto uma pedra. —Ele pode levar as notícias de seu acasalamento e casamento, ou só seu acasalamento. É sua escolha.

O horror que caiu sobre o semblante de Ciara teria divertido se Eirik não pudesse ver o medo e a dor genuína debaixo dele, também. Ela estava apavorada com a probabilidade de casamento. Com ele.

Ele não gostou. Ele não entendeu. E ele não permitiria.

Ele se moveu para estar na frente dela, para que ela pudesse ver nada além dele. Segurando sua nuca sob suas tranças marrom, ele apertou com reafirmação e encontrou seu perturbado olhar esmeralda.

—Você já falou os votos que mais importam. Não há nada para temer em adicionar a bênção do padre à nossa união.

—Eu não queria um companheiro — ela sussurrou, umidade vitrificando seus olhos.

Aye, ela fez isso claro o suficiente.

—Mas você tem um.

—Sim.

—Eu seria seu marido também.

—É o modo das coisas — ela concordou com pouco entusiasmo.

Ele se inclinou para suas frentes se tocarem.

—Aye.

—Não parece certo que Abigail e Talorc não estejam aqui para testemunhar. — Havia tristeza verdadeira demais nas palavras de Ciara para Eirik acreditar que ela meramente estava tentando adiar a formalidade.

—Nós pediremos a minha avó para vir para a terra Sinclair para officiar no ritual público de um acasalamento Chrechte em nosso retorno.

—Promete?

—Prometo.

—Tudo bem.

Ele ergueu sua cabeça e beijou o topo da dela.

—Será.

Ela encolheu os ombros e isso o aborreceu.

—Você não está concordando simplesmente para evitar que seu pai me desafie. — Tão efetivos quanto os métodos do Balmoral, Eirik queria acordo irrestrito da mulher que prometeria, diante de Deus e do homem, a dividir sua vida com ele. —Eu não o mataria.

Ela ergueu seu olhar para encontrar o dele, suas profundezas verde escuras com certeza.

—Eu sei.

—Bom.

—Eu não o envergonharei.

Eirik gostou daquela razão ainda menos que seu acordo para o casamento sem medo.

—Não há nenhuma vergonha em ser minha companheira.

—Nós temos que discutir isto agora? — Ela perguntou, inclinando sua cabeça em direção ao outros no quarto, como se ele esquecesse que eles estavam lá. —Se vamos suportamos a bênção do padre, é melhor que acabemos com isso logo.

Eirik teve um impulso irracional de cancelar a coisa toda, mas o abafou. Qualquer que fossem suas razões, Ciara concordou em ligar sua vida à dele. Era um ponto de partida.

Com o tempo, ela viria a entender o quão bem eles estavam combinados. Ele não permitiria nenhum outro resultado.

As mãos de Ciara estavam frias quando as colocou nas do Eirik, antes do padre falar sua bênção no casamento deles. As palavras em latim voaram sobre sua cabeça, sem registrar quando ela lutou contra seus demônios internos sobre este casamento.

Ela concordou, não sem medo do desafio ou de sua vergonha, como Eirik pensou. Claro que ele estava certo, que tipo de vergonha pode existir em acasalar com um Chrechte tão forte e leal? Ela estava orgulhosa, se apavorada, ao reivindicá-lo para ela própria.

Mas ela não teria... se tivesse a escolha. Só ela não teve. Ela soube disso na noite anterior. Seus instintos para lutar contra os títulos adicionais entre eles, que este casamento criaria, dirigiu



sua negação inicial, mas ela não era nenhuma tola.

Não mesmo. E agora que os votos Chrechte foram ditos, não existia nenhuma volta.

Ela estava acasalada. Se Ciara perdesse Eirik, ela poderia bem perder sua mente como sua mãe perdeu, mas a opção de viver sem ele não era mais aberta à Ciara, tampouco.

Ela só podia esperar que ficar grávida se provasse difícil, como se provou para tantos Chrechte. Ela precisava de tempo para superar um terror antes de empreender outro. E ela estava longe de conquistar o medo de ser acasalada, nascido dentro dela.

Mas o amor era uma emoção que não seria negada, não importa quão duro ela tentou. Ela amava sua família adotiva tanto como a de seu nascimento. E ela amava seu companheiro com tudo em sua alma.

Não era meramente o lobo de Ciara que exigia a conexão pública com ele. Seu coração humano almejava isso também.

E sempre almejaria.

Ela só esperava que, com o tempo, ele aprenderia a amá-la também. Ela suspeitava que se ele não o fizesse, o medo dentro dela só cresceria.

Eirik falou seus votos com uma voz forte que soou ao longo do hall. Ciara disse os seus com igual convicção. Se ela ia fazer esta coisa, ela faria com tudo de sua considerável vontade.

Emily quis hospedar uma aglomeração na refeição tardia, para celebrar as núpcias, mas nem Ciara, nem Eirik, estavam dispostos a adiar falar com o ancião, Boisin.

Apesar de duas noites sem sonhos ou visões, os sentidos de urgência da Ciara continuaram a crescer com respeito a encontrar o *Faolchú Chridhe*. E como seu companheiro, Eirik parecia compartilhar isso.

Assim, depois dos abraços de felicitação e muitos tapinhas nas costas de Eirik, sua pequena partida de quatro cavalos emprestados pelo Balmoral partiu.

Boisin vivia em uma cabana de telhado de sapé quase à uma hora de percurso do Castelo Balmoral. Um homem velho de cabelo branco sentava em um banco talhando. Ele ignorou, ou não ouviu a abordagem dos seus cavalos, seu foco completamente na pequena figura de madeira em sua mão.

Quando Ciara e seus companheiros aproximaram-se, Eirik levantou seu punho para indicar que deviam parar. Então ele desmontou de seu cavalo antes de girar para ajudar Ciara a fazer o mesmo.

O velho levantou com a ajuda de uma bengala.

—Bem-vindos, membros do clã Sinclair. Vocês podem levar os cavalos de volta para um balde de água e pastagem.

—Obrigado, ancião — Eirik disse e então assentiu para Lais, que agarrou as rédeas de dois dos cavalos e os levou para longe.

Os outros provaram seu bom treinamento ficando onde foram deixados.

—Você é Boisin? — Eirik perguntou.

—Aye, e quem você poderia ser? — Entretanto, o modo que o ancião olhou para eles, ela sentiu que ele já sabia a resposta.

—Sou Eirik e esta é minha companheira, Ciara. — Eirik colocou uma mão proprietária em sua cintura, mas Ciara achou que não se importou. —Nossos acompanhantes são o curandeiro, Lais, e a vidente, Mairi.

Boisin deu a Mairi um longo olhar cheio com o que pareceu com alívio jovial, mas como isso poderia ser?

—Então, este é seu nome, criança. Nomeada assim pela Virgem Mãe, então.

—Mairi era nome da minha avó também — a vidente disse em uma voz calma.

Boisin assentiu e então encontrou o olhar de Eirik.

—Você veio ouvir histórias, estou supondo.

—Aye. Viemos com esperança de que você teria tempo para partilhar uma conversa e uma xícara de refresco conosco. — Eirik deu ao homem velho um odre de vinho. —Estaríamos honrados se você compartilhasse suas histórias também.

—Tenho um pouco de tempo, suponho. O aniversário da minha tataraneta é daqui a uma semana ainda; suas pequenas figuras podem esperar um momento.

Ciara olhou para a talha que o homem colocou de lado e ficou surpreendida por ver um conjunto de três fadas perfeitamente esculpidas, embora a terceira não estivesse terminada. Não maior do que oito centímetros de altura, elas eram do tamanho perfeito para um punho pequeno segurar para brincar.

—Agradecemos — Eirik respondeu.

Boisin empertigou sua cabeça para um lado, dando a Eirik um longo olhar antes de dizer:

— De nada, mas estaremos compartilhando mais do que histórias, príncipe Éan. Você veio por respostas e eu as tenho.

Lais voltou pelos outros dois cavalos, dando a Mairi uma olhar penetrante, como se checando por qualquer mudança em seu bem-estar nos poucos minutos que estiveram separados.

Ela rolou seus olhos.

—Estou bem.

—Aye, ela está segura aqui, comigo — Boisin disse, seu tom como se estivesse falando de família, não uma total estranha.

E então, inclinando-se fortemente em sua bengala, Boisin foi para a cabana.

Dentro, eles acharam mais mobília do que a maioria dos arrendatários poderiam se gabar. Uma mesa e quatro cadeiras tomavam um lado da habitação de um quarto. Uma cama e uma arca ocupavam o outro.

A parede próxima à mesa tinha verdadeiros armários com portas, em lugar das prateleiras abertas com que a maioria teriam feito. Mas o elemento mais surpreendente na mobília eram os complicados retratos esculpidos em quase toda superfície. Símbolos Chrechte, lobos, e *conriocht* era a arte mais predominante. As portas do armário retratava um lobo enrolado no corpo de um dragão, o rabo do dragão curvado sobre ela como se em proteção.

Calafrios subiram e desceram pelos braços de Ciara pela visão. Era ela e Eirik, ela sabia que



era. Entretanto, não podia imaginar como isso podia ser.

—Sua mobília é adorável — Mairi disse no silêncio que caiu sobre o grupo dentro da cabana.

—Passei minha vida esculpindo e trabalhando com madeira. — Boisin grunhiu. —A maior parte da mobília que você viu no castelo foi feita por mim, ou minha.

—Você põe suas visões em seu trabalho — Eirik disse, seu olhar fixo no armário que teve Ciara tão encantada.

—Às vezes, faço com elas. Visões importantes, em todo caso.

—Você é um vidente? — Mairi perguntou com temor.

—Aye, moça. Com alguma experiência de mais anos que você, mas nenhum dom maior. — Ele vacilou para uma das cadeiras e se sentou. — Junte-se a mim. Não tenho mente para conseguir um torcicolo em meu pescoço conversando com todos vocês.

Eirik e Ciara se sentaram, mas Mairi foi para o armário e o abriu sem dizer nada. Ela ficou por um momento inspecionando o conteúdo antes de pegar cinco cálices intrincadamente esculpidos. Ela os trouxe para a mesa.

Boisin deu a ela um aceno aprovador com a cabeça, e então despejou vinho em cada cálice, antes de colocá-lo na frente de um deles, deixando o de Lais próximo ao de Mairi.

O cálice de Ciara tinha um lobo esculpido de um lado e uma mulher segurando uma pedra no outro. As linhas esculpidas irradiando da pedra fez parecer como se a pedra ardesse quase brilhante demais no sol.

Ela examinou o cálice de Eirik e viu que tinha um dragão esculpido todo em volta dele, mas um corvo estava cauterizado em sua base. O cálice de Mairi também tinha um lobo, mas o outro lado tinha uma mulher cercada pelos animaizinhos da floresta.

Ela encontrou os olhos de Ciara, seus próprios cheios com maravilha. Então Mairi lançou seu olhar para Boisin.

—Como você sabia?

—Sobre sua afinidade com as criaturinhas da terra? Eu vi, da mesma maneira que você me viu em sonho após sonho. Tenho te chamado para vir e aprender, moça, por anos agora. — Ele suspirou. —Mas você não podia vir antes. Isso tudo aconteceu como deve.

—O que quer dizer? — Ciara perguntou, sentindo como se estivesse na presença da sabedoria verdadeira.

—A jornada da pequena termina aqui, no momento. Tenho muito para ensinar a ela e não muitos anos restando para fazê-lo.

—Ela disse que tinha que se juntar à busca — Lais disse da entrada. —O *Faolchú Chridhe* não foi encontrado ainda.

Boisin tomou um gole de seu vinho e deu um aceno aprovando.

—A busca a trouxe aqui, onde ela precisa estar. É tudo.

—Mas...

—Melhor decidir se você quer uma companheira, ou não, jovem águia. — Boisin estreitou seus olhos para Lais, sua expressão ficando astuta. —Tenho um neto que acharia esta pequena menina realmente adorável.

—Querer não é o problema — Mairi disse suavemente, quando Lais pareceu pronto para um ataque apoplético.

Boisin sacudiu sua cabeça.

—Ah, o menino não se sente merecedor.

—Não sou um menino. — Lais finalmente achou sua voz.

Boisin não pareceu impressionado.

—Filho, quando você viver os anos que tenho, você pode chamar de *menino* aqueles de quem você gosta.

Lais abriu sua boca para discutir, mas Mairi empurrou um cálice de vinho em suas mãos.

—Você deve estar com sede depois de ver os cavalos. Tome uma bebida.

Parecendo confuso, a águia obedeceu, mas quando abaixou o cálice, seus olhos enfocaram na escultura.

O cálice de Lais tinha um lobo com uma águia empoleirada em suas costas. O outro lado tinha o símbolo Chrechte para amor e acasalamento entrelaçado, como frequentemente estava, nas marcas usadas para representar um acasalamento.

Ele estudou a escultura por vários segundos em silêncio e então franziu o cenho para Boisin.

—O que isso quer dizer?

—Quer dizer que se você for homem suficiente, seu futuro pode ser mais brilhante do que você pensa que merece.

Lais agitou sua cabeça, mas não respondeu. Ele se moveu para seu lugar habitual... de sentinela atrás de Mairi. Ciara notou que, pela primeira vez desde que ela encontrou a outra mulher, a jovem vidente parecia despreocupada por qualquer coisa.

Boisin apontou um dedo nodoso para Ciara.

—Esperei por bastante tempo por sua chegada também, criança. Estava começando a pensar que eu morreria antes de você responder ao chamado da pedra.

—Sinto muito. — O calor roubou em suas bochechas quando a vergonha por sua própria covardia a engolfou.

—Você aprendeu a temer seus dons antes de aprender a usá-los. — A compreensão, ainda brilhando no olhar do homem velho, acalmou a dor no coração da Ciara. —É compreensível, mas é também razão para a alegria que você está aqui agora.

—Você sabe de meus sonhos.

—Tenho uma história para contar a você, criança. Você escutará?

—Sim. — Como ela podia fazer qualquer outra coisa?

Boisin limpou sua garganta, tomou um gole de vinho, e então limpou sua garganta novamente. Quando começou a falar, foi em uma voz que podia hipnotizar um clã inteiro.

—Nos dias antes de nosso povo se acomodar em casas de madeira e cultivar, os Chrechte vagaram pela Terra. Caçamos por nossa comida e coletamos o que a Terra fornecia. Alguns anos eram abundantes, alguns pobres, mas nós sempre fizemos guerra pelo direito de caçar em grandes territórios. Muito como os clãs que lutam por grandes limites em suas terras hoje. Naqueles dias, havia três raças de Chrechte. O Faol, povo feroz que compartilhava suas naturezas com os lobos.



—Eu sei o que os Faol são — Ciara disse com um tom de exasperação.

—Uma boa história não pode ser apressada. —Boisin franziu as sobrancelhas com reprovação. —E perde sua força quando interrompe, você sabe?

Corretamente punida, Ciara assentiu.

—Peço desculpas.

—É compreensível. Você está impaciente para alcançar o fim de sua jornada, mas se apressar, você pode perder os sinais para qual caminho ir.

—Entendo.

—Bom. Agora, como estava dizendo. — Mas ele foi por um pequeno gole de seu vinho e sua cerimônia de limpar a garganta novamente. Neste ritmo o ancião iria estar embriagado antes de ele terminar seu conto.

Ciara estava determinada a não interromper o fluxo de palavras novamente.

—Existiam os Paindeal, outro povo feroz em batalha e também aficionado por guerra. Eles compartilhavam suas naturezas com os grandes gatos predadores e até um lobo pensaria duas vezes antes de os atraírem em batalha. A raça final era o Éan, o povo dos Chrechte mais provável de se lembrar dos verdadeiros caminhos espirituais. Entretanto, eles dividiam a essência com águias e falcões, aves de rapina, eles também dividiam sua natureza com os corvos, pássaros sem instinto para matar. Eram os corvos que estavam carregados de guardar a pedra sagrada deles e designavam os regentes de seu povo.

Ciara não sabia disso, mas fazia sentido, dar àqueles com o maior poder, uma natureza não tão bélica. Os lobos e gatos predadores não tinham nenhuma espécie como os corvos em suas raças.

—Entre o Paindeal seus guardiões da pedra vieram dos gatos tão negros quanto à noite e maiores do que qualquer lobo na natureza. Mas os lobos conectados ao *Faolchú Chridhe* eram brancos como a neve. Os únicos lobos cujos machos tinham a habilidade de controlar sua transformação desde sua primeira troca.

Ele tomou um longo gole de seu cálice.

—Cada uma das raças tinham um protetor. O Faol era protegido por seu *conriocht*, o Éan pelo dragão e o Paindeal pelo grifo.

Ciara não foi a única a ofegar na confirmação de que não só os Paindeal existiam, mas que eles podiam se tornar grifos.

—Se vocês colocarem suas espadas na mesa — Boisin disse para Eirik.

—Uma é da Ciara.

—Aye.

Ciara assentiu seu consentimento quando percebeu que Eirik estava esperando por ele. Ambas as espadas foram colocadas cuidadosamente na mesa, seus cabos fáceis de alcançar pelas mãos de grande guerreiro do Eirik.

Boisin apontou para o punho da espada de Ciara com um dedo trêmulo com idade.

—Veja por si mesmo. O *conriocht*, o dragão e o grifo.

Ciara e Eirik já viram os punhos, mas Lais e Mairi tomaram um momento para olhar de perto

para a decoração nas espadas.

—No entanto, onde estão os Paindeal? — Eirik perguntou.

—Tudo em seu tempo, príncipe Éan. Tudo em seu tempo.

Eirik suspirou, mas assentiu.

Boisin rachou um sorriso.

—Ah, a impaciência da mocidade.

—Desculpe-me, ancião — Eirik disse.

—Não importa. Escute bem, jovem príncipe e você aprenderá coisas que o Éan esqueceu.

Cada raça tinha suas próprias forças e debilidades particulares. Os lobos reproduzem com mais facilidade, embora não tão prolífico quanto suas contrapartes humanas. Os Paindeal curam-se, de qualquer enfermidade ou um pequeno ferimento mortal, com uma transformação. Os Éan podiam se transformar em uma idade mais jovem e eram dotados com mais videntes e frequentemente tinha dons Chrechte especiais com maior impacto do que seus outros irmãos.

—Então, os Faol podem ter dons como os Éan — Ciara meditou para si mesma.

Boisin não a repreendeu por interromper novamente, mas assentiu.

—Eles realmente podem, embora só os Éan tenham curandeiros como a águia aqui, e só aqueles encontrados mais merecedor pela pedra nisso.

—Oh. — Lais olhou tão chocada quando pareceu perceber quão muito sem igual e especial o seu dom era.

Mairi meramente sorriu e assentiu para ele serenamente.

Ciara perguntou-se o que a vidente experimentou em seus sonhos do ancião. O que quer que fosse, Mairi estava obviamente contente por estar na mesa do velho e escutando suas histórias.

—Além de ter mais crianças, os protetores dos lobos eram mais numerosos. Os Paindeal tinham um, talvez dois grifos que viveriam por séculos. Mas quando um morreu, podia ser uma geração ou mais antes de sua pedra trazer à tona outro. O mesmo era verdade com os dragões dos Éan.

—Eirik vai viver centenas de anos? — Ciara perguntou com choque, esquecendo seu voto de não interromper.

—Aye, salvo traição. Ele irá. Como você.

Esperança floresceu dentro dela.

—O que quer dizer?

—Você é a primeira *kelle* verdadeira nascida em mais de um século. Todas as outras que vieram antes de você falharam em encontrar o *Faolchú Chridhe*, mas você encontrará. E viverá para ver seus entes queridos morrer, embora não seu companheiro. *Você deve viver*, pois você salvará os Faol da destruição absoluta.

Eirik se aproximou e tomou sua mão.

—Tudo ficará bem, *faolán*.

Ela tentou acreditar nele, mas as palavras do velho vidente não eram reconfortantes, apesar de sua promessa de vida longa para ela e Eirik.

—Destruição absoluta? — Ela perguntou com um tom abafado.



—Aye. — Tristeza veio sobre as feições do Boisin. —Uma praga está vindo. Uma que depressa espalhará enfermidade tão grande, do tipo que nunca foi visto antes. Muitos morrerão aqui e nas terras através do mar. Atacará os Chrechte com uma virulência muito maior do que fará aos humanos. Sem o *Faolchú Chridhe* e seu poder para curar, todos os Faol morrerão nesse tempo.

Horror enviou calafrios por ela.

—Não.

—Aye. Um vidente não está sempre contente por suas visões — Boisin disse, se simplesmente em reconhecimento ou em advertência para Ciara e Mairi, ela não sabia. —Você deve seguir a pedra até seu lugar escondido atrás da parede de pedra, que não é nenhuma parede, e trazê-la para as cavernas sagradas na terra Sinclair. Você a retornará para seu lugar adequado na caverna dos Faol. Você conhecerá esta caverna escondida pelas gravuras na parede.

Ela pensou sobre a caverna que viu em sua visão e pensou que ele estava certo, mas isso não a ajudava em achar a pedra ou a caverna escondida, por esse assunto.

—Não entendo.

—Para ter certeza, eu não entendo, também. Se entendi, eu contaria a você. Os descendentes vivos da minha própria família dependem disso.

Capítulo 21



Fortuna e amor favorecem o corajoso.

—OVÍDIO

—Mas por que o *Faolchú Chridhe* está escondido para começar? — Ciara perguntou.

—Porque no tempo a muito passado, quando nosso povo vagava pela Terra, a superior *kelle* teve um filho — Boisin continuou na sua voz de contador de histórias. —E esta mulher de grande força e honra viu um desejo de poder em sua única descendência. Ele queria ser rei, contudo, seu primo que era nada além de uma criança, era o herdeiro ao trono dos Faol.

—O filho da *kelle* superior pensou que era melhor do que o outro Chrechte, que ele merecia ser rei. Fearghall acreditava que homens eram mais valiosos do que mulheres e lobos mais valiosos do que tudo. Ele inventou um plano de choque para assegurar seu predomínio ao trono. Já um *conriocht*, ele tomaria o *Faolchú Chridhe* e o esconderia para que seu jovem primo não pudesse ser santificado com o espírito do *conriocht*.

—Mas a pedra chamaria para a *kelle*. Ela a acharia.

—Não se ela estivesse morta — Boisin disse em um tom que enviou calafrios espinha abaixo de Ciara.

Os outros à mesa pareceram igualmente afetados e repugnados pelo plano do antigo

Chrechte.

—Está dentro da *kelle* superior o poder Faol de suscitar o *conriocht*. Ela pode determinar quantos precisam existir para proteger uma geração. — Boisin balançou sua cabeça. — Fearghall sabia disso, mas se convenceu de que podia controlar o *Faolchú Chridhe* sozinho. Os guardiões da pedra sempre foram mulheres, entretanto. Os homens de suas famílias podem tirar certos poderes da pedra, mas só a *kelle* superior podia produzi-los todos. Só ela pode dar o espírito do *conriocht* ao colocar as mãos na pedra sagrada.

Então, Galen teria falhado em sua busca ainda que a pedra tivesse sido encontrada... a menos que ele tivesse convencido Ciara a ajudá-lo. O pensamento que ele poderia ter facilmente pego seu ser inocente ainda criança para fazer isso, enviou medo derramando nela.

Aparentemente não aborrecida por tais pensamentos perturbadores, Mairi deu um sorriso beatífico para Ciara.

—Eu te disse.

—Você interpretou o significado de seus sonhos corretamente. — Boisin sorriu para sua nova protegida. — Isso foi bem feito.

Mairi corou com o elogio.

—Mas a *kelle* escondeu a pedra, não é?

—Aye.

—Por quê? — Eirik perguntou.

—Porque ela sabia que Fearghall não planejava só reter o *conriocht* de seu primo. A *kelle* escondeu a pedra para parar seu filho de criar um exército de *conriocht* e destruir os outros Chrechte, não é? — Ciara perguntou.

—Sim.

—Mas novamente, eu pergunto, por quê? — O rosto de Eirik estava dobrado em uma carranca. — Se só a *kelle* superior podia suscitar o *conriocht*, então Fearghall estava destinado a falhar.

—Não se ele pudesse intimidar ou seduzir a próxima *kelle* superior para fazer sua licitação. — Mairi tremeu. — Uma mulher tem que ser muito forte de mente para resistir surra após surra sem dar a seu abusador exatamente o que ele quer.

—Mas você nunca cedeu a seu pai — Lais disse com orgulho feroz. — Nunca disse a ele o que você viu em seus sonhos e visões sobre o *Faolchú Chridhe*.

—Ele só teria me batido pela certeza de que eu tinha mais para dar a ele.

—Você é sábia para seus jovens anos, pequena Mairi — Boisin disse e então continuou seu conto. — Fearghall acusou os Éan de roubarem a pedra quando foi descoberta perdida, e declarou guerra a eles. Eles estavam em uma geração sem um dragão e seu povo estava quase dizimado antes dos poucos restantes partirem para as florestas no norte escondido, fazendo suas casas altas nas árvores, longe daqueles que os caçavam.

—Mas e quanto os Paindeal? — Eirik perguntou.

—Eles lutaram contra os Faol inferiores a Fearghall, mas cada morte era uma grande perda para sua raça, como nem mesmo um verdadeiro par acasalado poderia ser garantido para produzir descendência troca-forma.



—Você quer dizer que nem todas suas crianças se transformavam?

—Não. O grifo deles lutou contra o *conriocht* corajosamente, mas estava finalmente decidido que eles retornariam à terra de sua origem.

Então, as velhas histórias estavam baseadas na verdade, Ciara pensou.

—Eles voltaram através da ponte de terra que caiu no mar.

—Mais como eles partiram em barcos, mas os Paindeal vivem nas terras dos Nórdicos e mais ao sul entre os países que os romanos conquistaram ou buscaram conquistar.

—Eles devem estar mais altos em número agora — Eirik meditou.

—Aye. Eles vivem vidas muito mais longas e sem lobos os caçando, seus números cresceram.

A sobrançelha de Eirik dobrou em uma carranca perplexa.

—Você sabe tudo isso por sonhos?

—E visões. É uma coisa que eu ensinarei a Mairi, como sua Anya-Gra treinará sua companheira, uma vez que vocês recuperem o *Faolchú Chridhe*.

Ciara não estava certa de que quisesse o conhecimento do qual Boisin falou, mas seu tempo de esconder-se dos seus dons era passado. Ela serviria seu povo como Eirik predisse, e da mesma maneira que ele prometeu, ela não faria isso sozinha.

Pela primeira vez, desde percebendo que tinha companheiro, Ciara sentiu gratidão em vez do medo agitando seu coração.

—Então, se precisa ser retornado às cavernas sagradas na terra Sinclair, é lógico que não está lá — Lais observou.

Boisin inclinou sua cabeça.

—Há muito acreditei que fosse o caso.

—Saber onde não está não melhora muito nossas chances de encontrá-la — Ciara disse preocupadamente.

O peso do futuro de seu povo agora pressionava fortemente em seus ombros.

Eirik apertou sua mão de novo, lembrando-a de que ele não deixou ir, que o homem teimoso nunca a deixaria ir.

—Nós acharemos o *Faolchú Chridhe*; salvaremos sua raça. Confie em nossa força Chrechte. Não está limitada à aumentada ousadia física de nossas naturezas animais.

Ela respirou fundo e assentiu, confiando em seu companheiro, se nada mais.

—Talvez devêssemos começar a nossa procura em cavernas nas terras do clã com o mais forte contingente restante do Fearghall. — Lais acariciou o cabelo de Mairi como se não percebesse que estava fazendo isto. —É lógico que seria o clã na maioria descendente direto da *kelle* superior e seu filho mau.

—Não é tal boa medida como você poderia pensar — Boisin disse. —Quando a sociedade de Fearghall foi formada, então assim foi o Cahir.

—O Cahir? — Eirik perguntou.

—Aye, guerreiros dedicados a extirpar o Fearghall entre os bandos e ou os convencendo do erro de seus caminhos ou os destruindo.

—Você é Cahir? — Mairi perguntou, soando como se soubesse a resposta.

—Fui uma vez. Passei aquele manto para meu filho e ele treinou seus filhos para seguir.

—Mas não existe nenhum Fearghall no clã Balmoral — Ciara disse com confusão.

—Por que pensa que é assim, moça? — Boisin agitou sua cabeça. —O clã Balmoral tem Cahir, mas alguns bandos não treinaram a próxima geração de Cahir e tomaram seu voto de proteção por acreditar que o câncer não mais existia entre eles, mas sem o Cahir, sempre retornaria.

—Como no clã do meu pai — Mairi disse, olhando para a águia com um cenho triste.

—Aye, o MacLeod tem um espírito semelhante ao Fearghall — Boisin disse. —Entretanto, ele não compartilha uma linhagem sanguínea tão direta como nossa princesa Faol.

—Não sou uma princesa — Ciara não pôde evitar murmurar.

—*Kelle* então.

—Não sou *kelle*.

—Eu te ensinarei a ser uma guerreira — Eirik prometeu. —E Anya-Gra te ensinará a cuidar do bem-estar espiritual de nosso povo. A pedra escolheu a você como *kelle* superiora. Você tem muita coragem e honra para não prestar atenção ao chamado.

Ele estava correto de que ela não negaria seu chamado, mas não porque ela era corajosa. Era porque ela não tinha nenhuma escolha.

—Nosso povo? — ela perguntou.

—O Chrechte.

—Ambos os Faol e Éan? — ela pressionou, embora conhecesse a resposta.

—Aye.

Boisin assentiu.

—As raças devem se juntar para ganhar contra a Peste Negra vindo.

Lais conseguiu mais água para os cavalos, seus pensamentos e coração em conflito. Ele devia sua submissão a Eirik e não podia abandonar seu príncipe na perseguição da busca sem ele, mas o pensamento de deixar Mairi aqui na Ilha Balmoral fez sua garra de águia sair.

—Boisin concordou em nos levar às cavernas que o Balmoral usa para seus rituais sagrados Chrechte — Eirik disse por detrás de Lais. —Entretanto ele está bastante certo de que o *Faolchú Chridhe* não está lá, ele quer mostrar a Ciara como puxar o poder da pedra e buscá-la.

Lais girou e encontrou o olhar do seu amigo e príncipe.

—Você acha que ele verdadeiramente previu o futuro e esta Peste Negra que ele mencionou?

—Seu dom é verdade. Você só tem que olhar para o cálice que ele serviu seu vinho para ver isto.

As imagens no cálice queimavam dentro de Lais com esperança desde seu primeiro vislumbre deles.

—Aye.

—A Peste Negra está vindo.

—Mas não por muitos anos.

—É isso o que ele disse.

—Então, por que encontrar a pedra agora?



Eirik franziu o cenho e olhou para a distância.

—Porque a pedra precisa de Ciara para tocar e curar o Faol, e ela precisa da pedra para prolongar sua vida.

—Por séculos... — Lais mal podia acreditar em tal coisa possível.

—É isso que o velho disse.

—Pensa que seja verdade?

—Penso. Desde que me transformei em meu dragão pela primeira vez, me senti invulnerável.

—Porque nenhum podia ser melhor do que você em batalha.

—Eu não fico doente. Cortes, ferimentos... eles curam extremamente depressa, até para um Chrechte.

—Você vai sobreviver a mim.

—Aye. — O pesar de Eirik pelo pensamento morava em seus olhos. —Minha avó sempre me advertiu que meu chamado não seria um fácil. Pensei que a coisa mais difícil já houvesse sido enfrentada.

—Desistir de seu direito de governar como rei.

—Aye.

Mas que o pior ainda estava por vir, não precisava ser dito. Lais estava igualmente certo que Eirik aprenderia a tomar os séculos em passos tão longos quando sua companheira estava ao seu lado.

—Quero uma companheira — Lais soltou.

Eirik levantou uma única sobrancelha.

—Achei que você já tinha escolhido uma.

—Ela merece mais.

—Que meu amigo mais confiável e íntimo? — Eirik perguntou com descrença. —Não existe homem melhor.

Lais sentiu uma picada nada masculina em seus olhos e piscou a sensação para longe.

—Você sabe que isto não é verdade.

—Não seja bobo, Lais.

—Não sou.

—Não. — Eirik bateu em seu ombro. —Você foi enganado uma vez, mas você não era um bobo então e não é um agora. Não aja assim.

—Eu trai meu alfa e a princesa de nosso povo.

—Eles te perdoaram. A *Clach Gealach Gra* te curou.

—E se ela não curou? E se eu não posso dar a Mairi *bairns*?

—E se você pode?

—Você faz isso soar simples.

—Porque é. Você recusaria o dom de curar que lhe foi presenteado porque você é desmerecedor dele?

—Claro que não. — Ele nem podia acreditar que Eirik perguntou uma coisa tão estúpida. O

povo deles precisava das habilidades de Lais. —Não posso negar à *Clach Gealach Gra* meu serviço em curar os outros.

—Então como você pensa que tem o direito de negar este presente? — Eirik perguntou em um tom que implicava que ele não era o único capaz de expressar estupidez.

—Você não disse isso para Gart quando ele escolheu seus sonhos de filho acima de seu companheiro.

—Eu não sou o alfa de Gart.

—Se vier a isso, você não é realmente o meu, tampouco. — Embora eles dois soubessem que o príncipe triunfava sobre alfa como uma distinção de liderança, não importa o que Eirik sacrificou ao trazer seu povo para os clãs e uma segurança relativa.

—Sou seu amigo — Eirik disse com certeza. —Eu seria negligente se não assinalasse quando você está sendo um idiota.

—Boisin disse que Mairi tem que ficar aqui, com ele, para treinar seu chamado como uma vidente.

—Não é uma coisa fácil deixar sua companheira para trás, ainda que seja por pouco tempo, mas por um período indefinido, é malditamente próximo do impossível.

—No entanto, às vezes é necessário.

—Confio em você como não confio em nenhum outro, mas eu sou dragão. Você pode ficar aqui, com sua companheira, e saiba que nada acontecerá a um Chrechte do meu poder.

—Mesmo um dragão precisa de um amigo em suas costas. Eu irei com você. — Não pode existir nenhuma dúvida sobre isto. Seus povos, Éan e Faol igualmente, contavam com o sucesso desta busca.

—Obrigado. — Eirik apertou seu braço, antebraço com antebraço, no modo dos guerreiros. —Você retornará a ela.

Sentindo-se mais em paz do que tinha sentido desde sua primeira brisa do cheiro de sua companheira, Lais deu um passo para trás.

—Retornarei. O que você pensa que o Balmoral diria ao solicitar seu padre para realizar outro casamento neste dia?

—Ele é um homem de ação. Ele entenderá a necessidade.

Lais encontrou Mairi com Ciara, escutando mais das histórias de Boisin, ambas as mulheres arrebatadas pelo dom do homem velho.

Sorrindo, Lais colocou sua mão no ombro de Mairi para não surpreendê-la.

Ela olhou para cima, seus bonitos olhos azuis cheios com pergunta.

—Caminha comigo um minuto? — ele perguntou.

Ela assentiu.

Cacarejando, Boisin parou sua história.

—Assim é como vocês jovens fazem isto? Caminhe comigo um minuto, ele diz. — Boisin bateu em seu joelho. —Minha própria querida companheira me levou em uma perseguição alegre. Eu não a teria pedido para caminhar comigo por medo que ela colocasse uma armadilha antes do tempo.

Lais sentiu seu rosto esquentar, mas Mairi estava levantando e ela balançou sua cabeça em



diversão para o ancião.

—Obrigado pelas histórias, Boisin.

—Aye, moça, de nada. Você aprenderá a contá-las, como também minha própria filha aprendeu e seu filho depois dela.

Mairi assentiu, parecendo contente e a preocupação de Lais em deixá-la para trás diminuiu.

Ele a levou para fora da cabana e virou para a parte de trás. —Existe um pequeno lago a um pouco de caminhada daqui.

Sua águia cheirou a água e Lais foi olhando quando percebeu que o barril do velho estava meio vazio. Ele o completou para Boisin, o mínimo que ele podia fazer depois de dar água para quatro cavalos grandes das reservas do homem.

—Você está partindo com os outros — Mairi disse, resignação em seu tom.

—Vou voltar.

Ela olhou para ele, mas ele manteve sua atenção no caminho à frente. Ele não quis ter esta conversa até que estivessem bem longe da cabana e das afiadas orelhas Chrechte.

Eles alcançaram a água e ele a guiou para um assento na sombra lançada por um grande carvalho próximo à margem.

—Você vai voltar? Por quê? — ela perguntou, seus olhos azuis perturbados.

—Para buscar minha esposa.

Aqueles bonitos olhos azuis alargaram-se agora, choque brilhando em suas profundidades.

—*Sua esposa?*

Ele sorriu.

—Aye. — Ele caiu ajoelhado ao lado dela e tomou sua pequena mão na dele. —Mairi, doçura, você é minha companheira.

—Não é isso que você afirmou no barco. — Ela deu a ele uma carranca muito enfadada. —E você me ignorou, ontem à noite, na cabana dos guardas.

—Eu não sabia quando Gart retornaria; não podia arriscar que ele nos achasse em circunstâncias comprometedoras. — Como estava, o guarda nem retornou, mas Artair veio para a cabana quando sua vigia estava terminado.

—Agora você quer ser meu companheiro? Porque Boisin te ameaçou com o neto barulhento dele?

—Porque Eirik me disse que eu estava sendo um idiota e eu concordei. Você é um presente de Deus e negar você é negar a preciosidade deste presente. O que eu não posso fazer.

—Você disse *esposa*.

—Disse.

—Você quer casar comigo? — Ela perguntou em um guincho.

—Com tudo em mim, eu quero.

—Mas...

—Diga que me aceitará, minha águia... meu passado. — Talvez não fosse justo pedir isso, mas não seria justo consignar ambos para um futuro de solidão, tampouco.

Mairi estava errada em uma conta. Lais não estava preocupado com o neto de Boisin, nem

um pouco. Porque Mairi era sua companheira e ele era dela. Não existiria nenhum outro, para nenhum deles.

—E você me aceitará... ainda que eu nunca ganhe um lobo?

Esta era fácil.

—É por isso que desejo que o casamento aconteça agora.

—Não entendo. — Mas ela estava olhando para ele com certa esperança.

Ele não a desapontaria.

—Se você ganhar um lobo como espera, e o casamento vier depois, você sempre se perguntaria se eu só lhe reivindiquei porque você compartilhava sua alma com o lobo.

—Você está certo. — Seus olhos encheram com lágrimas que derramaram, e ela bateu nelas.

—Eu *teria* me perguntado.

—Aye.

—Mas tem certeza? Nós conhecemos um ao outro há pouco tempo.

—Minha águia soube de você no momento que Eirik a deitou na grama atrás do forte Sinclair. Soube que estava perdido no primeiro momento que seus olhos abriram e apanharam os meus próprios.

—Mas, você me ama? — Ela perguntou como se com medo da resposta. —Você pode me amar?

—Você me ama?

—Sim.

—É amor o desejo de estar com você e nenhum outro? De proteger você de todo dano? A vontade de matar e morrer por você? A necessidade de tocar sempre que estamos próximos? O desejo de guardar seu coração, como também seu corpo, enquanto nós dois respiremos? Se isso é amor, então eu amo você.

—Casarei com você. — Então ela entrou repentinamente em lágrimas.

Ele não se importou. A alegria saindo dela era uma fragrância inebriante para os sentidos da águia de Lais.

Ele decidiu que votos precisavam ser selados com um beijo. E então o fez.

No fim, Boisin mandou dizer a seu laird, via um de seus muitos netos, e o padre os encontrou na clareira fora das cavernas sagradas do bando Balmoral. Ele falou sua bênção sobre Lais e Mairi antes de ser acompanhado por dois guerreiros de volta para o castelo.

O Balmoral, então, liderou o caminho dentro das cavernas até o remanescente Chrechte. Lais segurou a mão de Mairi, seu coração, pleno, e seu cheiro, feliz, depois de falar seus votos. Os outros se juntaram em um círculo ao redor deles. Artair e Gart, que acompanharam seu laird do castelo, o Balmoral e sua família, Boisin e um de seus netos, embora claramente muito jovem para ser aquele que o ancião usou como ameaça.

O Balmoral realizou o ritual Chrechte de acasalamento e casamento, incitando Lais e Mairi a falar os votos ainda mais comprometedores do que aqueles que o padre falou.

Posteriormente, Lais reivindicou sua nova companheira e esposa com ainda outro beijo que foi mais satisfatório.

Ciara sorriu vagamente para o par ainda se beijando.



Boisin riu.

—Agora, assim é como nós deixamos nossas companheiras saberem de nosso interesse nos meus dias. *Você caminhará comigo por um minuto?*, o menino perguntou. — O velho agitou sua cabeça, contudo ficou sério e enfrentou Eirik. —Puxe a espada do rei Faol, por favor.

Eirik deu a Ciara um olhar interrogativo e ela assentiu.

Ele puxou a espada de sua bainha e a deitou em suas mãos como fez em seu aposento.

Boisin gesticulou para Ciara.

—Tome o punho, uma mão sobre a outra.

Lembrando o que aconteceu da última vez que ela a tocou, Ciara hesitou.

Boisin bateu levemente em seu ombro.

—Não tema as visões, moça. Elas te levarão para a pedra.

Ela assentiu, mordeu seu lábio e fez como o ancião instruiu, tomando o punho da espada e o movendo para que a ponta apontasse para o chão rochoso da caverna sagrada. O punho imediatamente ficou quente contra suas palmas.

—Empreste sua força a ela, dragão — Boisin instruiu.

E os braços de Eirik vieram ao redor de Ciara, seu calor cercando-a como um cobertor de segurança, suas mãos curvando sobre as dela, prometendo força se a dela acabasse. A paz deslizou sobre ela e ela relaxou contra ele.

Confiando em seu companheiro para mantê-la segura, seus olhos flutuaram fechados.

—Você pode sentir a presença da pedra nestas cavernas? — Boisin perguntou a ela como se do fim de um túnel.

Ela pensou sobre, deixando seu lobo conectar ao espírito da pedra por seu aperto na espada.

—Sinto a presença de magia Chrechte. — Magia profunda. —Mas não a pedra.

—Bom. Pois não reside aqui — Boisin disse de novo naquela voz estranhamente distante. — Agora permita a seu espírito buscá-la. Não tema nada que possa vir. Você está segura nos braços de seu companheiro dragão.

Ela *estava* segura, mais segura do que jamais estivera. Ela podia deixar as visões virem e elas não a prejudicariam, nem ninguém que ela amava.

Ela fez como Boisin disse, deixando seus sentidos buscarem em direção ao exterior, até onde eles iriam à procura do *Faolchú Chridhe*. E entre uma respiração e a seguinte, ela estava na caverna novamente, com a *kelle* envelhecida.

Nessa ocasião, a mulher não olhou através dela, mas encontrou seu olhar com olhos da mesma sombra de verde escuro.

—Você é a escolhida.

Sem tempo ou inclinação para falsa modéstia, Ciara curvou sua cabeça em reconhecimento.

—Estou contente. Existe tanto força quanto bondade em seu coração.

—Obrigada.

—Sinto muito pelos anos que os sonhos te atacaram.

—Eles não são sua culpa.

—São. — A velha mulher franziu o cenho, parecendo culpada, mas resoluta. —Impedi-a de

encontrar a pedra até que você tivesse um protetor merecedor.

Galen foi seu protetor quando os sonhos começaram.

—Meu irmão não era merecedor.

—Ele foi enganado pelo Fearghall. Ele quis acreditar em si mesmo superior, como seu pai acreditou.

Capítulo 22



Entre todos os tipos de serpentes, não existe uma comparável ao Dragão.

—EDWARD TOPSELL

Ciara não sentiu nenhuma surpresa que seu pai foi um membro do Fearghall. Ele certamente imputou à primeira crença Fearghall que os homens eram mais valiosos que as mulheres.

Ainda assim, ela se sentiu compelida a dizer:

— Sinto muito.

—O orgulho deles não é seu pecado. — A *kelle* suspirou. —Não mais do que os pecados do meu filho são meus. Todavia, eu sou responsável por chamar o espírito *conriocht* para ele.

—Você sabia das falhas no caráter dele, antes de usar a pedra para abençoá-lo com o *conriocht*?

A *kelle* sacudiu sua cabeça, pesar brilhando em seus olhos.

—Sabia que nós não precisávamos de mais protetores, mas ele era meu filho. Sua convicção em sua supremacia veio depois que ele aprendeu a se transformar no *conriocht*.

—Sinto muito — Ciara disse novamente.

Mas paz deslizou sobre as feições da *kelle*.

—Foi muito tempo atrás. O que aconteceu quando eu caminhei na Terra não tem mais o poder para machucar. Até Fearghall viu a verdade do amor e o abraçou.

Ciara não pôde evitar se perguntar quantos séculos isso levou.

—Onde você escondeu a *Faolchú Chridhe*?

—Em algum lugar onde meu filho, e aqueles que assumiram seu nome, nunca teriam considerado olhar. — A tristeza da *kelle* retornou e era palpável. —Ele era muito aficionado pela



guerra, respeitava o poder de matar acima de todos os outros. Ele não tinha nenhum respeito pelo poder da cura, embora sua própria companheira fosse um corvo dotado que não tinha necessidade da pedra sagrada para curar o dano mais lastimoso.

—Sua companheira era corvo? — Ciara perguntou com choque.

—Sim, ele a matou na mesma noite que tomou minha vida.

—Eu... — Dizer que ela sentia muito simplesmente não era suficiente. Não em face tal deslealdade.

—Sua recusa em acreditar no poder do amor sobre poder, levou à sua queda e eventualmente à queda dos Faol.

—MacAlpin era seu descendente.

—Aye, junto com um bom grande número de Chrechte.

Ciara olhou em torno da caverna, tomando nota das esculturas e seus significados. A história de um guerreiro poderoso e sua proteção do Faol era contada em retrato junto uma parte da parede de pedra.

—Fearghall não era todo ruim.

—Não, não era. — A *kelle* sorriu suavemente. —Obrigada por compreender isto. É prova ainda maior do seu bom coração.

Ciara não comentou sobre aquilo.

—Aonde ele, e aqueles quem vieram depois, não pensaram em olhar?

—No fundo na terra. Ele estava convencido de que sua esposa roubou a *Faolchú Chridhe* e ela tinha uma aversão a lugares escuros, pequenos. Muitos dos Éan têm até hoje. Não é uma coisa natural para eles irem para o fundo da Terra quando eles almejam o céu, particularmente não um lugar que exige uma longa jornada por um túnel apertado, escuro.

—Estava nas cavernas sagradas do Donegal ou do MacLeod? — Ciara perguntou, não recordando de alguma vez ouvir falar de uma caverna que exigisse tal jornada para alcançar.

As sobranças da *kelle* se uniram em confusão.

—Não conheço estes nomes. São guerreiros do seu bando?

—Não. São os nomes associados com territórios.

—Como territórios de caça? Vocês os nomeiam agora, em vez de guerrear sobre o direito deles?

—Ainda existe bastante luta.

A *kelle* deu um sorriso torcido.

—Suponho que exista. — Ela franziu o cenho ante o pensamento e então disse — As cavernas eram aquelas que as *kelle* usavam somente para curar.

—E Fearghall não tinha nenhum interesse em curar.

—Não. Ele matou minhas irmãs sacerdotisas em sua fúria pela perda da pedra, para nunca perceber que elas eram as únicas que poderiam tê-lo levado a ela ou que verdadeiramente poderiam abordar seu poder.

—Onde estão estas cavernas? — Ciara perguntou, uma sensação de tempo correndo a assaltando.

—Conhece as cavernas mais sagradas usadas pelos Faol, os Éan e os Paindeal?

—Os Paindeal deixaram as Highlands séculos passados.

A *kelle* estremeceu.

—Por causa de Fearghall?

—Sim. Não sabia?

—Eu sei somente o que aprendi quando chamei nos sonhos dos Chrechte, desde minha morte. Não aconteceu frequentemente e nunca antes fui capaz de conversar tão livremente quanto estou fazendo com você.

—Outros afirmam que minha conexão com a pedra é muito forte.

—Tão forte quanto a minha. — A sacerdotisa assentiu como se para ela mesma e então sorriu para reassegurar. —Ela te levará para ela.

—Espero que sim. O vidente Boisin diz que se eu não a achar, todos os Faol morrerão de Peste Negra.

—Está vindo. — Um tipo diferente de pesar brilhou nos olhos da *kelle*. —Você deve aprender a se conectar com a *Faolchú Chridhe* e salvar nosso povo.

—Eu quero aprender. — E foi a primeira vez que Ciara genuinamente sentiu isso.

—Então você irá. As cavernas... talvez só os Éan e os Faol as usem agora?

—Existe um lugar sagrado que eu sei que é assim. Foi usado desde que alguém possa lembrar. Fontes quentes borbulham em uma grande piscina na caverna usada para a cerimônia de acasalamento.

—Parece como as cavernas das quais eu falo. — A *kelle* soou contente pela inteligência de Ciara e aliviada. —Dois dias de viagem para o sul e a metade de um dia indo para oeste daquele lugar, levará você para as cavernas curativas.

—Caminhando, ou correndo como lobo? — Ciara perguntou antes de tentar determinar onde as direções que a *kelle* indicou.

—Correndo como um lobo. A caminhada toma muito tempo, — a *kelle* disse com uma carranca perplexa. —O lobo pode correr do amanhecer até o crepúsculo.

Ciara fez algum pensamento rápido. Isso estaria em terra MacLeod, mas não as cavernas sagradas que Talorc falou.

—Existem pontos de referência perto?

E ainda estariam lá tantas centenas de anos depois?

—As cavernas de cura estão em um pequeno vale arborizado com um riozinho correndo por ele. Nós o chamamos de *Kyle Kirksonas*.

Esperava que Mairi soubesse onde *o estreito rio do lugar curativo de adoração* estava e por qual vale ele corria. Talvez ainda fosse chamado de *Kyle Kirksonas* pelos MacLeod. Os nomes de lugar não mudavam muito depressa nas Highlands.

A *kelle* retorceu o rosto em um esforço por pensar.

—A entrada para as cavernas está na mais íngreme ribanceira, uma ladeira completamente de pedra. Parece parte da ribanceira, mas não é.

A parede de pedra que não era.

—Como nós a acharemos então? — Ciara perguntou.



—Existe um lugar na parede esculpida com nosso símbolo Chrechte para cura. É assim alto e cerca desse tamanho — a *kelle* disse, fazendo um círculo com suas mãos cerca de tão grande quanto um rosto de bebê e perto do nível do seu olho. — Você deve apertar o centro com uma das pequenas crianças do *Faolchú Chridhe*.

—Quer dizer as pedras como as quais você usa em seu aro? — Ciara perguntou.

A *kelle* tocou a minúscula esmeralda suspendida no centro de sua testa e sorriu.

—Sim. Uma das crianças, embora a chave para nossas cavernas de cura seja maior.

Era uma boa coisa que existiam “crianças”, como a *kelle* as chamou, no punho da adaga de Ciara e no cabo da espada do seu irmão. Esperava que uma delas fosse do tamanho certo para ser a chave.

Um barulho insistente zumbiu na consciência de Ciara e a *kelle* olhou como se o ouvisse, também.

—É hora de você deixar este lugar e retornar a seu mundo.

—Você voltará para onde quer que você estava?

—Meu espírito estará sempre com Deus. — A *kelle* sorriu, este aqui cheio de uma bela paz.

—Mas quando eu for chamada para um sonho, a forma que tive na morte é a que vem.

—Foi uma honra te conhecer, *kelle*.

—E a você também, princesa dos Faol. Nunca duvide, nós nos encontraremos novamente.

Ciara ficou mole nos braços de Eirik e ele a agarrou, deixando a espada cair por terra.

O Balmoral a pegou e a pôs de volta na bainha nas costas de Eirik.

—Ela está bem?

—Não sei. — E a possibilidade de que ela não estava causou sentimentos dentro de Eirik que ele estava longe de acostumado a experimentar.

Como terror.

A respiração dela ficou crescentemente rasa, enquanto estava em sua visão, sua cor filtrando de sua pele até que Ciara pareceu quase morta. Se não fosse pela batida lânguida, mas firme de seu coração, ele estaria perdido. Como estava, ele queria arrancar a cabeça de alguém, de preferência algum Faol que ainda seguia Fearghall, desde que o responsável pela perda da *Faolchú Chridhe* para os lobos estava além do alcance de Eirik.

—Ela estará bem. A moça só precisa de um pouco de descanso — Boisin assegurou a eles.

—Você viu isso antes? — Eirik exigiu.

—Oh, aye... quanto mais poderosa e prolongada visão, mais ela tirará de você. Mas um pouco de sono e alguma comida, e ela voltará bem novamente.

Eirik puxou sua esposa para seus braços.

—Onde está a câmara de cura?

Ele deixaria a câmara de acasalamento para Lais e Mairi. Eirik não estava para tentar consumir seu próprio casamento, até Ciara estar completamente recuperada.

—Não há câmara para curar nestas cavernas — o Balmoral declarou. —Sem um curandeiro como Lais em nosso clã, ou a pedra sagrada a qual recorrer, somos dependentes de nossas naturezas Chrechte e das artes curativas.

Eirik lamentou pelos Faol naquele momento. Os Éan podem ter vivido na floresta, caçados e escondidos, mas eles ainda tiveram os antigos modos Chrechte.

—Então, há somente esta caverna e sua câmara de acasalamento?

—Não, existe uma caverna que ramifica à esquerda ali. — O Balmoral apontou com sua mão.
—Muitos Chrechte passam a noite lá quando precisam de paz e solidão.

Não era uma câmara de cura, mas soou melhor do que levar Ciara de volta para o castelo. Eirik lembrou-se de dizer:

—Obrigado — antes de carregá-la abaixo do túnel vagamente iluminado.

Lais levou Mairi para a câmara de acasalamento para qual o Balmoral o dirigiu. Como as cavernas sagradas em terra Sinclair, tinha uma piscina alimentada de quentes fontes subterrâneas. Embora a banheira de pedra fosse menor do que as nas outras cavernas, pareceu perfeito para um acasalamento.

O olhar de Mairi voou de lugar para lugar na caverna.

—Existem tochas nas paredes. Devíamos acendê-las, o que acha?

—Aye. — Ele queria poder ver seu corpo adorável.

—Oh. Tem certeza? — Ela perguntou, parecendo ter tido o mesmo pensamento, mas uma reação diferente a ele.

—Muita.

Ela quase torceu as pregas de sua saia, ela estava puxando-a muito firme.

—Você tem uma propensão estranha para me ver sem roupa.

—Não há nada estranho sobre isso, doçura. — Ele tomou sua pederneira e a golpeou na parede da caverna para faiscar cada tocha.

Mecha seca, elas pegaram rápido. Havia quatro tochas no todo. Suficiente para lançar a pequena caverna em um suave brilho amarelo, mas não tanto que todas as sombras foram dispersadas.

Ele voltou para Mairi para achá-la olhando fixamente, com um pouco de trepidação, uma pilha de peles a alguns metros da piscina lançando vapor no ar.

—Doçura, você não tem nada a temer em nossa cama de acasalamento.

Ela balançou sua cabeça.

—Eu sei... eu só... você acha que outros estiveram ali antes?

—Estou certo de que muitos Chrechte consumaram seus votos de acasalamento naquele mesmo local. É um lugar santificado. — Lais a atraiu mais perto, cheirando o ar. —Mas nenhum esteve nas peles aqui agora.

O Balmoral disse isso a ele também.

Mairi soltou uma respiração.

—Você está certo?

—Aye. O laird disse que eles são um presente do bando para cada par recentemente acasalado.

—Mas nós não somos Balmoral.

—Ele não pareceu se importar.

—Então, elas são substituídas depois que... — Ela limpou sua garganta. —Depois de cada



acasalamento?

—É o que o Balmoral disse.

—Isso é amável, penso, e particularmente para nós quando não somos parte de seu clã.

—Ele aceitou nossos votos como alfa Chrechte.

—Ainda assim.

—É bom deles — Lais concedeu, pondo suas mãos nos ombros dela e puxando suas costas contra seu corpo. —Você é minha agora, Mairi. Só minha.

Ela girou em seus braços, então seu rosto estava inclinado em direção ao dele, seus olhos azuis cheios de emoção.

—E você é meu.

—Aye. Desde o momento que Eirik deitou você no chão a meus pés.

Seus lábios em forma de arco se curvaram.

—Faz soar como ele me presenteou a você.

—O destino presenteou e Eirik foi seu mensageiro, talvez.

—Você é meu presente, Lais. Você não percebe isso?

Ele abriu sua boca para falar, para dizer ele não sabia o que, mas sua garganta estava muito apertada para palavras. Então, ele a beijou. Ela derreteu contra ele, seus braços circulando seu pescoço, suas pequenas mãos trancando no cabelo em sua nuca.

Ele a despiu com cuidado, embora soubesse que, depois da sessão de cura que ele insistiu naquela manhã, antes de deixar a cabana de praia, ela não sentia não mais dor de sua surra.

Ela o deixou remover sua roupa, aparentemente inconsciente a isso, mesmo acontecendo. Contudo, ela gemeu com clara consciência quando ele pôs as mãos em concha em seu peito nu. Era justo do tamanho certo para encher sua grande mão e ele o amassou suavemente, apreciando o tato de sua pele acetinada e os minúsculos barulhos escapando da boca dela contra seus lábios.

Ele segurou seu bumbum com sua outra mão, correndo seus dedos junto onde uma deliciosa curva encontrava a parte de trás de sua coxa. Ela arqueou para ele, abrindo sua boca no instinto para ele afundar o beijo.

Então por ingenuidade sensual, sua companheira virginal o teve pronto para explodir sem nem conseguir tirar seu kilt.

E não faria isso. Sua primeira vez devia ser especial; devia mostrá-la o cuidado que sua águia tinha com a companheira de seu coração.

Ele a ergueu e a levou para as peles, deitando-a com cuidado.

Ela sorriu para ele.

—Acredito que nós estivemos aqui antes.

Dando a beleza pálida de seu corpo uma longa leitura, ele teve que discordar.

—Esta não é nenhuma sessão de cura, pequena.

—Você pensa que não? Mas cada carícia que você me dá, cura meu coração um pouco mais.

—Então nós curamos um ao outro. — Pois ele nunca conhecera tal sensação de paz e de pertencer, como ele sentia quando ela estava em seus braços.

—Sim, vamos curar um ao outro.

Ele desnudou-se com as mãos feitas desajeitadas por sua urgência, seus olhos quentes nele com carinho e desejo em cada segundo que levou. Ele finalmente lançou suas botas e se juntou a ela nas peles.

Ela não esperou por ele renovar o beijo, mas colocou sua boca contra a dele. Ele abaixou seu corpo sobre o dela, seu sexo estimulado e vazando preso entre eles.

—Cure-me — ela sussurrou contra seus lábios.

Seu coração contraiu e então inchou quando alagou com carinho por esta corajosa humana. Ele separou suas pernas com o joelho e moveu sua mão para baixo, para afagar sua carne mais íntima. O prazer surgiu por ele quando percebeu que ela já estava molhada e lisa com necessidade.

Não obstante, ele não iria apressar.

Ele tomou seu tempo estirando tecidos que nunca conheceram nenhum tipo de invasão. Ele podia sentir a prova de sua virgindade, mas não teria importado se não pudesse. Esta mulher era dele, em todos os sentidos, e o aceitaria em seu corpo com o tipo de amor sobre o qual ele nem sequer se deixou sonhar.

Eles se moveram juntos, suas mãos no corpo dela, suas pequenas o explorando até que a hora chegou. E eles se juntaram.

Havia alguma dor, mas ele concentrou seu dom Chrechte com mais facilidade do que ele já experimentara com outro, e curou sua carne interna ainda quando seu corpo reivindicava o dela.

Logo ela estava implorando para ele se apressar, para ir mais fundo... e ele deu a ela tudo que pediu.

Inclusive seu coração.

Poder Chrechte surgiu pela caverna quando eles gozaram e ele soube que, apesar das chances, ele acabou de plantar sua semente no fundo do útero dela.

Eirik despertou com a mudança na batida do coração de Ciara, que indicava que ela estava ciente de seu ambiente uma vez mais. Ela dormiu de tadinha e a maior parte da noite. Com instintos afiados por anos de vida e caça na floresta, ele podia sentir que o amanhecer não estava longe.

Eles compartilharam seus sonhos novamente, seu corvo levando-a para voar na única paisagem que eles jamais poderiam dividir o céu juntos. Então Eirik a acalmou para um sono profundo, dentro de sua sonolência que renovaria sua força mais completamente do que um descanso normal teria.

—Hmmm... suponho que eu deveria estar acostumada a despertar nos braços de um dragão, mas não estou. É mágico.

E você gosta disso? Dessa magia? Ele perguntou por seu vínculo de acasalamento, certo de que conhecia a resposta.

Ela esfregou sua cabeça ao longo de seu grosso braço de dragão, que ela usou como um travesseiro.

—Gosto.



Bom.

—Penso que sei onde o *Faolchú Chridhe* está.

Depois de tudo que a visão tirou dela, ele não estaria feliz se fosse diferente. *Onde?*

—Em terra MacLeod, penso. — Então Ciara disse a ele sobre sua visão, repetindo seu diálogo com a *kelle*, palavra por palavra dos sons dela.

E Eirik podia mal respirar pelo choque de sua companheira conversando com um dos antigos. *Any-Gra nunca falou com um antepassado.*

—Talvez os Éan nunca precisaram do tipo de direção que os Faol necessitam agora.

De acordo com os sonhos de Boisin, ambas nossas raças precisam de você para encontrar a pedra. Ele roçou o quadril dela com seu rabo antes de curvá-lo ao redor dela e comprimindo Ciara mais próxima ao corpo do seu dragão volumoso.

—Você está certo. Eu não entendo por que, mas não vou questionar. Não depois de tudo.

Não. Ela viu demais em suas próprias visões para questionar as de Boisin. *Nós retornamos a ilha principal logo depois de nosso rápido desjejum.*

—Tudo bem, mas você pode se transformar?

Claro. Ele fez isso, permitiu sua forma dragão encolher de volta em seu homem.

—Você ainda não está acostumada a falar com o vínculo de companheiro.

—Não é isto. — A caverna estava escura, mas ele podia ouvir um sorriso em sua voz.

—O que então?

Ela o puxou para o calor das peles, deslizando seu corpo nu contra o dele. Ele a despiu, acreditando que ela descansaria melhor sem todas as camadas de roupa que ela normalmente vestia.

Ela pressionou um suave beijo em seus lábios e então falou com suas bocas a uma respiração de distância.

—Quero minha noite de núpcias.

—É quase de manhã.

—Então melhor embarcar nisso, não é?

Alegria diferente de qualquer coisa que ele já conhecera ou esperara, borbulhou bem no fundo dele quando o beijo foi incendiário.

Esta mulher era sua e ela o queria. Não apenas o poder do seu dragão, não só o príncipe de seu povo, ou os dons de seu corvo... mas ele. Eirik Taran Gealach Gra.

E ele a queria, sua beleza, sua paixão, seu coração amável que ela tentou tão duro esconder. Tudo o que fez Ciara do Sinclair quem ela era. Ele não entendeu a profundidade de sua emoção nada melhor do que ela entendeu a profecia, mas como sua *faolán*, ele aceitaria.

Alegremente.

E ele daria a ela uma noite de núpcias para nunca ser esquecida.

Ciara não estava realmente surpreendida por achar Niall e dois dos mais confiáveis

guerreiros do seu pai esperando com os cavalos, em vez do troca-forma águia que eles deixaram lá, quando ela e Eirik aterrissaram sobre a ilha principal mais tarde naquela manhã.

Niall esperou por Eirik se transformar de seu dragão antes de avançar.

—O Sinclair ordenou estes dois guerreiros de Chrechte acompanhar você no remanescente de sua indagação.

Ele indicou Everett e seu irmão mais jovem, cuja avó fora uma loba branca. Ambos os homens eram não acasalados, mas eles controlavam a transformação desde o primeiro vislumbre de seus lobos.

Ela lançou um olhar ansioso para Eirik, preocupada de que ele se ofenderia pelo édito do seu pai.

Mas seu companheiro meramente assentiu.

—Eles são bem-vindos. O Balmoral enviou um de seus lobos e um dos Éan para nos acompanhar também.

Ela não sabia disso.

—Quem? — ela exigiu.

—Artair e Vegar, um dos mais poderosos e mais mortais entre os guerreiros guardiões Éan.

—Vegar é um homem ou uma mulher? — O nome era pouco conhecido para ela.

Eirik sorriu.

—Enquanto todas as fêmeas Éan são treinadas para guerra, poucas se tornam guerreiras guardiãs como minha irmã. Vegar é um homem.

—Entendo. Por que você não mencionou antes de nós deixarmos a Ilha Balmoral, que mais dois guerreiros estariam se juntando a nós em nossa jornada para as cavernas curativas de nossos antepassados?

Ele franziu o cenho, como se sua pergunta não fizesse nenhum sentido para ele.

—Aquelas cavernas estão em terra MacLeod. Claro que nós aumentaremos nossa força de luta quando aventurando entre o inimigo.

—Nós não vamos começar uma guerra. — No entanto, Ciara não se importaria de usar seu punhal no pai de Mairi.

—Sua segurança é suprema.

Porque ela era uma vidente e a guardiã da pedra. Ciara encolheu os ombros.

—Você não vai deixar nada acontecer comigo.

Eirik era um dragão, pelo amor de Deus.

—Sou só um homem, e a procura será feita mais fácil pelo número de olhos na tarefa.

Ela tinha certeza de que ele estava correto sobre isto, mas quanto maior seu pequeno destacamento, mais difícil de esconder sua presença em terra MacLeod.

—Você é mais do que um mero homem.

—Como são os guerreiros sob a autoridade do MacLeod.

—Nós aprendemos que ele é alfa acima do maior bando nas Highlands — Niall disse severamente.

—Mas não é possível. Seu clã não é tão grande.

A carranca do Niall estava mais feroz do que habitual.



—E é quase completamente Chrechte.

Uma excitação atávica de medo passou por Ciara.

—Como pode ser?

—Não é uma resposta que você quer — Niall assegurou a ela. —Aceite só que o maior pecado do MacLeod não foi bater em sua filha.

Então os pecados do homem devem ser realmente odiosos, pois aquele era terrível o suficiente.

Everett e seu irmão pareceram um pouco verdes, e ela percebeu que eles deviam ter estado a par da interrogação dos soldados MacLeod, ou pelo menos dos resultados.

—Quantos Chrechte ele enviou atrás de Mairi? — Ciara perguntou ao segundo-no-comando do seu pai.

—Seis.

—Quantos vivem?

O semblante de Niall ficou muito mais severo.

—Quatro.

—Eles se submeterão ao nosso laird?

—Eles irão, e alegremente. — Foi a vez de Everett falar.

Isso, mais do que qualquer coisa, falou com o mau que MacLeod perpetrou. Faol eram leais a seu bando.

—Então, é guerra? — Ela perguntou, temendo que soubesse a resposta.

A mandíbula de Niall apertou.

—Depois de a Faolchú Chridhe ser encontrada.

Capítulo 23



Não é mais doce o escárnio para zombar de nossos inimigos?

—SÓFOCLES

—Um grupo menor não seria melhor então? — Ciara perguntou, realmente se questionando agora sobre quais eram as decisões dirigindo o guerreiro. —Seríamos menos prováveis de sermos descobertos.

—E proteger você seria mais arriscado. — Eirik disse, soando completamente não impressionado pelo prospecto.

—Seguramente você graceja. — Ela estava ficando cansada dele agir como se não fosse o suficiente para protegê-la. Ele era seu companheiro e ele era dragão, protetor de uma raça inteira. —Se formos descobertos, nenhuma força poderia ficar contra seu fogo. Tiveram meu irmão e Luag estado com uma força dez vezes o tamanho deles, você teria os desintegrado.

Árvores inteiras pegaram fogo.

A expressão do seu companheiro fechou e ele girou em direção à água.

—Os outros estarão aqui brevemente.

—Assim é muito mais rápido do que ele e Mairi fizeram a travessia.

—Existem quatro soldados são para remar desta vez.

—Quatro? — ela perguntou em confusão e imaginou se este iria ser seu estado de agora em diante.

Ela acasalada com homem confuso que compartilhava somente o que ele pensava necessário, o que, aparentemente, não era um ótimo negócio.

—O Balmoral enviou seu segundo para conseguir um relatório sobre os soldados MacLeod



de Niall.

—Oh. — Ela não sabia que Drustan estava fazendo a travessia, embora Ciara não soubesse que *nenhum* do outros estava vindo. —Penso que eu irei me sentar ali. — Ela acenou vagamente para o tronco caído fora da caverna, onde seu clã mantinha suprimentos. —Está claro que minha entrada não é necessária aqui.

Eirik franziu o cenho, mas ele não a contradisse.

Ela cruzou a praia com pés inertes. Ciara sempre lutou contra a ideia de tomar um companheiro, pois a perspectiva de perdê-lo e/ou quaisquer crianças que eles fossem ser capazes de produzir a apavorava. Ela nem uma vez considerou a possibilidade de que poderia ter um companheiro e ainda que *não o teria* porque o coração dele não estava comprometido.

Você está chateada, Eirik disse por sua comunicação mental. No entanto, ele estava afastado, seu foco no barco puxando mais perto à margem com toda carreira de remos.

Estou bem.

Você está triste.

Pare de ler minhas emoções.

Seus ombros tencionaram, mas ele não deu a volta. *Não posso evitar.*

Bem, pare de comentá-las, pelo menos.

Você lamenta nosso acasalamento?

Ela lamentava? *Não sei. Não importa, não é? Estamos acasalados e, de acordo com a kelle, até que nós estivéssemos, o Faolchú Chridhe não iria ser encontrado.*

Quando você é escolhido como o protetor de seu povo, sua vida cessa de ser sua. Existia certa quantia de gelada aceitação em seu tom.

Ele devia saber. A vida de Eirik foi tudo sobre sacrifício para seu povo.

Você acasalou comigo para o bem de nossos povos? ela perguntou a ele, não completamente certa de quisesse uma resposta, mas incapaz de parar a questão.

O silêncio em sua mente foi toda a resposta que ela precisava.

Seu, *Não completamente*, veio muito tarde e foi extremamente fraco.

Ela engoliu de volta suas emoções e se forçou a não sentir nada. Ela fez isso antes; ela podia fazer agora.

O que você está fazendo? Ele girou para enfrentá-la, sua expressão sombria com preocupação.

Nada, ela disse em uma monotonia através de seu vínculo.

Não minta para mim.

Você disse que eu não podia. Você sempre poderia dizer.

Eu posso.

Estou cansada.

Você estava bem no voo acima. Jovial, de fato.

Gosto de voar com seu dragão.

Nunca apreciei voar tanto como quando você monta em meu dragão.

Isso era algo, ela supôs. *Seu corvo quer voar comigo.*

Você se lembra de nosso sonho.

Sim.

Bom.

Por que era bom? Ela acreditou que o desejo das suas bestas de partilhar suas naturezas com ela significava que ele queria compartilhar seu coração. Claramente, ela estivera errada.

Nós sempre dividiremos sonhos agora? Ela perguntou a ele.

Somente quando quisermos.

Então, eu posso te excluir dos meus sonhos?

Você poderia, sim.

Como?

Você cria uma barreira contra mim com sua mente, mas por que você quereria?

Assim? Ela perguntou, abordando sua conexão com sua natureza Chrechte para construir uma barreira em sua mente.

De repente, ele estava em pé na frente dela, o olhar âmbar atirando fogo, e um metro e noventa cinco vibrando de fúria.

—Nunca faça isso novamente.

—Por quê?

—Nossa comunicação mental não é só um modo de nós ficarmos mais próximos em nosso acasalamento, mas me ajuda a manter você segura.

Sua cabeça começou a doer muito e ela deixou a barreira desintegrar. De repente sua voz estava na cabeça dela novamente, mas não era sua voz humana. Era seu dragão e ele estava sussurrando do jeito que fez quando tentando confortá-la.

Lágrimas encheram seus olhos, mas ela recusou deixá-las cair. Ela estivera fraca o suficiente. O futuro de seu povo dependia dela ser forte, de achar a *Faolchú Chridhe*.

Ela podia lidar com a dor em seu coração mais tarde. Ela não estava nem certa de que seus próprios pensamentos fizessem sentido, que seus machucados não eram de sua própria criação. Tanto mudou tão depressa, e ela tinha um companheiro, o que ela sempre se disse que não queria.

Mas sabia agora que seria miserável.

Ele a puxou em seus braços e a estava acariciando, os suaves sons reconfortantes continuando até que ela relaxou contra ele, a enxaqueca sumiu tão depressa quanto veio.

—Sinto muito. Não farei isso novamente.

—Obrigado.

Eles viajaram por cavalo, exceto os soldados Faol de seu pai. Everett e seu irmão viajaram em sua forma de lobo, patrulhando a frente dos cavaleiros. Levou três dias para alcançar o limite MacLeod do mar.

Apesar do fato desta parte da jornada ser nas próprias terras deles, ou amigáveis, fora quieto entre seu grupo.

Ciara sabia que Lais sentia saudades de Mairi. Deixar sua nova companheira tinha que ter sido extremamente duro para eles dois. Mas Boisin encorajou que Lais fosse, dizendo que Mairi ficaria mais junto no princípio do treinamento dela se ele não estivesse lá.



Vegar era um homem quieto que podia facilmente ser confundido com chefe militar Viking. Artair não estava em seu eu amigável, também, tendo dito a Ciara que ele optou deixar a Ilha Balmoral em vez de continuar fixo atrás de um amor que nunca aconteceria.

Ela estivera chocada ao descobrir que seu pai planejava tomar Artair em treinamento e estava enviando um de seus próprios soldados em troca para o Balmoral. Menos quando ela descobriu que Artair era um dos netos de Boisin e estaria ensinando as velhas histórias para os Sinclair Chrechte.

Eirik falou com ela acima de seu vínculo de acasalamento, mas não frequentemente, quando o foco agudo do seu dragão estava em ameaças potenciais ao redor deles. Mairi disse a eles que os soldados do seu pai não limitavam suas patrulhas às suas terras. Conhecendo o quão grande sua força de soldados lobo era, ninguém evidenciou surpresa naquele saber.

Entretanto, a atitude horrenda prevalecendo entre os guerreiros, fez claro que eles viram o MacLeod como uma ameaça séria para os outros clãs nas Highlands. Na fronteira com as Lowlands, ele também tinha uma relação mais íntima com o rei da Escócia. Declarar guerra com ele poderia vir com consequências para o país que ninguém procurava. Era um dilema deveras.

E Ciara o mastigou por horas, enquanto eles cavalgavam. Ela dormiu nos braços do dragão ambas as noites, mas ele não entrou em seus sonhos em nenhuma ocasião.

Ela não estava certa por que, mas dessa vez foi esperta o suficiente para não perguntar, desde que não podia ter certeza de que gostaria da resposta.

Eles esperaram para cruzar o limite até a noite. Niall lhes disse o que ele aprendeu dos antigos soldados MacLeod com respeito a limitar guardas e patrulhas. Havia muito mais que nem seu pai toleraria.

Usando aquele conhecimento, eles cavalgaram em terra MacLeod durante a primeira vigia, quando as patrulhas deveriam estar mudando.

Da fronteira, Ciara e Eirik concordaram em uma rota baseada nos pontos de referência nomeados pela *kelle*, e o conhecimento de Mairi da propriedade de seu pai. A vidente estivera certa de que conhecia o vale e o rio que a *kelle* falou, dizendo que algum ainda chamava *Kyle Kirksonas*, embora seu pai fizesse o seu melhor para renomear os pontos em homenagem a ele mesmo. Uma vez que eles o alcançaram, simplesmente seria um assunto de encontrar a pedra correta.

Mairi fez suas sugestões de onde ela pensava que a parede, que não era uma parede, poderia estar, mas acautelou contra baixar sua guarda. Mairi concordou com os soldados pegos na floresta Sinclair que as patrulhas eram prováveis de serem carregadas, particularmente tão longe na propriedade quanto eles teriam que entrar de modo a alcançar o vale estreito.

Não obstante, eles acharam o vale sem incidentes, e assim que cavalgaram no vale estreito com paredes altas, Ciara soube que este era realmente o lugar. Ela podia sentir o *Faolchú Chridhe* chamando por ela mais fortemente do que nunca, mas a sensação de magia também Chrechte estava lá.

Velho e novo, ainda ressoava fora das pedras e do rio quando ele fervia pelo pacífico arredor.

Eles montaram acampamento em um *brak*, o buraco na ladeira rochosa protegendo-os da descoberta em três lados. Eirik atribuiu cada um dos guerreiros às suas tarefas e então girou para ela.

É hora, ele disse com a mente.

Ela assentiu.

Tome seu punhal em sua mão.

Para me proteger?

Para deixar as pedrinhas chamarem pelas maiores e ajudar que você determine que direção procurar.

Eu podia só pegar a espada.

Ele balançou sua cabeça com uma dura sacudidela em negativa. *É muito arriscado. Você poderia ter outra visão.*

E ela poderia nos levar diretamente lá.

E poderia te derrubar novamente. Não.

Ela não discutiu mais. Ele tinha um bom ponto, mas mais importante, ela podia sentir sua preocupação e ela não queria somar a esta. Ele podia ser assim preocupado com ela e não se importar?

Independentemente, ele tomou demais nele mesmo e talvez ela pudesse compartilhar seus fardos, se não seu coração. Ela puxou seu punhal da bainha de couro debaixo de seu cinto. Quando seus dedos circularam o cabo, ela sentiu um calor lânguido. Embora nada como o que segurar a espada causou, a sensação ainda era familiar.

Ela fechou seus olhos e concentrou. Ela podia sentir o puxar do *Faolchú Chridhe*, mas ainda não de que direção vinha. Contudo, ela pôde sentir que estava muito perto e a caverna descansava em flashes atrás de suas pálpebras.

Os braços de Eirik vieram em torno dela e ela se deixou relaxar contra ele, concentrando completamente no chamado da pedra sagrada.

Era como se um véu fosse erguido e ela pudesse sentir o puxão para sua esquerda e adiante.

Ela abriu seus olhos e apontou. *Aquele caminho*, ela disse através de sua conexão de companheiro.

Musgo cobria o lado de pedra da íngreme ribanceira que Ciara os levou. Erik chamou todos, menos o Faol Sinclair que patrulhava a área em sua forma de lobo, e Vegar, que patrulhava o céu, para ajudar a raspar o musgo à procura do símbolo que a *kelle* contou a Ciara.

O sol se moveu pelo céu, e eles identificaram mais de quarenta símbolos esculpidos na ladeira de pedra, quando Artair levantou seu punho para indicar que achou outro.

Sua kelle poderia ter mencionado que a sangrenta colina inteira está coberta por símbolos antigos, Eirik disse para Ciara por seu vínculo de companheiro.

Talvez ela pensou que eu sabia. Pelo jeito que as paredes da caverna em minha visão eram decoradas, penso que nossos antepassados eram mais artísticos com suas habitações e pontos de encontro do que nós somos.

Ele não achava que a *kelle* nem pensou sobre isso. Ele e Ciara alcançaram Artair ao mesmo tempo. O símbolo que ele descobriu era sutilmente diferente daqueles que eles viram até agora,



todos os quais foram duplicados pelo menos uma vez.

Parecia o símbolo associado pelos Chrechte com vida longa, mas com uma marca adicional que indicava transformação. Talvez para seus antepassados, aqueles símbolos juntos significassem cura.

Igual a pelo menos metades dos outros símbolos, havia um pequeno entalhe no centro. Mas em vez de ser circular como os outros, este aqui era oval.

Ciara ergueu a esmeralda do tamanho de um polegar que Eirik inquiriu do cabo da espada do rei Faol e a colocou no entalhe.

—O ajuste é perfeito — ela sussurrou com temor.

É? Ele perguntou na cabeça dela, não querendo nem um sussurro para conduzir qualquer patrulha MacLeod.

Ela assentiu, seus dentes afligindo-se em seu lábio inferior. *Mas não está fazendo nada*, ela disse com um pouco de desânimo, seguindo sua iniciativa e usando sua comunicação mental.

Ele chegou ao seu redor e adicionou sua força à dela, apertando a esmeralda no entalhe. De repente, o som de pedra raspando contra pedra gemeu de dentro da ladeira. Então, a parede de pedra diante deles deslizou para trás para revelar uma abertura estreita.

—É a caverna — Ciara sussurrou excitadamente. Ela sorriu para Artair. —Você a encontrou.

Ele sorriu, mas sacudiu sua cabeça, nenhuma palavra sendo dita. Ele era um soldado bem treinado e sabia que vozes se arrastavam na floresta. No entanto, era improvável que, se *existiam* quaisquer Faol na área, que eles não teriam ouvido o som da pedra deslizando para longe da abertura.

Eirik chamou os outros para ele com o real vínculo mental e ordenou-os para proteger a abertura da caverna junto com Artair.

Eirik acompanharia Ciara dentro.

A passagem era estreita e escura, seu grande corpo apenas ajustando em alguns pontos, mas eles pressionaram adiante, sua única luz a tocha que ele levava. Ciara foi à frente e, embora fosse contra seus instintos protetores, não havia nenhuma alternativa melhor. Se ele liderasse, as costas dela estariam desprotegidas se um inimigo conseguisse passar dos guardas na abertura.

Eirik tinha que esperar que a caverna antiga guardasse menos perigos para ela do que o que podia haver bem por trás. Além disso, a mulher teimosa e impetuosa não lhe deu nenhuma escolha. Ela apressou para a caverna à frente dele, e não houve lugar na passagem estreita para ele mudar suas posições.

—Não se apresse — ele a acautelou.

—A *kelle* não disse nada sobre armadilhas nas cavernas.

—O que não significa exatamente nada.

—Era o lugar de curar para os Faol, por que teria armadilhas? — ela perguntou.

—Por que esconder a entrada?

—Não sei. Talvez também fosse considerado um refúgio. Nossos antepassados viviam muito diferentemente do que nós.

Ele teve que concordar com isto. Ele não tinha nenhuma ideia de como aquela porta

escondida poderia ter sido gerida por moradores de caverna quando nenhum saberia como criar uma hoje.

A passagem começou a alargar até que Eirik pudesse se mover na frente de Ciara.

—O que está fazendo?

—Indo à frente, como é minha responsabilidade.

Ela murmurou algo que soou muito como: — Dragão arrogante.

Ele sorriu. A vida com ela nunca seria previsível. Ele estava acostumado àqueles quem sabiam de sua condição como príncipe sendo impressionados por aquilo e até mais respeito armazenado por seu dragão.

Ciara o tratava como... bem, como seu companheiro. E ele achou que apreciava a novidade da falta de temor dela.

Ele não gostava da tristeza que a dominou quando primeiro voltaram para a ilha principal, e ele ainda não sabia o que a causou. Talvez ela continuasse a estar aborrecida pelo fato que seu pai e mãe foram incapazes de assistir a seu casamento.

Eirik teria certeza que, todos que eram importantes para qualquer um deles, estariam assistindo a sua cerimônia de acasalamento Chrechte com Anya-Gra.

Sua tocha chamejou e ele soube que estavam próximos a uma mudança significativa na caverna; o ar parado não teria feito que a chama dançasse, do contrário. Alguns metros depois, a passagem abriu em uma caverna enorme, maior do que qualquer coisa que ele já viu subterrâneo. Grande o suficiente para um clã inteiro se reunir, muito menos um único bando dos Faol.

Este era um ponto de encontro dos dias quando os Chrechte eram tão unidos quantos quaisquer povos nômades que viajavam em pequenos agrupamentos de família podiam ser.

—As paredes não brilham — Ciara disse com preocupação. —E é muito grande.

—Sua *kelle* disse que ela levou a pedra para uma caverna escondida bem em baixo da Terra. Esta aqui está na ladeira.

Ciara assentiu, olhando em torno, e sem dúvida vendo o que ele via. O espaço era enorme, mas não completamente vazio.

Existia um estrado no centro, com suportes de tochas em seus quatro cantos. Estava coberto com um couro curtido e alvejado a quase branco, o centro decorado com um padrão que combinava com o símbolo de cura que eles acharam do lado de fora. Havia bancos de pedra em torno da caverna, alguns agrupados juntos, outros sozinhos, e até algumas mesas que continham panelas e jarros semelhantes àqueles que ele viu no quarto de Lais.

—É onde eles realizavam sua cura — Eirik disse com convicção.

—Penso que você está certo, mas também era um lugar de encontro, acho.

A ideia de que a caverna fora um refúgio para os Chrechte parecia mais provável agora.

—É provável que você esteja certa.

—Quero olhar para tudo, mas não há tempo.

—Não há. Nossos inimigos poderiam descobrir nossa presença a qualquer momento. — Mas ele lamentou não poder permitir a Lais vir dentro e examinar as coisas.

Então reconsiderou. Se Eirik e Ciara iriam ir mais distantes na terra, seria uma boa ideia ter um guarda na caverna.



Ele reevocou Vegar, de seu posto no céu, a voar mais perto da entrada da caverna para que pudesse ajudar, se Chrechte MacLeod aparecessem. E então, Eirik instruiu Lais a vir para dentro da caverna curativa.

A passagem é longa e estreita, ele disse a seu amigo na mente de Lais.

Não gosto dos espaços pequenos.

Você e metade dos Éan, mas a caverna é enorme e você a encontrará muito interessante. Só não fique tão interessado que se esqueça de prestar atenção a soldados invadindo.

Lais concordou e Eirik fez seu caminho para o estrado no centro do quarto. A caverna era muito vasta para eles verem a diferença entre outra passagem aberta e a sombra com a luz de uma só tocha.

O suporte de tochas iluminadas, extraíndo algum tipo de óleo... ele ouviu falar dos romanos tendo luminárias como esta, mas a caverna-habitação dos antepassados dos Chrechte? Era incrível.

Ciara estava caminhando junto das paredes, procurando claramente por outra abertura para fora da caverna. Eles acharam três.

A primeira guiava para uma pequena câmara que era, obviamente, usada para armazenar comida e outros materiais. A segunda abertura guiava para uma série de pequenas cavernas, algumas das quais terminavam em mais cavernas, não maiores do que a maioria de aposentos que podem bem terem sido usados pelas *kelle* para dormir e isolamento. Outras passagens simplesmente terminavam, e a falta de qualquer escultura nas paredes destas levaram Eirik a acreditar que foram usados raramente, se nunca, pelas antigas *kelle*.

A terceira passagem foi mais do mesmo, e quando terminaram de explorá-la, Vegar informou a Eirik que o crepúsculo chegara. Ciara e Eirik retornaram à caverna e partilharam carne assada com Lais como ceia.

—Deve haver outra passagem para fora desta caverna — Ciara disse, sua voz tensa com fadiga e decepção.

Eirik a arrastou até que ela se debruçou contra ele.

—Nós acharemos o *Faolchú Chridhe, faolán*. Você deve confiar em si mesma e em sua conexão com a pedra.

—Posso senti-la, em baixo de nós aqui, mas não tenho nenhuma ideia como alcançá-la — ela disse desanimada. —Estou cansada e sinto esta coceira entre meus ombros me dizendo que soldados do MacLeod estão próximos.

—Estou sentindo a mesma coceira — ele admitiu.

Lais comeu com intermitência entre examinar jarros de uma das mesas.

—Mais como se você estivesse enviando sua sensação de dificuldade iminente para Ciara por seu laço de acasalamento.

—Se este é o caso, você pode manter suas preocupações para si mesmo. Tenho suficiente das minhas próprias — sua doce pequena companheira disse bastante amargamente.

Ele sorriu para seu mau temperamento e lembrou a ela:

— Ser um companheiro significa compartilhar seus fardos.

—Não quero o fardo dos sentidos de dragão— ela xingou e então suspirou, parecendo perdida. —Sinto muito. Não quis dizer isto.

Ele começou massageando seus ombros e pescoço, amassando a tensão dela.

—Estará bem, *mo gra*.

—Do que você acabou de me chamar? — ela perguntou em uma voz suave, atada com uma emoção da qual ele não estava certo.

Quase soou como esperança, mas pelo o que ela tinha que esperar? Ela era dele. Ele era dela. Seu acasalamento fora santificado pelo próprio Deus.

Em vez de discutir coisas que eram aparentes, desde o momento que ele a pegou no ar depois dela cair do telhado da torre, meditou.

— Nós podemos ter perdido algo em uma das outras passagens.

—Não. — Ela esfregou sua cabeça contra o tórax dele. —Fomos muito cuidadosos em nossa procura.

—Nós fomos iguais de cuidadosos procurando fora das aberturas nas paredes.

Lais disse:

— Talvez o caminho para a caverna escondida esteja embaixo, não para fora.

—Claro que está embaixo, eu te disse que podia sentir a pedra sagrada debaixo de nós... — A voz de Ciara diminuiu. —Oh, entendo o que pretende, Lais. Você pensa que realmente existe algum tipo de abertura no chão.

—O chão desta caverna é mais liso que ardósia preparada por um pedreiro — Eirik observou.

Ciara perguntou:

— Mas como é possível?

Lais encolheu os ombros.

—Eu não sei, mas se nossos antepassados podiam adaptar uma entrada como as para estas cavernas, e chão tão claramente feito por homem, embora parecendo de pedra sólida, eles podiam fazer uma entrada escondida no chão. Digo que nós movamos a cobertura do estrado.

—É tão velho... desintegrará em nossas mãos. — O tom de Ciara fez claro que a ideia a aborrecia.

Lais franziu o cenho desculpando-se.

—Procurei o resto do chão e não pude ver qualquer lugar que poderia abrir como a entrada de fora para a caverna.

Eirik não ficou surpreso que a águia passou seu tempo procurando pela passagem secreta, apesar de seu grande interesse na caverna em si. A águia era um Chrechte honrado que sabia como pôr o bem dos muitos acima de seus próprios interesses e desejos.

Era uma das razões que Eirik o considerava irmão mais do que amigo.

Ciara suspirou.

—Suponho que não existe nenhuma esperança para isso, mas seremos cuidadosos. Este é um lugar sagrado.

—Nós trataremos a caverna e tudo nela com o respeito que merece. — Eirik a abraçou perto, tentando dar sua sinceridade e preocupação combinando através de seu toque.

—Obrigada.



Capítulo 24



Ser profundamente amado por alguém lhe dá força, enquanto amar alguém profundamente lhe dá coragem.

—LAO-TZU

Suas mãos tremendo, Ciara se aproximou para tocar a coberta de couro no estrado. Fora feito por sacerdotisas guerreiras que serviram seu povo com carinho e lealdade até mortos séculos passados.

Ela arrastou experimentalmente no canto e o achou surpreendentemente suave e flexível sob seus dedos.

—Vamos cada um tomar um lado e desliza-lo sobre o chão.

Eirik e Lais seguiram sua direção sem comentar e a coberta foi removida sem incidentes.

Uma maldição reverente saiu da boca de Lais quando Ciara e Eirik permaneceram em um silêncio chocado pelo o que tinha sido revelado.

O topo do estrado não era a placa cinza que ela esperava, mas uma marmórea pedra verde com linhas âmbar diferente de qualquer coisa que ela já vira antes. Fora polido para tal brilho, o fogo das tochas eram refletidos em sua superfície.

O pedestal alto, que se sentava sobre, era quase tão grande quanto o topo do estrado. Pelo menos um metro e noventa de altura, não parecia como se estivesse indo a qualquer lugar para revelar uma passagem secreta.

—As esculturas no pedestal são semelhantes àquelas que nós encontramos na ladeira — Eirik disse pensativamente.

Elas eram, embora os símbolos fossem todos conectados por nós funcionando semelhante às marcas usadas nos bíceps dos Chrechte que lideravam seus irmãos.

Como um, os três se ajoelharam, para começar a examinar o estrado pelo símbolo de cura. Ciara o encontrou no centro do longo revestimento lateral norte.

—Eu o achei, mas não há nenhum entalhe como no maior lá fora.

—Existe uma marca para cura neste lado, também — Eirik anunciou um segundo depois.

Lais disse o mesmo quando Ciara já estava dando à volta para o lado que eles não verificaram ainda. Este aqui não tinha o símbolo de cura nele; ao invés, havia uma escultura que combinava com a do cabo da espada do seu irmão. Só que nesta escultura, a pedra do *conriocht* estava faltando, entretanto, as pedras preciosas do dragão e do grifo estavam colocadas no lugar.

Ciara pressionou sua esmeralda no lugar e quase caiu para trás quando o chão em baixo de seus pés começou a se mover. Eirik estava lá em um segundo, seu braço protetoramente ao seu redor, seu aperto nela justo, a mensagem cristalina. Ela não iria a nenhum lugar sem ele.

O chão parou de se mexer e Lais praguejou com grande reverência.

—Bem, vocês olharão lá?

O chão abriu para revelar um conjunto de degraus naquela estranha pedra marmórea verde conduzindo para baixo.

—A *kelle* disse que a *Faolchú Chridhe* estava no fundo da Terra.

—Isso é fundo o suficiente — Eirik disse.

Realmente era. Eles não podiam ver o fim dos degraus.

—Eu guardarei a entrada — Lais disse.

Eirik assentiu e girou sua atenção para ela, seu foco severo. —Eu irei à frente.

—A pedra está me chamando.

—Mas sua segurança é minha responsabilidade.

—Não fará nenhum bem aos Chrechte se nós não conseguirmos a pedra sagrada.

—Não se engane, nossos povos podem precisar da pedra, mas sua segurança é de toda importância *para mim* se, ou não, recuperamos a *Faolchú Chridhe*.

Primeiro ele a chamou de seu amor e agora isso. Ela estivera errada? Seu teimoso companheiro dragão se importava com ela como algo mais do que uma forma de objetivo para seu povo?

—Eu te seguirei.

—Seguirá. — Ele girou e desceu os degraus.

Dragão arrogante, maravilhoso.

Os degraus terminaram, mas a passagem continuava descendendo até que abria em uma caverna que brilhava com a estranha luz verde de seus sonhos. O cheiro da água a advertiu, antes da tocha que Eirik carregava, revelar um pequeno riacho que eles teriam que cruzar. O cheiro de minerais e vapor subindo do fluxo indicava que era alimentado pelo mesmo tipo de fonte subterrânea como as outras cavernas sagradas Chrechte.

Sem avisar, Eirik a balançou para cima com um braço, para que ela se suspendesse sobre o chão.

Ela gritou.



—O que você está fazendo?

—Carregando você. A água pode bem estar muito quente para tocar.

Ele estava certo, mas ela nem considerara isso. Concentrando no que seus sentidos de lobo estavam lhe dizendo, percebeu que a água era realmente muito quente, e bem podia queimá-la muito, se ela tentasse caminhar através do fluxo raso.

Eirik fez a travessia com um único pulo de suas longas pernas. Ele a deixou descer no outro lado.

—Seu pai disse que existem outras cavernas como esta, mas parece mágica para mim.

—Para mim também — ela sussurrou, seus olhos assistindo detalhes que sua mente tinha dificuldade de compreender.

A caverna tinha cerca de metade do tamanho das de cima, com paredes em forma de cúpula que reluziam com umidade e brilhavam com aquela estranha luz verde. O chão era terra pressionada plana, o cheiro velho com minerais que ela não reconheceu.

Um alto pedestal feito dessa exótica pedra verde era o único no centro da habitação. E em cima, estava uma esmeralda do tamanho do punho de Eirik.

—Nós a encontramos — ela disse em uma voz que mal saiu de sua garganta apertada. —*Nós realmente encontramos.*

Seus joelhos ficaram fracos e ela teria caído, mas Eirik estava lá, segurando-a, beijando-a suavemente, enquanto seus braços eram granito duro ao redor dela. Dando segurança, segurança e certeza de que ela não estava só e nunca estaria novamente.

Ela tomou várias respirações profundas antes de dar um passo para frente, e então outro. Sua travessia pela caverna foi tortuosamente lenta, mas suas pernas estavam mais trêmulas do que jamais estiveram.

Eles alcançaram o pedestal juntos, a força de Eirik ainda a sustentando.

—O que acontecerá quando eu a tocar? — ela perguntou, assustada e divertida, tudo de uma vez.

O chamado da pedra era tão forte que suas mãos estavam agora se erguendo para ela por própria iniciativa delas.

—Não sei.

Suas mãos se curvaram ao seu redor e o sentimento mais estranho surgiu através dela, seu corpo inteiro zumbindo como uma colméia de abelhas. Então a imagem de lobos se esgueirando pela floresta relampejou diante seus olhos. Ela não soube como estava tão certa disso, mas sabia que estes eram soldados MacLeod, e eles estavam próximos.

—Precisamos ir; eles estão vindo.

Eirik não perguntou o que ou por que, ele simplesmente soltou a tocha e então a pegou com firmeza em seus braços. Ela agarrou a *Faolchú Chridhe* em seu tórax quando ele se apressou de volta pelo fluxo subterrâneo e voltou para o túnel.

Ela não protestou que ele a carregasse; o zumbido debaixo de sua pele não diminuiu e ela não sabia se podia ficar em pé por conta própria, muito menos correr.

Eles saíram inesperadamente do escuro para a caverna enorme, e encontraram Lais já

sumido e todos os suportes de tochas extinguidos. Uma única tocha de mão emitia um brilho escuro de uma das mesas.

Eirik correu direito por ela.

Ciara ofegou.

— Nós precisamos da luz.

— Não precisamos. Você é lobo, eu sou dragão.

Ela quis discutir mais, mas a sensação de urgência dele era dela. O que quer que seus guerreiros Éan disse para ele pelo vínculo que ele compartilhava com eles, e ele estaria explicando isso algum dia muito logo, Eirik estava determinado a sair da ladeira assim que possível.

Uma vez que eles alcançaram a parte mais estreita da passagem, ele a deixou sobre seus pés.

— Ponha a pedra sagrada em sua bolsa.

Mal cabia, mas não ia a qualquer lugar do recinto confortável, tampouco.

— Está feito.

— Segure na parte de trás do meu kilt.

Ela segurou, apertando forte na escuridão quase sufocante. Então ele começou a se mover.

— Não solte.

— Não soltarei.

Levou muito menos tempo para alcançar a abertura do que levou para entrar, mas os sons de Chrechte engajados em um combate mortal os esporearam para se mover mais rápido.

Uma vez que eles saíram no vale enluarado, o cheiro de sangue atingiu Ciara. O ar estava fragrante com ele e ela não pôde evitar o salto em seu coração que ele poderia ser de seus irmãos.

Lais e Vegar lutavam contra os lobos MacLeod em suas formas humanas, o testamento da ousadia deles para o quão bem os Éan treinavam para a batalha. Até os curandeiros.

Os Faol todos se transformaram para a briga, mas até com seus três lobos, eles estavam seriamente excedidos em números pelos MacLeods.

Eirik girou para defrontá-la, e então a ergueu com força mesmo além de um Chrechte, para que ela pudesse se sentar no alto de uma pedra sobressaindo do lado da ribanceira. Seu poleiro era precário, mas nenhum lobo iria alcançá-la, nem mesmo um Chrechte.

— Fique.

— Lute — ela contradisse.

Ele assentiu e girou, já puxando ambas as espadas. Ele matou dois lobos com um poderoso, único arco descendente.

A luta ficou muito próxima para ele usar suas espadas e ele as embainhou, suas mãos se transformando nas garras do dragão.

Os soldados Sinclair e Balmoral lutaram duro, mas haviam três guerreiros Chrechte bem treinados do clã MacLeod para todos eles. Um dos lobos veio em direção a ela, dando um pulo correndo na ladeira. Suas garras estalaram quando atingiram a pedra; ele quase pegou algo, mas deslizou de volta para a ribanceira abaixo.

Não querendo chamar a atenção dos homens lutando por suas vidas e a dela, ela não fez nenhum som. Mas ela tirou seu punhal e o segurou como Talorc a ensinou. O lobo tentou a



alcançar novamente, dessa vez fazendo-o um pouco mais perto.

Outro se juntou a ele, um enorme vira-lata marrom que era muito pesado para conseguir qualquer tipo de aquisição na pedra com suas garras. Então ele se transformou. Com um rosto traçado de crueldade, um corpo afiado pela guerra e só umas polegadas menor do que seu companheiro, ele enviou ondas de temor por Ciara.

—Desça, pequena espiã Sinclair, e nós poderíamos deixar você viver.

Ela dobrou seus pés mais perto de seu corpo e teve certeza de que nada de sua saia pendurava sobre o lado para ele agarrar. —Mande sair seus cachorros e você ainda poderia sobreviver a esta noite.

—Você está em nossa terra, vadia Sinclair, e estou certo de que o MacLeod estará muito interessado em descobrir por que.

—Ele não ouvirá isto de mim.

O outro lobo se transformou e abordou o guerreiro de boca-suja.

—Dê-me uma mão para cima, Ualraig, e eu a descerei bastante rápido.

Ualraig não teve a oportunidade para responder por que Lais o empalou com sua espada, puxando-a para trás de um jeito que destruiu quaisquer chances que o outro Chrechte tinha de sobreviver ao ferimento.

—Isso foi por Mairi, seu bastardo maligno.

—Aquela puta? — Ualraig franziu as sobrancelhas, o cheiro de sangue e outros fluidos corporais tão fortes que Ciara quis vomitar. —Ela mereceu o que conseguiu.

—E você também, parece para mim — Ciara cuspiu no Chrechte impenitente.

Lais curvou-se sobre o homem agonizante.

—Aye, nossa princesa está certa. Você também queimará no inferno sabendo que um Éan te mandou para lá.

Ela não sabia qual papel Ualraig teve na surra de Mairi, mas se Lais pensava no homem como uma afronta pessoal, não fora secundário.

Tendo trocado de volta para seu animal, o lobo menor atacou Lais do lado, indo diretamente para sua garganta. Ciara gritou sua advertência e Lais girou na hora certa. As mandíbulas do lobo roçaram seu ombro, mas Lais esmurrou com um punho forte e enviou a besta voando para longe dele.

Era um Chrechte, contudo, não um lobo normal, e voltava em momentos, lutando contra Lais enquanto outro tentava escalar a ribanceira e chegar a ela.

Eirik rasgou o corpo do seu oponente com as garras do seu dragão, tirando um borribo de sangue, antes de girar para longe e correr para tomar uma posição abaixo de Ciara.

Posso conversar com os lobos do jeito que você conversa com seus Éan? ela perguntou a ele através de seu vínculo de companheiro.

Nenhuma surpresa que seu conhecimento passou pela conexão deles. *Talvez. Com a pedra.*

E talvez ela entrasse em uma visão se tocasse nela com suas mãos nuas novamente, mas o flash da dificuldade vindo à primeira vez fora sumário. E enquanto tocando a pedra deixou seu corpo fraco com sensações estranhas, não a nocauteou como sua visão com a espada fez.

Ela teria que arriscar independentemente. Artair estava mancando de um ferimento terrível em sua coxa, Everett tinha um corte em seu ombro, Vegar sangrava abaixo de seu torso e Lais estava em um combate mortal mão a mão com um lobo. Já havia vários mortos entre os MacLeod, mas alguns golpes mais bem conectados e seus amigos estavam em sério perigo de perder um, ou mais, deles próprios.

Ela tirou a *Faolchú Chridhe* de sua bolsa e a segurou, concentrando-se em sua conexão com todos Chrechte por ela. Ela estava preparada para a sensação de zumbido debaixo de sua pele e o calor que a pedra gerava em suas mãos, mas quase caiu de seu poleiro quando sua mente conectou a Artair, Everett e seu irmão. Ela não podia ler seus pensamentos mais do que podia ler os do Eirik, mas ela sentiu suas emoções e soube instintivamente que suas mentes estavam abertas para ouvi-la.

Retirem-se do combate, ela ordenou a eles. *Eirik não pode se transformar em seu dragão completo e atirar fogo com vocês no caminho.*

Ela disse a mesma coisa para seu companheiro pelo vínculo deles. Ela não podia ler uma emoção no turbilhão vindo dele, mas seus soldados se retiraram e os lobos Sinclair e Balmoral seguiram.

Ele deve ter feito como ela sugeriu e os ordenou para voltar.

Eles todos pareceram como se estivessem correndo, só para dobrar de volta e pastorear os soldados MacLeod em uma formação mais apertada. Não era uma má formação para batalhar, mas como forragem para o fogo do dragão? Fê-los duas vezes tão vulneráveis.

Eirik desnudou-se e trocou com uma velocidade que a surpreendeu, e então soltou seu fogo em onda, depois de onda, depois de onda.

Quando estava terminado, nem mesmo o cheiro de carne carbonizada permaneceu, porque nada estava sobrando além de uma fina poeira.

—Dessa vez será o Fearghall se perguntando o que aconteceu a seus irmãos na floresta — Vegar disse, sua voz grave atada com dura satisfação.

Ponha a pedra de volta em sua bolsa e suba em minhas costas, Eirik ordenou dentro da mente de Ciara.

—Mas preciso fechar a entrada da caverna, para que o MacLeod não a encontre.

Solte a pequena pedra para Artair. Ele pode fazê-lo. Existia algo na voz de Eirik dentro de sua mente que fez Ciara querer concordar sem discutir.

Alguns momentos depois, Artair fechou a entrada para a caverna e ele e os outros guerreiros estavam fazendo o que era necessário para remover a evidência de sua presença em terra MacLeod, inclusive falar as palavras Chrechte de morte, e varrer para o riacho as cinzas dos Chrechte caídos.

Ciara percebeu que era provavelmente o mesmo que alimentava a caverna subterrânea e pensou que cabia. Inimigo, ou não, todo Chrechte merecia receber adequadas despedidas de suas cinzas. Ser disperso nas águas sagradas de seus antepassados parecia certo.

Quando ela disse isso para Eirik por seu vínculo de companheiro, ele não respondeu, mas simplesmente esperou por Lais para dar a ela as roupas e armas dele antes de conduzir para o céu.

Eles voaram muito mais rápido do que um cavalo podia galopar, ou mesmo um lobo



Chrechte podia correr, muito mais rápido do que já voaram juntos. Ciara teve que esconder seu rosto contra seu pescoço para protegê-lo da mordida afiada do vento, e não havia nenhuma alegria neste voo. Só um único objetivo.

Eles alcançaram as cavernas sagradas em terra Sinclair quando o sol se erguia acima da névoa matutina.

Eirik estava calado quando caminharam juntos nas cavernas. Ele encabeçou infalivelmente para a câmara de acasalamento, e soltou suas armas e roupas, as quais ele não se incomodou de colocar depois da transformação, sobre o chão. Sem uma quebra em seu passo, ele caminhou direito para a piscina e se submergiu completamente nas águas emitindo fumaça.

Ciara removeu sua roupa enquanto esperava por seu companheiro reemergir. Ele ficou debaixo tempo o suficiente para que ela estivesse completamente nua e ficando preocupada, quando ele explodiu para fora da água, sugando fôlego muito ruidoso. Gotículas cascadearam dele, atingindo-a e a pedra cercando a piscina molhada.

Sua cabeça baixa, ele ficou lá arfando.

Ela deslizou na água e avançou sobre ele. Colocando sua mão em seu bíceps, bem acima da tatuagem azul escuro que o proclamava príncipe de seu povo, ela perguntou:

— Você está bem?

Ele não respondeu, só ficou lá, sua respiração um padrão irregular, que em quaisquer outras pessoas significaria que elas estavam chorando. E então ela compreendeu.

—Sinto muito — ela disse suavemente, não sabendo quais outras palavras importariam.

—Você não os matou.

—Foi minha ideia.

—Foi uma boa. Recusar tomar minha forma de dragão completa pôs nossos guerreiros em risco.

—Mas lutar contra outros Chrechte em batalha não é o mesmo que incinerá-los com seu fogo — ela disse, verbalizando sua nova compreensão do homem que ela acasalou, casou e amou com a mesma profundidade de seu ser. —Matar Galen e Luag desse jeito te machuca tanto quanto me machuca ver.

—Ele era seu irmão.

—Ele era um Chrechte que rendeu sua honra à ideia de ser superior.

—Sou o protetor de meu povo.

—E naquele dia, Fidaich e Canaul precisavam ser protegidos. Da mesma maneira que ontem à noite, nossos soldados precisavam de seu dragão. Os números MacLeod eram muito altos; nós poderíamos ter ganhado a batalha, mas o custo teria sido grande.

Finalmente, a cabeça de Eirik ergueu e seus olhares se encontraram. Seu rosto estava molhado, mas nem toda a umidade era de seu mergulho na piscina.

—Sou dragão, mas também sou corvo.

—Um tem os instintos de um predador, o outro não mata. — Seu coração doeu por ele, e seu desejo de proteger suas próprias emoções desapareceu sob aquela dor. —Amo seu dragão, Eirik. Sou grata, muito grata pela força e poder que ele te dá. Amo seu corvo, também. Sem os

instintos do seu pássaro, você poderia se tornar como Fearghall, mas você nunca irá.

—E eu? Você me ama? — Eirik perguntou como se realmente importasse para ele.

Certamente importava para ela e ela nunca mentiria sobre isso.

—Eu amo, demais.

Sua cabeça curvou novamente, sua voz saindo grave.

—Desde o momento do meu nascimento, fui ensinado a conhecer minha responsabilidade para com meu povo, para com todos Chrechte.

—Eu sei. — Não soltando seu aperto no braço dele, ela colocou sua outra mão sobre seu coração. —Este bate com ela.

Sua cabeça levantou então, seus olhos âmbar feroz com emoção.

—Costumava, mas agora bate por você. Minha companheira. Ontem à noite, você mandou que eu me transformasse e seu intento era salvar nossos guerreiros, mas tudo que eu podia pensar era sobre manter você segura, e se aniquilando os soldados MacLeod era necessário para fazer isso, então eu soltaria fogo.

—Você tem que me manter segura para o futuro de nossos povos — ela tentou acalmá-lo, seu próprio coração gaguejando no pensamento que possivelmente poderia ser mais do que isto.

De repente, as mãos dele estavam em cada lado de seu rosto e seus olhares estavam presos com mensagens primitivas arqueando entre eles.

—Eu te salvei para mim. Você é minha. Sempre será minha e sempre virá primeiro. Antes de meus guerreiros, antes de meus amigos, e Deus me perdoe, até antes de nossos povos.

—Mas você... isto não é...

—Eu amo você — ele disse em Chrechte antigo e o ar ao redor deles crepitou.

Pura luz branca relampejou entre eles e calor abrasador queimou seu seio, bem acima de seu coração. Então o ar ficou quieto, a luz se foi, e ela olhou abaixo no tórax de Eirik, certeza misturada com absoluta descrença rolando por ela.

Mas ela estava certa. Ele agora usava uma marca de acasalamento bem acima de seu coração. A mão dele caiu de seu rosto para delinear o lugar que queimou tão nitidamente justos momentos antes, em seu seio.

—Você está marcada como minha outra metade.

—Você está marcado como meu.

—Pela eternidade. — Não era só seu desejo, mas a verdade. O símbolo para isso incluiu a marca de acasalamento dele, e ela estava certa de que a sua combinava.

—Meu dragão terá que matar novamente, em proteção de nossos povos.

—E eu estarei aqui com você para lavar a dor.

—Com seu amor.

Ela assentiu.

—Com meu amor.

E isso é exatamente o que ela fez.

Abigail, que sabia muito por sua correspondência com uma abadessa instruída, uma vez disse a Ciara que o filósofo Aristóteles sustentava que o amor era constituído de uma única alma habitando dois corpos.



Ciara pensou que talvez o filósofo antigo fora parte Chrechte, mas certamente ele entendeu uma coisa certa. Porque sua alma estava para sempre enlaçada com a de Eirik e era o mais definitivamente amor.

Pois nenhum outro poder na terra teria sido grande o suficiente para atravessar as paredes do medo que ela ergueu ao redor de seu coração, tantos anos atrás, e dar a ela esperança de um futuro que poderia até um dia incluir crianças.

Levou vários dias para encontrar a antiga câmara dos Faol, talvez porque Eirik e Ciara estivessem contentes por passar mais tempo nas cavernas sagradas afirmando seu amor, do que procurando. Isto, se nada mais, convenceu Ciara de que Eirik falou a verdade quando disse que ela era de extrema importância para ele.

A caverna não estava realmente escondida tanto quanto esquecida. No fundo da terra e abaixo outra daquelas passagens estreitas, muito longas, parecia exatamente como na visão de Ciara.

—Suponho que os Faol pararam de vir quando não havia nenhuma *Faolchú Chridhe* para colocar as mãos. — ela meditou.

Eirik franziu o cenho e balançou sua cabeça quando iluminou as tochas nas paredes na câmara de pedra.

—Estou certo de que Fearghall encorajou nenhum, senão seus poucos escolhidos para esquecê-la e a existência da pedra sagrada.

—Quem decidiu que nós não precisamos realizar nossos rituais sagrados porque não mais tínhamos uma pedra para abençoá-los, roubou muito dos Faol.

—Tenho certeza de que a *kelle* te ajudará a lembrá-los — Eirik confortou Ciara.

—Ela disse que eu a veria novamente.

—E você irá. — Eirik sorriu. —Tenho a sensação que a antiga *kelle* será para você uma amiga e mentora para toda vida.

—Você pode estar certo, mas tão maravilhoso quanto esta probabilidade é... — Ciara se aproximou e beijou seu companheiro, seu marido, com todo o amor que brotava de seu coração para ele, em uma fonte contínua. — Não pode competir com a certeza de que eu passarei esta vida com você.

Os olhos de Eirik cintilaram com umidade sobre a qual ela nunca comentaria, quando ele a deu o sorriso brilhante que ela viu na primeira noite em que ele admitiu seu amor por ela.

—Nada pode competir com esta verdade, *faolán*.

Epílogo



O segredo da Felicidade é a Liberdade, e o segredo da Liberdade, Coragem.
—TUCÍIDES

A família deles e os amigos mais queridos se juntaram a Eirik e Ciara para a cerimônia de acasalamento realizada por Anya-Gra na antiga câmara dos Faol. Ambos falaram seus votos com tal certeza e amor que os olhos de muitos ficaram molhados com umidade.

Posteriormente, eles colocaram as mãos juntas na *Clach Gealach Gra* e na *Faolchú Chridhe*. A magia Chrechte rodou no ar em volta deles, e cada testemunha do acasalamento avançou um por um para colocar as mãos na pedra de seus povos.

Os guerreiros ainda feridos da batalha com os Chrechte MacLeod foram primeiro, e cada um foi curado de forma que nem mesmo cicatrizes permaneceram dos ferimentos tão graves que humanos teriam morrido. Sabrine, irmã de Eirik, seguiu com seu filho.

Então veio Mairi. O ar ao seu redor brilhou com luz verde, mas ela não se transformou em lobo.

Ciara sorriu quando olhou para sua amiga.

—Você pode sentir seu espírito em você, não pode?

Mairi só assentiu, lágrimas riscando seu rosto.

—Você se transformará com a primeira lua cheia depois de você dar a luz. Seu bairn será um troca-forma águia — Ciara prometeu em uma voz que era mais do que sua própria.

Um baque alto revelou a reação de Lais às notícias. O curandeiro que lutava como um guerreiro desmaiou.

Ciara gesticulou para sua mãe vir para frente.

—Mas não sou Chrechte — Abigail disse.



—O bairn dentro de você é — Niall disse ao lado dela.

Abigail assentiu e colocou suas mãos na *Faolchú Chridhe*. As mãos de Ciara cobriram as de sua mãe adotiva e abordou a conexão entre o bebê no útero de Abigail e a *Faolchú Chridhe*. Luz de cura as cercou e de repente Abigail gritou.

—O que é? — Talorc exigiu.

—Posso ouvir. — Abigail começou a chorar e sua irmã lançou seus braços ao redor dela, murmurando palavras de amor e alegria.

Então Ciara falou, novamente sua voz não quase dela própria. —Os lairds devem cada um colocar as mãos na *Faolchú Chridhe*.

Cada um fez, luz verde banhando-os por vários segundos, antes dos homens andarem para trás um por um.

—Vocês são protetores merecedores de seu povo — Ciara entoou. —Na próxima lua cheia, vocês ganharão a forma do *conriocht*.

E então ela girou para seu dragão.

—O fardo não é mais só seu para carregar.

—Logo, os Paindeal serão encontrados e os Chrechte serão um povo novamente — Mairi disse, seus olhos cintilando com luz azul.

—Mas, primeiro, existe uma guerra a ser lutada pelos corações Chrechte voltados pelos ensinamentos retorcidos do Fearghall — Ciara entonou. — Os Cahir devem elevar-se outra vez e os Chrechte dos MacLeod devem ser vencidos.

Amor e unidade ganhariam, mas a guerra seria longa, e nem toda batalha sem perda.

FIM

ALUA DO DRAGÃO
LUCY MONROE
